

JONELL LAWSON



**AS ROSAS
SÃO PARA
OS RICOS**

A GRANDE SÉRIE DA TV

AS ROSAS SÃO PARA OS RICOS

Série de TV com

LISA HARTMAN • BRUCE DERN • JO PENNY • HOWARD DUFF

JIM YOUNGS como Lonnie

e BETTY BUCKLEY como Ella

Música de ARTHUR B. RUBINSTEIN

Produtora Executiva KAREN MACK

Co-produtor Executivo ROBERT A. PAPAZIAN

Produzido por JONATHAN BERNSTEIN

Roteiro de JUDITH PAIGE MITCHELL

Dirigido por MICHAEL MILLER

PHOENIX TELEVISION PRODUCTIONS INC.

ISBN 85-1.032615-0

• Prólogo

Em geral ela odiava funerais, mas Outono não se deixou comover pela cerimônia longa e sinistra. Desde cedo a igreja da Elm Street estivera repleta de gente da cidade que viera prestar as últimas homenagens a seu marido, Brian Douglas Osborne, ou para certificar-se de que estava realmente morto.

Ela correu os olhos em torno da sepultura e seus olhos pousaram brevemente sobre cada membro da família. De pé, do lado oposto, estavam os irmãos de Douglas, Homer e sua mulher Bea, George e sua esposa Harriet, e Dale. Os rostos carregavam as expressões de sofrimento adequadas, mas Outono sabia que no íntimo todos estavam exultantes com a morte de Douglas. Cada qual tinha seu motivo para desejar o homem definitivamente fora de suas vidas.

Colado em seu ombro estava Brian Douglas Osborne Jr. O rosto não mostrava emoção enquanto tirava um lenço sujo do bolso e enxugava gotas de suor provocadas pelo quente dia de verão. Ele era seu enteado, quatro anos mais novo do que ela, arqueólogo, e praticamente um estranho. Conheceram-se há dez anos e viram-se em três ocasiões diferentes, duas delas rápidas. O terceiro encontro representava uma lembrança amarga para ela; para Brian o encontro não passava de uma névoa — ele estava caindo de bêbado sob o luar.

Outono tinha 18 anos na época, os cabelos revoltos e ondulados, o rosto ainda redondo como o de um bebê gorducho. Os anos haviam aprofundado as bochechas e o trabalho árduo afinara o corpo. O dinheiro acrescentara-lhe estilo e autocontrole. Dificilmente ele se lembraria dela agora. Se conseguisse, dez anos de trabalho árduo teriam apagado a lembrança em questão de segundos.

Ela voltou a olhar a família, em seguida correu os olhos para o caixão forrado de cetim onde estava o marido. Uma leve brisa dançava em torno de seu rosto, erguendo o véu e trazendo o forte odor de flores. Para alguns aquele era o cheiro nauseante da morte. Para ela, era o doce aroma do sucesso, e Outono sorriu por trás do véu negro.

— Cuidado, mãe. Você está mostrando seu sofrimento.

Sentiu Brian junto a seu ombro, ouviu as palavras sussurradas, mas voltou-se calada e deixou a área cercada onde estavam quatro gerações dos Osborne. Caminhava rapidamente, mas com respeito e integridade para com o morto. Detendo-se à sombra de um carvalho alto, deixou-se ficar só, junto a uma sepultura pequena e inexpressiva. O túmulo estava retirado para um lado, com um caminho de centáureas selvagens crescendo. As flores, que já haviam brilhado azuis, agora estavam desbotadas e desinteressantes, as hastes dobradas e pendentes como pequenos braços quebrados. Ela correu o olhar pelo túmulo e seus olhos toldaram-se de tristeza. O padre dera-lhe uma rosa branca que ela desfolhou, espalhando as pétalas sobre o túmulo.

— Amigo seu?

Ela voltou-se ao som da voz, aborrecida ao ver que ele a havia seguido. Assim como o pai, Brian era alto e espadaúdo. Tinha os mesmos cabelos louros de todos os Osborne, muito queimados pelo sol e revoltos. Os olhos azuis límpidos e grandes sorriam sarcásticos sobre uma barba por fazer. O corte do terno seguia o estilo tipicamente Saville Row, mas estava amarrotado.

— Não. Ele não era um amigo.

— Então por que as pétalas de rosa?

— Seu pai tinha tantas, e esta sepultura parecia tão nua que achei justo dividir com alguém que tinha menos.

Brian virou-se em direção ao túmulo do pai.

— Sim, as flores são muitas. Mas fico pensando quantas são sinceras. — Cortesmente, pegou Outono pelo braço e a guiou para fora do cemitério.

Quando se aproximaram da limusine, um motorista uniformizado deu um passo à frente.

Artie era extraordinariamente belo, um homem de aparência impecável. Os cabelos pretos apresentavam sombras cinzentas nas têmporas. O rosto grave, uma máscara fúnebre, contrastava com os olhos azuis, brilhantes como as centáureas e com uma expressão maldosa.

— Artie — disse ela —, este é Brian, o filho de Douglas. Ele será seu novo patrão.

Artie assentiu às apresentações com um movimento de cabeça, abrindo em seguida a porta do Rolls com uma leve mesura. Outono sorriu consigo mesma, divertindo-se secretamente. Conhecia Artie muito bem. A expressão em seu rosto parecia dizer: Como tenho tanta sorte? No mínimo Artie tinha até mais motivos para desprezar Douglas Osborne. Inconscientemente, o desagrado de Artie para com o pai refletira-se no filho.

Outono entrou no carro, seguida por Brian. Ela esperou até que Artie estivesse ao volante, o motor ligado, para levantar a divisão entre os dois assentos.

— Como você sabia que eu era a viúva de seu pai? Pensei que você e Douglas não mantivessem contato.

— O motorista. O velho Will pegou-me na estação. Ele adorou me contar tudo sobre minha nova mãe. De acordo com Will, papai casou com uma garota com idade para ser sua filha. Uma mulher chamada Outono. — Brian acomodou-se no assento, as pernas compridas dobradas e abertas. Ele suspirou e descansou a cabeça nas costas do assento. — Como meu pai morreu? O telegrama não dizia.

— Morreu afogado.

Brian voltou-se para Outono, as sobrancelhas arqueadas em surpresa.

— Afogado? Meu pai morreu afogado? Onde se afogou?

— Na piscina. Se quiser detalhes, terá de falar com seus tios. Na época eu estava fora da cidade, portanto não sei ao certo como aconteceu.

Brian correu a mão pelo rosto, como se para afastar o sorriso repentino de surpresa.

— Meu Deus! Sempre pensei que seria preciso uma manada de búfalos para abater aquele velho desgraçado.

Outono sabia da existência de uma rixa entre Douglas e o filho; no entanto, a atitude de Brian a surpreendeu.

— Você não parece muito triste.

— Nem você.

— Não estou, e não vou bancar a hipócrita fingindo estar.

— Então por que casou com ele?

— Por causa do dinheiro dele.

Brian jogou a cabeça para trás em uma gargalhada sincera.

— Gosto de mulheres honestas. — Ele fitou o rosto coberto pelo véu por um instante, em seguida estendeu a mão e puxou o chapéu dela.

Outono sentiu-se nua sem o véu, despreparada para enfrentá-lo assim tão abruptamente. Por um momento, ela se sentiu como se tivesse retornado aos 18 anos: jovem e vulnerável. Seu primeiro impulso foi desviar o rosto, mas, lenta e controladamente, encontrou os olhos dele e fitou-o com firmeza.

Desde então, o tempo operara mudanças, mas Outono perguntou-se se haviam sido suficientes. Seus traços eram finos, a pele clara, quase pálida, como se o sol jamais a houvesse tocado. Os olhos profundos eram castanhos, salpicados com pontos cinzentos que faiscavam quando ela estava zangada ou reluziam quando sorria. A única coisa que não mudara eram as odiadas sardas espalhadas pelo rosto.

Cabelos curtos e castanho-avermelhados encimavam um cérebro independente e emolduravam o rosto com uma massa de cachos empapados de suor. Artie sempre a provocava dizendo que ela era uma beleza perfeita, garantindo que as sardas e os cabelos ingovernáveis só aumentavam sua atração. Douglas reclamava e orgulhava-se de seus modos, uma mistura frustrante de senhora e prostituta com a qual ele jamais se deparara.

Ao ver que Brian não dava sinal de reconhecê-la, Outono riu, um sorriso provocante.

— Vou receber nota dez?

— Pelo menos um dez. Você deve ter custado uns trocados ao papai.

— Vários trocados.

— E que coisa milagrosa você deu em troca?

— Se precisa perguntar, é porque você tem passado muito tempo com múmias.

Os bigodes se retorceram.

— Engraçadinha, hem, mãe?

— Não me chame de mãe!

— Sim, senhora!

Ela desviou o olhar de Brian e observou pela janela o Rolls entrando na cidade. Uma placa dizia EDISONVILLE, KENTUCKY. A MAIOR CIDADEZINHA DA TERRA. TERRA DA DESTILARIA DOS OSBORNE. Parecia uma ironia para Outono que tantas destilarias se localizassem em Kentucky, um estado onde muitos dos municípios haviam escolhido permanecer a favor da lei seca.

Era uma cidade limpa e de aparência confortável. Grandes áceres estendiam-se ao longo das ruas. O tribunal situava-se no centro da cidade, dividindo Main Street e Broadway. A construção estava cercada de bancos onde velhos cuspiam tabaco e olhavam cobiçosos as senhoras que passavam. Garotos gritavam alegremente, correndo em torno de um carvalho alto. Um policial com cara de tédio postava-se na esquina, um bando de adolescentes na outra.

— Esta cidade não mudou nada — comentou Brian com um toque de nostalgia na voz. — Todos esses anos, e nada mudou. É uma boa cidade. Um bom lugar para criar filhos... um bom lugar para crescer.

— Você fala como se sentisse saudade de Edisonville.

— E sinto. É meu lar.

— Por que ficou tanto tempo longe?

— Não tinha outra escolha. Embora amasse papai, não podia viver na mesma cidade que ele. Eu não teria correspondido às expectativas dele, não importa quais fossem. Tudo que fazia, ele fazia bem.

Outono sabia que não devia, mas a ânsia de alfinetá-lo foi maior.

— Discordo. Ele era ruim de cama. — Ela não sorriu, mas uma curva provocante surgiu no canto dos lábios. — Você também é ruim de cama?

Brian deu de ombros.

— As múmias não reclamam.

Ela riu, descansando a cabeça nas costas do assento com um suspiro cansado. A umidade e o calor do dia haviam consumido sua vitalidade, assim como o autocontrole. Sim, ainda havia muito a fazer antes que pudesse se esconder nos lençóis frios; telefonemas a dar, reunião de família, leitura do testamento. Ficou pensando como Brian se sairia. Mesmo nas melhores épocas, a família podia ser torturante. Ele caminhava tranquilamente, a passos longos e uniformes. Movimentava-se com a arrogância de um Osborne, mas os olhos mostravam cansaço e estavam turvos, como se não dormisse há dias. Outono sentiu-se amolecer em relação a ele, lamentando por um instante vê-lo envolvido na guerra sutil e invisível que ela empreendera contra Douglas e sua família. Mas em seguida retornou nos anos e viu-se

sozinha com Brian em um quarto árido, a neve caindo do lado de fora e o vento frio uivando.

Outono abriu os olhos e descobriu-o olhando-a atentamente.

— É duvidoso.

— O que é duvidoso, Outono?

— O que você está pensando. Não sou parte de sua herança.

— Que pena.

Ela pegou a bolsa quando o carro atravessou lentamente os portões de ferro batido e subiu a entrada para carros cercada de árvores. A casa situava-se sobre vários hectares de colinas verdes e ondulantes. Erguia-se majestosa em uma pequena elevação, tão profundamente arraigada quanto os carvalhos elevados que circundavam a velha mansão. Ela fora planejada à semelhança de uma fazenda da Louisiana, de tal forma que, olhando-se a distância, se poderia esperar ver campos de algodão onde escravos exaustos labutavam sob o sol quente. Sempre parecia anacrônico encontrar apenas elevações verdes onde os cavalos pastavam contentes.

O Rolls reduziu a marcha até parar diante da casa, e Brian abriu a porta. De modo educado, ajudou Outono a sair do carro e conduziu-a ao longo do caminho entre as colunas de mármore que remontavam a 1905. Ele hesitou por um instante, em seguida abriu a porta do vestíbulo. Outono passou por ele, os saltos ecoando no piso de mármore. Deteve-se no pé de uma escada sinuosa.

— Mandei limpar e arejar seus aposentos. Acho que encontrará tudo de que precisar.

— Não vou usá-los. Ficarei no quarto de papai.

Outono começou a perder o controle. Queria gritar com ele, mas falou em voz baixa e até mesmo tranquila.

— Eu e seu pai tínhamos quartos com comunicação. Acho que você ficará muito melhor em seus próprios aposentos.

— Não. Acho que ficarei bem mais confortável no quarto de meu pai.

— Como quiser. — Ela se voltou com um farfalhar da cauda do vestido, os quadris ondulantes.

— Fascinante — disse ele.

Outono parou e lançou-lhe um olhar.

— Como?

Ele esboçou um sorriso.

— A casa. Parece vazia como um túmulo. Onde estão todos?

— Foram todos ao funeral. Imagino que devem estar chegando. Molly está aqui. Ela é minha criada pessoal e só serve a mim. Quando precisar de algo, chame Daisy, Jasper ou algum dos outros. Não importune Molly.

— Sim, senhora!

Ela subiu as escadas calmamente, explicando:

— A família fez os preparativos para a leitura do testamento. Você está pronto, ou preferiria um adiamento para descansar?

— Estou bem.

Na porta de seu quarto, ela parou e falou tranquilamente:

— Sinto muito pela morte de seu pai, Brian.

A boca do rapaz escondia-se atrás de um tufo de bigodes louros, mas os olhos sorriram-lhe.

— Não seja delicada comigo agora, mãe. Não combina com você.

— Não me chame de mãe! — Ela rodopiou sobre os calcanhares e bateu com a porta no rosto dele, tirando os sapatos e chutando-os para o outro lado do quarto.

Molly, uma mulher alta no começo dos sessenta anos, ergueu-se de uma cadeira junto à janela, onde

estivera tricotando. Os cabelos outrora louros haviam encanecido, arrumados em volta da cabeça. Os ombros estavam curvos, como se ela houvesse conhecido o trabalho pesado, mas os olhos cinzentos brilhavam e movimentavam-se vivazes.

Outono olhou para Molly, os olhos suavizando-se em um sorriso carinhoso. Jogou a bolsa sobre a cama e lançou o chapéu para o outro lado do quarto, e ele caiu sobre um sofá de veludo branco.

— Você poderia encher a banheira para mim, Molly? Quero tomar um banho antes de enfrentar a família.

Molly assentiu com um movimento de cabeça, mas continuou no quarto.

— Como foi?

— Bem. Brian está em casa. Ele perdeu o funeral, mas chegou a tempo para o enterro. — Ela fitou Molly, por um instante pensativa, em seguida atravessou o quarto com os pés com meias até o quarto de vestir. Voltou com as roupas adequadas para uma noite no clube de campo. — Esse deve estar bom para a leitura do testamento.

Molly contemplou o vestido negro, aberto dos lados e com um decote acentuado que revelava o colo. Sacudiu a cabeça espantada.

— Você sabe como a família é puritana. Se descer vestida assim hoje, vai mexer em casa de marimondo.

— Exatamente. A família vai tentar me expulsar agora que Douglas está morto. Não posso deixar que isso aconteça. Por enquanto, devo continuar na casa dos Osborne. Se eu estiver suficientemente escandalosa, vão explodir e insistirão para que eu vá embora. Quando o fizerem, Brian vai se manifestar. Se ele se parece um pouco com o pai, não permitirá que alguém lhe diga quem pode e quem não pode morar na casa.

Molly resmungou, mas foi para o banheiro preparar o banho. Voltou e postou-se ao lado da comprida escrivaninha de nogueira.

— Acho que está na hora de irmos para casa. Por que simplesmente não fazemos as malas e voltamos para San Francisco? Este jogo que você está fazendo é bom para Artie, mas viver duas vidas está desgastando você. O dragão está morto. Isso deve ser o fim.

— Não posso. Gostaria, mas não posso.

Molly agarrou a mão de Outono e sacudiu-a com força. Um grande diamante captou a luz e explodiu em um milhão de pequenos raios. Uma aliança de ouro comum sustentava o diamante, parecendo estranhamente fora de lugar.

— Você tem diamantes nos dedos e pelos ombros. Tem mais dinheiro do que jamais poderá gastar. Não consegue contentar-se com isso?

Assim como tudo em Outono, os diamantes eram uma fachada, parte de uma imagem que ela precisava manter. Se pudesse escolher, gostaria de estar vestindo jeans, comendo cachorros-quentes e fazendo planos para retornar à vida em San Francisco, interrompida nos últimos seis meses. Docemente e com muito amor, debruçou-se para beijar Molly no rosto bastante enrugado. Molly criara Outono, mas de certa forma os papéis haviam se invertido e agora Outono sentia-se como se se tivesse tornado mãe de Molly.

— Você não precisa ficar aqui, tia Molly. Por que você não vai para Turtle Ridge? Nessa época do ano é agradável lá... bem mais frio.

Molly sacudiu a cabeça.

— Ficarei aqui para ajudá-la nisso. Você está se metendo com gente ruim. Qualquer dia desses eles vão descobrir você. Quando isso acontecer, vai precisar de mim. Você é uma mulher forte, Outono, mas é frágil, e coisas frágeis se quebram. — Molly já dissera o que queria. Voltou para a cadeira e pegou o

tricô.

Outono tirou as argolas de ouro das orelhas e jogou-as em um pote de creme de amendoim em cima da mesa; o pote era uma lembrança do passado. Desabotoou o vestido e baixou-o, deixando à mostra os seios bem torneados e as pernas bem-feitas. Abaixo da cintura esbelta, começava uma fileira de pêlos à altura do umbigo, aumentando para um triângulo castanho-avermelhado que parecia chamejar contra a pele clara.

Observando-a de sua cadeira, Molly ergueu uma sobrancelha curiosa.

— Como é o garoto?

— Parece um ursinho de pelúcia gigante que dá vontade de abraçar, mas por baixo de todo aquele pêlo acho que existe um homem capaz de ser tão violento quanto o pai, se for pressionado. — Fez uma bola com as meias e jogou-as sobre a cama. — Não pensei que voltar a ver Brian me incomodasse tanto, mas ele me fez lembrar... — Ela se virou abruptamente e caminhou nua até o banheiro, deixando as palavras pairando no ar. Certas coisas nem mesmo Molly sabia. Seu último encontro com Brian era uma delas.

Ela entrou na banheira e suspirou com a água quente que a envolveu. Apoiou a cabeça na borda da banheira e deixou os pensamentos embaralharem-se, desconexos. Voltar a ver Brian tantos anos depois trouxera tudo de volta, e pedaços do passado atravessavam-lhe o pensamento. Houve bons tempos, tempos difíceis e tempos muito tristes. No entanto, logo tudo estaria terminado. Estaria livre do passado que a assombrava e aprisionava, levando-a a esse dia.

Molly estava certa. A vida dupla que Outono levava a estava desgastando. Tornava-se cada vez mais difícil manter a fachada falsa de senhora e prostituta ao mesmo tempo. Pensou nos dias que estavam por vir e sentiu como que cada nervo estalar. Desejavà gritar, chorar, esmurrar o chão com os punhos e clamar contra a injustiça daquilo tudo. Certa vez ela chorara e batera com os punhos até fraturarem e ficarem rubros de sangue.

E jurara que algum dia Douglas Osborne cairia a seus pés como ela caíra de joelhos diante dele.

Certas ocasiões sentira-se derrotada, a tarefa lhe parecera impossível. Lutando para prosseguir, fez a única coisa que a sustentara e fortalecera ao longo dos anos. Fechou os olhos, mergulhou no local secreto onde escondia suas lembranças agridoces e as reviveu.

• I O Princípio

○ 1

Nem sempre seu nome fora Outono. Foi batizada como Sue Anne McAvan em Turtle Ridge, Kentucky. Era uma cidade pequena e mexeriqueira com quase três mil habitantes que vagabundeavam durante os verões e hibernavam ao longo dos compridos meses de inverno. A cidade escondia-se do resto do mundo em um vale cercado por altas colinas cobertas de árvores. As pessoas eram simples, lentas, vivendo sob a regra de ouro (faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem), exceto tia Molly, que vivia segundo suas próprias regras e pouco ligava para o que o resto da cidade pensava.

A tia era fonte constante de fofocas para o pessoal de Turtle Ridge. Ela morava a sete quilômetros da cidade, em uma casinha na beira do rio. Molly não escondia que tinha coisas melhores a fazer com seu tempo do que ficar sentada cacarejando como um bando de galinhas. Consideravam-na esquisita porque ela preferia a amizade de Tucker, um antigo fabricante de bebidas ilícitas, à deles.

Molly era uma bela mulher que não se casara por opção. Com 32 anos assumira a tarefa de criar Outono. Molly não havia estudado, e trabalhava como faxineira para algumas famílias de mais posse da cidade. Com frequência dizia rindo que sua vida fora calma, tranquila e bem organizada até colocarem um bebezinho em seus braços. O bebê tinha as bochechas rosadas, uma boca em forma de botão, grandes olhos inteligentes e cabelos da cor das folhas de ácer no outono. O nome Sue Anne parecera inadequado para Molly; enrolando um cachinho castanho-avermelhado em torno do dedo, decidira chamá-la Outono.

Os pais de Outono eram Harry e Sara McAvan. Harry era irmão mais jovem de Molly e vagabundo. Aparecera à porta da casa da irmã com uma mulher grávida, anunciando-a como sua esposa. Molly não pôde contar muita coisa a Outono sobre a mãe. Sara era calma e falava muito pouco sobre sua vida diante de Harry. Duas semanas após chegarem em Turtle Ridge, Sara morreu durante o parto.

Harry era um sonhador, um cantor de canções otimistas. Brincou de pai durante algum tempo e acabou entregando Outono a Molly. Deixou

Turtle Ridge, vangloriando-se de que voltaria dentro de um ano com os bolsos cheios de notas de cem dólares e milionário. Dois meses depois, foi morto enquanto vagava bêbado por uma rua de Nashville, Tennessee. Seu legado para Outono: uma valise cheia de roupas velhas, um instantâneo de Sara, um violão velho e pouco mais de sessenta dólares. Molly fez vir o corpo e enterrou-o no vale ao lado do de Sara. Em seguida, comprou um berço usado com o dinheiro e assumiu a tarefa de criar Outono.

A vida em Turtle Ridge era calma e monótona para Outono. Em geral, a pouca animação que surgia provinha dela mesma, que trazia novas ondas de mexericos. “Oh!”, diziam, balançando as cabeças assombrados. “Não sei o que vamos fazer com a garota McAvan.”

As primeiras lembranças de Outono eram enevoadas e imprecisas. Havia uma infinidade de cozinhas onde lhe afagaram a cabeça e lhe disseram para se comportar enquanto Molly fazia a faxina. Ela sempre se alegrava quando chegava a noite, porque podiam voltar para a casinha na beira do rio. Aguardava ansiosa os finais de semana, quando podia perambular pelas colinas, nadar no rio e observar Tucker fabricar bebidas ilegais em seu alambique. E aos sábados sempre havia uma matinê, e depois paravam em Mart’s para comer um hambúrguer e tomar um refrigerante.

A tia não era religiosa, mas achava que Outono devia saber algo sobre Deus, assim, todos os domingos de manhã iam à Igreja Batista na cidade. Outono sempre se sentia muito elegante: vestida com

o chapeuzinho branco e flores azuis na aba, e os sapatos de couro. Ela se sentava ao lado de Molly, as costas retas, orgulhosa, ouvindo o reverendo Anderson gritar que não era certo mentir, roubar, desejar a mulher do próximo ou fornicar.

Outono ficava pensando sobre as palavras e o que significava desejar a mulher do próximo. Ela nascera com um cérebro inquisitivo, dizia Molly, e com frequência zombava dela, dizendo que suas primeiras palavras foram, “por que?”. Quando Outono fazia perguntas, Molly costumava responder de maneira a fazê-la pensar até encontrar suas próprias respostas. Quando Outono perguntou a respeito de fornicação e de sexo, Molly sentou-se e falou-lhe claramente. Outono ficou pensando por que o reverendo Anderson fizera tanto estardalhaço, batendo com os punhos e gritando maldição. Fornicar parecia uma coisa boa de se fazer. Por outro lado, ela não queria queimar no fogo do inferno. Era um tema sobre o qual deveria ponderar mais tarde, quando crescesse. Por enquanto, havia outras coisas mais importantes pesando em seu pensamento.

Através da televisão, Outono começara a perceber a existência de um mundo fora de Turtle Ridge bem diferente do seu. Principalmente a maneira das pessoas falarem: todos diziam “nós”, e não “nóis”; “vamos”, e não “vamu”; e “pensando”, e não “pensano”. Ninguém dizia “ocê vai”, e o jantar era servido à noite, não no meio do dia.

Por fim, certo dia Outono procurou a tia com a cabecinha cheia de perguntas. Encontrou Molly plantando um canteiro com batatas, as galinhas ciscando a seus pés. Outono enfiou o dedão do pé descalço na terra solta e olhou inquisitiva para Molly.

— Eu estava pensando. Os homens na televisão não falam como nós aqui de Turtle Ridge. Somos diferentes, tia Molly?

Molly apoiou-se na enxada e sorriu para ela.

— Provavelmente parecemos um pouco estranhos para alguns. O pessoal das cidades grandes do norte tem uma maneira de pensar em nós camponeses como sujos, ignorantes, gente que fica sentada mascando tabaco e urinando nas ervas daninhas.

— Somos assim?

— Nem todos nós. Apenas alguns.

Outono contemplou Molly, os olhos arregalados sem entender.

— Jeb, da loja de ferragens, masca tabaco. Ele é desse tipo de gente?

— Não. Jeb já andou por aí. É um homem esperto. Estudou e conhece a vida.

Outono empertigou-se e chutou um torrão de terra.

— Bom, não quero ser uma pessoa suja, ignorante e que faz xixi nas ervas daninhas. Vou ser como Jeb. Vou ser vivida.

— Como vai fazer isso?

Outono precisou pensar por um momento.

— Vou ler — respondeu ela, abrindo um largo sorriso. — Vou ler todos os livros de Turtle Ridge.

Molly assentiu:

— Acho que você está certa. Leia e estude bem os números. Então será vivida como Jeb.

Outono virou-se, meneando a cabeça enquanto caminhava em direção ao bosque.

— É o que vou fazer. Vou ler sem parar e estudar matemática. — Voltou-se para olhar Molly com um sorriso. — Adoro livros, tia Molly, porém do que mais gosto é de matemática.

Molly contemplou Outono enquanto ela disparava em direção às árvores.

— Aonde vai?

— Pensei em ir ajudar Tucker no alambique. — Outono percorreu o caminho pensando em Tucker. As roupas dele estavam sempre sujas, o corpo dele cheirava mal e ele mascava tabaco, deixando o caldo

escorrer pelos lados da boca. Via-o como um daqueles camponeses, mas mesmo assim o amava. Bem distante, ao longo do caminho, Outono pisou nos arbustos. Baixou a calcinha de algodão antes de lembrar que não ia mais urinar nas ervas daninhas. Erguendo a calcinha com movimento brusco, saiu correndo para casa.

Molly começara a ler para Outono quando ela estava com apenas alguns meses de idade. Ao completar quatro anos, Molly colocou um livro na mão de Outono e disse: “Leia.” Quando Outono estava com cinco anos, jogou-a no rio e disse: “Nade.” Quando fez seis anos, levou-a à escola e disse: “Aprenda.”

A escola trouxe-lhe uma nova série de problemas. Outono já entrara em contato com outras crianças antes, mas nunca com uma classe inteira de crianças. Decidiu que eram pequenos macacos agitados e turbulentos que não haviam aprendido a se comportar. Entediada com as outras crianças, voltou a atenção para os livros, os números, e para a srta. Ann. A professora era gorda e tinha o hábito de coçar as costas quando estava no quadro-negro escrevendo um problema, que em geral Outono solucionara muito antes de a professora soltar o giz.

Aprender foi fácil para Outono, mas em vez dos elogios que sempre recebera de Molly, as outras crianças pareciam ressentir-se com seu cérebro rápido e com sua calma reserva. Chamavam-na de todos os nomes, desde queridinha da professora até ponta de cenoura, cabeça vermelha, sardenta. Enquanto as garotas inventavam-lhe nomes, os garotos escondiam sua merenda, o casaco e puxavam os rabos-de-cavalo que Molly fazia com tanto esmero todas as manhãs.

Outono passara tanto tempo sozinha com Molly que não sabia como lidar com essas brincadeiras infantis. Tentou rir dos nomes que lhe davam, como se também achasse graça. E fingia ser tudo brincadeira quando os garotos escondiam e pegavam suas coisas. Ninguém, nem mesmo Molly, sabia que de repente aprender se tornara uma tortura. Ela estudava com afinco, mas acordava cada manhã aterrorizada com o dia que deveria passar na escola, adiando o momento em que Molly a deixaria diante do prédio de tijolos vermelhos, antes de mais um dia de trabalho.

Todas as vezes que Outono começava a sofrer por dentro, ou sentia as lágrimas assomando, ou a raiva tão intensa que tinha ímpetos de chutar todas as crianças a seu alcance, lembrava-se de que o reverendo Anderson dissera que cada um devia dar a outra face. E Outono tentava. Tolerou as zombarias até o quarto ano. O ano letivo começara há pouco e o tempo ainda estava quente. As crianças enfileiravam-se do lado de fora da porta quando Bobby Joe Proctor deu-lhe um puxão no rabo-de-cavalo e empurrou-a para o lado, fazendo-a escorregar pelos cinco degraus, caindo na calçada. Olhando o joelho esfolado e o vestido novo rasgado, Outono enfureceu-se.

Pôs-se de pé em um pulo, brandindo a merendeira enquanto se erguia. A merendeira atingiu Bobby Joe no lado da cabeça e o fez perder o equilíbrio. Ele tropeçou para trás, bateu com o joelho na calçada e caiu com um baque que o deixou sem fôlego. Outono viu que ele se cortara acima da sobrancelha e estava ofegante; mesmo assim, subiu nele e o esbofeteou no rosto, gritando que ele rasgara seu vestido novo.

Formou-se uma multidão de crianças gritando e os professores vieram correndo. Tanto ela quanto Bobby foram levados e interrogados. Bobby confessou que havia feito Outono cair nos degraus, mas jurou que fora sem querer. Quando interpelada, Outono limitou-se a dar de ombros. Bobby foi levado ao médico para levar pontos, e Molly foi chamada à escola. O diretor explicou o que acontecera e recomendou a Molly que levasse Outono para casa e lhe desse umas palmadas no traseiro.

Outono e Molly saíram na escota e percorreram vai os quuuuucuuus pcw estrada antes de falarem. Outono fitou-a e resmungou:

— Você vai me dar uma surra?

— Você acha que precisa de uma?

— Não. Estou muito grande para esse tipo de coisa.

— Oh! — Fez Molly, olhando Outono. — Ora, e essa agora? A garota está muito grande para levar umas palmadas na bunda.

Outono começou a chorar, fungando e limpando o nariz com as costas da mão.

— Bobby Joe é que precisa levar uma surra. Ele puxou meu cabelo e me derrubou de propósito. Ele me fez ralar o joelho e rasgou meu vestido novo.

— Por que não disse tudo isso ao diretor?

— Não era da conta dele.

Molly limpou a garganta, contendo o riso enquanto virava o carro para o caminho estreito cercado de árvores que levava à casa no alto da colina.

— Esse tipo de coisa aconteceu antes?

— Aconteceu — disse ela simplesmente.

Molly franziu o cenho, fitando Outono de rabo de olho. Parou o carro e virou-se no assento, ficando de frente para ela.

— Por que não me contou que os garotos estavam implicando com você?

Outono meneou a cabeça e rolou os olhos.

— Não passam de crianças estúpidas.

— Não passam de crianças, hem? O que você acha que é?

— Posso ser pequena, mas não fico por aí puxando os cabelos das pessoas e escondendo as coisas delas. Tenho modos e cuido de meus próprios assuntos.

— Meu Deus, criança. Às vezes acho que você nasceu com trinta anos. — Molly sacudiu a cabeça espantada. — Você teve modos batendo em Bobby Joe com a merendeira?

Outono afundou no assento. Uma das tranças se soltara, o cabelo caía despenteado, as pernas pendentes.

— Perdi a cabeça, tia Molly. Não sabia que podia perder a cabeça assim com alguém.

— Está pensando melhor no que fez?

Outono assentiu.

— O que a senhora teria feito?

Molly não hesitou.

— Eu teria quebrado a cabeça do pequeno filho da puta ao meio com a merendeira.

Outono soltou uma risadinha, limpando as lágrimas nas bochechas.

— Então a senhora não vai me dar uma surra?

— Nunca bati em você. Não vejo motivo para começar agora.

Outono saiu do carro atrás de Molly, seguindo-a de perto.

— Qual é o jantar? Estou morrendo de fome.

— Cachorro-quente.

— Do tipo especial? — indagou ela, passando a língua sobre os lábios. — Com todas aquelas coisas gostosas dentro?

— Isso mesmo.

— Cachorro-quente, que bom!

Bobby Joe voltou para a escola com dois pontos no supercílio, e Outono com o vestido costurado. Bobby lançou-lhe um olhar faiscante, mas nem ele nem qualquer das outras crianças voltou a zombar dela.

Os livros eram meio mágicos para Outono. Levavam-na para além das colinas, para mundos onde

os prédios eram maiores que as árvores, as águas mais largas que os rios, as lojas ficavam abertas até depois das 18:00, e as cidades tinham mais de um banco, uma loja de ferragens, um restaurante, uma igreja, uma escola, um... E as pessoas tinham mais de um par de sapatos.

Só no nono ano ela se deu conta das mudanças que haviam ocorrido. A cada ano ficava mais alta e magra, com uma cascata de cabelos castanho-avermelhados que não conseguia controlar. Escovava-os até caírem em longas ondas brilhantes, mas 15 minutos depois Outono parecia ter sido colhida por uma ventania. Os seios das outras garotas eram arredondados, ela percebia, enquanto os seus ainda não haviam surgido. As pernas das outras iam ficando bem-torneadas. As dela eram longas e finas, os joelhos ainda protuberantes.

Outono observava as outras meninas rindo com os garotos de rostos espinhentos, os quais retribuía com outras risadinhas, e sentia-se ainda mais distante deles. Na escola andava colada às paredes, mais alta até mesmo do que os garotos, sentindo-se um varapau entre o grupo delicado de beldades. De novo Outono fingia não se importar, mas à noite, sozinha, chorava. Após várias noites enroscada, chorando com um travesseiro sobre a cabeça para abafar os soluços, Molly descobriu-a. Quando a tia perguntou por que estivera chorando noites seguidas, Outono disse soluçando que era feia e nenhum dos garotos gostava dela.

Molly, os compridos cabelos louros caindo soltos sobre os ombros, trouxe Outono para seus braços.

— De qual dos garotos você gosta?

Outono pensou nos rostos de todos os meninos de Turtle Ridge, enxugou as bochechas molhadas de lágrimas e riu encabulada.

— De nenhum. São bobos e muito irritantes a maior parte do tempo.

— Então por que está chorando?

Outono deu de ombros.

— Não sei. Acho que pensei que estava perdendo alguma coisa.

— Você não está perdendo nada, a não ser que queira algo. Não escolha um caminho que não é o seu só porque é o jeito dos outros serem. — Tocou Outono no peito. — Seja o que está aí. Siga seu coração e não vai se dar mal. — Molly apoiou-se nos travesseiros. — Você também não está preocupada com sua aparência. O seu tipo de beleza custa a aparecer. Dê tempo. Ela virá.

Outono esfregou um dedo no nariz.

— As sardas também vão desaparecer?

— Espero que não. Dão-lhe uma vivacidade que é incrivelmente bonita.

Outono fitou Molly e recordou a época em que começara a perceber que as outras crianças tinham coisas melhores nas merendeiras, roupas melhores, papais e mães. Agora se dava conta de que ela e Molly eram as pessoas mais ricas do vale, porque tinham uma à outra.

— Obrigada, tia Molly. Obrigada por sempre estar aqui.

— Não há de quê.

A lembrança daquela noite, e da compreensão bondosa de Molly não deixaram Outono. Ao longo dos anos ela observara a tia lutar para viver com algum conforto. Agora que estava com 16 anos, Outono queria encarregar-se de ao menos uma pequena parcela dos encargos. Mas havia pouco trabalho no vale. Exceto tomar conta de bebês, não havia muitos empregos na cidade.

Após conversarem sobre o assunto, Molly e Outono concordaram que ela poderia trabalhar depois das aulas e nos finais de semana. Molly informou-se e descobriu trabalho para Outono em três casas. Duas das famílias em cujas casas ela fazia limpeza eram boas, mas em uma delas a mulher, sra. Baker,

era rabugenta, uma megera que pagava menos que qualquer pessoa da cidade. Outono esfregava assoalhos e paredes até formar calos nos joelhos, as articulações feridas e sangrando, o nariz e os olhos irritados com o cheiro da amônia. Conseguia suportar a amônia; eram as larvas de insetos que lhe reviravam o estômago. Nos outros lugares não havia tais larvas repulsivas, mas o lixo da sra. Baker era cheio delas, e era tarefa de Outono limpar a lata de lixo.

Todas as segundas-feiras pela manhã vinha um homem recolher o lixo. A sra. Baker era demasiado avarenta para usar sacos de plástico. Assim, centenas de larvas ficavam caindo pelos lados da lixeira. Depois da escola, Outono ia à casa dos Baker, pegava um balde d'água fervendo para afogar as larvas, em seguida escovava até as larvas estarem mortas e boiando na água.

Certa tarde, Outono estava debruçada sobre a lata de lixo, esfregando enjoada, quando ouviu por acaso trechos de uma conversa telefônica por uma janela aberta. “A mãe era estrangeira e o pai vagabundo, o que você esperava?”

A princípio ouviu distraída, ponderando como alguém do outro lado das colinas podia ser considerado estrangeiro em Turtle Ridge. Por fim franziu o cenho e lançou um olhar pela janela, enquanto a voz da sra. Baker ia se tornando mais fanhosa. * ‘Acho que alguma coisa deveria ter sido feita há muito tempo. A garota está ficando rebelde. É claro, com a Molly tomando conta dela, não se pode esperar outra coisa. Essa mulher é uma ordinária, se quer saber, mas faça o que posso pela menina.’

A palavra “ordinária” ficou retumbando na cabeça de Outono, e de súbito algo se rompeu. Ela pegou a lata de lixo cheia de água e larvas mortas, tão furiosa que tremia, marchou para o interior da casa, e jogou a mixórdia nos pés da sra. Baker.

— A senhora pode dizer o que quiser de mim, sua galinha velha, mas fique com essa boca podre fechada e não fale de minha tia.

A sra. Baker contemplava estupidificada a água correndo imunda pelo chão limpo da cozinha.

— O quê... o quê... Por que fez isso?

Outono estava de pé, as pernas bem separadas, as mãos nos quadris.

— Só existe um tipo de pessoa que tem larvas na lata de lixo. A senhora é uma ignorante, suja, mijona de ervas daninhas.

O rosto rubro de cólera, a sra. Baker deu um passo à frente, recuou a mão e esbofeteou Outono com força no rosto.

— Sua pirralha malcriada e ingrata. Esse é o agradecimento que recebo por tentar ajudá-la?

Nunca haviam batido em Outono, e por um instante ela ficou ali postada, chocada. Por fim, os olhos se estreitaram, as mãos se crisparam, transformando-se em punhos.

— Bruxa! — vociferou junto com um soco que fez a sra. Baker rodopiar.

A sra. Baker foi tropeçando até uma cadeira da cozinha, as pernas abertas em um ângulo estranho, a voz trêmula de ódio.

— Você vai me pagar por isso, Sue Anne McAvan. Vai me pagar por isso.

Outono saiu da casa em disparada, sem muitas dúvidas quanto à difusão da história tão rapidamente quanto rastilho de pólvora e o provável resultado: nenhum trabalho para aquela rebelde da garota McAvan. Mesmo assim, subiu na bicicleta com um sentimento de orgulho e pedalou os sete quilômetros até em casa.

Outono estava tensa, insegura quanto à reação de Molly. Para manter o cérebro ocupado, entrou na casa, pegou o velho violão do pai e voltou para a varanda. Molly elogiara Outono quando ela demonstrara interesse pelo violão, depois saíra e comprara um manual para aprender a tocar violão. Agora, Outono tocava bem. Sentou-se nos degraus e ficou cantando e dedilhando o instrumento enquanto esperava a tia voltar para casa.

Já era noite quando o velho Ford de Molly surgiu na entrada de automóveis. Assim que Outono viu-lhe o rosto, soube que a sra. Baker espalhara a história. Colocou o violão de lado enquanto Molly subia as escadas e se sentava na velha cadeira de balanço de madeira. A cadeira rangia com o seu movimento.

— Ouvi falar no que você fez. Considera-se boa demais para limpar as sujeiras dos outros?

— Não, mas deve haver um jeito melhor.

— Existe, mas vai precisar aguentar muito lixo antes de conseguir

Outono mexia nervosa nas cordas do violão, provocando um zumbido monótono que lhe causava calafrios na espinha.

— Deixei meu temperamento tomar conta de mim.

— É, você tem gênio sim, e já o vi faiscar. E também a vi lutar para controlá-lo. Isso é uma boa coisa. Precisa de muito controle para chegar aonde quer. — Molly fez uma pausa e olhou inquisitiva para Outono. — Aonde quer chegar? O que vai fazer com a vida que Deus achou conveniente lhe dar?

— Pensei muito nisso. Acho que o que mais desejo é um homem a quem amar, e filhos para criar, e uma casa minha. Não quero muito dinheiro, mas o suficiente para que os filhos sempre tenham sapatos bons e comida farta na mesa.

— O que aconteceu com a garotinha que queria ser vivida?

Outono recordou aquele dia e sorriu.

— Li muito. Aprendi muito, mas a vivência se consegue vivendo. Não se pode fazer isso aqui em Turtle Ridge.

— Turtle Ridge não é o mundo todo. Você tem a cabeça no lugar. Poderia se sair bem no mundo se quisesse. Está tudo aí, basta querer lutar. Comigo foi diferente. Não estudei, e nunca alguém me disse que havia outro caminho. Eu também queria me casar.

— Por que a senhora não se casou? Por minha causa?

Molly virou-se e contemplou o espaço, um olhar distante.

— Uma vez tive um homem, mas morreu de pneumonia. Eu amava esse homem loucamente. Depois que morreu, tentei outros, mas simplesmente não deram conta do recado. Decidi viver sozinha. Tenho minhas recordações dele, e tenho você. Não sinto que tenha perdido alguma coisa.

Outono sorriu, triste.

— Você ainda me tem, e não vou mais trazer dinheiro. — Ela estendeu a mão e pousou-a no joelho de Molly. — Sinto muito pela sra. Baker.

Molly ergueu uma sobrancelha inquisitiva.

— Sente mesmo?

Outono umedeceu os lábios, um sorriso surgiu no rosto.

— Não realmente. Nunca me diverti tanto desde o dia em que acertei Bobby Joe Proctor.

Molly explodiu em gargalhadas.

— Tenho orgulho de você, menina. É honesta consigo mesma, e é corajosa. Isso vai lhe levar longe nesse mundo. É preciso ter estômago para aguentar essa merda. Não posso lhe prometer filhos, pode não ser a vontade de Deus. Mas tenho a impressão que você vai chegar aonde quiser. Se é um homem que quer, vá atrás dele.

Outono abriu um largo sorriso.

— Acho que não vou encontrar o homem que quero aqui em Turtle Ridge. Bobby Joe e os outros garotos da cidade parecem tão infantis. Desejo um marido e uma família, mas também quero aprender mais um pouco. Acho que o aprendizado deverá vir em primeiro lugar. — Acariciou a mão de Molly com os dedos, olhando-a afetuosamente. Durante 16 anos elas só haviam tido uma à outra. A ideia de ir

embora fazia Outono sofrer com a solidão. — Isso significa que precisarei deixar Turtle Ridge... e você.

Molly assentiu, mas os olhos toldaram-se e ela correu a mão pelos cabelos compridos de Outono.

— Que tipo de aprendizado você quer? O que pretende ser?

Outono deu de ombros.

— Ainda não sei. Só quero ser algo mais do que sou agora.

— Acho você excelente do jeito que é. — Molly sorriu e levantou da cadeira. — Temos dois anos para pensar nisso, para fazer planos. Está ficando tarde. Vamos preparar o jantar.

Outono levantou-se dos degraus e seguiu Molly, o rosto fino tomado por uma carranca de preocupação.

— Eles vão continuar falando. Lembra dos mexericos depois da briga com Bobby?

Molly puxou o vestido, balançou os quadris e bateu os pés nos degraus.

— Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas as palavras nunca conseguirão me ferir. Seja o que quer, garota, não o que a cidade pretende que você seja.

Outono foi atrás da tia. Os olhos castanhos faiscavam quando ergueu a saia e seguiu a tia em um passo de dança irlandesa.

Por enquanto a cidade fora esquecida, mas na manhã seguinte as fofocas começaram a cair sobre elas. “Ouvii o que aquela garota McAvan fez com a pobre Lena Baker? Quem diria? Lembra-se daquele dia em que ela quase matou Bobby Joe? Ela é esquisita, mas o que se poderia esperar vivendo com aquela louca da Molly McAvan?”

Para os padrões de Turtle Ridge, Outono ficava mais ousada, impertinente e não-convencional a cada ano. Eles balançavam as cabeças com mais força: “Agora é tarde. Molly deixou a garota ficar rebelde demais. Ouvi dizer que ela até ajuda Tucker no alambique. Disseram-me que um dia ela chegou em casa bêbada. Vive no rio, onde nada feito peixe, às vezes quase nua. Mas é bonita, cada dia está ficando mais bonita. Percebeu que ela não usa sutiã? Anda aí pela cidade vestindo uns jeans tão apertados que fazem uma bifurcação entre as pernas dela. Não é decente... Rebelde como um potro selvagem. Mas é esperta, esperta demais para uma mulher. Qualquer dia desses isso vai metê-la em problemas mais graves. Ouça o que estou dizendo. Aquela garota McAvan ainda vai terminar mal.”

AMOR à primeira vista! Outono considerava-o um mito, até Lonnie Norton, um forasteiro em Turtle Ridge. Ela tinha 18 anos quando o conheceu. Era meados de agosto, e as árvores ao longo da margem do rio começavam a refletir os primeiros sinais de outono. Entre as folhas verdes havia tons vermelho-escuro, borrifos amarelos e dourados.

Após lutar contra a corrente, ela voltou para casa e para seu lugar especial, um lago na curva do rio. Lonnie estava sentado em um tronco caído, uma vara de pescar à frente. Parecia divertir-se, observando-a brincar na água. Com vinte e poucos anos, ele tinha um queixo bem-desenhado e olhos de cor tão penetrante que pareciam incandescentes contra sua tez morena, azuis como as centáureas que cresciam selvagens nas encostas das colinas. Os cabelos negros brilhavam sob o sol da tarde.

Quando Outono se aproximou da margem, ele se levantou, foi até a beira do rio e agachou-se para ajudá-la a sair da água.

— Vi você fazendo brincadeiras perigosas nas correntes. Que insensatez. Qualquer dia o rio vai pegá-la, doçura, e você não vai mais vir à tona.

Outono sentiu o coração acelerar. Queria falar, mas de súbito a língua parecia congelada, as pernas fracas e trêmulas. A mão dele ainda esperava, estendida no ar. As palavras recusavam-se a sair, conseqüentemente ela sorriu e estendeu-lhe a mão. Seus dedos se tocaram e o pensamento de ambos pareceu tornar-se um só, cada qual conhecendo profundamente o outro.

Ele a tirou da água e permaneceram de pé, olhando-se até caírem em gargalhadas divertidas.

— Por que estamos rindo? — perguntou Outono.

— Não sei. Simplesmente senti vontade de rir.

— Eu também.

Seguindo o mesmo impulso, caminharam até o tronco caído e se sentaram. As amenidades de praxe faziam-se necessárias, mas pareciam intrusas a Outono, nomes e idades dispensáveis. Estava interessada apenas pelo homem. Era alto e forte, mas com modos sensíveis. Ela observou-lhe o rosto enquanto falava. Tinha um sorriso curvo, e vez por outra arqueava uma sobrancelha. O que mais a tocou, no entanto, foram os olhos. Em certos momentos refletiam profunda solidão, mas brilhavam como se à beira do riso quando a olhava.

Nestes instantes Outono sentia vontade de esticar a mão, tocá-lo, fazer com que a solidão desaparecesse, trazer a luminosidade de volta aos olhos dele. E queria perguntar por quê. O que aconteceu em seus 25 anos de vida para fazê-lo sentir-se tão solitário às vezes? E o que vê em meus olhos que trazem tanta alegria a seu rosto? Meus olhos lhe dizem que acho que o amo, Lonnie Norton?

As sombras da noite estavam caindo quando ele se levantou para ir embora. Outono despediu-se, mas sabia que aquilo na verdade era o começo. Lonnie voltou na noite seguinte, e na seguinte. Conforme conversavam, ela começou a compreender os motivos por trás das sombras que de vez em quando tocavam-lhe os olhos. Compreendeu também que a coisa estranha que os unira instantaneamente e de maneira tão integral fora a semelhança do passado de ambos. Assim como Outono, Lonnie crescera sem os pais. Conseqüentemente, cada qual sentira a saudade silenciosa no outro. Outono tivera mais sorte. Nunca sentira falta dos pais, tivera Molly, enquanto que Lonnie tivera apenas o estado de Illinois.

Lonnie tinha dez anos quando de súbito seu pequeno mundo seguro se estilhaçara. Ele e o irmão, Artie, brincavam alegremente em uma colônia de férias quando os pais morreram em um incêndio na

casa. Como não havia parentes dispostos a encarregar-se dos dois garotos bagunceiros, eles tornaram-se tutelados do estado e foram levados para lares adotivos. Poucas famílias quiseram cuidar dos dois garotos, e com frequência os dois foram separados. Mas quando isso acontecia, uma ou duas semanas após estarem em seus novos lares, um dos dois fugia em busca do outro. Quando Lonnie completou 18 anos, já estivera em seis lares adotivos diferentes. Artie era mais rebelde, já tendo entrado e saído de dez lares. De acordo com Lonnie, as assistentes sociais suspiraram aliviadas quando finalmente eles atingiram a maioridade.

Quando falava sobre o passado, o tom de voz de Lonnie era irreverente, mas Outono captava traços de uma ânsia por pessoas que fossem dele. E quando falava do irmão, a voz se tornava mais animada, quase risonha. Tanto Lonnie quanto Artie haviam vagado de um lugar para outro, fazendo vários tipos de serviços, até nas minas. Artie ainda estava perambulando, mas Lonnie descobrira o que desejava fazer. Trabalhava em uma mina de carvão em Edisonville, Black Jewel. A mina pertencia à família Osborne, uma das poucas minas que não haviam sido engolidas pelo conglomerado.

Ela sabia que, acima de tudo, Lonnie queria terminar a faculdade e se formar em engenharia, mas estava percorrendo um caminho difícil. Trabalhara durante um ano e economizara, em seguida fora para a faculdade até o dinheiro acabar. Trabalhara nas minas do Illinois a Kentucky, de carvão, de poço e de elevação. Ainda faltavam dois anos para Lonnie terminar a faculdade, mas demoraria quatro se precisasse parar e trabalhar anos intercalados.

Outono sempre considerara a mineração de carvão um trabalho perigoso e nada gratificante, mas era o que Lonnie queria fazer, portanto ela guardava seus pensamentos para si. Para Outono, a coisa mais importante era a felicidade de Lonnie — ver seus olhos brilharem quando falava do futuro... do futuro deles.

Eles nunca haviam sido estranhos, portanto não havia necessidade de timidez ou dos galanteios tradicionais. Ambos sabiam disso. Caminhavam de mãos dadas pelo bosque, nadavam no rio e sentavam para ver o sol se pôr atrás das colinas altas. E quando as sombras da noite caíam, esgueiravam-se para o único lugar onde podiam ficar a sós, a curva do rio. Outono nunca pensara em virgindade como algo a ser resguardado até o casamento. Não passava de uma situação transitória, algo a ser dado ao homem de sua escolha, e ela o dera de livre e espontânea vontade.

Os dois haviam sintonizado tanto que Lonnie jamais chegara a pedi-la em casamento, apenas haviam marcado a data. Estavam deitados juntos na beira do rio.

— Sra. Lonnie Norton — ela sussurrara. — Amanhã serei a sra. Lonnie Norton. — Ela tremia de excitação, o corpo enroscado ao dele, apontando do outro lado do rio para as colinas imersas na sombra noturna. — Desde pequena tenho olhado para estas colinas e pensado o que há do outro lado.

— Descobrirá que é bem diferente de Turtle Ridge.

— Como?

— De várias maneiras. Turtle Ridge nunca poderia ser considerada uma cidade excitante, mas alguma vez já houve um assassinato, um assalto ou um estupro aqui? Você precisa se preocupar em caminhar pelas ruas à noite?

Ela riu diante da ideia.

— Não.

— Descobrirá tudo isso, e muito mais, assim que atravessar a colina.

A voz dele estava compenetrada, mas Outono sorriu na escuridão. Não tinha medo do mundo; na verdade, recebia-o com prazer. No entanto, ficou apreensiva com o trabalho de Lonnie, ansiando pela hora em que teria o diploma. Como engenheiro, ele passaria bem menos tempo no subsolo. Outono tinha algumas economias e queria ajudá-lo. Não era muito, insuficiente para um ano de faculdade, mas seria o

bastante para um ano de faculdade para ela mesma, se trabalhasse. Se não fosse Jeb, ela não teria dinheiro algum. Ele achara o incidente com a sra. Baker engraçado. Enquanto a cidade sussurrava às costas deles, ele dera-lhe um emprego na loja de ferragens. Outono trabalhara depois da escola, nos finais de semana e nos verões, durante dois anos. Toda semana dava uma parte a Molly, para ajudar; o resto guardava para a faculdade.

Outono queria que Lonnie aceitasse o dinheiro, mas ele era orgulhoso, assim ela esperou o momento que considerou mais adequado. Ergueu-se e contemplou-o sob a luz da lua.

— Estive pensando. Economizei algum dinheiro. Por que não o usa e se matricula pelo menos durante um trimestre?

Ele sorriu e observou as sombras que brincavam no rosto dela.

— Obrigado, doçura, mas não. Vou terminar a faculdade sem colocar a mão nas economias de uma garotinha. Você vai querer algumas coisas antes de nos casarmos. Acredite-me, a casa que aluguei precisa de alguns consertos. Se quiser, pode usar o dinheiro para os reparos.

Outono não insistiu. Suspirou contente e descansou a cabeça nos ombros dele, contemplando a noite cheia de estrelas e brincando com sonhos sobre a casa deles, onde estaria a sós com Lonnie. Ele estava trabalhando em Black Jewel há poucas semanas, portanto ambos seriam forasteiros em Edisonville.

— Seu irmão — indagou Outono, curiosa —, como ele é? É moreno como você ou louro? É mais velho? Virá para nosso casamento amanhã? Estivemos tão envolvidos conosco que mal falamos nele.

Lonnie soltou uma risadinha maliciosa, como se tivesse um segredo que ainda não quisesse compartilhar com ela.

— Ele é moreno como eu. É mais jovem, e, sim, virá ao nosso casamento. Ele mora em Indiana, por enquanto. — Fez uma breve pausa e a voz se tornou pensativa. — Artie é diferente. Adora agitação e faz tudo para criá-la. De um modo geral, é um ótimo rapaz. Você vai gostar dele, quando o conhecer. Ele gosta de se movimentar, mas mantém contato comigo. Está planejando ir para San Francisco daqui a duas semanas, mas virá para o casamento. — Lonnie ficou em silêncio por um instante, e quando voltou a falar, a voz transbordava de orgulho e afeição. — Ele faz mágica com os dedos. Consegue consertar tudo que você joga em cima dele, seja um carro, um caminhão ou uma torradeira.

Outono ouvia curiosa, atenta.

Lonnie ficou quieto. Levantou-se e olhou-a sob a luz do luar.

— Acho que para Artie uma família não é muito importante, mas para mim significa tudo, talvez porque nunca tive uma. Serei um bom marido, Outono, e um bom pai quando chegar a hora. — Fitou-a com olhos carinhosos e expressivos. — Quero lhe dar muito. Gostaria de colocar um anel de diamante em seu dedo, em vez de uma aliança de ouro comum. Gostaria de levá-la a Edisonville em uma limusine, em vez de no velho Ford vazando óleo, e gostaria de levá-la para uma mansão, no lugar de uma casa velha exatamente igual à vizinha. Não posso lhe dar muito, mas vou me virar para fazê-la o mais feliz que puder. Não deixarei que nada seja mais importante do que você, nem a faculdade, nem meu irmão.

Outono sentiu uma onda de amor tão forte que uma dor a envolveu. Estendeu os braços para ele, querendo sentir o calor de sua pele nua contra a dela, a força de seus braços abraçando-a, a firmeza de seus quadris e coxas, que se moldavam contra os contornos suaves dela. Amava aquele corpo belo e audacioso e achava fascinante algo tão forte enfraquecer e tremer ao toque de suas pequenas mãos.

— Não ligo para diamantes, nem para carros maravilhosos ou mansões. Quero apenas Lonnie Norton e uma aliança de ouro comum. — Mergulhou os dedos nos pêlos do peito dele, correu a mão pelo ventre, tocou a pele aveludada do pênis e sentiu-o enrijecer em sua mão. — Seria indecente fazermos amor novamente? Acho que agora estou pegando o jeito.

— Pervertida. — Ele percorreu-lhe as bochechas com os lábios, tocando-lhe a boca de leve; em

seguida beijou-a com todo o carinho do amor. Cercados pela quietude do bosque e pelos ruídos suaves do rio em movimento, fizeram amor, com Lonnie dizendo-lhe palavras ternas. O toque suave dos dedos e lábios dele buscaram todos os lugares secretos do corpo dela. Arrastada junto com ele, Outono entrava e saía da realidade, gemendo baixinho de prazer quando ele a penetrou. Fechou os olhos e se rendeu de corpo e alma.

Em questão de instantes Outono sentiu-se erguer, levada a transcender tempo e espaço. Por fim voltou a estar deitada em uma cama de folhas por baixo de Lonnie. Foi como uma súbita quebra. Mais uma vez a terra estava sob ela, o céu acima. Os ruídos tranquilos da noite e o rio em movimento ecoaram de maneira alarmante em seus ouvidos. Desejava voltar àquele novo e estranho mundo onde não havia pensamentos nem ruídos, mas apenas os dois, sentindo e correspondendo.

Ela enterrou o rosto na concavidade úmida do pescoço do Lonnie.

— Cada vez melhor — sussurrou. — Cada vez fica melhor.

— Espere. Vai ficar ainda melhor, querida.

Ela gemeu.

— Espero que não. Se for melhor ainda, vou morrer.

O rosto dele manteve-se impassível, mas a voz soou risonha.

— Eu amo você, Outono McAvan. Só espero que este mundo louco lá de fora não a modifique.

Um sorriso surgiu no rosto dela, que se empertigou com uma gargalhada repentina.

— Esta cidade vem tentando me modificar desde o dia em que bati em Bobby Joe Proctor com a merendeira. Tenho sido osso duro de roer para Turtle Ridge desde os oito anos. Aos 18, ainda sou considerada a ovelha negra. — Ela se debruçou sobre ele e sussurrou: — Dizem que na verdade nado praticamente nua.

— Nãoooo! Você faria isso?

— Fariaaaa! É assim que conta a história. Se você se esgueirar até o rio em uma noite bem tranquila, quente e enluarada, verá a garota McAvan saltar para a água feito um sapo, só de calcinha. — Outono soltou uma gargalhada e se pôs de pé de um salto. — Venha. O último a chegar é mulher do padre. — Disparou para a beira do rio, arqueou os braços e deu um salto, mergulhando nas águas onduladas. Surgiu à superfície no meio do rio e olhou para Lonnie.

Ele estava bem perto dela, com seu sorriso torto.

— Diabinha.

Ela voltou a mergulhar, as nádegas nuas brilhando à luz da lua conforme arqueava o corpo e desaparecia.

Outono conhecia todas as regiões mais profundas e tentou brincar de esconde-esconde, mas Lonnie estava sempre ali quando ela surgia na superfície. Pegou-a pela mão e vagaram preguiçosos ao sabor da corrente, detendo-se para se abraçarem, a água leve tocando-lhes a pele tão suavemente quanto um sussurro.

Com Lonnie, Outono desejaria vagar para sempre, mas ele se levantou e a puxou rio acima. Ela sorriu quando ele a puxou do meio do rio, onde as correntes perigosas confluíam. Voltaram à clareira ao lado do lago, caminharam de mãos dadas e saíram da água, deixando-se cair na margem gramada.

Ela juntou os longos cabelos castanho-avermelhados e espremeu os tufo grossos, tirando-lhes a água. Lonnie esticou-se ao lado dela, os olhos iluminados pela lua. Sentaram-se juntos, ouvindo os ruídos noturnos, o chapinhar da água contra a margem, a brisa sussurrando entre as folhas. Outono sabia que no dia seguinte ela deixaria o rio, a pequena casa entre as árvores e Molly.

Molly não ficara contente com o casamento de Outono e Lonnie. A tia os considerava demasiado jovens.

Depois de fazer amor com Lonnie pela primeira vez, Outono entrara na casa, as costas empertigadas com falsa coragem.

— Tenho uma coisa para lhe contar. Espero que não brigue comigo por causa disso.

Molly colocou o tricô de lado e fitou Outono interrogativamente.

— O que é que você tá matutando nessa sua cabecinha agora?

— Lonnie — disse ela bruscamente. — Vou me casar com ele em setembro.

Molly ergueu-se de um pulo e bateu com os pés no chão.

— Você pretende se casar com um estranho?

Outono franziu o cenho.

— Pensei que você gostasse de Lonnie.

— Gosto dele sim, mas você mal o conhece. Você tem apenas 18 anos, Outono, e é uma caipira, ainda por cima. Não sabe nada dos homens e seus modos espertos. Você é uma amora suculenta, pronta para ser colhida pelo primeiro homem de fala bonita que aparecer. É melhor pensar no que vai fazer.

— Lonnie não é um homem de fala bonita, e pensei sobre o assunto. É ele que quero.

— E a escola? Já pensou de que vai abrir mão?

— Não vou abrir mão. Ainda posso ir para a escola, depois que Lonnie se formar. O casamento não significa que a mulher deve desistir de tudo como antigamente.

Molly fez uma careta.

— Você quer isso tudo, não é? Quer marido, filhos, uma casa só sua, e estudar. Muito poucos têm a sorte de conseguir isso tudo. A maioria precisa sacrificar algo. Você leu seus livros e conseguiu uma pincelada de sofisticação, mas ainda não aprendeu o que é a vida real. Tem tempo. Espere e cresça primeiro. Pegue um pouco desse aprendizado que deseja obter.

— Farei meu aprendizado com Lonnie. Uma vez você me disse que se eu descobrisse o homem que queria, deveria ir atrás dele. Lonnie é o homem que quero.

Molly ficou em silêncio. Pegou uma folha dos cabelos emaranhados de Outono e contemplou-a carinhosamente, recordando um tempo especial de sua própria vida.

— Houve uma época em que eu também tinha folhas nos cabelos. E houve uma época em que meu rosto brilhava com a mesma luz que vejo iluminar o seu agora. É uma luz que só brilha após muitas horas passadas nos braços de um homem. Sempre lhe disse para erguer a cabeça e lutar pelo que queria, mesmo se contra mim. Não vejo motivo para você mudar agora.

Outono soltou um gritinho e lançou os braços em volta de Molly, mas ficou pensando como a tia adivinhara. Será que a primeira vez realmente ficava estampada no rosto de uma mulher? Afastou-se e olhou Molly atentamente.

— Estive pensando. Você ainda é virgem, tia Molly?

Molly abriu um grande sorriso e desmanchou os cabelos de Outono.

— Por Deus, não. Não consigo pensar em nada pior do que morrer pobre, exceto morrer virgem. — Levantou-se da cadeira. — Se vai haver casamento, e parece que isso acontecerá, é melhor nos mexermos. Não posso deixá-la ir embora com aquele garoto e com a roupa de baixo em farrapos. Precisamos mandá-la ao dentista para ele ver se você não está com nenhum dente estragado. Nenhum homem vai querer casar para gastar um monte de dinheiro na boca da mulher.

Outono sentou-se no chão de pernas cruzadas.

— Ele vai casar comigo, não com um cavalo.

— Não faz diferença. Todos dois precisam ser alimentados e abrigados. Hoje em dia isso custa muito. Aquele garoto vai ter muito trabalho só para terminar a faculdade.

— Ele não é um garoto, tia Molly. Tem 25 anos.

Molly sorriu e sacudiu a cabeça espantada.

— Vocês, crianças. Acham que conhecem a vida. E que já sabem tudo, mas são tão inexperientes. Não quero desanimá-los, ou tirar-lhes a alegria, mas a vida é muito difícil. Só espero que não apronte muitas surpresas desagradáveis para vocês.

OUTONO andava pelo quarto, tocando, recordando todos os anos de sua vida. Era o quarto de uma garotinha e refletia sua infância, todo rosa e branco e cheio de babados. Agora ele estava desbotado e gasto pelo tempo, mas ainda era o melhor quarto da casa, e gritava o amor de Molly. Fora tudo costurado e pintado pelos dedos ágeis de Molly. Outono agora se dava conta do quanto a tia tivera de economizar e guardar para comprar-lhe algumas das coisas que toda menina quer.

Aqui e ali dispunham-se animais de pelúcia, uma parede inteira cheia de livros e álbuns de recordações. Não havia emblemas nem pôsteres, ou instantâneos de amigos. Outono sempre preferira passar o tempo com Molly, pois todos de sua idade pareciam demasiado jovens.

Ela se deteve diante do espelho, lembrando o dia em que vira sua imagem através de outros olhos pela primeira vez. As mudanças pareciam haver ocorrido sem que percebesse. Em algum ponto entre E o vento levou e The Godfather, tudo mudara e encontrara seu lugar certo. Lembrava de si mesma deixando o quarto e anunciando a Molly:

— Sou um pouco bonita.

— É — concordara Molly. — Estava pensando quanto tempo você demoraria para perceber. Poderia ter-lhe dito, mas achei que isso era algo que deveria aprender sozinha. Demorou muito para você se dar conta. — Molly hesitou e fitou Outono com seus olhos cinzentos e sábios. — Você também tem algo de diferente. Acho que chamam a isso sex appeal. Você tem algo que atrai os homens como abelhas para o mel. Poderá lhe trazer muita encrenca se não tiver cuidado e souber como usá-lo.

— Se sou tão fantástica, por que os garotos de Turtle Ridge não ficam que nem um enxame de abelhas em cima de mim?

— Que chances você lhes dá? Além do mais, eles não passam de garotos. Você se empertiga e os assusta. Quando conhecer homens adultos, será diferente. Eles vão saber o que querem, e saberão como conseguir.

A conversa com Molly se dera há quase um ano. Desde então, ela conhecera seu “homem adulto”. Em poucas horas, iria se tornar esposa dele.

Outono virou-se de costas para o espelho e caminhou até a porta, lançando um último olhar para o quarto. Por um instante, conseguiu ver a menininha de rabo-de-cavalo encarapitada em uma cadeira com um livro, o cenho profundamente franzido, lutando para compreender as grandes palavras, uma garotinha debruçada sobre o violão, tentando tocar junto com um de seus discos prediletos e fracassando por completo. Quando crescera, as grandes palavras haviam se tornado claras e a música começara a fluir naturalmente. Parte de Outono desejava permanecer na segurança do quarto rosa e branco, mas a outra parte lhe dizia que estava na hora de ir.

Ela disse adeus à menininha calmamente, reuniu suas lembranças e desceu para o corredor, ao encontro de Lonnie. Entrou na sala com um sorriso nervoso, mas parou e olhou aturdida. Molly sorria de satisfação e fez um movimento em direção aos dois homens que esperavam.

— Eles se parecem um pouco, não acha?

Lonnie e Artie estavam lado a lado. Ambos vestiam ternos azuis; cada um segurava uma caixinha com um buquê. Tinham olhos azuis idênticos. Os mesmos cabelos escuros e os mesmos sorrisos maliciosos nos rostos. Lonnie não mencionara que o irmão era gêmeo.

Eram tão parecidos, que Outono por um instante ficou pensando com qual ia casar, mas só por um

instante. Os olhos eram da mesma cor e formato, mas as expressões eram diferentes. Artie provavelmente era um daqueles homens de fala bonita contra o qual Molly a alertara — velhaco. O olhar era audacioso, faiscando quente e frio. Os olhos de Lonnie eram carinhosos e a fitavam com amor.

Contendo as gargalhadas, Outono aproximou-se de Artie e o beijou na bochecha.

— Oi, querido. — Deslizou o braço pela cintura dele, e contemplou Lonnie com um olhar de “reconhecimento”.

Lonnie parecia cabisbaixo.

— Você escolheu o homem errado, Outono! — A voz saiu apertada.

— Bem feito. — Eia soltou Artie e foi para os braços de Lonnie. — Que brincadeira é essa?

Ele deu de ombros.

— É um jogo que fazemos desde garotos. Não conseguimos resistir. — Franziu o cenho. — Apostei dez dólares como você ia saber quem era quem.

Ela piscou.

— Você venceu. — Outono estendeu a mão para Artie. — Meu nome é Sue Anne, aliás Outono, e logo serei sua cunhada.

Outono rodou a aliança de ouro que Lonnie colocara em seu dedo e virou-se no assento enquanto o carro subia uma colina. Eles pretendiam ter um casamento tranquilo, somente a família, mas quando chegaram à igreja, metade de Turtle Ridge estava presente com potes de geléia, pickles, colchas de retalhos e paninhos de mesa tricotados. Até a sra. Baker compareceu, arroz na mão. Outono sussurrou para Molly que eles tinham vindo se certificar de que sua criança-problema não mudara de ideia.

Ela olhou pelo vidro de trás do carro e observou Turtle Ridge ficar cada vez menor, as lojas e casas transformando-se em simples pontos no vale. As pessoas eram fofoqueiras, todas elas, mas Outono amava cada língua solta. No fundo, sabia que também gostavam dela. Assim eram as coisas em Turtle Ridge.

Outono fungou, contemplando Artie. Ele deixara o carro em Edisonville e viera com Lonnie para Turtle Ridge. Estava sentada entre os dois homens.

— Fico contente de poder ter vindo para o casamento.

Ele abriu um largo sorriso.

— Uma parelha de cavalos não teria conseguido me impedir de vir.

Outono enxugou o rosto. A pouca sofisticação que possuía havia desaparecido, e as lágrimas começaram a cair logo depois que o reverendo Anderson declarou-os marido e mulher. Quando voltaram para a casa ao lado do rio, ela se sentou com a tia e chorou abertamente, enquanto os homens arrumavam as coisas no carro de Lonnie. Dizer adeus a Molly fora a parte mais difícil.

Ela sorriu tristemente para Artie.

— Nunca saí de Turtle Ridge antes, e também nunca me afastei de minha tia Molly.

Artie retribuiu o sorriso e fez um movimento com a cabeça em direção ao violão no assento de trás.

— Você toca essa coisa?

— Claro que ela toca — disse Lonnie. — E canta como um anjo.

Artie apanhou o violão e colocou-o no colo dela.

— Toque uma música para nós, irmãzinha.

Ela tirou os sapatos, virou-se ligeiramente no banco e ajeitou o violão debaixo do braço. A princípio, os dedos estavam duros e rígidos, as notas ásperas e destoantes. Lentamente, foi relaxando, a voz cada vez mais suave e melodiosa enquanto entoava velhas canções folclóricas que Molly lhe ensinara. Quando passou para as músicas modernas, Artie e Lonnie a acompanharam.

As vozes foram ficando cada vez mais altas conforme os quilômetros iam ficando para trás. Quando

chegaram a Edisonville, Outono estava rindo loucamente com os dois. Eles tinham vozes idênticas. Ambos cantavam desafinados, em um tom áspero e profundo.

Ela ergueu o olhar para a placa sobre a cabeça quando chegaram, EDISONVILLE, KENTUCKY. MAIOR CIDADEZINHA DA TERRA. CORAÇÃO DAS MINAS DE CARVÃO. Recolocou o violão no assento e olhou em volta ao entrarem nos limites da cidade. Parecia haver pouca diferença entre Edisonville e Turtle Ridge. Apesar de ser bem maior, não passava de outra cidade caipira.

— Existem assassinatos, roubos e estupros em Edisonville? — brincou ela.

— Não. É uma cidade segura. Douglas Osborne providencia para que seja — respondeu Lonnie.

Ela olhou-o intrigada.

— O que ele tem a ver com isso?

— É o dono da cidade, doçura. Além disso, também manda nas pessoas que moram aqui.

— Isto é ridículo. Uma pessoa não pode ser dona de outras.

— Pode se tiver dinheiro suficiente. — Lonnie virou o carro bruscamente e tomou à direita. —

Quero que veja uma coisa. — Alguns quarteirões depois, ele entrou em uma avenida que foi se tornando cada vez mais larga, aplainada, calma e sombreada. Uns quatro quilômetros fora da cidade, levou o carro para um aglomerado de árvores e fez um gesto para que descessem. Afastou a massa compacta de arbustos e fez um movimento com a cabeça em direção à abertura. — Dê uma olhada.

Outono deu um passo, ficando entre os dois homens, e olhou através da abertura que Lonnie fizera entre os arbustos.

— Meu Deus! Esta casa é maior do que toda Turtle Ridge. — Para Outono, a casa dos Osborne assemelhava-se a fotos que vira da Casa Branca. Brilhava como mármore polido ao sol, situada em terreno onde cada talo de grama parecia ter sido aparado individualmente.

A distância, um homem no lombo de um cavalo galopava. Tufos de cabelos louros adejavam ao vento. Ele estava inclinado para a frente e levemente levantado na sela enquanto o cavalo corria e saltava uma cerca, de pouco mais de um metro, com tranquilidade. Quando se aproximou do estábulo, o cavaleiro freou a montaria e acariciou-lhe o pescoço.

— Quem é ele? — indagou Outono.

— Brian Osborne — respondeu Lonnie. — Está em casa de volta da faculdade para passar o verão. Vi-o na mina umas duas vezes.

— Cavando em busca de carvão? — perguntou Artie, sarcástico.

— Não, mas ele já fez isso. Os homens contaram-me que trabalhou junto com eles quando tinha uns 16 anos.

Outono voltou-se para Artie e riu. Lançou o nariz para o ar e estendeu os dedos com delicadeza.

— Já vi o suficiente. É melhor você me levar para longe dessa pobreza antes que eu desmaie. — Ondulando os quadris, ela foi na ponta dos pés com meias até o carro. — Para casa, James!

Lonnie curvou-se em uma reverência exagerada.

— Sim, senhora. — Tomou-a pela mão e ajudou-a a entrar no carro.

— Gostaria de ver o que paga esta grande mansão branca?

— A mina? — indagou ela.

Ele assentiu.

— Fica no caminho.

— Claro. Vou adorar ver onde você trabalha.

O trabalho de Lonnie na mina era uma coisa distante, uma preocupação menor que ia e vinha no

pensamento de Outono, mas ver a mina trouxe à realidade até seus olhos. O medo percorreu-a por toda a coluna conforme Lonnie apontava a longa linha de prédios de aço para elétrica e hidráulica, uma loja de máquinas, soldas e trabalhos automotores. Ele explicou como o carvão era tirado da mina em uma correia transportadora até os vagões de carga, onde era mandado para um dispositivo a fim de misturar, onde era selecionado e classificado, lavado, arrumado e em seguida colocado nos vagões, e então transportado. Ele explicou detalhadamente o método room-and-pillar usado em Black Jewel, a abertura de uma superfície carbonífera, sobrecarregamento e os diferentes métodos usados para a sustentação dos tetos. Ele estava falando há meia hora quando Artie começou a mudar de posição no assento.

Lonnie soltou uma gargalhada e ligou o motor.

— Esqueci que algumas pessoas não estão tão interessadas em mineração quanto eu.

Outono forçou um sorriso.

— Achei fascinante.

— Você acharia — disse Lonnie. — Você é honesta. — Afastou o carro da mina e entrou na Avenida Maple. — É uma velha mina. Já foi quase completamente escavada. O equipamento também já teve dias melhores. Temos muitas avarias. Na semana passada foi uma correia transportadora. Antes, o sistema de ventilação pifou e precisaram evacuar a mina até ela ser consertada.

— Por que não compram equipamentos novos? — indagou Outono.

Lonnie olhou de Outono para Artie e riu.

— Porque não valeria a pena comprar coisas novas. À velocidade que está indo, Black Jewel só terá carvão por mais dois anos. Trabalham em três turnos, e em grande número. — Fez uma pausa e franziu o cenho. — É uma mina gasosa.

— Gasosa? — ecoou Outono. — O que isto...? — Ela ficou em silêncio enquanto ele virava o carro para uma estrada de cascalho, onde viu casas pouco maiores do que choupanas amontoadas uma ao lado da outra. Parecia uma área desabitada. Não havia nada na região, exceto a poeira e o céu acima. — O que é isso?

— Rua dos mineradores. — Ele levou o carro para a entrada de automóveis em frente a uma das casas e desligou o motor. Lonnie sorriu tristemente e fez um gesto com as mãos. — Apesar de muito humilde, doçura, é seu novo lar.

Outono olhou a casa que ele indicara — em comparação, a de Molly era um palácio.

— Bommmmm. É perto da mina. Isto é conveniente.

Artie sacudiu a cabeça e soltou uma gargalhada.

— Ela é fiel.

Outono saiu do carro com os dois, mas esperou enquanto eles levavam as coisas para dentro. Ficou de pé junto ao carro, contemplando seu novo lar. A casa, uma caixa pobre com um teto pontudo, era em tom cinza-escuro e mostrava sinais de apodrecimento. Degraus vacilantes levavam a um alpendre mínimo, onde uma porta arqueava-se e rangia cada vez que mexiam nela. Depois da mansão na colina, aquilo parecia um barraco imundo.

Ela cruzou o quintal, mas deteve-se no alpendre enquanto os dois saíam. Artie estava rindo.

— Espero que faça mágica com seus dedos. Vai precisar. — Inclinou-se e beijou-a no rosto. — Você é uma boneca. Gostaria de tê-la visto antes.

Outono abriu um sorriso.

— Obrigada por ajudar Lonnie a levar minhas coisas, grande irmão.

— Tudo bem, irmãzinha. — Ele se voltou para Lonnie. — ■ Retornarei para Indiana agora, para que você e Outono possam fazer seja lá o que for que recém-casados fazem. Darei uma passada aqui antes de

ir para San Francisco.

— Gostaria que você ficasse — disse Lonnie, a voz suplicante.

— Não posso. Tenho comichão nos pés.

— Por que San Francisco?

Ele deu de ombros.

— Já conheço Indiana. Nunca fui a San Francisco.

— É, mas você tem um bom emprego em Indiana. Parece uma pena desistir.

— Consigo outro. Sempre tem um lugar para um bom mecânico. — Ele sorriu. — Sou o melhor.

Lonnie soltou uma gargalhada.

— E modesto também. — Passou o braço em volta dos ombros de Artie e acompanhou-o até o carro. Conversaram um pouco e por fim Artie entrou. Lançou um sorriso para Outono, piscou e se foi. Lonnie voltou para casa com os olhos baixos, resmungando.

— Meu irmão é assim, sempre procurando pastos mais verdes. — Quando se aproximou do alpendre, olhou para Outono e um sorriso iluminou-lhe o rosto. — Olá, sra. Norton.

— Olá, sr. Norton. Quando vai me mostrar a nova casa?

Ele riu, subiu os dois degraus em uma só passada e tomou-a nos braços. A porta oscilante rangeu quando carregou-a nos braços, atravessando o umbral.

— Vou consertar essa maldita porta — resmungou.

O chão de linóleo estava tão gasto que não tinha mais cor, rangendo quando Lonnie o atravessava. Havia um sofá junto a uma parede, uma cadeira em outra — ambos sujos e em farrapos — junto com duas mesas bastante riscadas. Um pequeno aquecedor a gás aquecia o ambiente.

— Você comprou esta mobília ou já estava aqui? — indagou ela cautelosa.

— Tivemos sorte. Já estava aqui quando aluguei o lugar.

Outono olhou-o para ver se estava brincando. Mas ele não estava.

— Verdade? Não consigo imaginar por que alguém iria embora e deixaria toda essa mobília tão boa. — Enquanto o seguia, Outono começou a planejar como usaria o dinheiro da faculdade para melhorar um pouco a casa.

A cozinha era pior ainda. A gordura corria em correntes pastosas por baixo do fogão, e os bicos de gás estavam negros. Três cadeiras diferentes dispunham-se em volta de uma mesa. A pia estava cinza e coberta de marcas. Um armário feito de tábuas rústicas havia sido pintado de amarelo vivo. O cheiro de anos e anos de presunto e feijão estava entranhado em cada milímetro da cozinha. Baratas despontavam diante dela em plena luz do dia, destemidas. Elas produziam pequenos ruídos enquanto disparavam de uma fenda para outra.

— Precisaremos nos livrar dos habitantes daqui, Lonnie.

Ele assentiu.

— Sei que não é muito, mas podemos consertar a casa. Não podemos?

— Antes que Outono pudesse responder, ele a levou para um dos quartos.

— Estas casas foram construídas há anos para os mineiros, mas hoje não tem muita gente morando aqui. A maioria é de antigos habitantes que vivem de salário ou gente como eu e você que está tentando economizar dinheiro. — Ele parou ao lado do quarto, com uma mesa, cadeira e uma estante provisória. — Vou precisar de um gabinete. Acho que podemos colocar umas duas cadeiras e uma televisão e teremos um bom escritório. — Ainda segurando-a pela mão, levou-a para o quarto, uma expressão encabulada no rosto.

Outono prendeu a respiração, surpresa. As paredes haviam sido pintadas de branco. A cama era

nova e forrada com uma colcha de cores brilhantes. Havia duas mesinhas-de-cabeceira, com abajures com base de vidro. O chão gasto ocultava-se por baixo de um tapete, e havia cortinas alvas como neve nas janelas.

— É lindo — sussurrou ela.

— Queria que você tivesse pelo menos uma coisa bonita. — Pegou-a nos braços e levou-a até a cama, deitando-se ao lado dela.

Outono correu a mão pela cama.

— Foi você quem fez isso? Tem um toque feminino.

— Eu fiz. Ella escolheu as coisas e me explicou o que fazer.

— Quem é Ella?

— Mora ao lado.

— Sim, mas quem é?

Lonnie limpou a garganta.

— Esta cidade é segura, mas é uma cidadezinha bem quente com um divertimento para cada um. Temos o clube de campo para a elite. O Elks para a classe média e os bares clandestinos para os operários. A bebida aqui é proibida, mas logo no limite da cidade temos bares que servem bebida. Temos uísque, jogos clandestinos e belas garotas. Ella trabalha em um desses bares. Ela bebe muito, mas é uma boa garota.

Os olhos de Outono fitavam-no fixos e arregalados.

— É uma prostituta?

— Não. Ella não é prostituta.

— Qualquer mulher que se vende é prostituta, Lonnie. Até eu sei disso.

— Existem prostitutas e prostitutas. Ella não é prostituta. Espere até conhecê-la e verá.

Os olhos de Outono se estreitaram, inquisitivos.

— Como a conheceu?

— No bar onde ela trabalha, mas isso foi antes de conhecer você.

Outono compreendeu e empertigou-se na cama, a boca aberta, incrédula.

— Você dava dinheiro para... para... uma mulher... uma prostituta?

— Não — respondeu ele, desviando o olhar para a parede.

Ela pegou-o pelo queixo, forçando-o a olhá-la.

— Você pagava, não é?

— E se eu fizesse isso?

— Não sei. — Ela parecia perplexa, e deu de ombros. — Acho que eu pensava que apenas homens horríveis tinham que pagar para isso.

Lonnie soltou uma gargalhada diante da simplicidade dela, tomando-lhe o rosto entre as mãos e beijando-a nos lábios. Os lábios dela estavam quentes, mas inertes e insensíveis. Ele afastou-se e olhou-a intrigado.

— O que foi? Algo errado?

— Acho que não vou gostar de viver ao lado de uma mulher que você... que você conhece.

— Ella? Eu não a “conheci”.

— Não?

— Não. Conhecia em uma das tabernas, mas não fiz sexo com ela.

— Mas fez com outras mulheres?

— Uma, talvez duas vezes. Não tem nada a ver com a gente, Outono. Eu amo você. Não as amava.

Elas eram corpos, alguém a quem um homem recorre quando está só, ou precisando mergulhar seu sexo em alguma coisa quente, ou simplesmente quando bebeu demais. Ella é uma boa pessoa, mas se você se incomodar em viver ao lado dela, mudaremos daqui.

Os olhos dela brilharam, provocantes.

— Mudarmos... e deixar esta casa maravilhosa? O que está tentando fazer comigo, Lonnie?

Os olhos deles se encontraram, em mútua compreensão. Lonnie puxou-a para mais perto e deu-lhe um beijo longo e profundo que terminou em uma meia gargalhada. Ela saiu da cama, pegando-o pela mão.

— Venha. Vamos matar baratas.

Na cozinha, Outono lembrou a última observação de Lonnie no carro e fez-lhe uma pergunta.

— O que significa “gasosa”?

— Significa que você tem muitos presuntos e feijões.

— Falando sério, Lonnie. O que quer dizer?

— Metano.

Lonnie estivera certo em relação a Ella, mas ainda havia muito de Turtle Ridge em Outono para que se sentisse à vontade com a mulher. No entanto, estava curiosa e intrigada. A prostituição era algo que se lia em livros ou se via em filmes. Não era comum em alguém que se conhecesse, com certeza não a vizinha.

Após conhecer Ella, Outono lembrou a si mesma que Molly a ensinara a não julgar e a aceitar as pessoas como elas são, e não pelo que gostaria que elas fossem. Ainda assim, Outono mantinha uma certa distância entre ela e a vizinha.

Durante o dia, Ella tinha uma aparência refrescante, mas quando a noite caía, seu rosto refletia todas as cores do arco-íris. Era dez anos mais velha que Outono, com cabelos cor de mel que iam até os ombros, grandes olhos verdes expressivos e um jeito despreocupado e leve que era irresistível. Outono não conseguia imaginar que alguém pudesse não gostar de Ella. Era carinhosa e honesta, dotada de uma natureza generosa, o que forçava Outono a admitir que as suas eram ideias esnobes, algo que sempre detestara. Tentava aceitar Ella como era, mas cada vez que se encontravam, o velho reverendo Anderson e seus punhos retumbantes ecoavam em seus pensamentos, vociferando o inferno e a danação para aqueles que desejassem e fornicassem.

Mesmo assim, não a evitava. Gostava de conversar com a vizinha, e frequentemente iam fazer compras juntas. Ella mostrou-lhe a cidade, apontou os melhores lugares para fazer boas compras e ensinou-a a regatear com os negociantes de móveis usados. Durante uma dessas incursões, Ella mencionou que o pai fora pastor em Indiana. O contraste entre a vida de Ella e a do pai pareceu-lhe tão inacreditável que Outono explodiu em gargalhadas. Olhou para Ella e de súbito a barreira que construía entre as duas caiu por terra de maneira inesperada e completa.

Ella também desatou a rir, e a distância entre as duas extinguiu-se. Ao longo das semanas, desenvolveu-se uma amizade permanente, tão forte quanto um vínculo amoroso entre irmãs. Outono sentia que de certa forma Ella preenchia o espaço deixado pela ausência de Molly.

Com a aproximação, Ella contou sobre sua vida antes de ir para Edisonville. Fora tímida quando criança, e se achava comum. Reprimida e aterrorizada pelo pai, só entrou em um cinema aos 18 anos. Maquiagem era um pecado contra Deus, um instrumento do demônio para excitar e provocar os homens, fazendo-os se afastarem dos caminhos do Senhor.

O pai mantivera Ella sob rédeas curtas até que surgiu Jack e a libertou. Jack era um demônio alto e belo, um estranho de passagem pela cidade. Conheceram-se inocentemente, em uma loja de esquina. Ele era agressivo, e sabia as coisas certas que devia dizer a uma garota tímida como Ella. Em poucos dias ela estava perdidamente apaixonada, e acreditava que Jack também a amava. Quando ele quis que ela o acompanhasse e deixasse a cidade, Ella não hesitou.

Jack não gostava de ficar muito tempo no mesmo lugar, assim estavam sempre mudando. Em cada nova cidade, Ella trabalhava como garçonzete ou balconista enquanto Jack vagabundeava. Estavam juntos há dois anos quando se mudaram para Edisonville e Jack descobriu os locais de carteados. Ele não gostava de trabalhar, mas adorava jogar.

Após quatro meses em Edisonville, Jack havia se afundado tanto que não conseguiu mais sair. Procurou Ella, e em voz meio amorosa, meio amedrontadora, tentou persuadi-la a trabalhar como prostituta para pagar sua dívida no Rex's. O medo de perdê-lo era tanto, que Ella acabou concordando.

Na primeira vez, sentiu-se como um pedaço de carne esticada em um espeto. Na vez seguinte foi

mais fácil, na outra mais fácil ainda. Quando as dívidas de Jack foram saldadas, a prostituição tornara-se um modo de vida para ela. Pouco a pouco Ella mudara. Não era mais tímida nem amedrontada. Agora era dona do seu nariz, e não ficaria mais sob o controle do pai ou de Jack. Quando ele se preparou para mudar, ela sorriu e lhe disse adeus.

— Sabe — disse Ella certo dia — às vezes ainda fico pensando se fugi com esse cafajeste por causa do amor ou apenas para escapar do velho.

Ella admitia francamente que um homem a levava à prostituição, mas que permanecera nessa vida porque assim preencheria uma necessidade. No entanto, agora estava lutando desesperadamente para sair disso. Brincava dizendo que certa manhã olhara-se no espelho e se dera conta, de repente, das rugas surgindo no rosto; então, decidira que a prostituição não era mais um lugar adequado para uma mulher chegando aos trinta. Queria mais: respeito, dignidade, talvez uma família, se conseguisse encontrar um homem que quisesse uma ex-prostituta como esposa.

Quando Outono sugeriu que seria mais fácil se ela saísse de Edisonville, Ella explicou que os clientes também eram seus amigos. De acordo com seus planos, precisaria do apoio deles. Saíra de um bom apartamento na rua dos Mineiros para economizar dinheiro. Em poucos meses haveria um carro-restaurant para alugar na rua Cinco, e pretendia consegui-lo. A maior parte do dinheiro que conseguia, levava diretamente para o banco, e continuava com um carro que mal a transportava pela cidade.

Ao longo das semanas, as duas tornavam-se cada vez mais confidentes. Não havia segredos, exceto um, o qual Outono precisava primeiro revelar a Lonnie antes de contar a outra pessoa. Começara como uma suspeita, que logo se tornou realidade. Outono estava grávida, e seu ventre estava fazendo os habituais e esperados movimentos.

Toda manhã era a mesma coisa. Ondas de náuseas revolucionavam-lhe o estômago, que se torcia até transformar-se em um nó, revolvendo-se intensamente. Deitava-se na cama, engolindo em seco, tentando reter a bile ácida que subia pela garganta. Contendo um gemido, saía do lado de Lonnie, adormecido, e corria para o banheiro. Os pés bem plantados, Outono debruçava-se sobre a pia enquanto o estômago movimentava-se cada vez mais, sentindo ânsias de vômito.

Não contara a Lonnie, e não sabia como dizer-lhe. Talvez: Lonnie, você se lembra da primeira vez junto ao rio?... Bem, vou ter um bebê... Não, não era isso que queria dizer. Lonnie, o que acha de ter um filho ou uma filha?... Lonnie, eu te amo... vou ter um filho... Lonnie, onde vai arranjar dinheiro para um bebê?

Logo após a mudança para Edisonville, ela consultara um médico. Quando ele soube da possibilidade dela já estar grávida, prescreveu-lhe um diafragma, em vez de pílulas anticoncepcionais — fechando a porteira depois dos cavalos já haverem debandado, como diria Molly. Após a primeira vez, Lonnie tomara precauções, e depois veio o diafragma, assim Outono sabia que o bebê só podia ter sido concebido na primeira vez em que haviam feito amor.

Outono recordou aquela noite junto ao rio e sorriu. Lonnie a penetrara audacioso, sem esperar encontrar uma virgem, nem mesmo em Turtle Ridge. Então sentira-se culpado, como se houvesse acabado de roubar o National Bank de Turtle Ridge.

— Você não agiu como uma virgem — dissera ele.

— Como é que uma virgem deve agir?

— Tímida, nervosa, desajeitada.

— Com quantas virgens você já transou?

— Com nenhuma até agora.

— Então como é que sabe?

Os olhos de ambos se encontraram e riram juntos.

— Não se preocupe, Outono. Raramente as mulheres engravidam na primeira vez.

Isso fora em fins de agosto. Agora já estavam em princípios de outubro, portanto Outono sabia que estava grávida há seis semanas. Ela se empertigou, olhou-se no espelho e piscou para a imagem, pálida e grávida, e indagou: Lonnie, você ainda vai me amar quando eu estiver grávida e gorda?

Retornou ao quarto, colocou o roupão e debruçou-se sobre Lonnie ao ver que ele estava acordado sob a luz difusa que vinha do teto.

— Bom dia, querido.

— Bom dia. Você levantou cedo.

— Acordei cedo.

— Por quê? O despertador ainda nem tocou.

— Simplesmente acordei. — Ela saiu correndo do quarto, foi até a cozinha e fez o café. Enquanto o café não ficava pronto, fritou ovos e bacon para Lonnie. Sentou-se à mesa e mordiscava uma torrada e bebericava café preto quando ele apareceu.

Lonnie pegou uma cadeira ao lado dela e fez um gesto em direção ao resto da comida.

— Não vai comer?

— Não estou com fome.

— Você não tem sentido fome nesta última semana. De manhã sempre tem uma fome voraz. — Ele bebericou o café, buscando os olhos dela por cima da xícara. — O diafragma não adiantou, não é?

Ela pestanejou, surpresa.

— Como sabe?

— Quando uma mulher começa a ir para o banheiro toda manhã, está na cara. Estava esperando você me dizer. O que ia fazer, esperar até o bebê nascer achando que eu não ia perceber você engordando?

— Você sabia — falou ela asperamente. — E não me disse? Estive pensando na melhor maneira de lhe contar durante dias e você sabia o tempo todo. Isto é sujeira, Lonnie. É uma verdadeira sujeira.

Ele abriu um sorriso.

— O que pensou que eu ia fazer, mandá-la de volta para Molly? Eu não faria isso. Gosto de você cozinhando.

Ela observava-o atacar o café da manhã vigorosamente. Se estava preocupado com a gravidez, não estava deixando-a interferir em seu apetite. Vez por outra, ele fazia uma pausa e sorria para ela, enquanto nos outros momentos comia como se não acontecesse nada de importante. Outono esperou até ele pousar o garfo e beber o café para perguntar:

— Como se sente em relação a um filho?

— É um jogo de cara ou coroa. Eu gostaria de um cão de caça, mas acho que vou ter que me contentar com um garotinho de nariz escorrendo.

— Obrigada! Muito obrigada. Fico aqui vomitando e você fazendo piada. Lonnie Norton... amo você. Mas nesse momento... odeio você. — Ela saiu da cadeira de um salto, afastou-se e atirou uma torrada nele.

Lonnie soltou uma gargalhada e agarrou-a pela cintura, puxando-a para seu colo.

— Acho maravilhoso, doçura.

Ela se afastou com o cenho franzido.

— Parece maravilhoso, mas você já pensou no que isto pode significar?

— Já. A faculdade terá que esperar mais um ano.

— Não, não pode ser. Estive pensando.

Ele soltou um gemido.

— Que Deus nos ajude. Quando você pensa, geralmente acabamos em encrenca.

— Não. Fique quieto e escute. Poderemos aguentar as despesas se eu começar a trabalhar. Tenho saúde, e só fico enjoada de manhã. Posso trabalhar até o bebê nascer. E mais tarde posso conseguir uma babá. O mais importante é seu diploma.

— Ei — retrucou ele, carrancudo e preocupado. — Não casei com você para me fazer terminar a faculdade.

— Sei disso. O que estou fazendo é por nós dois. Desejo coisas boas para meus filhos, assim como para você. Não quero que eles precisem ir para a escola usando sapatos gastos ou alimentá-los com feijões toda noite porque é tudo que podemos comprar. Além do mais — disse ela, sorrindo

— não quero um mineiro como marido. Mas sim um engenheiro fantástico.

Ele também riu.

— Não consigo dizer não para você. Se quer trabalhar, então faça isso.

— Ele deixou-a sair de seu colo e se pôs de pé. — Consulte um bom médico. Se vamos ter um filho, quero que seja saudável, e quero que cuidem de você. Fale com Ella. Ela deve conhecer o melhor médico. — Ele pegou a marmita, sorriu e piscou. — Te amo, doçura.

Outono deu-lhe um beijo barulhento, mas franziu o cenho quando a porta se fechou atrás dele. Não ia ser tão fácil quanto fingira. Não lhe contara, mas fora a todas as lojas de ferragens da cidade, apenas para saber se não estavam precisando de empregados. Fora a vários outros lugares, mas os resultados haviam sido semelhantes. Tampouco o trabalho da mina estava indo bem. No último mês, várias lojas haviam fechado devido ao equipamento defeituoso. Lonnie só trabalhara três semanas completas desde que haviam se casado.

Ela juntou os pratos e levou-os para a pia, abriu a torneira e colocou detergente. Agora Outono desejava não haver gasto todo o dinheiro para o estudo em mobília. Planejava gastar apenas um pouco, mas o sofá e as cadeiras usados tinham uma aparência terrível, assim comprara uma cadeira usada, o que fez com que a mesa parecesse sucata, e logo acabou remobiliando toda a casa.

No entanto, agora a casa estava habitável. Ella ajudara-a a pintá-la. Lonnie passara semanas às voltas com martelo e pregos. Molly mandara uma máquina de costura para ela e fizera cortinas e colchas. Lonnie agora tinha seu escritório. A sala de estar continuava com a mobília usada, mas estava limpa e confortável. A cozinha era aconchegante e quente, pintada de amarelo e branco suaves. Conseguiram transformar um barraco imundo em um lar.

Outono voltou para os pratos, mas a preocupação continuou. Terminou de arrumar a cozinha, reuniu os tapetes e levou-os para fora, para serem sacudidos. Ella estava de pé no alpendre, tomando uma xícara de café, fumando um cigarro e contemplando o nada. Geralmente ela dormia até o meio-dia, portanto Outono ficou surpresa ao vê-la de pé tão cedo. Precisava ouvir o som de uma voz alegre.

Outono atirou os tapetes no alpendre e desceu os degraus correndo. Estava descalça e as pedras machucaram-lhe os pés. Foi saltitando pelo quintal até o alpendre de Ella, o roupão adejando, abrindo-se descuidado na altura das pernas.

— Adivinhe quem vai ter um bebê?

Os olhos verdes de Ella arregalaram-se brincalhões.

— Quem... Lonnie?

— Não. Jogamos no palitinho e perdi. — Outono chegou ao alpendre e pisou na borda do roupão. — Preciso de um médico. Você conhece um bom?

— Está brincando? Conheço cada filho da mãe escravo do dinheiro de Edisonville. Nunca o consultei, mas o dr. Albright é considerado o melhor. Precisarei ir à cidade logo. Por que não vem

comigo e mostro-lhe o consultório dele? Damos uma parada e você marca uma consulta.

— Claro. A que horas quer ir?

— Em cinco minutos. Hoje vou fazer um grande depósito na minha conta. Estou quase chegando lá. Mais dois meses e o carro-restaurant será meu, assim como meu corpo. — Ella jogou a ponta do cigarro no chão e terminou com o resto de café na xícara. — Sabe, agora que decidi sair, estou muito avarenta com meus ossos e quem os pega. — Debruçou-se sobre Outono e lhe deu um cutucão. — Aprese-se e se vista. E pelo amor de Deus, não esqueça de novo os sapatos.

As duas deram uma parada rápida no banco e no mercado; em seguida, Ella atravessou a cidade até o consultório do dr. Albright. Outono franziu o cenho quando se aproximaram do grande prédio de tijolos. Os carros estacionados eram todos de último tipo, carros esporte e Cadillacs.

— Não posso pagar um lugar assim, Ella.

— Bobagem. Qualquer charlatão pode lhe dar um diafragma, mas você está grávida. Deve receber o melhor.

Ella estacionou ao lado de um conversível vermelho. O sol afastara o frio matutino e a capota achava-se arriada. O motorista estava sentado ao volante e Outono reconheceu Brian Osborne, o homem que vira sobre o cavalo. Quando saiu do carro, ele lançou-lhe um olhar por sobre o ombro, virando-se para olhá-la.

— Você é nova na cidade, não é?

Ela assentiu e correu atrás de Ella. Na sala de espera do consultório, informaram-lhes que o dr. Albright não estava aceitando novos pacientes.

— Parece — disse Ella, empurrando Outono em direção à porta —, que o dr. Albright só trata a elite de Edisonville. O dr. Carlson é o outro melhor. Vamos consultá-lo.

Outono assentiu e seguiu atrás de Ella até o carro. O conversível continuava estacionado no meio-fio, mas agora havia uma loura com Osborne. Eia falava com Brian, que assentia, mas seus olhos seguiam Outono, que entrava ao lado de Ella no carro.

Ella soltou uma gargalhada e ligou o motor, afastando-se do meio-fio.

— Acho que o Brian gostou de você.

— Pensei que estivesse na faculdade. Por que ele estaria em casa agora?

— Quem é que sabe? — Ella virou o volante e entrou na Main Street. — A mulher é Lisa Albright. Filha do médico, e pelo que ouvi dizer, terrivelmente mimada. Falam que Brian e Lisa devem se casar. Isso foi planejado desde que eram crianças. Brian e Lisa são os líderes do grupo do clube de campo. Em geral, ficam jogando no clube, mas às vezes resolvem visitar os bairros pobres e ir às tavernas. Aí eles realmente fazem aquela arruaça.

Outono só ouviu uma parte do comentário de Ella. Estava pouco ligando para Brian Osborne ou Lisa Albright, ou o grupo do clube de campo. Tinha muita coisa em seu pensamento. Baixou a mão até a barriga e pensou na vida crescendo ali; um filho, uma filha. Não importava o quê. Queria o bebê, mas certamente isso complicava as coisas. Olhando para Ella indagou:

— Sabe onde posso arranjar um emprego?

Por um instante, Ella pareceu perplexa.

— Boa pergunta. Não há muitos trabalhos na cidade. O que sabe fazer?

— Limpar casas sujas. Sou uma verdadeira perita em latas de lixo.

Ella abriu um sorriso malicioso.

— Poderia tentar a casa dos Osborne. Eles empregam muita gente.

— Claro, e o filho ia ficar me comendo com os olhos. Não, obrigada. Eu fazia faxina em Turtle Ridge. Se recomeçasse, seria como andar para trás.

— Bem... existe sempre a fábrica de roupas. Eles fazem casacos. Você poderia tentar. O dono é Douglas Osborne.

— O que mais?

— Não há muita coisa.

— Creio que não quero trabalhar para ele.

— A fábrica é a que paga melhor na cidade, e acho que você receberia treinamento.

— Pensando melhor, acho que gostaria de trabalhar para Douglas Osborne.

— Sabia que ia mudar de ideia. Primeiro iremos à fábrica, e depois ao dr. Carlson.

Outono olhou pela janela enquanto desciam a Broadway. Quase todos os prédios levavam o nome Osborne na fachada.

— Não entendo esta cidade. Todo mundo age como se os Osborne fossem uma espécie de deuses. Às vezes tenho a horrível sensação de que esta cidade tem medo deles.

— A cidade depende deles. A sobrevivência vem dos Osborne. Para a cidade, os Osborne são Deus... especialmente Douglas.

— Oh — fez Outono, uma sobancelha fina arqueada. — E o homem poderoso também anda pela água?

— Pode apostar. E quando as coisas ficam realmente ruins, ele produz vinhos dos céus e pilhas de... pão velho.

Outono podia ouvir o zumbido constante das máquinas poderosas atrás da parede às suas costas. Na sua frente encontrava-se uma recepcionista diante da porta entreaberta onde se lia “Sr. Martin — Superintendente”. Ela já quase completara a ficha de inscrição quando vozes masculinas se alteraram, irritadas, atrás da porta. Outono lançou um olhar inquisitivo em direção a Ella.

— Parece Douglas e Brian. Pelo que ouvi dizer, os dois brigam feito cão e gato.

— Acabamos de vê-lo. Como chegou aqui tão rápido?

— Ele dirige mais rápido do que eu. — Ella riu e revirou os olhos. Ele é sempre assim. Não é raro ver o carro vermelho descendo a Main Street voando com o velho chefe Hadley atrás.

Outono sorriu e voltou-se para a ficha de inscrição, mas ergueu a cabeça rapidamente quando as vozes altearam-se. Então ouviu uma voz áspera dizer:

“— Você não vai fazer isso.”

“— Já fiz, pai. Quero fazer arqueologia.”

“— Você é um Osborne. Algum dia esta cidade será sua, e precisa estar pronto para assumir a responsabilidade. Mudar para arqueologia é estupidez, asinino e não vou permitir isso.”

“— Você não pode fazer nada.”

“— Com os diabos se não posso. Tiro teu rabo da faculdade e te trago para casa. Você não vai desperdiçar tua vida brincando com um punhado de múmias desgraçadas.”

“— Com os diabos se você vai. Tenho 22 anos, e o dinheiro que mamãe me deixou será o bastante para a faculdade e tudo mais que eu quiser.” “— Claro — disse ele enojado. — Você tem uns duzentos e pensa que está rico. Do jeito que gosta de brincar, esse dinheiro não vai dar nem para as bebidas e as mulheres.”

Outono olhou para Ella e estalou a língua.

— Uns duzentos — ela sussurrou. — Pobre garoto.

Ella riu e olhou para a porta enquanto as vozes se transformaram em gritos.

“— Você está sendo cabeça-dura.”

“— Você também, pai.”

“— É muito pedir a meu único filho que trabalhe junto comigo?” “— Não podemos trabalhar juntos.

Não sou seu tipo de homem. Você me dá com uma mão e tira com a outra. Já vi você tirar um homem do buraco, só para chutar o pobre-diabo nos dentes antes dele ficar de pé. Nesses anos vi você transformar meus tios em robôs bem comportados. Isso não vai acontecer comigo. Tenho uma vida, e vou vivê-la à minha maneira.” Pareceu a Outono que uma cadeira havia sido virada, e em seguida a voz de Douglas soou retumbante, furiosa e rebelde.

“— Chega dessa merda. Coloque o rabo na faculdade e cuide de suas coisas. Dentro de uma semana quero ouvir que você mudou de carreira. É uma ordem.”

“— Agarre-se a sua ordem. Estarei de volta nas férias. Poderemos conversar depois.”

“— Venha cá, Brian. Ainda não terminei.”

“— Terminou sim.”

Outono lançou um olhar para Brian quando ele apareceu na sala de espera. O rosto jovem estava rubro de raiva, mas os olhos pareciam preocupados e um tanto tristes. Ela sentiu pena dele, e esboçou um sorriso fraco. Nos olhos dele surgiu o reconhecimento e fitou-a intensamente por um instante. Por fim, virou nos calcanhares, a mandíbula crispada, passando pela recepcionista como um raio e desaparecendo no comprido corredor.

Outono se pôs de pé com a ficha de inscrição e aproximou-se da mulher na mesa. A recepcionista sorriu e pegou a ficha.

— No momento não dispomos de vagas, mas a chamaremos se surgir alguma.

— Acha que consigo uma vaga logo?

A mulher lançou um olhar em direção à porta do escritório e em seguida para Outono.

— Não. Nossa política mudou. Estamos aceitando fichas, mas o sr. Osborne ordenou que só sejam contratadas as que têm experiência. São necessárias seis semanas para treinar uma mulher, e perdemos dinheiro se ela não mostrar resultados. Espero que compreenda.

Outono estava com uma resposta ríspida na ponta da língua, mas o bom senso disselhe que a culpa não era da recepcionista. Douglas Osborne era quem dava as ordens e decidia quem ia trabalhar em Edisonville.

— Sim — disse Outono, sombria. — Acho que estou começando a compreender.

O SOM varou a noite, um ruído tonitruante que aumentava de intensidade cada vez mais. Era um ruído penetrante, uma espécie de lamento cada vez mais alto, até tornar-se ensurdecedor. Outono acordou sobressaltada e sentou-se na cama. O ar tornara-se pesado, como se uma tempestade de raios estivesse sobre sua cabeça. Sentiu um medo inexplicável e esticou a mão em busca de Lonnie. Ele já saíra da cama, atravessara o quarto e corraera para apanhar as calças, o corpo formando uma larga sombra contra a luz da lua. Ela debruçou-se em busca do interruptor do abajur ao lado da cama.

— O que é isto? — gritou. — Que barulho horrível é este?

— O alarme. — A voz dele estava tensa, o rosto pálido. — Algum problema na mina.

— Problema? Que tipo de problema?

— Não sei. Pode ser um desmoronamento.

Ela sufocou um grito e colocou a mão na boca. Aquilo que colocara no fundo de seu pensamento acontecera, mas Lonnie estava com ela. Estava em segurança.

— Você acha que pode ser ruim?

— Não sei. — Ele se virou em direção à porta, agarrando o casaco enquanto corria até a saída.

— Onde você vai? — gritou ela.

— Até a mina. Os homens podem estar metidos em encrenca. Precisamos chegar até eles.

— Não! — Outono saltou da cama. Correu atrás dele, a comprida camisola abrindo-se entre as pernas enquanto corria pela sala de estar. Lonnie já estava chegando na porta quando ela o pegou pelo braço.

— Não vá. Deixe que alguém faça isso.

— Outono... — falou ele, desapontado.

Ela sentiu vergonha e desviou o olhar. Seu primeiro e único pensamento fora por Lonnie. Ele estava certo. Podia haver homens presos na mina. As esposas poderiam estar sozinhas, os corações descompassados de medo. Outono assentiu e abriu a porta para ele, observando-o sair de casa às pressas.

Colocou as mãos nos ouvidos enquanto o som do alarme redemoinhava e reverberava em volta dela. Era o mesmo som que ouvia todo dia na hora do almoço, mas no meio da noite era como um chamado da morte. O vento frio de dezembro uivava nos beirais da casa, acrescentando uma nota sobrenatural ao tumulto que acabara com a tranquilidade.

Outono não sabia se era o quarto frio ou os sons à sua volta, mas um calafrio começou no pescoço e percorreu-lhe a espinha. Apertou os braços em volta dos seios, foi até o quarto de pés descalços e colocou um roupão grosso e os chinelos. A cama parecia quente, aconchegante e convidativa, mas de alguma maneira dormir pareceria um pecado, mesmo se sentisse sono. Saiu do quarto, refletindo que saltara da cama há apenas poucos minutos; no entanto, aquele momento parecia distante e longínquo.

Vagando sem objetivo pela casa, olhando sem ver as coisas à sua volta, forçou-se a entrar na sala de estar e sentar-se no sofá para aguardar Lonnie. Pegou um livro na beira da mesa, mas ficou olhando fixamente as chamadas azuis e amarelas bruxuleando no pequeno aquecedor a gás.

Ainda estava aninhada a um canto do sofá quando o amanhecer surgiu. Observou o sol explodir ao leste, trazendo junto a claridade de um dia frio. O vento amainara, e agora a casa estava silenciosa. Aquela parecia mais uma manhã comum, exceto que Lonnie não se achava ao seu lado. Normalmente a essa hora ela estaria preparando o desjejum, fazendo o almoço de Lonnie e conversando com ele sobre

Ella ou sobre o bebê que estava crescendo tão rapidamente em seu ventre. Agora as roupas estavam muito apertadas, e logo seria forçada a usar roupas para grávidas, e que não podiam comprar. As semanas haviam passado até chegar dezembro, e ela ainda não encontrara trabalho.

Tocou a protuberância em sua barriga e de repente sentiu necessidade de ver Lonnie, tranquilizando-se de que ele estava bem. Levantou-se do sofá, foi até o quarto e colocou roupas quentes. Se Lonnie não podia vir vê-la, ela iria até ele.

A cena na mina era praticamente mais do que ela conseguia compreender. A confusão era generalizada, e Outono se deixou ficar petrificada. O ar zumbia de excitação que ia além do raciocínio. Os ânimos estavam exaltados, os homens gritavam. Enquanto olhava a multidão à sua volta, solavancos subiam-lhe pelos braços e uma sensação de formigação envolvia-lhe a cabeça.

A área encontrava-se cercada por cordas e guardada pela polícia, mas uma multidão desobediente empurrava e gritava. Um homem se destacava, pela altura, da multidão. Usava um casaco de lã, um boné vermelho e tinha cabelos ruivos que saíam por baixo do gorro. Ele gritava “fodidos” em tom profundamente grave, sacudindo o punho no ar enquanto batia com os pés no chão congelado. Fez uma pausa suficiente para tirar um lenço do bolso e assoar o nariz, em seguida recomeçou a gritar e brandir o punho.

Um homem baixinho e atarracado, incitado por ele e empurrado contra as cordas até ser ameaçado por um policial brandindo um cacete. Resmungando zangado, ele desapareceu na multidão, só para ser substituído por outro, e ainda outros gritos e outro homem furioso. A polícia corria freneticamente, lutando para controlar a turba. Gritavam repetidamente para que todos fossem para casa, mas os homens não ouviam nem ligavam mais.

Outono sabia que era tolice, mas queria ver o que havia atrás da área cercada por cordas e entrou na multidão. Em questão de minutos, lutava para manter o equilíbrio. Quando todos se movimentavam, ela era lançada junto. Cotovelos atingiam-na nas costelas e nos seios. Ombros rijos a empurravam rudemente de um lado para o outro. Em certo momento ela soltou um grito agudo e chutou um homem que pisava-lhe no pé. Ele se voltou como que pronto para bater, mas baixou o punho ao ver uma mulher. Filou-a condescendente. Outono torceu o nariz para ele, abriu caminho entre os homens até conseguir enxergar a área cercada pelas cordas.

Limusines que só podiam pertencer aos Osborne estavam estacionadas junto a quatro ambulâncias. À esquerda havia um caminhão de jornal. Repórteres corriam de um lado para o outro como abutres. Homens negros de carvão surgiam e desapareciam. Ela ouviu trechos de conversa que lhe apertaram o estômago. “Desabamento... explosão. O pior desastre de minas dos últimos tempos.” Não queria ouvir mais nada, porém as palavras continuavam rodopiando à sua volta. “Cinquenta e três homens presos... alguns devem estar mortos... horas antes de serem alcançados.” E havia muitas perguntas. “Por quê?... Qual fora a causa?”

Era um pesadelo, um louco pesadelo desconexo, e ela fora apanhada no meio. A multidão agitada e pressionante fê-la sentir claustrofobia. Os ouvidos zumbiam com os gritos e as narinas ardiavam com os vapores fortes de enxofre. Ela ia desmaiar... ou vomitar. Jogou-se contra um homem que estava na sua frente e gritou.

— Deixe-me sair daqui. Estou grávida e vou vomitar.

Em meio ao clamor enlouquecedor, Outono percebeu um momento de humor quando cabeças viraram-se para olhar; em seguida foi como a abertura do mar Vermelho, os homens deram passagem. Agora ela sabia que fora um erro vir à mina procurar Lonnie. Queria o calor e a calma de sua casa, mas para recuperar-se, foi até o pára-lama de um carro e ficou contemplando as colinas a distância. Todos os

sinais do outono haviam desaparecido. As árvores nuas pareciam frias e vazias, e a calma das colinas evocava um sentimento de serenidade. Um contraste gritante com a insanidade que se alastrava em torno dela.

Quando correu os olhos sobre as cabeças oscilantes, viu as mulheres pela primeira vez. Ao contrário dos homens, estavam de pé silenciosas a um canto. Encontravam-se agrupadas em pequenos amontoados, algumas com os braços cruzados em busca de apoio. Havia uma sensação de espera tensa nelas que tocou e atraiu Outono. As idades variavam, mas cada rosto apresentava-se rígido com a tensão. Eram mulheres fortes e silenciosas com olhos cansados e cercados por olheiras.

Apesar de não conhecer nenhuma delas, Outono vira uma ou duas na cidade. Uma mulher alta e magra trabalhava em um carro-restaurante onde ela e Lonnie às vezes comiam um hambúrguer. Janie, a plaqueta indicava o seu nome, trabalhava como encarregada no mercado onde ela fazia compras. Outono falara com ela algumas vezes. Era esperta, cheia de alegria. Para Janie tudo era engraçado, mas agora não estava rindo. Seu rosto pequeno mostrava-se cansado e as bochechas rosadas molhadas de lágrimas silenciosas.

Outono engoliu o vômito na garganta e olhou para a multidão de homens. Aqueles tolos com seus bonés ainda sacudiam os punhos. Ela se levantou do pára-lama, pensando por que mostravam-se tão zangados? Com quem estavam zangados? Quando se voltava para ir embora, um homem passou correndo por ela. Estava coberto de poeira de carvão e parecia cansado e abatido. Correu atrás dele e pegou-o pelo braço quando ele estendia a mão para a maçaneta do carro.

— Meu marido — disse, a voz ansiosa. — Lonnie Norton. Você o conhece? Você o viu? Ele está bem?

O homem fitou-a com um olhar cansado e inexpressivo, como se pensar fosse um esforço demasiado.

— Sim — respondeu, assentindo com um movimento de cabeça. — Conheço Lonnie. Vi-o no buraco há poucas horas. Ele está bem.

Outono sentiu-se fraca de alívio.

— Obrigada.

Ele virou as costas para Outono e estava subindo em seu carro quando surgiu um repórter, colocando um microfone em seu rosto. O homem virou-se para ele furioso.

— Sai de perto de mim.

— Só quero saber alguns fatos. A coisa é tão ruim como dizem? Quantos mortos? Qual foi a causa?

O rosto largo e sujo de carvão do homem torceu-se em uma carranca de irritação. Os olhos castanhos escureceram-se e ele falou em voz baixa e escarninha.

— Porra, é ruim sim. Se quer os fatos, pergunte aos Osborne.

— Não consigo chegar até eles.

— A culpa não é minha.

— Qual foi a causa? Por que todo mundo está fazendo tanto segredo?

— Olhe, seu sanguessuga. Não tenho nada a dizer. Estou cansado e vou para casa descansar um pouco. — Ele subiu no carro, ligou o motor e saiu com um guinchar enraivecido das engrenagens.

O repórter ergueu uma sobrancelha, em seguida voltou-se para Outono com um menear de ombros.

— E a senhora? Tem alguém na mina? Talvez um marido... pai... irmão? Como está se sentindo agora?

Outono fitou o microfone e depois o repórter.

— Acho que na verdade você não quer mesmo saber. — Saiu majestosa, pensando se forasteiros compreenderiam as mentes dos moradores de uma pequena cidade de Kentucky. Poderiam lutar entre si,

mas o sofrimento era uma coisa particular, não algo para se transformar em um circo para jornalistas intrusos.

Levantou a gola do casaco, enfiou as mãos nos bolsos e correu pelas ruas desertas. Até o vento parecia perturbado e estranho. Estava um dia extremamente frio, mas quando Outono caminhará até a mina, mais cedo, mal havia uma brisa. Agora o vento voltara, de repente. Ele fustigava as árvores, fazendo com que as folhas caídas rodopiassem, varrendo-lhe os cabelos e espalhando-os sobre o rosto como um leque castanho-avermelhado. As bochechas logo estavam queimando com o fustigar do vento frio, o nariz vermelho. Vapores exalavam a cada respiração. Sentindo o vento assobiar entre as pernas, mergulhou ainda mais no calor do casaco, a cabeça baixa contra o ar frio. Por fim, entrou na rua dos Mineiros, movimentando-se rapidamente.

A casinha pobre nunca parecera tão aconchegante aos olhos de Outono. Do outro lado de sua porta batida pelo mau tempo havia o calor e a normalidade. Naquele momento pareceu-lhe que o mundo inteiro virara de pernas para o ar. Entrou de supetão na casa, jogou o casaco no sofá e estava se dirigindo ao aquecedor a gás quando parou surpresa, ao ver Molly sair da cozinha. Outono estivera tão envolvida em seus pensamentos que passara pelo carro da tia sem nem ao menos vê-lo. Por um instante, sentiu vontade de correr para a tia como se fosse uma criança, sentindo o toque suave de sua mão, dizendo-lhe que estava sofrendo.

— Estou contente por estar aqui — disse simplesmente.

Molly assentiu.

— Ouvi sobre o acidente na televisão hoje de manhã e vim correndo. Achei que você poderia precisar de mim, mas pelo seu rosto vejo que Lonnie está bem.

Outono voltou-se para o aquecedor e debruçou-se em direção ao calor.

— Ele está bem... acho. Não consigo deixar de me preocupar. Ele estava em casa quando aconteceu, mas foi correndo para a mina. Fiquei lá até agora. Não consigo acreditar, tia Molly. É uma loucura. Gente normal e calma está agindo como animais enfurecidos. Ficam empurrando, gritando obscenidades para as mesmas pessoas com quem estavam bebendo ainda ontem.

Molly acomodou-se no sofá.

— É o choque. Eles vão acalmar seu ódio. Aí é que sentirão o sofrimento. Os gritos e palavrões ajudam a afastar a dor. A raiva é a melhor defesa contra o sofrimento.

— Foi tudo tão repentino. Não tivemos aviso. Não houve uma só pane desde outubro. — Ela desviou o olhar de Molly e estendeu as mãos para o fogo. — É difícil de acreditar. Sinto-me como se estivesse em um pesadelo e fico esperando que Lonnie entre por aquela porta e me diga que não é verdade a qualquer momento. — Virou-se para Molly com uma expressão amedrontada. — O que me assusta é que isso poderia ter acontecido no turno de Lonnie. Eu poderia ser uma das mulheres de pé lá esperando. Eu morreria se acontecesse algo a Lonnie.

— Não morreria não. Você poderia sentir vontade de morrer, mas não morreria. — Molly levantou-se do sofá. — Fiz um pouco de café. Acho melhor prepararmos alguma comida. Lonnie já deve estar chegando. Quando voltar, vai querer um sorriso e um carinho da esposa. Não vai querer ver seu rosto todo franzido e amedrontado. Acho que ele já viu muito disso hoje.

Outono sabia que, com seu jeito sutil, Molly estava lhe dizendo para crescer. Acompanhou Molly e se movimentaram pela cozinha automaticamente. Molly não era de conversar, mas procurou manter um diálogo constante.

— Bobby Joe Proctor foi para a faculdade. Pretende ser um grande advogado da cidade algum dia... revistaram os armários da escola e encontraram maconha, o que deu a maior confusão em Turtle Ridge... Deram uma batida no alambique de Tucker... Jeb disse que a loja de ferragens nunca mais seria a mesma

sem você, querida... todos ainda lembram do dia em que você se enraiveceu e virou a lata de larvas no chão da sra. Baker.

Outono ficou recordando e caiu na gargalhada, mas não conseguia afastar a tensão. Fritaram uma galinha, que esfriou no forno quando a hora do almoço chegou e Lonnie não apareceu. Outono cuidou da casa junto com Molly, mas a rotina diária, que em geral a acalmava, só levou à frustração. No fim da tarde, ela estava andando de um lado para o outro e olhando o relógio.

Lonnie se fora há 24 horas. Outono olhou o relógio. Dez horas da noite. Ficou de pé, sacudindo os quadris enraivecida e praguendo.

— Malditas sejam as minas. Maldito seja aquele buraco sujo no chão. E malditos sejam os Osborne.

— Por quê? Por que eles são os donos da mina? — indagou Molly.

— Não são apenas donos da mina, mas dominam e controlam tudo em Edisonville. Aquele velho desgraçado fica sentado naquela casa branca enorme reinando sobre a cidade como se fosse Deus. Não é justo. Ninguém deve exercer tanto controle sobre os outros. Sinto vontade de chutar, arranhar e rasgar. — Ela chutou um tapete enrolado que caiu do outro lado da sala.

Molly olhou-a, assentindo apaziguadora.

— Por que não faz um café? Tem tempo suficiente para se irritar com as minas e os Osborne depois.

Outono fitou-a estranhamente.

— Acabei de fazer café ainda há pouco.

— Está velho. Jogue fora e faça um café fresco. Lonnie agora deve estar chegando. Ele vai querer café fresco.

Outono sabia que o café não estava velho. Era a maneira de Molly mantê-la ocupada. Foi até a cozinha, detendo-se rapidamente para esticar o tapete que havia chutado, transformando-o em uma bola. Caminhou até a janela e olhou o contorno indistinto da casa de Ella, que despontava na escuridão, as cortinas cerradas. Ella estava em Lexington, fazendo os preparativos para alugar o carro-restaurant na rua Cinco. Finalmente ela conseguira. Mais algumas semanas, dois meses no máximo, e Ella seria respeitável, para os padrões tacanhos de Edisonville.

Correndo a mão pela superfície suave do balcão, Outono pegou o bule de café e olhou-o embotada. Largou-o e foi até a sala de estar, onde Molly estava sentada com os olhos semicerrados.

— Podemos muito bem tornar o café velho. E também comer a galinha velha no forno. Lonnie ainda vai demorar muito para retornar.

— Quem disse?

Outono voltou-se com o som da voz dele e o coração acelerou. Ele estava de pé, alto e forte, o homem que era o centro de seu universo, os ombros largos quase preenchendo todo o umbral da porta. Os olhos risonhos e azuis como as centáureas sempre pareciam dar um toque de primavera quando ele a olhava. Agora, no entanto, estavam toldados pela fadiga; não brilhavam e não apresentava aquele sorriso torto e fugaz.

— O que quer primeiro? Um banho ou uma galinha quente mas passada? — indagou ela.

O sorriso surgiu lentamente, retorcido, mas ainda assim um sorriso, e ele disse:

— Você.

O DESASTRE dos últimos dois dias terminou tão abruptamente quanto começara. Em determinado instante estavam tirando os corpos da mina, e de repente tudo terminara, provocando um estranho silêncio que envolveu a cidade. Em apenas dois dias, 26 homens haviam sofrido ferimentos graves, trinta tiveram pequenos ferimentos e 14 haviam morrido. A mina fora fechada, deixando muitos sem trabalho.

Outono atravessara os dias em uma névoa de espera e perplexidade. Lonnie estava em casa, e de súbito saía. Dormia pouco e comia correndo. Profundas linhas de fadiga cortavam-lhe o rosto, os olhos embotados com o remorso pela perda de seus companheiros de trabalho. Certas vezes, ela captava algo mais. Raiva, perplexidade? Outono não conseguia definir a expressão momentânea que brilhava em seus olhos.

Durante os curtos períodos em que ele ficava em casa, Outono permanecia a seu lado. Esperava-o sair do banho e entregava-lhe a toalha. Quando ele comia, ela lhe estendia o prato de comida. Quando ele dormia, aninhava-se em seus braços. E quando ele saía, ficava à sua espera com Molly. Como Molly previra, a hostilidade que a princípio envolvera a cidade agora desaparecera, deixando-a imersa em depressão.

Outono entrou no banheiro quando Lonnie saía do chuveiro. Pegou a toalha do porta-toalhas e secou-o.

— Estamos sem pão, querido. Mandei Molly até a loja. Artie telefonou. Avisei a ele que estava tudo bem. Não vi Ella, mas o carro esta no estacionamento. Acho que ela chegou de Lexington durante a noite. — Conversa fútil, pensou ela. Por que estou jogando tanta conversa fora quando há tanto que quero dizer? Deslizou para os braços dele e ele a apertou, como se para captar um pouco da ternura para si, e Outono retribuiu, esperando absorver um pouco da força dele.

De repente ela se afastou e ergueu o olhar para Lonnie.

— Não entendo. Como pode uma explosão provocar tanto estrago?

— Ele franziu o cenho e linhas de preocupação enrugaram-lhe os olhos.

— Estar dentro de um poço de mina quando acontece uma explosão de gás metano é como achar-se dentro de um canhão quando ele explode. É o inferno.

Outono sentiu o cansaço querer dominá-la e falou, a voz fatigada.

— O que vai acontecer agora?

— Não sei. — Ele deslizou um braço para a cintura da esposa e levou-a pelo corredor até o quarto.

Ela se esticou na cama e observou-o vestir-se. Os movimentos de Lonnie eram bruscos, o rosto preocupado, como se algo estivesse pesando em seu pensamento. O trabalho rendera bem no mês passado e haviam economizado um pouco, mas o velho Ford enguiçara e recusava-se a andar, assim precisaram usar as economias.

— O que é? Está preocupado por que está desempregado?

— Não. Encontrarei trabalho.

— Então o que é?

Lonnie colocou a carteira no bolso detrás e sentou-se na cama ao lado dela.

— Aconteceu uma coisa na mina. Não sei se devo lhe contar. Não quero que fique preocupada.

— Não sou uma florzinha frágil, Lonnie. Nós irlandeses somos fortes. Podemos fraquejar um pouco de vez em quando, mas não quebramos com facilidade.

Ele esboçou um sorriso fraco e falou no sotaque irlandês.

— Ah, assim é que se fala, amor. — Virou-se na cama, ficando bem de frente para ela, e falou, a voz apertada. — Aconteceu ontem. Eu estava na mina há umas 12 horas, e começava a me sentir cansado. Após tirar uns 15 homens, alguns mortos, descobri o que julguei ser outro corpo. O homem estava a um canto, longe dos outros. Ele era capataz no segundo turno.

— Era? Então ele morreu?

— Agora ele está morto, mas ainda vivia quando o encontrei. Ele morreu, mas falou comigo primeiro. — Lonnie se pôs de pé, caminhando pelo quarto e crispando as mãos. — Nada disso devia ter acontecido. Houve um problema no sistema de ventilação, e Osborne sabia.

— Qual Osborne?

— Só pode ser o Douglas. É o cabeça da família e encarregado da mina. O capataz estava mal. Não falava com muita clareza, mas juntei as peças do quebra-cabeça. — Sentou na cama ao lado dela. — Uma seção do sistema de ventilação quebrou novamente. O capataz chamou a manutenção. Eles foram, mas levariam horas para consertar. O capataz chamou Osborne e pediu permissão para dispensar a turma. Osborne recusou. Disse que o sistema de ventilação manteria o ar puro mesmo com uma seção danificada. — Lonnie estava sentado com os ombros arqueados e passou a mão pelo rosto, cansado. — Em algumas minas isso poderia ter funcionado, mas não em uma mina gasosa como Black Jewel. A lixiviação de metano é constante em todas as minas, mas existe pequeno perigo de explosão se o sistema de ventilação não estiver funcionando bem. — Franziu o cenho e sacudiu a cabeça pensativo. — O metano é engraçado. Ele se acumula em bolsões. A menor faísca pode provocar uma explosão.

— O que causou esta explosão?

Ele deu de ombros.

— Quem é que sabe? Pode ter sido uma infinidade de coisas. Talvez algum idiota tenha decidido acender um cigarro escondido. A questão é que Osborne conhece sua mina. Sabe que ela é uma puta gasosa, mas a manteve aberta. O ar é controlado com frequência. Em duas horas o metano chegara a um nível perigoso. O capataz voltou a telefonar para Osborne, que disse para ele aguentar. Alegou que a manutenção consertaria a seção em pouco tempo. O capataz voltou à sua área pretendendo dispensar a turma de trabalho assim mesmo. Não conseguiu. Foi apanhado pela explosão.

— Isto é negligência, não é?

Os olhos dele faiscaram de ódio.

— Claro que é negligência, maldição. As explosões com metano não são incomuns, e a maquinaria realmente quebra. Osborne foi negligente ao recusar—se a dispensar o grupo de trabalhadores. Ele os matou, tão certo quanto se houvesse colocado uma arma na cabeça deles.

— Haverá investigação, não?

— Mas não vai adiantar muito. No relatório constará: **EXPLOSÃO PROVOCADA QUANDO MINEIROS ATINGIRAM BOLSÃO DE GÁS METANO**. Caso encerrado. Simples assim.

— O que você vai fazer?

— Vou até a cidade fazer umas indagações. É meio difícil, mas pode ser que alguém mais saiba dos telefonemas a Osborne e possa me apoiar.

— E se não encontrar ninguém?

— Aí irei aos funcionários da mineração sozinho. Vou fazer tanto barulho, que serão obrigados a me dar atenção. Osborne não vai sair dessa... não se eu puder evitar. Se for preciso, irei ao tribunal e direi o que sei para quem quiser ouvir.

— Por que ele fechou a mina em definitivo?

— De qualquer maneira a mina seria fechada durante a investigação, mas não permanentemente como ele está planejando. Agora Osborne declara que a mina teve pouco lucro nos últimos cinco anos e que vem funcionando quase no vermelho durante o último ano. — Lonnie levantou da cama, puxando Outono com ele. — Eu poderia jurar que a mina ainda estava boa para funcionar mais uns dois anos. — Foi até a sala da frente com o braço envolvendo Outono e parou na porta. — Não quero que conte isso a ninguém, está bem?

— Não. Não falarei com ninguém.

Beijou-a de leve e virou-se para sair quando Molly estacionava o velho Ford ao lado do dele. Lonnie desceu os degraus correndo enquanto ela saltava com um saco de compras.

— Oi, Molly. Quer ajuda?

— Não. Só tenho um saco. — Ela fez um movimento com a cabeça em direção ao saco. — Comprei alguns peixes frescos. Pensei que poderia ficar bom com feijões, broa de milho e cebola.

— Parece ótimo. — Voltando-se para olhar Outono, ele sorriu e acenou. — Te amo, doçura.

Uma estranha sensação de apreensão envolveu Outono, que precisou lutar para não sair correndo atrás dele e implorar-lhe que não fosse. Estava tremendo muito, mas disse a si mesma que era o resultado dos últimos dias de ansiedade contida. Outono sorriu, ergueu a mão e acenou enquanto ele se afastava com o carro.

Molly olhava-a atentamente.

— Algo errado? Está pálida como um fantasma.

— Acho que acabou de passar uma alma. — Virou-se para entrar em casa, mas parou ao ver Ella atravessar correndo o quintal.

Ella desceu os degraus de um salto, abanando um papel na mão.

— Pronto. O carro-restaurante vai ser meu no dia 16 de fevereiro. Sinto-me culpada por estar tão feliz depois do que aconteceu, mas dane-se, estou feliz.

Outono sorriu.

— Ótimo. Entre para me contar. — Entrou com as duas mulheres na casa, pegou-lhes os casacos e as levou até a cozinha. Ella pegou uma cadeira na mesa e Molly foi até a pia colocar os feijões de molho.

Outono pegou três xícaras no armário, serviu café e, colocando-as na mesa, acomodou-se em uma cadeira em frente a Ella.

— Continuará trabalhando ou pretende tirar umas longas férias até abrir o carro-restaurante?

— Acho que eu poderia, mas estou dura. Precisarei correr e juntar dinheiro suficiente para abastecer o lugar. E quero ter um pouco para o caso do negócio não dar certo agora que a mina foi fechada.

Molly voltou-se na pia.

— Que tipo de trabalho você faz? Acho que ninguém me disse.

Ella olhou para Outono com uma pergunta nos olhos. Outono abriu um sorriso e deu de ombros.

— Sou prostituta.

A expressão do rosto de Molly não mudou.

— Ouvi dizer que dá dinheiro. — Enxugou as mãos no pano de prato, foi até a mesa e pegou uma xícara. — Acho que vou tomar meu café no escritório de Lonnie e assistir a um pouco de televisão. Tem uma novela começando agora e não quero perder. Comecei a assistir a essa bobagem enquanto trabalhava nas casas de Turtle Ridge. — Caminhou para os fundos da casa resmungando: — Esses caras da televisão inventam tantos problemas que parece que devo levantar as mãos pro céu só porque tenho um teto e feijão na panela.

Outono riu e observou a tia desaparecer no escritório de Lonnie. Virou-se para Ella.

— O que sabe dos Osborne?

— Não muito. Sei apenas o que ouvi dizer na cidade. — Pegou um cigarro na bolsa e acendeu-o. — Os quatro irmãos são donos da mina. Douglas, Homer, George e Dale. O resto da cidade é de Douglas. Pelo que sei, começou a se virar e fazer negócios logo que saiu da universidade. É um homem de negócios esperto e duro como o diabo. A destilaria no começo pertencia aos Wellington. De alguma maneira ele assumiu o controle. Acontece o mesmo no resto da cidade. — Deu uma tragada no cigarro e sorriu com um traço de satisfação. — Não vou ser a única afetada se a mina continuar fechada. Douglas não percebeu, mas os irmãos vão sentir. As minas são sua única fonte de renda... com exceção das tabernas.

— As tabernas? Você está brincando. Para que os irmãos de Osborne vão se meter com contrabando de uísque quando já têm tanto?

— Porque mexem com muito dinheiro. Uísque, mulheres... e tudo livre de impostos. E investem muito pouco. Precisam apenas de uma casa de fazenda velha em uma estrada do interior bem calma. Algumas cadeiras e mesas, um toca-discos automático, um bar provisório e alguns quartos nos fundos para as mulheres. — Debruçou-se sobre a mesa e apagou o cigarro no cinzeiro. — Quase ninguém sabe, e nunca poderia ser provado, mas Douglas autoriza tudo isso.

— E a polícia?

— Douglas elegeu Holmer prefeito anos atrás. A polícia está sob controle. De vez em quando há uma batida, mas antes eles telefonam e o lugar está limpo quando chegam. Amos Patterson dirige a loja de refeições para os Osborne. Fica à frente dos negócios. Faz com que tudo seja legal.

— Como você descobriu isso?

— Eu estava aqui ontem de manhã quando Amos Patterson veio falar com Rex Carter, o gerente de uma das tabernas. Dirige a casa onde trabalho. A porta de seu escritório estava entreaberta e ouvi por acaso Amos falando com o Douglas ao telefone. Pelo tom da conversa, vi que se referiam à loja de refeições, então fiquei escutando. Amos estava recebendo suas ordens de Douglas.

Outono riu em silêncio.

— Mesmo com todos esses casarões brancos, os Osborne não passam de gente suja, ignorante, inijona de ervas daninhas.

Ella fitou-a intrigada, mas desatou a rir.

— Vamos ao carro-restaurante comer um hambúrguer. Fingirei que está tudo bem. Talvez você tenha algumas ideias para melhorar o lugar.

As duas saíram da casa em excelente estado de espírito, mas mal haviam chegado à cidade e seu ânimo decaía. Os acontecimentos dos últimos dois dias pesavam no ar. A cidade achava-se anormalmente calma, os movimentos lentos. Os rostos mostravam-se tristes e vincados com a piedade, os ombros curvos. Outono sentiu o desalento envolvê-la, tão pegajoso quanto lama.

— Meu Deus! Quando isso vai terminar?

— Sabe, já deitei com metade dos mineiros de Black Jewel. Alguns eram casados. Sei o nome das esposas, dos filhos deles, do que mais gostam no jantar. Isto significa algo para uma pessoa. — Estacionou o carro em frente ao carro-restaurante. É uma loucura o que se pensa numa hora dessas. Fico me lembrando dos paus e das bundas engraçadas deles, Alguns tinham paus pequenos, outros grandes, alguns gordos e curtos, outros compridos e magros. Todos me tratavam bem. Sempre haverá uma prostituta esperando pelo homem que quiser.

Outono riu.

— Você tem um coração enorme, Ella.

Ella encarou-a, os olhos cheios de espanto.

— Não acredito em mim mesma. Falei o que acho que acabei de dizer? Com esse papo vou começar a dirigir um puteiro. — Abriu a porta do carro e saiu. — Chega. Hoje é um grande dia para mim. Não vou deixai ninguém estragá-lo.

O carro-restaurant era uma grande sala com um balcão a um canto e oito mesas, cada uma com um vaso de flores de plástico empoeiradas. Cortinas amareladas pendiam das três pequenas janelas.

Estava vazio, exceto pelo empregado no balcão, um homem grande com uma barriga que caía sobre um avental branco manchado. A camisa cinza apresentava um rasgo no bolso, e ele fitou-as com os olhos pequenos, os quais pareciam desaparecer em seu rosto gordo e vermelho. A expressão de seu rosto foi suficiente para trazer de volta a tristeza permanente.

— Você quer que eu o melhore — disse Outono, voltando-se rapidamente para Ella. — Começaremos então com o soalho. Seria bom alguma coisa da Pérsia. E nas janelas sugiro alguma coisa vermelha... talvez veludo. — Caminhou pelo restaurante, correndo os dedos pelas mesas marcadas. — Essas deverão servir. Pegaremos algumas mesas chippendale. Vamos forrá-las com linho decorado, flores de verdade e vasos delicados... dinastia Ming.

— O que é chippendale?

— Móvel feita por marceneiros ingleses.

— Pensei que fosse um cachorro.

Outono desatou a rir.

— Para combinar, é preciso um lustre de cristal.

— Naturalmente, Outono. Nenhum carro-restaurant deve ficar sem um chippendale e um lustre.

O homem do balcão postou-se com as mãos gorduchas na cintura grossa.

— O que vocês querem, donas?

Ella subiu para um banco e bateu com a mão no balcão.

— Quero dois hambúrgueres completos para mim e minha amiga, e rápido. Está olhando para a nova dona.

Outono sentou-se ao lado dela, apoiou os cotovelos no balcão e riu para ele.

— Pouca cebola, meu anjo.

Passaram a tarde planejando, implicando com o atendente amargo até que a barriga pesadona começou a se sacudir com as risadas. A noite caía quando as duas mulheres saíram do carro-restaurant, o riso do garçom ecoando atrás delas.

— Brrr — fez Ella. — Está frio suficiente para congelar as bolas de um macaco de bronze.

Outono estremeceu em assentimento silencioso e ligou o rádio, que irradiava uma versão animada de Deck the Halls. Era dez de dezembro e as janelas das lojas brilhavam com as luzes natalinas, apesar do estado de ânimo da cidade. O ar estava fresco e revigorante. Poucas pessoas apressavam-se pelas ruas, os colarinhos puxados contra o frio.

Ella dirigia calmamente enquanto admiravam a decoração. Quando chegaram ao subúrbio da cidade, as duas cantaram Jingle Bells, soltando gargalhadas quando não conseguiam lembrar a letra.

— O que vai fazer para o Natal? — perguntou Ella.

— Vamos para a casa de tia Molly. Não consigo pensar em outro lugar onde gostaria de estar no Natal, exceto Turtle Ridge. É como se fosse outro mundo, Ella. Quando eu morava lá, considerava a cidade um lugarejo morto. Agora percebo que tínhamos alguma coisa especial. Aquelas pessoas estão em paz consigo mesmas e com o mundo. — Apoiou a cabeça no assento e ficou ouvindo Ella acompanhar a música do rádio, a cabeça repleta de Turtle Ridge, a tia e Lonnie. Esse Natal seria especial. O primeiro Natal deles juntos. E no ano seguinte haveria brinquedos debaixo da árvore. Envolveu-se com os braços, tão plena de súbita alegria que se sentiu prestes a explodir.

O carro percorreria vários metros de estrada de cascalho da rua dos Mineiros quando ouviu Ella soltar um grito abafado. Abriu os olhos e olhou em volta, em busca de alguma coisa extraordinária, mas tudo parecia como sempre. As luzes começavam a ser acesas nas casinhas e as crianças eram chamadas nos quintais. As luzes bruxuleantes piscavam em alguns dos telhados pontudos.

— O que foi, Ella?

Ella apontou para a frente, enquanto o carro entrava em um declive, os faróis iluminando um carro de polícia estacionado na frente da casa de Outono.

— Não se preocupe. Não deve ser nada.

Um medo gelado percorreu Outono.

— Lonnie! — Saltou do carro em movimento, tropeçou, recuperou o equilíbrio, correu até a casa e subiu os degraus, entrando de supetão pela porta. Dois policiais viraram-se para ela. Molly, o rosto descomposto, olhou-a ansiosa.

— O que foi? — Ela ofegou, a voz trêmula de emoção. — O que foi? Algo errado?

Um silêncio que parecia eterno dominava o ambiente. As mãos tremendo, Molly deu um passo à frente e puxou Outono para seus braços.

— Não existe um jeito fácil de lhe dizer, criança. Lonnie está morto.

— Não! — Outono afastou-se de Molly. A pele formigava, o corpo flutuando. Teve a sensação de que falava alto demais, rápido demais. —

Não. Não. Lonnie não está morto. Houve um erro. Vocês estão errados.

— Não houve, senhora. — Um policial falou em voz bondosa, olhando-a compreensivo. — Não estaríamos aqui se não tivéssemos certeza.

Outono sentiu-se colhida em um mundo de faz de conta, um louco mundo surrealista. Lonnie não morreria. Ela não poderia ter-se sentido tão feliz poucos instantes antes dele estar morto. Amava-o demais. Teria pressentido se ele estivesse em perigo. Não poderia ter rido e brincado durante horas com Ella se Lonnie estivesse morto. Teria sabido. Sim, Lonnie era parte dela, e saberia se uma parte sua houvesse morrido.

— O senhor está errado, oficial. Cometeu um erro terrível. Meu marido não está morto. Ele deve estar para chegar em casa. Vejam. Vejam vocês todos.

O mais velho dos dois policiais olhou-a com olhos repletos de piedade.

— Não houve erro. Eu gostaria que houvesse, mas é verdade. Seu marido morreu quando passava com o carro sobre um dique em uma área que os garotos chamam Ribanceira Alta. Fica a uns 35 quilômetros da cidade. — O rosto suavizou-se e ele falou em voz baixa e consoladora. — Ele quebrou o pescoço. Se for consolá-la, ele morreu instantaneamente.

Outono estava rindo. Torcia a aliança de casamento sem parar e olhava para os policiais.

— Estão vendo? Falei a vocês que ele não morreu. Não havia motivo para Lonnie estar na Ribanceira Alta. Sei onde ele foi. Não teria saído da cidade. Tinha coisas importantes a fazer aqui. — Voltou-se para Ella, que estava entrando na sala. — Estão tentando me dizer que Lonnie está morto. Que loucura, Ella.

Ella conteve a respiração e olhou para Molly em busca de resposta. Molly assentiu e foi até Outono, lágrimas nos olhos.

— Você precisa ser forte, filha. E deve enfrentar a verdade. — Apontou para a mesa de café. — Encontraram as coisas dele no corpo.

Outono olhou para a carteira velha e surrada de Lonnie, a aliança de ouro igual à sua e um relógio antigo que estava atrasado. Sua vida começara 110 dias em que conhecera Lonnie, e agora ela terminava. Estava se desintegrando, fragmentando, e gritou contra a dor que lhe rasgava o peito. Desceu os degraus

rangentes gritando, atravessou a rua dos Mineiros, mergulhou na noite fechada, uma piscina profunda e escura que a engoliu, afundando-a.

Correu cada vez mais rápido, os pés ecoando no chão congelado. Fugir das palavras dolorosas e horríveis, fugir da mulher ensandecida gritando, tropeçar, correr, cair. A dor, embora irreal, cortava-lhe o peito e a esfaqueava na barriga. As lágrimas, lágrimas quentes que a cegavam, caíam fervendo no rosto. Sangue, carmesim, grudava-se em seus dedos, nos joelhos, escorria pelas pernas. Vozes chamavam-na: Outono... Sue Anne.

Em meio às vozes havia sussurros suaves: “Te amo, doçura”, imagens rodopiando, entrando e saindo de foco: um sorriso torcido, olhos azuis sorridentes. “Te amo, doçura.” Ao longe ela ouviu um grito angustiado: “Lonnie, Lonnie...” Em seguida as luzes tornaram-se vermelhas, rodopiando sem parar, uma dor perfurante e por fim o silêncio.

Uma brancura cegante e a voz voltou a gritar: “Lonnie, Lonnie...” e em seguida a dor perfurante que a lançou na escuridão. Ela fora apanhada, aprisionada em um labirinto de branco desolamento e negro redemoinho. Sentiu-se escorregando, afundando cada vez mais em um vácuo escuro, sem luz, som ou movimento, apenas a calma abençoada.

Outono lutou para voltar da escuridão, consciente apenas do ódio. Os olhos faiscavam selvagens. Tudo era de um branco desolado. Uma plaqueta na porta dizia “Apenas pacientes”. Um zumbido constante de vozes inexpressivas vinha do lado de fora do quarto. Ela levantou a cabeça e olhou para a agulha em seu braço, seguindo com os olhos a mangueira até um frasco de soro gotejando constantemente.

A consciência trouxe uma torrente de lembranças dispersas. Luzes brilhantes faiscavam contra seus olhos. Homens e mulheres de branco falavam com vozes impessoais: “Ela está com sangramento. Abortou o bebê.” As palavras pareciam não ter correlação, distantes. “Histeria, amnésia.” Ouviu gritos. A luz, e depois o perfurar de agulhas que a forçavam a mergulhar novamente na escuridão.

Outono pressionou a mão contra a boca, sabendo que se gritasse viriam com a agulha de novo. Gemendo, sussurrou o nome de Lonnie, sentindo-se como que tragada aos fundos do inferno.

Molly, sentada junto à cama, a cabeça nas mãos, dormitando, fez um movimento brusco com o som baixo e profundo de Outono. Correu até a cama e estendeu a mão para a campainha, mas Outono agarrou-a pela mão.

— Não. Não precisa. Estou bem. — Baixou as mãos até a barriga, sabendo, mas precisando perguntar: — Meu bebê? Está morto, não é?

O rosto tenso, Molly assentiu, pegando a mão de Outono.

— Estou tão preocupada com você. Culpo-me por tudo isso. Deveria ter-lhe contado mais suavemente. Eu estava mal. Não pensei.

— Como? — perguntou Outono, a voz tomada pela amargura. — Como a senhora poderia ter tornado as coisas mais fáceis, tia Molly? Que palavras mágicas poderia ter usado? — Retirou a mão e tocou suavemente a barriga vazia. — Acabou, acabou tudo. Ele levou os dois. Aquele desgraçado levou os dois.

— Ele? Quem? — A voz de Molly falseava com o medo e a emoção. — Do que está falando?

— Nada. Nada. — Lançou um olhar pelo quarto. — Há quanto tempo estou aqui?

— Duas semanas. O dr. Gordon avisou que você deveria recobrar a consciência em breve. Achou que seria bom para você me encontrar aqui.

— Duas semanas — sussurrou Outono. Em algum lugar entre a escuridão e a luz, perdera duas semanas de sua vida. Voltou-se e contemplou Molly. — Quem é o dr. Gordon?

— É o médico “de cabeça” que chamaram para cuidar de você.

Outono empertigou-se na cama.

— Um médico “de cabeça”? Chamaram um psiquiatra? Por quê?

— Você ficou inconsciente durante duas semanas. Não concordo muito com médicos de cabeça, mas esse realmente tratou de você muito bem. Como o dr. Carlson já estava cuidando de você quando perdeu o bebê, também chamaram-no. Suas mãos e joelhos estavam muito machucados e você precisou tomar vitaminas D e C. Mas não precisa se preocupar. O sangramento já parou há muito tempo. O dr. Carlson disse que você se recuperou muito bem.

Outono puxou as cobertas, colocou as pernas na beira da cama e sentou-se com as costas retas, em uma espécie de calma estranha.

— Onde está ele? Onde está Lonnie?

Molly hesitou.

— Gostaria, mas não tenho palavras mágicas. Lonnie está no cemitério Oak Hills. Encontrei o número do telefone de Artie em seu caderninho e telefonei-lhe. Ele providenciou tudo. Mas não pôde ficar. Precisava voltar para o trabalho. Devo telefonar para ele se você precisar de alguma coisa.

Outono saiu da cama e pôs-se de pé. Sentia as pernas flácidas, a cabeça zonga e agarrou-se à beira da cama em busca de apoio. A mão bem apoiada, percorreu o quarto. Foi até a pia, abriu a água fria e jogou um pouco no rosto. Depois de se secar com uma toalhinha, percorreu o quarto.

Molly observava-a com um ar de preocupação.

— Não acha melhor ficar na cama até sentir-se mais forte?

— Nunca me recuperarei se continuar na cama. — Com passos incertos mas determinados, caminhou pelo quarto, sentindo frio, mas seca por dentro, cheia de ódio. Sentia-se pesada, os membros um fardo pesado a ser carregado pelo quarto. Quando se sentia fraca, detinha-se, respirava fundo e recomeçava, dando passos lentos até a cabeça parar de latejar e as pernas de tremerem. De repente, Outono baixou os olhos para o pulso, agarrou a agulha e deu um puxão.

— Meu Deus! — Molly correu até ela, pegou-lhe a mão e olhou para a minúscula gota de sangue. — Por que fez isto?

— Eu queria esta coisa maldita fora do meu braço. — Deu um puxão na base que sustentava o soro e atravessou o pequeno gabinete. — Minhas roupas estão aqui?

— Roupas? — repetiu Molly, alarmada. — O que quer com suas roupas? Aonde pensa que vai?

— Até Lonnie. Vou ao encontro de Lonnie.

— Não pode, criança. Não a deixarão sair daqui.

O ódio que Outono estava mantendo sob controle explodiu e o rosto flamejou, ruborizado. Rodopiou sobre si mesma, as mãos nos quadris e o queixo erguido.

— Ninguém vai me impedir de ir até Lonnie. Ninguém.

Molly tocou-a com mão tranquilizadora.

— Calma. Não precisa se agitar tanto. — Molly voltou-se em direção à porta. — Vou ver se consigo tirá-la daqui. Parece-me que vi o dr. Gordon no corredor ainda agora. Talvez ainda esteja no hospital.

Outono foi até o armário e pegou as roupas, peça por peça. Fitou-as estupefata. Os joelhos do jeans estavam rasgados, os sapatos puídos. O casaco estava coberto de poeira e sangue. Sentiu o sofrimento fustigando-a, cercada pela verdade, aquilo que sabia desde que acordara. Lonnie não fora para um dique. Havia sido mandado. A Ribanceira Alta ficava a 35 quilômetros da cidade, onde os garotos iam brincar, nada além de árvores e uma estrada sinuosa com uma ravina correndo ao lado.

Lonnie estava zangado, mais zangado do que ela imaginara. Ele falara-lhe de uma conversa com um capataz. O capataz chamara Osborne e pedira para dispensar os homens até que o sistema de ventilação fosse consertado, mas Osborne negara. Lonnie fora à cidade tentar encontrar alguém que soubesse dos telefonemas a Osborne, telefonemas que teriam provado sua negligência.

Lonnie não teria ido à Ribanceira Alta sozinho. Não havia razão para fazer tal coisa; alguém o levaria para lá. A única pessoa que tinha algo a ganhar era Douglas Osborne. Com o capataz e Lonnie mortos, não haveria mais ninguém para opor-se a ele. Estaria livre, livre para sentar-se em sua grande casa branca, reinar sobre a cidade, sobre as pessoas, sobre a vida e a morte.

A verdade caiu sobre Outono como uma pedra. Ela foi engasgada por ela, enraivecida por ela. Colocando o jeans com movimentos bruscos, vestiu o suéter em um movimento de torção. Estava calçando os sapatos quando Molly voltou com um homem de terno azul. Vagamente, através da névoa das duas semanas passadas, Outono lembrou-se de haver visto aquele rosto.

— Estou indo embora — disse, sucinta.

Ele era um varapau, os cabelos escuros ligeiramente grisalhos nas têmporas, o rosto meio escondido por uma barba distinta. Olhos azuis gentis olharam-na cheios de compreensão, e quando ele falou, a voz soou calma e tranquilizadora, quase musical.

— Aonde vai, Sue Anne?

— Vou ao encontro de meu marido.

— Podíamos conversar primeiro?

Outono assentiu e sentou-se na cama, lutando para controlar-se. Ele era psiquiatra. Se ela gritasse, se ele conseguisse ver o tumulto que a enfurecia por dentro, a impediria de ir até Lonnie.

Ele pegou uma cadeira e olhou-a analítico.

— Está zangada. Por quê?

Ela balançou a cabeça.

— Não quer me contar?

Outono voltou a balançar a cabeça.

— Onde está seu marido? — perguntou ele bruscamente.

Por um instante, Outono foi pega desprevenida. Apertou as mãos, transformando-as em punhos. Lembrando-se de sua resolução, descansou-as no colo.

— Ele se foi.

— Para onde ele foi?

— Está no cemitério Oak Hills. Preciso ir ao encontro dele.

— Sim — anuiu ele, em tom suave. — Compreendo. Podemos falar sobre o bebê?

— Está morto — disse ela, com um tom de finalidade. — Não quero falar sobre isso.

— Seu bebê está morto, mas Lonnie só foi embora. Por que isso, Sue Anne?

De súbito Outono percebeu que estava enfiando as unhas nas coxas. Voltou a descansar as mãos sobre o colo.

— Como posso saber? Você é o médico. Diga-me você.

Ele ficou em silêncio enquanto escrevia em uma prancheta.

— Conte-me tudo que consegue lembrar das duas últimas semanas.

Ela estava empertigada, olhando-o calmamente.

— Disseram que Lonnie havia morrido. Não acreditei. Tinham algumas das coisas de Lonnie. Quando as vi, soube que Lonnie se fora. Não me lembro de muita coisa depois disso. Lembro-me de ter saído correndo da casa e de ter caído; de luzes fortes que afetaram meus olhos, enfermeiras e picadas de agulhas e comida que eu não conseguia ingerir; de ter sido forçada a sair da cama e andar quando eu só queria morrer; de você falando comigo, mas agora parece um sonho.

— Ainda quer morrer?

— Não — disse ela, a verdade em sua voz.

Ele sorriu e assentiu, compreensivo.

— Ótimo. Está indo bem, Sue Anne. Passou por momentos muito difíceis, mas vai dar tudo certo. Gostaria de mantê-la aqui sob ação de sedativos brandos por mais algum tempo. No entanto, vou lhe dar uma autorização para deixar o hospital. — Acrescentou isso quando ela fez um gesto brusco para a frente. — Às vezes é difícil para a mente aceitar a morte quando não existe um corpo. Espero que visitar o túmulo de seu marido a ajude. — Ele deu um leve aperto na mão de Outono. — Precisa enterrá-lo, Sue Anne. Se não, jamais encontrará paz de espírito. Acho que deveríamos falar mais sobre esse ódio que sinto em você. — A voz extinguiu-se e ele levantou. — Voltaremos a falar depois.

Ela sorriu, um sorriso que não chegou a iluminar-lhe os olhos.

— Obrigada, dr. Gordon. Obrigada por ter tratado de mim.

Outono contemplou o pequeno túmulo de cascalho, cercado por muitos outros túmulos impessoais. Ajoelhou-se ao lado da pedra, tentando entrar em contato com Lonnie. Passou a mão sobre a terra em movimento de varredura, reunindo a terra solta e deixando-a filtrar-se lentamente pelos dedos. O odor de terra recém-revirada misturou-se ao cheiro das flores murchas. O chão estava úmido contra os joelhos nus, penetrando pelos rasgos do jeans. Repetia em seu pensamento seguidamente que Lonnie estava descansando debaixo do túmulo, mas isso era irreal, parte de um sonho comprido, muito comprido.

Seu nome e data do nascimento e da morte estavam gravados em uma placa de metal fina, fincada na terra, meio encurvada. Ajeitou a placa e se pôs de pé, contemplando as árvores desfolhadas sobre a cabeça. Esticou a mão e pegou gotas de chuva enregeladas.

— Está começando a chover. — Voltou a olhar para a placa. — Precisarei providenciar uma lousa de sepultura.

Um olhar de medo e incerteza brilhou no rosto de Molly. Ela pegou Outono pelo braço.

— Venha. Está frio aqui.

Olhando para trás rapidamente, Outono seguiu-a sem protestar. Circularam entre os túmulos, as folhas congeladas estalando sob seus pés. A chuva fria misturada à neve molhava-lhes a cabeça e os ombros. Estavam passando por uma área cercada por uma cerca de ferro quando Outono deteve-se e olhou com nojo para a enorme pedra cravada no centro. Emoções fortes e violentas tomaram conta dela quando leu o nome Osborne. A cabeça começou a latejar e ela apertou as mãos com força contra as têmporas.

Molly estendeu os braços e a pegou pelos ombros.

— Você está me assustando, menina. Vou tirá-la desse lugar horrível. — Saiu com Outono do cemitério e levou-a para o carro. — Vou levá-la de volta para o hospital agora mesmo. Não foi bom você ter vindo aqui.

— Não! — gritou Outono. — Não voltarei para lá. Quero ir para casa. — Virou a cabeça para a janela e colocou a mão na barriga, esfregando-a enquanto sacolejava para a frente e para trás. — Leve-me para casa, tia Molly.

Molly implorou, mas Outono sacudiu a cabeça negativamente, sem falar, limitando-se a menear a cabeça. Algum tempo depois Molly calou-se, como que resignada. Outono ficou olhando pela janela enquanto atravessavam a cidade. As decorações de Natal continuavam montadas, mas o brilho se fora. A cidade parecia gasta e cansada.

— Quando foi o Natal? — indagou Outono de súbito.

— Ontem. — Molly lançou-lhe um olhar pensativo. — Acho que devíamos fazer as malas e voltar para Turtle Ridge.

— Não. Ficarei aqui.

— Como? — perguntou Molly. — Esta cidade está uma confusão. Não existe trabalho para você aqui. Como vai se virar?

— Descobrirei uma maneira. — Virou-se no assento e olhou para Molly afetuosamente. — Amo você, tia Molly. Jamais esquecerei tudo que fez por mim, mas está na hora de me virar sozinha. Quero que a senhora vá para casa. Preciso de um tempo para pensar e decidir o que fazer. De qualquer modo, Ella está aqui. Posso recorrer a ela se precisar de ajuda.

Molly permaneceu em silêncio até parar o carro no estacionamento ao lado da casa. Desligou o motor, voltou-se para Outono e olhou-a dura e longamente.

— Não me agrada deixá-la só, mas sempre deixei-a decidir o que é melhor para você e sempre deu certo. É uma boa garota, e é forte. Vai descobrir o caminho. Pode ser que demore, mas no fundo de meu

coração sei que você vai conseguir. Sempre soube disso. — Molly afastou uma mecha de cabelos castanho-avermelhados da testa de Outono. — Amor, morte, tudo faz parte da vida, e devemos encontrar nossa maneira de lidar com isso. Você amou Lonnie, mas agora ele se foi. Você amou seu bebê que estava para nascer, mas ele também se foi. Não vai ser fácil, mas você terá que encontrar uma maneira de preencher o vazio. Eu a deixarei, mas sempre estarei aqui se você precisar de mim.

A casa encontrava-se mergulhada em tal silêncio que a chuva fraca soava como um temporal batendo contra o teto de zinco. O ruído seguiu-a enquanto ela ia de um quarto a outro. Lonnie estava em toda parte. Seu casaco de trabalho achava-se pendurado no prego na cozinha. Um par de botas gastas e sujas estava no chão junto à porta. Um livro sobre mineração jazia aberto na escrivaninha, como se ele houvesse saído por um instante apenas. Na mesinha-de-cabeceira havia cigarros. Outono esfregou o rosto contra a colcha, as lágrimas enevoando-lhe os olhos. Por um momento Lonnie estava ali, sorrindo para ela. “Te amo, doçura.”

Saiu do quarto tropeçando, meio cega pelas lágrimas. Lonnie se fora. Não haveria mais amor à hora suave do crepúsculo. Outono parou e olhou para os objetos de Lonnie sobre a mesa de café, pegou a aliança de casamento dele e colocou-a no dedo. Foi como a repetição de um filme de terror. Molly estava ali, junto com Ella, os policiais, todos fitando-a com pena e informando-lhe que Lonnie morreria. Tão meigos, tão cheios de amor. Lonnie não pedira muito da vida, apenas ela, o filho de ambos e um diploma da faculdade.

Agora que se achava só, estava livre para liberar seu ódio. Girou sobre si mesma, gritando com raiva contra Douglas Osborne. Caiu de joelhos e bateu com os punhos contra o chão. Seus gritos furiosos ecoaram no vazio da casa desabrigada. Começou a sentir um entorpecimento tomando conta de seu corpo, reduzindo a dor que sentia nos nós dos dedos, a dor dos cortes que sangravam. Gritou por Lonnie e pelo filho ou filha que jamais teria. E jurou diante de Deus destruir o homem que os tirara dela.

A NOITE estava fria e estrelada. Outono fechou a porta e caminhou rigidamente, sem sentir a grande lua amarela que lhe sorria. Há dois dias estava engaiolada na casa onde vivera com Lonnie. A carteira do marido tinha 53 dólares e ficou batendo com ela na palma da mão enquanto se sentava na cadeira de balanço marrom, embalando-se e pensando.

Elaborara um plano, para descartá-lo em prol de um outro. O que poderia uma garota de 18 anos com 53 dólares contra um homem como Douglas Osborne? A polícia soltaria uma gargalhada com sua história, as autoridades responsáveis pela mineração pensariam que estava louca. Mas não havia dúvida em seu pensamento de que fora Douglas quem lhe tirara Lonnie. Cada palavra, cada gesto de Lonnie no dia em que lhe contara sobre a recusa de Osborne em dispensar a turma de trabalho ainda pesava dentro dela como uma rocha. Douglas matou Lonnie para encobrir sua própria culpa. Levaria tempo, talvez anos, mas de alguma maneira, algum dia, ela faria com que o poderoso Douglas Osborne caísse de joelhos como ela mesma. Ele sentiria a dor que ela sentira e também a perda. Outono prometeu a si mesma.

Seus pensamentos estavam claros e decididos quando ela pisou no alpendre de Ella. Abriu a porta sem bater e dirigiu-se até Ella, sentada no sofá.

— Preciso de trabalho — disse Outono, a voz estranhamente calma. — Preciso de trabalho agora, e um que pague bem. Quero dinheiro e não me importa o que precisarei fazer para conseguir. Quero sair dessa cidade, e rápido.

Ella ergueu-se, perscrutando-a com os olhos. Sorriu com admiração e acomodou-se no sofá.

— Você é um verdadeiro soldado, garota.

Outono sentou-se em uma cadeira, próximo a Ella.

— E quanto ao trabalho?

Ella balançou a cabeça.

— Não serve para você, Outono. A prostituição é uma merda. O João-Ninguém coloca uns dólares na sua mão e daí em diante você não passa de um pedaço de carne. Por que acha que estou saindo?

— Sabe de alguma maneira com que eu possa fazer mais dinheiro?

Ella não hesitou:

— Não, mas você consegue aguentar o nome “puta”? Consegue ser uma puta?

— Suporto qualquer coisa que me faça conseguir o que quero. O que preciso ter. A prostituição é um meio para se chegar a um fim. Vai me tirar dessa cidade e me levar aonde eu consiga descobrir um jeito de fazer as coisas que devo fazer. — Ela falava com calma, mas cruzava e descruzava as mãos nervosa enquanto relatava a Ella tudo que Lonnie lhe contara sobre a explosão, o capataz que conversara com ele antes de morrer, como Lonnie fora à cidade tentar descobrir alguém além dele que soubesse dos telefonemas dados a Douglas.

Falar sobre o assunto trouxe tudo à tona, e Outono levantou e começou a percorrer a sala. Enquanto falava, o rosto de Ella endurecia e os olhos arregalavam-se, estreitando-se em seguida ao começar a compreender. Outono deteve-se diante dela.

— Dinheiro gera dinheiro. Poder gera poder. Preciso realmente de dinheiro e poder para o que preciso fazer. Devo ficar em uma posição tal que possa conhecer Douglas em seu ambiente. — Outono girou e voltou a caminhar. — Quando Douglas soube que Lonnie sabia dos telefonemas, livrou-se dele. Outro acidente. Como a explosão. — Fez uma pausa, os olhos faiscando um ódio frio. — Ele matou

Lonnie. Fez com que eu perdesse o bebê. Eu o odeio, Ella. Odeio esse homem com todas as minhas forças.

Ella assentiu.

— Gostaria de ter algo para lhe dizer, garota, mas não tenho. É uma perda... uma maldita perda.

— Então acredita em mim?

— Pelo que ouvi, o homem é capaz disso.

Outono lançou-se em uma cadeira.

— Assim que conseguir algum dinheiro, vou embora, mas voltarei. Quando regressar, virarei esta cidade de cabeça para baixo. Provarei que Lonnie foi assassinado.

Ella sorriu tristemente.

— Talvez não seja tão fácil. A outra coisa que você quer fazer pode não ser fácil também. Foder por dinheiro não é para qualquer uma. Só algumas conseguem, ou fazem isso.

— Eu consigo e vou fazer, se você me ajudar. — Outono percebeu o olhar de indecisão no rosto de Ella. — Por favor, não me negue isso. A decisão cabe a mim, não a você, Ella.

Ella suspirou, resignada.

— Está bem, querida. Falarei com meu patrão. Enquanto isso, pense bem. Você sempre pode mudar de ideia se quiser.

— Será apenas por algum tempo. — Outono mordiscou o lábio por um instante. — Tia Molly. Não suportaria que ela soubesse.

— Pensaremos em um novo nome para você. — Ella fez um gesto em direção à cintura de Outono. — E o aborto? Acha que seu corpo está pronto?

— Já faz quase três semanas. É tempo suficiente. — Outono levantou-se. — Quero ver tia Molly. Pegarei um ônibus para Turtle Ridge, mas retornarei em dois dias, perto do Ano-Novo. Gostaria de começar a trabalhar nessa época. Pode arrumar isso com Rex?

Ella assentiu, mas olhou-a intensamente.

— Em relação a Douglas. Vá com calma, Outono. Ele é duro, um verdadeiro filho da mãe, pelo que ouvi dizer. Vai pisar em você como se não passasse de um inseto.

Outono replicou, cansada.

— Ele não pode me atingir, Ella. Não tenho mais nada a perder.

Uma estranha olhava para Outono pelo espelho rachado e manchado. As pálpebras de Outono estavam cobertas de sombra azul, as bochechas com blush rosa e os lábios vermelhos brilhantes. O rímel escurecia-lhe os cílios. Ella dera-lhe um robe de cetim vermelho tão justo que parecia haver sido pintado no corpo.

Virou-se de costas para o espelho e olhou para Ella, as sobrancelhas franzidas.

— Pareço uma...?

— Puta? — exclamou Ella. — Não parece. Este é o problema. — Ela afrouxou o roupão no pescoço de Outono. — Não seja tão afetada. Os homens que vêm aqui não estão à procura de uma dama. Se estivessem, ficariam em casa com as esposas. — Acariciou os cabelos de Outono. — Tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho.

— Tudo bem, garota, mas não diga que não lhe avisei. — Recuou um passo e fitou Outono. — Com seu cabelo, rosto e corpo, vai fazer os idiotas derrubarem a porta. Faça-os se sentirem grandes e vai ter um lucro que a ajudará a sair logo da cidade. Talvez você saia com a bichinha machucada, mas terá dinheiro na bolsa. Muito dinheiro.

— Como devo me comportar para que se sintam grandes?

— Mexa-se, rebole, se zangue, bufe, e vai fazê-los pensar que tudo isso é por causa deles. Se ele sair se sentindo o grande garanhão, voltará para ter mais amanhã à noite. Deu um tapinha no ombro de Outono. — Está na hora. Um homem será mandado aqui para você. Se houver algum problema, bata na parede. Chamarei Rex. Ele não deixa ninguém machucar suas garotas. Boa sorte.

Outono ficou olhando Ella sair e afundou em uma cadeira. O quarto não era grande, mas estava arrumado. A cama tinha lençóis limpos e cobertores quentes. Um abajur sobre a mesa-de-cabeceira lançava um brilho róseo. Duas cadeiras estofadas apareciam uma de frente para a outra, como se para uma conversa inocente entre dois amigos. Um aquecedor a gás esquentava o ambiente, já quase abafado.

Ella instruía sobre o que fazer e o que esperar. Sorria, sorria sempre, e dê-lhes o que quiserem. Use apenas um roupão. Economiza tempo, e tempo é dinheiro. Insista em ser paga antes. Se ele dormir, chame Rex e ilumine o quarto para o próximo.

Fechou os olhos e tentou afastar o ruído proveniente da frente da casa. Era noite do Ano-Novo e os homens estavam comemorando com brados e gritos bêbados. Os caça-níqueis tilintavam, a máquina de música tocava Glen Campbell.

Surpreendentemente, não se sentia nervosa nem arrependida de seus atos. Apenas distanciada. Fechara sua mente para os homens, para o que faria com eles e pensou só no dinheiro. Era um trabalho, convenceu-se, só um trabalho. Uma semana, talvez duas, e iria embora... ficaria livre dessa cidade que lhe trouxera tanto sofrimento.

Outono fechou os olhos e sentiu o calor do aquecedor turbilhonando à sua volta. Caíra em leve sonolência quando uma gritaria no vestíbulo a despertou. Assustada, sentindo-se tonta com o calor, saltou sem pensar e foi até a porta meio cambaleando.

O ruído tirara Ella e as outras mulheres de seus quartos e todas estavam rindo e olhando enquanto um homem soltava uma gargalhada e jogava cerveja na cabeça de outro. Outono franziu o cenho e correu até Ella.

— O que está acontecendo?

— O jovem Osborne. Ele e alguns companheiros estão comemorando o Ano-Novo. Teremos uma noite animada.

Um dos dois homens sentou-se no chão, rindo loucamente, a cerveja descendo pelo rosto. Brian Osborne apoiou-se na parede, uma garrafa de cerveja vazia na mão. Estava vestindo calças escuras e um casaco de couro pesado. Os cabelos louros achavam-se desgrenhados e caíam na testa. Olhava para Outono com um sorriso estúpido no rosto. Ela aguardou algum sinal de reconhecimento, e ele se lembrou dela, a lembrança perdeu-se na névoa da bebida. Outono aproximou-se de Ella e sussurrou, a voz tomada pela apreensão.

— Ele vem aqui para fazer sexo?

— Só quando está bêbado de cair.

— Está muito bêbado agora?

— Está, e escolheu você.

O sorriso deixara-lhe o rosto e ele olhava fixamente para Outono com um olhar avaliativo.

— Ohhhh, não — falou ela, a voz um gemido sussurrado. — Não posso. Com ele não.

Ella deslizou o braço pela cintura de Outono e deu-lhe um leve aperto.

— Você deve, querida. Não pode escolher. Além do mais, ele é um Osborne. As pessoas dessa cidade não negam nada a Douglas ou a seu filho. Se você dispensar Brian, Rex a expulsará daqui. — Ella fitou-a com compreensão. — Não precisa amá-los. Diabos, não precisa nem gostar deles. Pense só no dinheiro e aonde ele a levará.

— Farei isso — concordou Outono —, mas só se precisar. — Ela apressou-se para a porta, mas rindo, Brian atravessou o corredor em duas passadas largas e pegou-a pelo braço. Ela se soltou e ergueu o olhar para cie, um olhar frio. — Desculpe, sr. Osborne, mas estou ocupada. O senhor lerá que escolher outra. Tenho um homem em meu quarto. Ele pagou pela noite.

— Então livre-se dele.

— Não posso. Seria mau para os negócios

— Então faça isso para você. — Ele abriu a porta e olhou em torno, em seguida voltou-se para ela, confuso. — Não tem ninguém aqui. Você mentiu. — Segurou-a pelo braço e jogou-a no quarto, batendo com a porta atrás deles.

A força dele a fez sentir-se encurralada e zozna. O rosto dele entrava e saía de foco como ondas de calor oscilante. Ela passou a mão nos olhos.

— Por favor. Pegue outra.

— Não quero outra.

— Por que eu? Há mais quatro mulheres, e são todas mais bonitas do que eu.

— Talvez, mas nenhuma tem cabelos vermelhos. Sou louco por ruivas.

— Meu cabelo não é vermelho. Ele é castanho-avermelhado, ou está bêbado demais para perceber a diferença?

— De onde estou ele parece vermelho.

Outono podia sentir a raiva revolvendo-se, crescendo, borbulhando dentro dela. Não se sentia mais encurralada, mas fervendo de ódio. Toda a raiva que sentia do pai agora se dirigia a Brian.

— Estúpido. Você é um estúpido, e está bêbado. Não quero que se aproxime de mim, e acima de tudo não quero ir para aquela cama com você. Você me dá nojo.

Brian soltou uma gargalhada, atravessou o quarto e agarrou a beira da cama.

— Onde encontraram você? Acho melhor alguém lhe dizer onde está e o que é. Quer queira ou não, isso aqui não passa de um puteiro sujo, e você não passa de uma putinha barata.

Os olhos dela encontraram os dele em um olhar avaliativo.

— Puta? Ainda não, sr. Osborne. Esta é minha primeira noite, e você o primeiro homem, portanto não me chame de puta até eu pegar seu dinheiro e deitar na cama com você. Acho que o senhor não vai me achar barata. Se me quiser, vai lhe custar duzentos dólares... adiantados.

Brian piscou, surpreso.

— Duzentos... nessa pocilga? Você deve estar louca.

Ela deu de ombros.

— É o meu preço. É pegar ou largar.

Ele vacilou e apoiou-se no pé da cama, os olhos maliciosos.

— Está bem, sra. Afetada e Decente. Terá seus duzentos dólares, mas primeiro quero ver o que estou comprando. Mostre-me o que há por baixo do robe. Você pode ter as pernas tortas. Eu não ia pagar duzentos dólares por uma puta de perna torta.

As mãos dela estavam molhadas de suor e ela esfregou-as nas coxas, segurou a faixa por um instante, e por fim soltou o robe e jogou-o no chão. Voltou-se para ele e compreendeu o que Ella quisera dizer. Ele a olhou dos pés à cabeça como se ela fosse um pedaço de carne. Fez um movimento em direção às pernas dela.

— O que houve com seus joelhos?

Ela abaixou o olhar para a pele ferida onde as cascas haviam caído e falou em voz praticamente inaudível.

— Jack caiu e Jill tropeçou depois.

— É uma charada? — Ele colocou a mão no bolso detrás, puxou a carteira e retirou duzentos dólares.

Outono pegou as notas e olhou-as por um instante.

— Deve ser bom ter dinheiro suficiente para comprar qualquer coisa ou pessoa que quiser.

— É o que você acha?

— Não importa o que penso. — Ela colocou o dinheiro na bolsa. Ao mesmo tempo, ficou pensando se Brian estava tão bêbado quanto pensara. Ele falava de maneira clara e inteligível; no entanto, estava apoiado ao pé da cama, e enfrentava dificuldades para tirar as calças. Quando começou a baixar a cueca, ela escolheu um ponto e ficou olhando para o pêlo louro, tentando lembrar tudo que Ella dissera. Sorria, dê-lhes o que querem e... Um medo súbito surgiu em seus pensamentos. — Você tem... você não tem doenças contagiosas, não é?

— Não, e você?

— Eu! Não. Eu não ia ter... — Outono fez uma pausa e olhou para ele, confusa quanto ao que fazer. Os homens beijavam as putas primeiro, ou simplesmente caíam em cima? Devia ir até ele, ou devia esperar a iniciativa dele?

Nu, Brian se aproximou, pressionando o polegar contra os lábios dela e lambuzando-a.

— Vá lavar o rosto. Você parece um palhaço.

Ela fez um movimento brusco, a mão projetada por reflexo, e acertou-lhe um bofetão no rosto.

— Possua-me do jeito que sou, garoto rico, ou não me pegue.

Um músculo saltou na mandíbula e por um instante ele a olhou como se fosse revidar o golpe.

— Malcriada! — Jogou-a na cama, atirou-se em cima dela e movimentou-se até colocar-se entre as pernas dela. — Você é uma puta, uma puta de verdade. Já pegou seu dinheiro, portanto comece. — Atirou-se sobre ela.

Outono ficou olhando sobre o ombro dele para as rachaduras na parede, muitas menores espalhadas sem direção? Não. Estudou a padronagem. De certa forma parecia simbólica, mas não conseguia pensar por quê. Havia uma rachadura dentro dela? Será que pedaços dela separavam e vagavam sem direção? Não. Ela tinha uma direção. Talvez houvesse partes dela pelo caminho, mas algum dia ela voltaria. E prometeu a si mesma que quando chegasse esse dia, o homem em cima dela a trataria com respeito.

Outono estava deitada rigidamente, os braços ao lado, esperando-o terminar. Não rebolou nem gemeu como Ella orientara, mas ficou olhando as rachaduras e contando os golpes dele. Alguns rápidos, alguns lentos e, estranhamente, alguns carinhosos. O coração dele batia contra seu seio de acordo com o movimento que fazia. A respiração acelerou, depois ficou ainda mais rápida. Sentiu-o tenso, sussurrando inaudível e em seguida o calor do sêmen.

Estava terminado, e ela suspirou, empurrando-o com força pelo peito.

— Agora pode me chamar de puta, sr. Osborne.

Brian pareceu tão ansioso para ir embora quanto ela. Ficou de costas e olhou-a pelo canto dos olhos.

— Essa foi a pior trepada que já tive.

— Digo o mesmo — retrucou ela secamente.

Ele se apoiou no cotovelo, os olhos confusos enquanto a olhava.

— Que loucura. Você é faladora, fria como o inferno, uma puta independente, mas eu gostaria de trepar de novo com você.

— Vai lhe custar mais duzentos. Adiantados.

— Se eu sair dessa cama, vou cair de cara.

— Apanho a carteira para você.

— Está louca por mim, não é?

— Não. Só pelo dinheiro.

Brian passou as mãos pelos seios dela, pela barriga e pelas coxas, depois correu os dedos pelo rosto.

— Algum dia você vai ser uma bela mulher. Se esse lugar não a destruir antes. Qual o seu nome?

— Mary. Mary Lou.

— Mary Lou de quê?

— Não interessa. Nunca mais me verá. Não pretendo ficar aqui muito tempo.

— Vou sim. Comprar você para minhas férias. Digamos, um presente de Natal atrasado para mim. Durante a próxima semana você será minha. Arrumarei tudo com Rex. Antes do fim da semana, farei você gozar, nem que nós dois precisemos morrer.

Outono colocou os braços diante dos seios e olhou para o teto.

— Sou insensível do pescoço para baixo, sr. Osborne. Se conseguir me fazer gozar, eu devolverei os duzentos dólares.

— Trato feho. — Tocou-lhe o rosto e beijou-a na boca. A princípio os lábios estavam rígidos, mas logo se tornaram maleáveis, o beijo indolente. Ele gemeu e caiu nos travesseiros. — Acho que você deve descansar antes.

Logo, roncoss baixos ecoaram na cama. Outono saiu em silêncio, foi descalça até o banheiro, entrou no chuveiro e esfregou a pele até ela brilhar, rósea. O quarto ficara gelado e ela saiu do banheiro tremendo, agarrou o robe e foi até a janela.

A temperatura caíra e começara a nevar; a primeira neve do inverno. Apoiou-se na janela e observou os flocos de neve rodopiando e caindo; grandes bolas brancas caindo, perseguindo-se e brincando ao vento. Ficou ouvindo a neve assobiando nos beirais, os pensamentos vagando.

A casa estava mergulhada em silêncio e o chão coberto pela neve quando ela se virou na janela. Antes sempre amara a neve, mas agora provocava-lhe um sentimento estranho de tristeza. Talvez porque nunca mais olharia para a cena branca com os olhos de uma criança. Tocou a barriga e sentiu a perda. Seu filho, o filho de Lonnie, jamais veria a neve, jamais correria e brincaria em sua maciez fofa. Não foi uma decisão consciente, simplesmente a percepção de que não haveria mais bebês, porque não haveria mais amor. Assim como a tia, Outono faria seu caminho sozinha.

Voltou-se e olhou para a cama. Brian estava esparramado nu, os braços e pernas caídos, os cobertores transformados em uma bola. O frio do quarto não o estava incomodando; já havia suficiente anticongelante correndo em seu sangue, mantendo-o aquecido na mais fria das noites.

Não queria acordá-lo e tê-lo querendo-a de novo, assim decidiu não ir deitar e virou-se para a cadeira, dando um chute tão forte nas calças dele que as fez voar. Elas caíram no canto da parede e a carteira saiu do bolso. Ficou olhando hipnotizada todas aquelas notas verdes espalhadas no chão. Por fim atravessou o quarto e ajoelhou-se. Tocou o dinheiro cautelosamente, sentou-se de pernas cruzadas no chão e brincou com as notas, arrumando-as em pilhas ordenadas, contando-as seguidamente. O montante chegava a 3.010 dólares, mais dinheiro do que ela vira de uma só vez em toda sua vida... mais do que suficiente para sair de Edisonville. E indiretamente, seria uma pequena estocada contra Douglas Osborne.

Por um instante, o reverendo Anderson e seus ensinamentos vieram-lhe à mente, mas colocou a culpa de lado e juntou o dinheiro. Começou a planejar uma maneira de sair da cidade sem ser apanhada. Deveria contar a Ella, pegar seu carro emprestado, ir até a casa e arrumar seus poucos pertences e dirigir até Indiana. Dali tomaria um avião. Com exceção de Ella, ninguém saberia ou se preocuparia em saber

para onde Sue Anne Norton fora.

Vestiu-se rapidamente, pegou o casaco e estava se voltando para sair, mas parou e olhou para Brian. O rosto de Lonnie começara a mostrar minúsculas linhas em torno dos olhos, mas o rosto de 22 anos de Brian era liso e jovem. Recordou a briga que ouvira entre Brian e o pai. De certa forma, Brian também era uma vítima de Douglas Osborne.

Puxou o cobertor até o queixo do rapaz e afastou os cabelos desalinhados da testa.

— Adeus, Brian Osborne. Durma bem.

• II San Francisco

○ 9

Em meio à barulhenta festa de Ano-Novo, Outono estava sentada sozinha, olhando as luzes da cidade. Que ironia estar mais uma vez cercada por colinas. Se fosse jogada no centro de San Francisco, Turtle Ridge ocuparia talvez três quarteirões. A princípio ficara chocada, fora engolida pela enormidade da cidade, mas ao longo do ano que acabava de passar cavara um nicho e construíra seu próprio mundo particular entre os milhares de estranhos frios e indiferentes.

Uma semana após chegar em San Francisco, ela fora trabalhar na Murphy's, em uma das lojas da grande cadeia de lojas de departamentos. Outono considerara esse um bom lugar para começar, porque a filial da cadeia de lojas ficava em seu prédio. Os últimos andares da Murphy's estavam cheios de executivos — e posições executivas. Ela poderia começar no primeiro andar da loja e ir subindo. Desde o começo tentara tornar-se valiosa. Sempre que alguém precisava de ajuda, sempre se oferecia como voluntária, mesmo se fosse preciso trabalhar mais. Recebera quatro promoções e passava cada vez mais tempo no quarto andar, ajudando o comprador-assistente.

Outono assumira o trabalho não oficialmente e sem receber aumento, apenas mais trabalho. No entanto, o comprador estava para ser transferido e o assistente ia ser promovido, o que lhe deixava uma colocação. Dali a duas semanas teria uma entrevista. Se conseguisse o lugar, obteria um grande aumento, e seria seu primeiro passo oficial rumo ao topo.

Recordou seu debut na Murphy's e sorriu. Na época não fora engraçado, nada fora engraçado durante aquele período, mas agora podia olhar para trás e rir. Estava na Murphy's há menos de uma semana quando o sistema de prevenção de incêndios do vestiário de senhoras enguiçou, espalhando água e fazendo todos gritarem. Havia chamado a manutenção e a água fora desligada, mas aí todos já estavam encharcados, inclusive ela. Os executivos do último andar vieram correndo.

Um homem com ar de poder e autoridade destacou-se dos demais. Parecia estar no começo dos quarenta, com um rosto oval e um queixo forte marcado por uma grande cicatriz. Os olhos verdes estreitaram-se enquanto ele olhava em volta, avaliando o prejuízo. Com um gesto de aborrecimento, correu os dedos pelos cabelos bastos e ruivos. Conversou com outro executivo durante alguns momentos e em seguida voltou-se abruptamente e saiu.

Outono caminhou pelo corredor em direção a ele, as roupas escorrendo, cabelo em tufo molhados. Deu um passo para o lado, mas ele se deteve bem à sua frente. Examinou-a com um olhar de cima abaixo. A carranca desapareceu-lhe do rosto e ele começou a rir, um sorriso lento e condescendente. Outono afastou um cacho que lhe caía no rosto e ergueu o olhar para ele. Seus olhos se encontraram e o rosto dele tornou-se grave, como se houvesse olhado além do castanho dos olhos dela e houvesse entrevisto o sofrimento que se escondia ali.

Ela ficou nervosa com o exame minucioso e falou distraída.

— Que confusão, não?

— Que confusão — ecoou ele. Fez um gesto com a mão, acenando para o gerente dela. — Providencie roupas secas para esta senhora... se conseguir encontrar alguma. — Voltou-se prontamente, caminhando a passos rápidos.

Com o tempo, Outono soube que o homem era o próprio Lloyd Murphy, dono da cadeia de lojas. Vira-o poucas vezes durante o último ano, passando pelos corredores ou pelo vestiário das mulheres com

outros homens. Nunca lhe falara, mas sempre a olhava nos olhos com o mesmo olhar perscrutador. Às vezes ela ficava pensando o que ele poderia ver ali que o interessava tanto.

Outono virou-se de costas para a janela e apoiou-se ali, contemplando as pessoas espalhadas pelo salão. Usavam chapéus estúpidos, brincavam e riam enquanto esperavam a chegada do novo ano. Artie estava sorrindo para Julie Swanson, a última de uma longa linha de mulheres. Possuía a mesma expressão que ela vira no rosto de Lonnie tantas vezes. Outono compreendia agora o forte impulso que sentira quando deixara Edisonville, a força estranha que a atraía para San Francisco. Artie era a coisa mais próxima de Lonnie que lhe restara.

Pretendera ficar com Artie durante pouco tempo, mas os dias transformaram-se em semanas, e as semanas em meses. Quando Outono chegara, Artie parecera tão ferido que ela mal tocara no nome de Lonnie, nem lhe contara a verdade sobre a morte do marido. Não teria servido para nada, só traria mais sofrimento. Telefonou para Ella e soube que Brian saíra na manhã seguinte de ressaca. Não falara em Outono nem nos três mil dólares que ela roubara. Talvez tenha se sentido tolo por se deixar ludibriar por uma garota de 18 anos no prostíbulo do próprio pai.

As garotas iam e vinham, portanto o patrão de Ella só perguntou casualmente o que acontecera com a garota ruiva. Ella o dispensara com um menear de ombros, rindo loucamente quando viu o ponto negro onde ficava a casa de Outono. Os policiais também ficaram igualmente mistificados com o que acontecera à sra. Norton. Mais uma vez, Ella dera de ombros.

Outono não planejava o incêndio. Fora uma ideia de momento. Depois de arrumar as roupas na valise, juntou alguns objetos pessoais de Lonnie — sua carteira, a aliança de casamento, o relógio e uma pistola de cabo de madrepérola que ele mantinha cuidadosamente lubrificada e polida. Detivera-se por um instante olhando para a casa onde haviam gasto tanto dinheiro e tempo para transformar em lar. Saber que Douglas Osborne lucraria alugando a casa para alguém fez seu estômago doer.

Encontrava-se na porta da frente, parou e fitou a chama aberta do aquecedor a gás. Foi tão fácil. Limitou-se a colocar a ponta de uma toalha nas chamas e deixar a outra ponta cair sobre o tapete, esperou e observou o fogo disseminar-se. O soalho de madeira era tão velho que ardeu em chamas como se estivesse embebido em gasolina. Ela saiu da cidade naquela noite com uma valise, o velho violão do pai, a casa da rua dos Mineiros em chamas atrás dela. Mais um pequeno golpe contra Douglas Osborne.

A festa, o ruído da multidão trouxeram Outono de volta a San Francisco com um susto. Ergueu a cabeça bruscamente, franzindo o cenho quando uma mulher gritou. Alguém jogara gelo nas costas dela e a mulher gritava e saltava na cadeira, os longos cabelos castanhos oscilando e caindo sobre o rosto. Outono suspirou e voltou-se para a janela. A última coisa que desejava esta noite era estar no meio de uma festa de Ano-Novo, mas morar com Artie transformara-se em uma grande festa.

A princípio Outono pensara que Artie era complicado. Ao longo dos meses, dera-se conta de que ele era a pessoa menos complicada que já conhecera. Com Artie não havia máscaras. Era exatamente o que aparentava. Artie tinha boa cabeça. Podia fazer ou ser o que quisesse. Mas ele não queria, ao menos no sentido comum. A única coisa de que precisava era uma vida cheia de espontaneidade, novos lugares e novos rostos.

Para viver uma vida não planejada, ele alugara um apartamento mobiliado. Bens materiais eram um empecilho e não uma vantagem. Se de repente decidisse se mudar, o que ia fazer com uma mesa e cadeiras? Artie conhecia bem a si mesmo; não queria se preocupar com a felicidade de ninguém, exceto a sua. Preocupava-se o suficiente com as pessoas, fugindo de complicações. Mulher e filhos eram como mesa e cadeiras. O que ia fazer com eles se decidisse que estava na hora de se mudar? Era capaz de amar, mas sua necessidade de sentir-se livre e desimpedido era mais forte do que qualquer necessidade

que porventura sentisse de ter uma mulher especial só sua.

Certa vez, Outono questionara seu desejo de vaguear. Ele soltara uma gargalhada.

— O mundo é enorme, com grandes coisas. Por que se contentar com um cantinho, quando se pode ter tudo isso? — Ele deu de ombros. — É assim que sou. Lonnie era calmo, acomodado, contente com as normas. Desde que aprendi a andar, já estava procurando novos horizontes para explorar.

— Cigano, vagabundo. — Ela o chamara.

Por enquanto Artie estava satisfeito, ou relativamente satisfeito. Trabalhava como mecânico, especialista em carros esporte estrangeiros. Ganhava muito dinheiro e insistia em pagar a maior parte das despesas. Ela comprava comida, cozinhava e arrumava o apartamento. Era uma combinação confortável para ambos, mas ultimamente Outono estava sentindo ímpetos de mudar. Quando o assunto vinha à baila, sempre havia uma discussão com Artie. Ter Outono ali era a sua maneira de proteger a viúva do irmão. No entanto, havia algo no ar entre eles que ela não compreendia, o que lhe causava uma sensação de desconforto.

Nesse momento Outono se virou e procurou-o com o olhar. Ele sorriu e aproximou-se.

— Por que o olhar perplexo, irmãzinha?

Ela deu de ombros.

— Sei lá. Talvez seja a época do ano.

Artie assentiu, deslizou o braço pela cintura dela e a tirou da janela. Tratava a maioria das mulheres com indiferença, mas sempre era carinhoso e cuidadoso com ela. Insistiu em que sentasse ao lado de Julie no sofá, colocou um drinque na mão dela e disse:

— Sorria... fique alegre. Um ano novo melhor está a poucas horas de distância.

Ela observou-lhe os ombros largos quando ele se voltou e circulou pelo salão, misturando-se aos convidados. Levando o copo aos lábios, tomou um gole e fitou Julie.

Surgira uma amizade entre as duas mulheres, e Outono ficava se perguntando por quê. Se Julie pensava alguma coisa séria, Outono estava para saber. Talvez fossem suas diferenças que as aproximavam. Julie tinha 24 anos, mas Outono considerava-a uma criança que às vezes precisava ter suas vontades satisfeitas. Julie tinha seu próprio apartamento, mas dormia mais na casa de Artie do que na sua.

Julie estava alegre e virou a cabeça em direção a Outono. Os olhos verdes profundos espreitaram um cacho de cabelos louros que caía solto sobre os ombros. Uma mulher pequena, bonita e que dá vontade de acariciar — o tipo que no mínimo se esperaria ver trabalhando como garçoneiro. Parecia demasiado inocente e delicada para aturar bêbados desordeiros, mas, segundo Artie, ela conseguia acalmar o mais baderneiro. Evidentemente Julie encarava seu trabalho no bar Doghouse da mesma maneira confiante e tranquila como encarava a vida.

Julie sorriu para Outono.

— Sabe o que eu estava fazendo nessa época no ano passado? Chorando por causa de meu ex-marido. O que você estava fazendo?

Vendendo meu corpo por duzentos dólares, pensou, mas disse:

— Fazendo os preparativos para mudar para cá.

Julie estendeu a maconha para Outono, mas recolheu a mão com rapidez.

— Esqueci. Você nunca fuma. Destrói a motivação. — Julie debruçou-se até seu nariz quase tocar o de Outono. — Por que quer estar motivada?

Outono soltou uma gargalhada jovial. Tentara fumar algumas vezes e detestara. Servia apenas para deixá-la com sono.

— Vim para a cidade grande em busca de fama e fortuna. Não vou encontrar nada disso se ficar fumando metade do tempo.

— Por que quer fazer fortuna?

— O sonho da minha vida sempre foi ser rica.

— Que nojo.

Outono voltou a sorrir e estendeu a mão para a mesinha, onde pegou um cigarro. Brincou com ele por um instante antes de acendê-lo, em seguida deixou a fumaça penetrar na boca. O gosto era horrível. Julie a observava e indagou:

— Quando começou a fumar?

— Agora.

— Não está fazendo direito. Você deve tragar.

— Qual a importância? Você faz do seu jeito, eu faço do meu.

— Está brincando? Eu nunca tocaria nessa droga. Estraga os pulmões. — Julie parecia que ia adormecer, cada vez caindo mais no sofá, voltando-se para contemplar Outono. — Você acha que Artie gosta de mim?

— Não sei, Julie. Você gosta dele?

— Gosto de todo homem com quem durmo.

— Você dorme com todo homem de quem gosta?

— Durmo, exceto negros. Acha que sou racista?

— Sei lá. Já dormiu com um chinês?

Ela deu de ombros.

— Nenhum chinês me convidou. — Julie passou a maconha para a mulher ao lado e semicerrou os olhos, olhando Outono através das pálpebras semicerradas. — E você? Com quantos homens já dormiu?

— Dois.

Julie recuou e olhou-a horrorizada.

— Dois? Que horror. Meu Deus. Você não fica com teias de aranha?

— Não. — Outono respondeu calmamente. — Não tenho tempo. — O que era verdade. Além do trabalho na Murphy's, ela estava frequentando a faculdade duas noites por semana, fazendo economia e marketing nas noites de terça-feira e administração e motivação nas noites de quinta. O tempo trabalhando, na faculdade, estudando e cuidando do apartamento mantinha-a tão ocupada que não se dava conta de que a cama estava vazia quando entrava debaixo dos lençóis, exausta.

Depois de outra tragada, ela fez uma careta e apagou o cigarro no cinzeiro. Julie brincava, mas Outono suspeitava que havia algo por trás daquilo e protegeu-se contra ela.

— Eu não iria com muita sede ao pote no caso de Artie. Ele é diferente. Não está procurando uma esposa e uma vida caseira.

— Está tentando me dizer algo?

— Apenas que Artie não é do tipo de acomodar-se e criar filhos. Ele gosta de alegria e excitação.

— Nenhum homem quer se acomodar até aparecer a mulher certa.

Outono gemeu por dentro diante da ingenuidade de Julie. Ela se mudara do Novo México para San Francisco após o divórcio e considerava todos os homens iguais ao cowboy ao lado: queriam apenas um cavalo veloz, uma boa caminhonete e uma mulher para cozinhar e aquecer-lhes a cama. Outono sabia que era inútil aconselhá-la; Julie só ouvia o que queria.

Terminou o drinque e deixou o sofá para Julie. Através de Artie ela ficara protegida e exposta aos vários elementos da vida na costa oeste. Ele possuía muitos amigos, mas Outono decidira manter-se fora do círculo. Agora brincava, misturava-se e bancava a anfitriã, limpava os cinzeiros, enchia copos, evitando que o salão se transformasse em completo desastre, mas também mantinha todos à distância de um braço.

Julie adormecera, e Artie estava sorrindo para uma morena com as bochechas muito pintadas. Havia uma delicadeza em Lonnie que seu irmão gêmeo não possuía. Artie andava e movimentava-se com rapidez, com uma graça arrojada. Mesmo agora, cercado pelas pessoas, havia um traço de monotonia em seus modos, o que parecia atrair as mulheres. A mulher nesse momento olhava-o com uma expressão “peça-me-e-direi-sim”.

Outono dirigia-se à cozinha para pegar mais gelo quando foi levantada de seus pés e jogada no colo de um homem. Apanhada de surpresa, olhou muda para o homem que achava se chamar Bill. Ele possuía longos cabelos finos que caíam no rosto, uma barba hirsuta e cheirava a suor. Ela não queria fazer uma cena, falou calmamente.

— Seja legal e me deixe sair.

— Seja legal você — retrucou ele, imitando o sotaque dela. Agarrou-a pela cintura e correu a mão sob o vestido dela. — Ouvi dizer que vocês matutas são quentes. — Mexeu os dedos no monte entre as pernas. — Hummm, hummm.

— Desgraçado — gritou ela, agarrando-lhe a mão.

Ele soltou uma gargalhada e estava lançando a cabeça sobre a dela quando a mão de Artie caiu com força no ombro dele.

— Eu não faria isso, a não ser que queira seu rosto arrebitado até ficar parecendo o seu rabo. — Pegou Outono pela mão e a puxou do colo de Bill, abraçando-a. A expressão do rosto de Artie fez com que Bill levantasse da cadeira e saísse do apartamento.

— Você está bem? — indagou Artie.

— Sim, mas não estou ligando a mínima para seu amigo.

— Não é meu amigo. Achei que fosse seu.

— Parece que se chama Bill, mas não o conheço. — Os olhos de ambos se encontraram e caíram na gargalhada juntos com o penetra.

Artie deu de ombros.

— Ao menos ele animou um pouco a festa.

— Está de saco cheio?

— Um pouco.

Outono sabia de uma coisa que o excitaria — ir atrás de Osborne — mas não lhe podia contar até chegar a hora certa.

— Acho que vou a meu quarto telefonar para tia Molly e desejar-lhe feliz Ano-Novo.

Artie assentiu.

— Deseje o mesmo por mim.

Deixou-o e atravessou o corredor em direção a seu quarto. Sair de Edisonville fora fácil, mas deixar Molly fora bem mais difícil do que pensara. Sentia falta da tia e da proximidade que compartilhavam, proximidade que poucas mães e filhas tinham. Outono e Artie haviam ido a Turtle Ridge no Natal. Ella fora para o dia de Natal e haviam feito peru com molho, broa de milho e todas as guarnições. Molly decorara a árvore com pipoca colorida como quando Outono era criança. Outono tentara aproveitar, mas a lembrança de Lonnie ainda era muito forte.

Outono sabia que Molly estaria sentada em frente à televisão assistindo à multidão em Times Square, comemorando o novo ano. Ela atendeu ao telefone na segunda chamada, e Outono gritou:

— Feliz Ano-Novo, tia Molly.

— Bem, será — disse Molly alegremente. — Não esperava ouvir você tão cedo. Estava sentada, tricotando e pensando em você aí na costa. Gostaria que viesse para casa. Os caras daí não são do seu tipo.

Pensou em Bill e em seu corpo suado e concordou em silêncio. Demoraria alguns anos para Turtle Ridge aceitar algumas das coisas que estavam acontecendo naquela sala, se é que algum dia aceitaria.

— Não posso, tia Molly. Acabei de saber que poderei ser promovida a compradora-assistente. É muito mais do que poderia esperar se voltasse para casa.

— É, não tem muita coisa aqui. Passei por Bobby Joe outro dia. Ele está doido para terminar a faculdade e ficar livre de Turtle Ridge também. Perguntou sobre você. Acho que ainda gosta de você.

Outono sorriu e ouviu Molly divagar. Aquilo não combinava com a tia, e Outono sabia que era sua maneira de agarrar-se ao som da voz de Outono. Molly estava sozinha e demonstrava aquilo pelo modo como falava, em voz baixa e com saudade para ter de volta sua garotinha.

— Bem, Outono, sei que a ligação é de longa distância e vai lhe custar dinheiro. Vou desligar agora. Cuide-se e escreva, está ouvindo.

— Vou escrever, tia Molly, e cuide-se você também. — Estava preocupada com Molly. Se a tia caísse e se machucasse, ia ficar naquela posição durante dias até alguém encontrá-la. Outono não gostava de deixá-la sozinha no campo, mas nada podia fazer no momento. Talvez mais tarde Molly pudesse vir para San Francisco. Se Outono conseguisse fazê-la deixar Turtle Ridge.

Ligou então para Ella.

A voz de Ella soou tão alta que Outono precisou afastar o fone do ouvido.

— Tenho novidades para você! — gritou Ella. — Vai adorar.

— Então conte.

— A merda realmente atingiu a casa dos Osborne. Brian e o pai tiveram uma briga definitiva. O velho ditou as ordens, disse que ou Brian se adaptava ou seria expulso, e estou falando sério!

— Expulso? — ecoou Outono. — Como?

— Expulso da família, excluído... nada de dinheiro.

— O que Brian fez?

— Mandou o pai enfiar o dinheiro e saiu de casa.

— Como sabe disso tudo?

— O jardineiro. Ele soube disso por Daisy, a governanta, que consegue saber tudo o que se passa naquela casa. E adora uma fofoca. Contou ao jardineiro e ele contou para mim e todo mundo que quisesse ouvir.

— Como Douglas está enfrentando isso?

— Pelo que eu soube, está furioso e chutando tudo que encontra pela frente. Todos aguardam ansiosos para ver quem vai ceder primeiro.

— Brian ainda está na cidade?

— Não. Arrumou as malas e voltou para a faculdade.

Outono sorriu, contente. Devia ter sido um duro golpe para Douglas perder o único filho e herdeiro.

Dez minutos depois, Outono desligou, rindo. Foi até as gavetas, pegou debaixo de uma pilha de suéteres um álbum de recortes e abriu-o.

Comprara o álbum de recortes logo depois de chegar a San Francisco, e através de Ella ia preenchendo o livro com recortes tirados do Times de Edisonville. Eram notícias pequenas mas que lhe permitiam saber mais a respeito da família Osborne. O artigo mais impressionante tinha uma fotografia de Douglas com um grande sorriso de contentamento no rosto. De acordo com o artigo, os investigadores da explosão haviam concluído que o acidente acontecera quando os mineiros haviam atingido um bolsão de metano, e Douglas Osborne fora isento de qualquer responsabilidade.

No recorte Douglas anunciava orgulhoso que Black Jewel estivera com a família durante gerações e fazia parte da sua herança. A mina continuaria como era até o dia da explosão — um monumento à família

e aos homens que haviam morrido ali.

Outono tinha outros recortes, mas aquele era o seu predileto, e ao longo dos meses voltara a lê-lo até ficar gasto. Pensando em Brian, sorriu para o rosto no recorte.

— Alô, Douglas Osborne. Como se sente perdendo alguém que ama? — Fazia-lhe bem saber que agora Douglas também estava sofrendo. Fechando o livro de supetão escondeu-o sob os suéteres e voltou para a sala.

Artie lançou-lhe um olhar e sorriu quando ela se aproximou. — Pensei que você tivesse ido dormir.

Ela soltou uma gargalhada e balançou a cabeça.

— Estou me sentindo muito bem para ir dormir. Vamos comemorar o Ano-Novo.

De súbito a sala explodiu em gritos e gargalhadas com a chegada da meia-noite. Artie abriu um sorriso e tomou Outono nos braços.

— Feliz Ano-Novo. — Abaixou-se e deu-lhe um beijinho nos lábios.

Outono afastou-se e sorriu para ele, mas o desconforto voltara.

— Feliz Ano-Novo para você, grande irmão.

UM tilintar constante e irritante acordou Outono de um sono narcotizado. Sentou-se na cama com a cabeça latejando e a boca seca de broa de milho. Com uma careta correu a língua pela boca, o tilintar rodopiando e ecoando em sua cabeça. O ruído parecia vir da cozinha, e saiu cuidadosamente da cama, segurando a cabeça com as mãos. Descobriria do que se tratava e depois ia acabar com o ruído.

Foi tropeçando no robe e percorreu o corredor, cambaleando, chegando à sala e depois à cozinha. Artie estava de pé, vestindo o robe e com uma xícara de café. A seu lado estava uma máquina de lavar pratos cheia, chocalhando e tilintando. Outono atravessou a cozinha e bateu com a mão no botão, empertigando-se em seguida para ouvir o silêncio maravilhoso.

— Estou com dor. — Ela gemeu, deixando-se cair na mesa.

Artie sorriu e encheu uma xícara de café. Pegou uma aspirina em um armário e colocou-a diante dela, junto com um copo d'água.

— Qual o problema, irmãzinha, está de ressaca?

— Estou. Tem uma centena de homenzinhos maus com esporas nos saltos e martelos nas mãos batendo no meu cérebro.

— Não me lembro de ter visto você beber tanto antes.

— Eu estava comemorando.

— Comemorando o quê?

Ela balançou a cabeça, bebericou o café e franziu o cenho.

— Fui criada com bebida contrabandeada suficiente para arriar duas centenas de homens. O velho Tucker tinha um alambique e eu costumava bebericar aquela coisa. Quando tinha 15 anos a bebida me pegou e aprendi quando devia parar. Não sei o que aconteceu na noite passada. — Esfregou as têmporas, fazendo pequenos círculos. — E você? Também está de ressaca?

— Não, precisei ficar sóbrio para cuidar de você.

— Por quê? O que foi que fiz? Não me lembro direito da noite.

— Primeiro me passou um sermão quanto ao modo de tratar as mulheres, especialmente Julie. Você considera-a carinhosa, e vou fazê-la sofrer.

— Não fiz isso.

— Fez sim. Depois sentou em pleno chão com dois caras e bebeu uísque. Vangloriou-se de beber mais do que qualquer homem na sala.

— Fiz isso?

— Fez. Mais tarde, você pulou sobre a mesa de café e dançou uma jiga irlandesa.

— Meu Deus!

— Depois desmaiou e coloquei-a na cama.

— Na hora certa. — Passou os dedos pela borda da xícara de café.

— Estava nua quando acordei. Quem fez isso?

— Eu. Já vi mulheres nuas antes. — Caminhou até o balcão e serviu outra xícara de café. Quando voltou a olhá-la, o rosto estava impassível.

— Você acordou quando eu estava tirando sua roupa e misturou tudo. Confundi-me com Lonnie. — Fez uma pausa e bebeu um gole de café.

— Mereço uma medalha, irmãzinha. Eu queria ficar. Meu Deus, como eu queria ficar. — Em

seguida ele saiu da cozinha, falando por sobre o ombro. — Saí do seu quarto desejando ter um rosto meu.

De repente ela compreendeu o estranho desconforto que começara a sentir, e ficou pensando por que demorara tanto a se dar conta do que acontecera ao longo dos meses. Havia diferenças de personalidade, mas Artie ainda era a imagem viva de Lonnie. Lentamente, ela se aproximara dele em sua necessidade de Lonnie. Só na noite passada fora para a segurança dos braços dele quando aconteceu o incidente desagradável com Bill.

Um ano atrás teria dado uma cotovelada com toda força no ventre de Bill e teria se livrado dele. Com o passar dos meses, em sua vulnerabilidade, tornara-se dependente de Artie. Em seu inconsciente sabia que Artie estava ali e iria protegê-la. Era um homem viril com desejos intensos. Algum dia, em sua solidão, o procuraria. Apanhado desprevenido, ele não sentiria vontade de sair. Ela fora encurralada em uma situação irremediável e sem saída, agarrando-se a um homem porque era a imagem de outro.

Poderia ser desastroso para ela, e injusto com Artie. A única solução seria afastar-se dele. Seria uma distância pequena mas segura. Não se afastaria de Artie por completo, só o suficiente para manter as coisas em perspectiva. Ele podia levar a vida como quisesse, contanto que estivesse por perto, ela sempre teria uma parte de Lonnie. Através de um homem, o outro vivia.

O café esfriou, e Outono se levantou da mesa. O peru estava sobre o balcão, esperando ser recheado, mas não se sentia em condições de forçar-se a enfrentar o velho pássaro desnudo. Dirigiu-se para a sala, onde Artie estava sentado com Julie. Os olhos dele encontraram os dela; em seguida o momento passou e fitou-a com um sorriso rápido.

— Os homenzinhos estão de volta?

Ela esfregou as têmporas.

— Isso mesmo, e acho que trouxeram as irmãs e irmãos e um caminhão de primos. — Lançou um olhar para Julie, que mais parecia uma margarida em seu robe amarelo-claro. A pele dela brilhava e as bochechas estavam rosadas. Outono olhara-se no espelho da sala. O cabelo caía até a cintura em uma massa emaranhada. A pele não estava revigorada, mas pegajosa, e as bochechas não se achavam róseas, mas pálidas. — Odeio você, Julie.

Julie arregalou os olhos e perguntou em voz baixa:

— O que foi que fiz?

— Você é bonita demais! — Outono soltou uma gargalhada, declarando em seguida: — Está ficando tarde. Vocês recheiam e guardam o peru para mim? Eu cuido do resto depois.

— Recheiar um peru? Não sei como fazer isso.

Outono não estava com estado de espírito para brincar de mamãe e franziu o cenho, aborrecida.

— Pelo amor de Deus. Basta recheá-lo e colocar no forno.

— Não sei recheiar.

Outono lançou um olhar para Artie, que estava rindo das duas, e em seguida olhou para Julie.

— Aprenda rápido. Caso contrário, terá que comer um sanduíche no jantar. — Atravessou o corredor e foi para seu quarto, enfiando-se sob os cobertores até a cabeça. Sentiu um aperto na garganta, mas sabia que não era por causa do uísque. Eram lágrimas. Sempre estavam ali, pequenas gotas de lágrimas aprisionadas na garganta. Não conseguia tossir e expulsá-las, nem engoli-las. Ficavam esperando a hora certa para aflorarem. Quando chegasse a hora, Outono sabia que seria uma tremenda explosão.

Passaram-se vários dias antes que Outono conseguisse falar com Artie que iria se mudar. Não tinha um plano definido, sabia apenas que precisava colocar uma distância entre ambos. Ele estava folheando um número de *Mechanix Illustrated* quando ela tocou no assunto.

— Não seja ridícula. Além do mais, não tem dinheiro para se mudar.

Outono virou-se de costas para ele. Teria dinheiro para mudar-se para um lugar só seu, mas não podia lhe dizer como, e amaldiçoou o dinheiro que roubara de Brian. A simples menção dos três mil dólares seria como abrir a caixa de Pandora. Todos sabiam que ela e Lonnie não tinham dinheiro; precisaria explicar de onde viera tanto dinheiro. A noite com Brian era um segredo que só compartilhara com Ella.

Colocara o dinheiro restante no banco, após instalar-se em San Francisco, mas quando ouvira dizer que algumas pessoas no trabalho estavam discutindo o oferecimento de novas ações ao público, ela investira nessas ações, esperando perder o dinheiro. Comprou a US\$10,25 a ação, que subiu para US\$21,75, e então vendeu-as. Após o corre-corre de compra e venda, as ações começaram a cair. Quando chegou aos 12 dólares, tornou a comprá-las. Desde então atingiram 16 dólares e continuavam a subir com regularidade. Era como se o dinheiro fosse abençoado com o toque de Midas, pois certa vez pertencera aos Osborne.

Levantou-se da cadeira e se colocou diante de Artie.

— Vou conseguir a promoção. Isso vai significar um bom aumento. Posso pagar um apartamento para mim.

— Não é só o dinheiro, Outono. Uma garota de 19 anos, vinda do interior, não deve morar sozinha nessa cidade. Você não está em Turtle Ridge, e os homens daqui não são garotos mijões.

— Posso cuidar de mim mesma.

Ele soergueu uma sobrancelha divertido.

— Como fez na outra noite com nosso penetra?

— Esta é outra razão por que devo mudar. Estou me apoiando demais em você. Preciso aprender a me virar com homens como Bill. E não aprenderei se você estiver por perto para brigar por mim. Além do mais, vou fazer vinte anos em abril, e Molly sempre disse que nasci com trinta anos.

Artie pegou-lhe a mão e a puxou para o sofá ao lado dele.

— Esse desejo súbito de mudar tem algo a ver com o que eu disse na outra manhã?

Ela assentiu, mas continuou em silêncio.

— Foi o que pensei. Olhe, querida. Nenhum homem poderia despi-la e colocá-la na cama sem querer fazer amor com você, seja cunhada ou não. Isto não significa que algum dia vou me aproveitar de você. — Colocou um dedo sob seu queixo, tocou-lhe o rosto e fitou-a cuidadosamente. — Sua cabeça parece ser diferente da da maioria das mulheres. Você move-se entre os homens e parece totalmente indiferente ao impacto que causa neles. — A mão caiu do queixo, e ele riu maliciosamente. — Você acorda o homem nos homens. Este seu maldito ar intocável é um desafio para eles. Vivendo aqui comigo, está mais ou menos protegida. Só estou tentando protegê-la até ter idade suficiente para enxergar e saber como lidar com isso.

— Há coisas que vejo e você não. E se eu o procurar de novo e o pegar em um momento de fraqueza? Em uma hora em que você não consiga sair como fez na noite em que me colocou na cama?

— Seria tão terrível assim, Outono?

— Seria. Seria terrível para mim e para você. Quando olho para você, vejo Lonnie. Nunca ia saber se era você mesmo que eu estava querendo, ou Lonnie. Pior ainda, você também nunca saberia. Ia querer isso?

— Diabos, não. Meu ego não ia suportar.

Ela sorriu e deu de ombros.

— Mim garota, você garoto. Mais cedo ou mais tarde acabaremos na mesma cama se eu continuar aqui. Acho que não seria bom para nenhum de nós dois, certo?

— Certo — ele concordou, e balançou a cabeça. — Julie tem um quarto sobrando. Pode ir morar

com ela.

— Julie! — Outono pôs-se de pé. — Não posso morar com Julie. Ela me deixaria louca.

— Vindo de mim, pode parecer mentiroso. Sou irresponsável e sei disso, mas você precisa pensar no dinheiro. Sei quanto ganha na Murphy's. Mesmo se conseguir a promoção, ainda ia gastar tudo para morar sozinha. Sem falar no fato de poder contar com a proteção de outra mulher morando com você. Embora seja extravagante, Julie é uma excelente garota, e pode usar sua parte do aluguel. Está tendo problemas para pagar as contas pois a companheira foi embora.

Suspirando, Outono assentiu. Era a solução mais simples para o momento.

— Telefone para Julie e diga-lhe que tem uma nova companheira para dividir o apartamento. Vou começar a arrumar as malas.

Outono tocou na ponta da jaqueta, em seguida recuou para admirar sua vitrine de artigos de couro. Um pequeno departamento mostrando as últimas novidades fora ideia sua, assim, considerava o canto da loja como seu. A Murphy's era um negócio de família, suas mercadorias destinavam-se à classe média e eram desinteressantes. Nunca tentaram trazer os estilos mais atuais, ocasionalmente exóticos.

Outono lutara pela ideia durante vários meses, acentuando o fato de que os jovens eram os maiores compradores do país. Mostrou que os adolescentes de hoje tinham muito mais dinheiro para gastar do que no passado, e que se dedicava cada vez maior atenção ao estilo — talvez o estilo deles, mas de qualquer maneira um estilo, ou ao menos era o que os outros adolescentes estavam vestindo. Se a Murphy's desejava chamar a atenção deles, deveria exibir o que queriam vestir, e não o que esperava que vestissem.

Por fim fora separado um canto com pôsteres e música rock tocava alto, talvez não tão alto quanto os adolescentes teriam gostado, mas de qualquer maneira aquele era um lugar onde se sentiam à vontade. Os anúncios lançaram-no como o lugar da moda. A ideia dela provou-se muito lucrativa. E para Outono, boas ideias representavam a chave do sucesso. Com o tempo, sabia, chegaria ao último andar.

Ela saiu do pequeno departamento e foi até a seção de lingerie, onde Maggie arrumava camisolas em uma mesa, parte de uma nova linha que a loja estava oferecendo. Maggie estava na casa dos trinta. Trabalhava na loja há cinco anos e conhecia tudo. Nunca se encontraram fora da loja, mas às vezes almoçavam na lanchonete juntas.

Outono deteve-se ao lado dela para ajudá-la a arrumar a camisola. Maggie sorriu.

— Que tal almoçar hoje?

— Não posso. Vou subir para ajudar Ruth — disse Outono.

— Ela não é a compradora que está sendo transferida?

— Não. Esta é Colette. Ruth vai assumir seu trabalho.

— O que deixa um espaço para você, certo?

— Espero que sim.

Maggie estava apoiada na mesa. Cutucou Outono e voltou-se rapidamente ao trabalho.

— Parece cheio. Olhe os figurões vindo. — Debruçou-se e sussurrou. — Fico pensando o que meu marido diria se soubesse que fico suando quente toda vez que o homem passa.

— Que homem?

— Lloyd Murphy. Um animal sexual, não acha?

Outono deu de ombros.

— Imagino que sim. — Não pensara em Lloyd Murphy como nada além de dono da cadeia de lojas, um homem que via talvez uma vez por mês passando e que a olhava com olhos analíticos. Pegou um punhado de camisolas de uma caixa, refletindo como os figurões caminhavam, ignorando a equipe de funcionários por completo. Eles paravam, falavam, gesticulavam, olhavam através das pessoas como se

elas não existissem. Lançou um olhar para Lloyd Murphy, que caminhava com dois homens, descendo um corredor em direção à mesa.

Os olhos de Lloyd Murphy não a estavam perscrutando; ao contrário, sorriam.

— Alô, Sue Anne.

— Alô, sr. Murphy.

Maggie esperou que os homens não pudessem ouvir, observando-lhes as costas ao descerem o corredor.

— Ora, que tal achou. Estou aqui há cinco anos e ele não sabe meu nome. Você está aqui há um e ele já está lhe chamando Sue Anne.

— A Loja da Moda. O novo departamento deve ter passado por ele. Provavelmente meu nome foi citado. — Voltou-se para as camisolas, sorrindo. Lloyd Murphy saber seu nome só poderia significar uma coisa. Finalmente seu nome estava sendo conhecido em lugares altos.

Viver com Julie não estava sendo tão ruim quanto Outono temera. Julie era alegre e fazia com que Outono risse de suas caretas malucas. Na verdade, o tempo que passavam juntas era bem curto. Julie trabalhava a maioria das noites, e Outono durante o dia, além de frequentar a faculdade duas noites por semana. Quando se encontravam, geralmente era às pressas.

O apartamento era pequeno, agradável e bem localizado, com um ponto de ônibus no quarteirão seguinte. Do outro lado morava um homem mais velho chamado Landers, o qual passeava com o cachorro toda manhã, parando para conversar com Outono enquanto ela esperava o ônibus. De uma forma estranha, ele a fazia sentir-se em contato com Molly. Ela se descobrira observando-o e seu cachorrinho, chamado Puddles.

Na primeira semana estivera tão ocupada com o trabalho, a escola e a mudança para o apartamento que mal tivera tempo para pensar em sua entrevista para a promoção. Mas na manhã de segunda-feira acordou com um nó no estômago e um leve tremor. Tomou cuidado especial com as roupas e escolheu um conjunto preto e uma blusa cor de ferrugem que lhe realçava os cabelos. Após um leve toque de maquiagem, escovou os cabelos até ficarem quebrados. Tentou afastar as mechas do rosto, mas cachos obstinados caíam sobre ele. Aborrecida, deu um tapa nos cachos, agarrou a bolsa e dirigiu-se para a cozinha e o cheiro sedutor de bacon e ovos.

Julie em geral dormia até tarde, mas aquele era seu dia de folga e estava sentada na mesa com papel e caneta. Ergueu os olhos e franziu o cenho quando Outono entrou.

— Parece que meu pagamento nunca dá. Tem uma blusa na Murphy's que eu queria. Bem. Na semana que vem.

— Eu lhe empresto o dinheiro. Melhor ainda, vá à loja e me mostre qual é a blusa e compro para você. Ainda terei direito a desconto.

Julie assentiu e apontou para a mesa.

— Surpresa. Fiz o café da manhã hoje.

Outono sentou em uma cadeira em frente a Julie e pegou os ovos mexidos.

— Sua mãe nunca lhe ensinou a cozinhar?

— Claro, ela fazia os ovos assim. — Julie riu e deu de ombros. — Cozinhar não é meu forte. Acho que nasci para ser uma coisinha de algum homem rico.

— Pensei que você não se interessasse por dinheiro.

— Não me interessa. Quero apenas que cuidem de mim.

— O que aconteceu com o seu marido?

— Era um babaca, mas também só pego babacas. — Ela apoiou os cotovelos na mesa e contemplou Outono, pensativa. — Estive pensando.

— Desde quando você pensa?

— Cale a boca e escute. Você está querendo fama e fortuna. Pensei em uma maneira de você ganhar alguns dólares.

Outono tirou a parte queimada da torrada e olhou-a com ceticismo.

— Como?

— Você é ótima no violão, sensual e sua voz não é ruim. Podia tocar e cantar no Doghouse. Everett não pode lhe pagar, mas você ficaria com as gorjetas. Não sei qual é o problema. Fazemos um bom trabalho, mas Everett sempre está com problemas. Tenho pena dele. É meio doente e não consegue ser um homem de negócios.

— Por que tem uma taberna?

— Era dos pais. — Ela fez uma pausa e soltou um risinho. — Acho que o lugar é da família desde os dias da corrida do ouro.

— Você disse que ele era meio doente. Que tipo de doença?

— Alguma coisa no coração. — Julie olhou através dela. — Bom, o que você acha?

— Não tenho idade, lembra-se? Além do mais, tenho faculdade duas noites por semana, e não vou desistir dela por nada nem ninguém.

— A idade não tem importância. Não podemos lhe servir bebida, mas pode conseguir uma permissão do estado e trabalhar lá nas suas noites livres.

Outono colocou a torrada que estivera mordiscando de lado e levantou-se.

— Vou pensar. Agora preciso ir. Não quero me atrasar hoje. — Colocou-se diante de Julie e ajeitou a saia na altura dos quadris. — Como estou?

— Ótima. Para uma matuta, você tem bom gosto. Qual é a grande ocasião?

— Hoje tenho uma entrevista. Meu Deus... estou nervosa.

— Não fique. Você se sairá muito bem. Tenho certeza, vou planejar uma comemoração. Estou com a noite livre. Telefonarei para Artie e alguns do grupo e faremos uma reuniãozinha. Prepararei inclusive o jantar.

— Esqueça o jantar. Se eu não conseguir a promoção, não terei von tade de comer. Se conseguir, sairemos. — Virou-se, mas deteve-se na porta — Preciso conseguir «ste cargo, Julie.

— Por quê? Você está indo bem.

— Não desejo apenas isso. Quero subir. Subir cada vez mais, até não haver nada entre mim e a lua. Julie olhou-a perplexa.

— O que há com você, Outono? O que a impulsiona?

— Lembranças. — Sorriu de leve. — Deseje-me sorte.

— Não precisa... você tem sorte.

Os escritórios da Murphy's ocupavam vários andares, todos cheios de executivos cuidando de pequenos assuntos tais como promoções de compradores-assistentes. Outono sabia que o presidente do conselho e maior acionista não entrevistava ninguém de seu nível. Por que então estava sentada diante da mesa de Lloyd Murphy?

Observou-o folhear sua pasta. Vestia um terno cinza-claro, mas sóbrio, que caía tão bem nos ombros que só podia ter sido feito sob medida para ele. Não poderia tê-lo retirado de uma prateleira da Murphy's. Seu rosto oval estava pensativo e vez por outra ele tocava distraído a grande cicatriz no queixo. Os cabelos ruivos estavam bem penteados.

Para Outono, o escritório mais parecia uma sala de estar na casa de alguém do que um local de trabalho. Um sofá de couro dispunha-se curvo diante da lareira onde chamas saíam de toros de madeira carbonizados. O crepitar do fogo mudava a atmosfera do ambiente de formal para aconchegante. Pesadas mesas de carvalho descansavam sobre tapetes orientais grossos. Uma grande escrivaninha de carvalho quase cercava Murphy; sua cadeira era funda. Logo atrás dele, havia janelas do chão ao teto com cortinas finas protegendo contra a claridade e proporcionando uma moldura majestosa. O ambiente recendia levemente a tabaco de cachimbo.

Outono torcia os dedos, desejando poder tirar os sapatos. Era mais fácil pensar com clareza quando estava descalça. Mexeu-se desconfortável.

— Deve haver algum erro, sr. Murphy. Acho que eu não devia estar aqui.

Ele sorriu e fechou a pasta.

— Não houve erro. — Pegou uma caixa de cigarros dourada na escrivaninha e estendeu-a. A princípio Outono hesitou, mas em seguida pensou que poderia ajudá-la a relaxar e aceitou um cigarro, inclinando-se para usar a chama do isqueiro por ele oferecido.

Acomodando-se na cadeira para observá-la, Murphy indagou:

— Você não traga?

— Não. Fumo apenas para ter o que fazer com os dedos.

Ele voltou a sorrir, um sorriso lento e tranquilo.

— Está nervosa?

— Um pouco.

— Com medo de mim?

— Não, só nervosa.

Ele fez um gesto em direção ao bar.

— Quer tomar um drinque?

— Não. Não estou tão nervosa assim.

Outro sorriso leve; em seguida:

— Por que veio trabalhar na Murphy's?

— Murphy. É um bom nome irlandês. Eu era McAvan antes de casar. Além do mais, vocês haviam colocado um anúncio para vendedora.

Ele pegou uma caneta e brincou com ela preguiçosamente.

— Você é viúva?

— Sou. Meu marido morreu faz um ano.

— Sinto muito. Era apaixonada por ele?

Outono piscou diante da pergunta inesperada.

— Bem... sim. Muito.

Ele assentiu.

— Você teve quatro promoções desde que está aqui. Isto não é comum.

— Trabalho duro. Acho que as mereci.

Ele jogou a caneta sobre a mesa e ficou em silêncio enquanto Outono apagava o cigarro no cinzeiro.

— Soube que você está estudando administração em uma faculdade noturna. Está interessada em tornar-se administradora?

Ela sorriu e fez um movimento em direção à pasta.

— Esta pasta diz qual é o meu café da manhã também?

— Você come um ovo cozido, metade de uma turíngia, uma torrada de trigo com manteiga e mel, alternada com uma xícara de creme de trigo.

Outono ficou confusa e esfregou as mãos suadas e nervosas contra a saia.

— O senhor é sempre tão meticuloso?

— Apenas em casos especiais.

— Sou um caso especial?

— Completamente. Agora quanto à minha pergunta. Está interessada em tornar-se administradora?

— Estou. Quero conhecer tudo sobre os serviços internos dos grandes negócios. Quero saber como se sobe ou como se destrói alguém.

Ele sorriu levemente.

— Onde gostaria de ir com esta companhia?

— Acho que ficaria contente com o seu cargo.

Ele reclinou-se na cadeira com uma gargalhada vigorosa.

— Então... quer dirigir uma cadeia de lojas de departamentos, não é? Vai ser uma futura adversária? Devo ficar com medo?

Ela se sentiu jovem, idiota e mudou de posição na cadeira.

— Você está rindo de mim.

— Não. Nunca fiz isso. Gosto de mulheres ambiciosas. Não tenho medo ou me sinto ameaçado por elas. Acho-as interessantes e muito excitantes. Antes de minha mulher morrer, que Deus tenha sua alma, gostava de ocupar-se da cozinha. Era fantástica no guisado irlandês e recheava um peru como ninguém, mas era monótona, terrivelmente monótona.

Outono tentou conter-se, mas desatou a rir diante da franqueza inesperada.

— Sinto muito — disse rapidamente. — Não queria rir.

— Tudo bem. Você tem uma gargalhada boa e honesta, e não solta risadinhas. Gosto disso. Quero ouvir mais essa gargalhada. — Apoiou-se na cadeira e deu uma olhada no relógio. — Entraremos em detalhes sobre seu trabalho no jantar hoje à noite em meu apartamento. Mandarei um carro buscá-la.

Uma campainha de aviso ecoou na cabeça de Outono e ela se retesou. Cuidado com seu gênio, alertou-se, cuidado com seu gênio desgraçado.

— Jantar com você tem alguma relação com conseguir o emprego para mim?

Os olhos de ambos encontraram-se tranquilamente e quando ele falou, não denotou qualquer emoção.

— Tudo a ver. Se conseguir o emprego, receberá um apartamento.

I Jm bom apartamento e um belo automóvel. E uma excelente conta corrente. Eu a instruirei e a transformarei na maior mulher de negócios que você poderia ser. Vai levar tempo, e significará trabalho árduo para nós dois.

— Você faz isso com frequência?

— Apenas quando encontro uma mulher que me interessa, e que tem potencial. Não é só sexo... embora o sexo represente um papel fundamental. Gosto de pegar belas mulheres e transformá-las em algo que nunca seriam. Claro que lhe darei tempo para me conhecer. Quando era jovem, eu parecia um touro indecente, mas o tempo me modificou. Tenho observado você há um ano, mas esperei. Mesmo quando você sorria, parecia muito

II iste. Quis dar tempo a seu coração de curar-se. — Ele bateu com o dedo na pasta. — Você é jovem e inexperiente. Esperarei até que esteja pronta.

— Não está colocando o carro adiante dos bois? Não devia primeiro me chamar para jantar e tomar vinho e depois fazer a oferta?

— Normalmente sim. Mas a maioria das mulheres não é tão brusca. Não me perguntam quais são minhas intenções quando as convido para um simples jantar. Você me fez uma pergunta, e lhe dei uma resposta honesta.

Outono passou o dedo pelo couro do braço da cadeira e sentiu a própria vida esvaindo-se dela. Pensou em Brian e na noite em que vendera o corpo por duzentos dólares. Na época pensara que aquele era o único jeito. Mas agora não tinha tanta certeza. Depois da noite com Brian, sentira-se suja e envergonhada.

As circunstâncias atuais eram diferentes e sensuais, mas significavam a mesma coisa. O preço seria mais alto, mas ainda assim estaria vendendo o corpo.

— Preciso sentir-me livre e desembaraçada, sr. Murphy. Acho que não gostaria de ser amante de ninguém.

Ele tocou na cicatriz do queixo e pareceu divertido.

— Não estou inteiramente certo, mas acho que acabei de ser rejeitado.

Ela assentiu.

— Isto é mau. Não posso fazê-la compradora, Sue Anne. Não está preparada, e sem minha ajuda cairia de cara no chão. — Ele empertigou o corpo robusto na cadeira e estendeu a mão. — Vai demorar mais, mas acho que acabará conseguindo o que deseja.

A mão dele era quente, o aperto de mão firme.

— O emprego ainda é meu?

— Claro. Ainda está para chegar o dia em que vou despedir uma mulher que me rejeita. — Deu um leve aperto na mão dela. — Gosto de você e a admiro, Sue Anne. Se algum dia precisar de algo ou tiver algum problema, pode me procurar.

— Outono — falou ela. — Alguns chamam-me de Outono.

— Sim, eu sei.

— Naturalmente. — Ela levantou-se e fitou-o. Estava debruçado sobre a escrivaninha, os braços cruzados sobre o peito robusto. O rosto inostrava-se impassível, o olhar intenso. Todo fingimento se fora, e seus olhos demonstravam desejo aberto. De súbito ela deu-se conta de que era uma mulher. Sentiu-se viva com a sensação, estonteada, e percebeu o controle que poderia exercer sobre este grande irlandês poderoso. Se atravessasse a sala e fosse até ele, inúmeras portas se abririam para ela... até que ele descobrisse outro novo interesse.

Sexo, ela decidiu, era um jogo que homens e mulheres realizavam. Mim Tarzan, você Jane. Venha brincar na minha parreira comigo. Depois que for para a cama com você, eu lhe trarei as melhores bananas da floresta. E Jane solta risadinhas e gritinhos e sacode-se de prazer. Até que não haja mais bananas, e assim por diante.

Outono não se sentia intimidada por Lloyd Murphy agora, nem por sua posição. No momento ele era

o mais fraco e ela dominava.

— Adeus — despediu-se Outono. — Embora não tenha conseguido o trabalho, foi uma experiência esclarecedora. — Obrigada.

Ele descruzou os braços e ficou de pé.

— Com seus cabelos você só devia usar preto.

— Ahhhh, os irlandeses. São tão lisonjeiros.

A máscara rapidamente caiu sobre seu rosto e de novo ele se transformou no empresário frio tentando realizar um negócio.

— Pense nisso, Outono. Todo o dinheiro de que possa necessitar. Tudo que quiser. E prometo que o sexo será maravilhoso.

— Não tenho dúvidas quanto a isso, sr. Murphy. Nenhuma dúvida. Sua oferta é muito generosa, mas realmente não ligo para bananas. Elas engordam muito. — Voltou-se, deixando-o a olhá-la perplexo, uma expressão de boca aberta.

Uma vez livre dos escritórios dele, Outono correu até o elevador, andou de um lado para o outro enquanto ia até o primeiro andar, saiu rapidamente e abriu caminho entre os compradores da seção de mulheres. Quando Maggie olhou-a inquisitiva, Outono balançou a cabeça e se lançou ao trabalho freneticamente. Agradeceu em silêncio a Maggie por não tê-la pressionado em busca de mais detalhes. O que poderia dizer? A vaga é minha se quiser trepar com Lloyd Murphy.

Ela trabalhou a tarde inteira com amargor crescente e uma sensação de desespero. Amargura com Lloyd Murphy porque ele possuía o poder de mexer os pauzinhos como bem entendesse, e desespero porque viu o último ano desperdiçado. Não subira; ainda não passava de uma funcionária. Quatro promoções desde que começara, mas ainda não passava de uma funcionária esperando que lhe passassem a mão na cabeça e lhe concedessem a próxima promoção.

Estava na iminência de desistir. Estava bastante furiosa para desistir, mas para onde iria? Investira um ano na Murphy's. Sair significaria recomeçar do nada. Tirou uma saia da prateleira com movimento brusco, querendo rasgá-la em pedaços porque pertencia a Lloyd Murphy.

— Não é justo!

— O que não é justo?

Outono pensara estar sozinha e virou-se, surpresa. Quase caiu sobre Julie.

— Meu Deus, você me assustou. O que está fazendo aqui?

— Vim pegar a blusa, lembra?

— Blusa, blusa, blusa. — Outono pronunciou a palavra tentando coordenar as ideias. A conversa no café da manhã com Julie parecera ter acontecido há semanas. Olhou para a blusa rosa que Julie estava segurando.

— É esta?

— É, só que não nesta cor. Tem azul?

Outono agarrou a blusa e jogou-a no balcão.

— Preciso sair daqui. Vamos até a lanchonete lá em cima. Tenho uma história para lhe contar. Forçada, mas verdadeira.

— Ele o quê?

Outono assentiu e passou o dedo pela beira da xícara.

— É. Posso ficar com o cargo, se quiser me transformar em sua amante. Devo admitir que é tentador. Não sei se tenho paciência para percorrer pelo caminho mais difícil. Depois de um ano, não cheguei a lugar algum. Através dele, pularia do primeiro para o quarto andar. Seria um começo. Um maldito bom começo. É tudo de que preciso, Julie. Dê-me a mão e eu subo. Sei que subo. Preciso subir.

Julie suspirou profundo.

— Bemmm, ele é do tipo com quem você poderia trepar sem vomitar?

Outono sorriu pela primeira vez desde a entrevista.

— Adoro você, Julie. Tem uma maneira de fazer o sol brilhar mesmo quando está chovendo.

Julie deu de ombros.

— Você deve pensar em uma coisa. Não vale a pena ir para a cama com alguém repulsivo.

— Ele não tem nada de repulsivo. Não tem a beleza de Artie. Poucos homens a possuem, mas tem uma espécie de vitalidade que pode ser excitante.

— O que sabe sobre ele?

— Apenas as poucas coisas que ouvi. Sempre foi um líder, mesmo na faculdade. Em Harvard, era capitão em tudo. Casou jovem. A mulher morreu há três anos em um acidente de carro. Tem uma filha que circula no avião dele. Foi mencionada nas colunas de fofocas mais ou menos há um mês.

— Que tipo de homem ele é? Gosta de fazer suíngue?

Outono soltou uma gargalhada.

— Não sei. Mantém a vida particular em segredo. É um homem de negócios duro, pelo que ouvi dizer. Depois que o pai morreu, ele assumiu o negócio e transformou a Murphy's no que é hoje. — Mergulhou em silêncio e baixou os olhos para a xícara. — Ele poderia fazer muito por mim, me dar a mudança de que preciso.

— Parece que você está tentando se convencer disso.

— Sei lá. A princípio, não queria tomar parte nisso. Agora não estou tão certa. Preciso pensar sobre o assunto. A única outra oferta que tenho é cantar no Doghouse.

— Não descarte essa oferta. Muitos homens inquietos vão lá. Tudo que teria de fazer seria mostrar um pouco das pernas e cantar bem. Acho que faria isso bem.

Outono balançou a cabeça.

— Minha voz é boa, mas não é forte.

— Use um microfone.

— Não sou artista, Julie.

— Não tem importância. Basta mostrar as pernas, rebolar, saracotear, e os homens irão correndo.

— Bananas — sussurrou Outono. — Participe do jogo e receberá sua banana. — Olhou para o relógio e se levantou rapidamente. — Devo ir. Quer a blusa? Não temos azul.

— Não. — Julie seguiu-a e saíram da lanchonete, abrindo caminho pela multidão. Nas escadas rolantes Julie olhou para Outono. — Imagino que não vai querer aquela comemoração hoje à noite.

— Comemorar o quê?

— Pensarei em algo. — Julie deu de ombros e deu um sorriso. — O que vai fazer em relação a Murphy?

— Quem é que sabe? Vejo você depois. — Deixou Julie e voltou à sua seção. Trabalhou o resto da tarde, mas em melhor estado de espírito. Uma coisa era certa. Lloyd Murphy não conseguiria dela trabalho extra, exceto se o resultado fosse um pagamento em dólares.

Ela estava pegando um casaco para ir embora quando uma mulher que não conhecia apareceu, entregou-lhe um envelope e saiu apressada. Confusa, Outono abriu o envelope e puxou um bilhete escrito com garatujas.

Suas ações têm ido bem até agora. Sugiro que as venda e compre as da Murphy's. Acho que terá uma bela surpresa em poucos meses. Bananas?

Normalmente Outono não sonhava, mas naquela noite acordou tremendo, suando de um sonho louco e desconexo, um pesadelo. Encontrava-se de pé em uma seção de leilão, nua e presa por correntes,

enquanto um homem com um martelo a leiloava pela maior oferta. Brian Osborne e Lloyd Murphy apareciam no sonho. Gritavam e acenavam com uma banana. Toda Turtle Ridge dispunha-se atrás dos dois homens, sacudindo as cabeças e gritando. Ela se pôs de joelhos para tentar ocultar a nudez. Por fim, Douglas Osborne surgiu da névoa, o rosto ligeiramente modificado para o de um dragão cuspidor de chamas em direção a ela. Aterrorizada, ela gritou e tentou correr, mas as correntes mantinham-na presa. O dragão aproximava-se cada vez mais. O calor das chamas foi aumentando até a pele começar a queimar. Estava sendo engolfada, sugada pelas chamas quando lutou para voltar à consciência.

— Meu Deus!

Tensa, saltou da cama. Foi ao banheiro, abriu a torneira e jogou água fria no rosto. Puxou uma toalha do porta-toalhas, em seguida deteve-se para olhar seu próprio reflexo, tentando enxergar-se através dos olhos de um homem. O que foi que Artie dissera? — Um ar intocável que os homens acham desafiador. — Atração sexual, Molly chamara e dissera que ela atrairia os homens como abelhas para o mel. Outono achara exagero. Lonnie considerava-a bonita. Pensara que ele estivesse cego pelo amor. E Brian. Escolhera-a em um grupo de quatro mulheres, algumas muito mais belas do que ela. Também dissera que era bonita. Achara que estava bêbado. E agora Lloyd Murphy. Não se mostrava parcial nem sentia-se apaixonado por ela. E não estava bêbado. No entanto, queria-a a ponto de oferecer-lhe tudo.

Ela perscrutou seu reflexo com mais atenção. Via apenas uma mulher razoavelmente bem-feita com cabelos encaracolados e sardas no nariz. Não conseguia enxergar, mas se a natureza lhe conferira alguma coisa especial, ela a usaria. Jogaria, mas à sua maneira. Conseguiria sua banana, mas sem se comprometer.

Outono foi ao quarto de Julie, sentou-se na cama e acordou-a.

— Sei que não sou bonita, mas eles não sabem isso. Se não lhes contarmos, jamais saberão.

— O que há com você?

— Acho que chamam morcegos no campanário. — Agarrou a mão de Julie e puxou-a da cama. — Precisamos conversar, fazer planos. Tive um sonho e agora sei o que fazer. Vou usar meu ar intocável e sensual e arranjar uma grande banana para mim.

JULIE estava certa. O Doghouse realmente parecia ter existido desde os dias da corrida do ouro. O bar localizava-se em um prédio de aparência engraçada, semelhante a uma fatia de bolo, cercado por todos os lados por cimento cinza. Atrás do bar havia uma sapataria. O resto do espaço era vazio, com uma placa de “Aluga-se” na porta. O interior era típico. Um balcão estendia-se por toda uma parede, e umas vinte mesas dispunham-se diante de um pequeno palco. Velhos lampiões a gás, em desuso, ainda estavam nas paredes. Mesmo à luz difusa a mobília parecia velha e gasta; no entanto, havia algo de confortável no lugar.

Se alguém pedisse para descrever Everett Corbett, Outono diria que era um homem de boa aparência, com olhos tristes de cachorrinho que a seguiam por todos os lugares aonde ia. Era calado e falava manso, um homem tímido. Quando falou com ele sobre trabalhar ali, limitou-se a sorrir e assentir. Soube por Julie que ele tinha 49 anos, fora casado uma vez e divorciara-se. Era dono de uma papelaria junto com a esposa, mas a loja fora vendida e os lucros divididos. A mãe morrera quando ele tinha uns vinte anos. Logo depois do divórcio, o pai faleceu e ele assumiu o Doghouse. Dali em diante o bar começara a decair. Julie achava que a decadência se dera porque Everett simplesmente não ligava para o lugar.

Outono usava as horas antes de começar a trabalhar no bar para ensaiar. O lugar era calmo no começo da noite. Durante aquelas horas ia conhecendo Everett melhor. Ele morava em um apartamento em cima do bar. O resto do andar de cima também estava vazio com uma placa de “Aluga-se” na janela. Ele trabalhava durante a parte calma da noite. Wally, o garçom, e Julie chegavam mais tarde. Em geral Everett sentava-se a um canto com amigos, fumando e bçbericando Bloody Marys ou retirava-se para seu apartamento. Parecia gostar de conversar com Outono, ou debater. Lançava perguntas estranhas e inesperadas, com as quais ela precisava lutar para encontrar respostas.

Certa noite encontrou-o sozinho e decidiu virar o feitiço contra o feiticeiro.

— Você ainda sofre por causa do divórcio?

Ele a olhou diretamente.

— Sofre-se menos por causa de uma perda de divórcio do que uma perda de morte?

Outono estremeceu, desejando chutar a si mesma.

— Sinto muito. Foi estupidez minha.

— Pode responder minha pergunta?

— Não. Perdi, mas não pelo divórcio.

— Também sinto muito. Ambos fomos estúpidos. Julie me contou sobre a morte de seu marido. Você sofreu. Ambos sofremos. A vida faz isso.

— Sente-se amargo?

— Não, não sou amargo. Não ia me ajudar e não mudaria os fatos. Minha mulher voltou-se para outro homem porque queria alguém mais excitante.

— Vai se casar novamente, ou teria medo?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não teria medo, mas gostaria de conhecer bem a mulher. Ia querer que ela também me conhecesse bem.

— De que maneira?

Ele se limitou a sorrir, virou-se e saiu.

Certa vez Outono recebeu permissão para marcar a data de sua estréia. Wally colocou um microfone no palco, um banco e um fluxo de luzes rosa. Na noite em que estreou — a palavra fazia sua garganta apertar — abriu caminho entre as mesas cheias de fregueses, rindo, e subiu no pequeno palco, usando uma blusa de cetim preta de mangas compridas e calças pretas. Voltou-se e enfrentou a multidão com um sorriso hesitante.

— Meu nome é Sue Anne, vou tocar e cantar para vocês. — Deu um tapinha no pote no chão ao lado do banquinho. — A maior parte dos artistas usa um copinho de brandy, mas não pude ter um, por isso vou usar um pote de creme de amendoim. Se quiserem alguma canção, terei prazer em tocar para vocês. — Subiu ao banquinho, enfiou o salto da bota na travessa da cadeira e colocou a tira do violão. Os dedos dedilharam automaticamente, mas ela baixou os olhos para os joelhos, torcendo-se nervosamente, e soube que se abrisse a boca para cantar, pareceria um daqueles sapos do rio de Turtle Ridge.

Colocou o violão no colo e olhou para os rostos, que a fitavam com olhos atentos e em expectativa.

— Aprendi a tocar e cantar no alpendre de uma casinha de Kentucky. Minha única platéia eram pirilampos amigos, duas corujas e talvez um pássaro com insônia. Já toquei para pessoas antes, mas eram amigos, ou bêbados. Posso esperar até ficarem todos bêbados, ou poderemos nos tornar amigos.

Todos permaneciam atentos.

Em seguida Outono descobriu como as pessoas podiam ser maravilhosas, mesmo em um ambiente só de estranhos. Houve uma súbita explosão de aplausos e apupos de encorajamento. Um homem grande de jaqueta de couro deu um passo à frente, colocou uma nota no pote e pediu uma música. Ela sorriu em agradecimento e arrumou o violão debaixo do braço, debruçou-se em direção ao microfone e fingiu que os rostos eram pirilampos amigos.

Quando terminou a música, houve outra salva de palmas. Antes de perder a atenção da platéia, Outono prontamente começou outra música. Pouco a pouco o pote foi enchendo, mas ela podia sentir a tensão na garganta. Ir embora significaria o fim dos dólares, mas acabou sendo forçada a escapar para a sala dos fundos a fim de descansar a garganta. Agarrou uma Coca-Cola no balcão. Wally, o garçom, piscou e fez um sinal de que estava tudo bem.

Outono gostara de Wally desde o começo. Os cabelos eram brancos como neve e ralos nas têmporas. Usava óculos de aros grossos de osso e parecia mais um contador do que um garçom. Ela lançou-lhe um sorriso e correu até a sala atrás do balcão, onde Everett insistira que ficasse quando não estivesse no palco. Problemas menores, ele a chamara.

A sala estava cheia de caixas de licor, um prato quente para rápidos aquecimentos, um balcão, uma pia e um ar-condicionado. A um canto havia uma espreguiçadeira com as molas quebradas. Ela se deixou cair com um suspiro e colocou os pés sobre um engradado de vodca. Estava ali há pouco tempo quando Wally colocou a cabeça na porta.

— Como está?

— Minha garganta dói. Não sei se minha voz vai aguentar até a hora de fechar.

Julie colocou a cabeça atrás dele.

— Limpei seu pote. Você tem 32 dólares.

Outono empertigou-se na cadeira.

— Está brincando.

— Não.

— Isso é mais de dez dólares por hora. Vou terminar a noite nem que saia morta.

— Não conte os dólares antes de estarem no pote. O lugar começa a esvaziar por volta da meia-noite. Na hora de fechar fica muito pouca gente aqui — avisou Wally.

Outono levantou da cadeira e foi até a pia. Derramou a Coca-Cola e colocou água no copo.

— Enquanto estiverem, aí vou cantar. Cada vez que um homem coloca um dólar no pote, sinto vontade de beijá-lo. Esse dinheiro vai me comprar mais ações da Murphy's.

— Ações? — indagou Julie. — Por que vai comprar ações da Murphy's?

— Recebi uma dica em forma de bilhete do sr. Murphy. Ele abriu uma loja na costa leste. Pelo que ouvi dizer está indo bem. Se de repente ele anunciar uma cadeia leste-oeste, as ações vão subir, talvez até desdobrar. Se isso acontecer, quero participar dos ganhos. De qualquer maneira, vou seguir o conselho dele. Sabe mais do que eu. — Ela voltou para a cadeira, bebericando a água e olhando de Wally para Julie. — Quem vela pela loja?

Eles se entreolharam e começaram a rir, em seguida voltaram-se e saíram do quarto de braços dados. Outono descansou a cabeça nas costas da cadeira e colocou os pés para cima. A noite fora melhor do que esperara, trinta dólares era mais do que pensara fazer. Só estava faltando uma coisa: Artie.

Por que não viera? Quando ela telefonara e dissera-lhe o que estavam planejando, ele fora contra, mas quando viu que estava decidida, desejou-lhe sorte e prometeu estar lá para dar apoio moral. Mal o vira desde que mudara para o apartamento de Julie e sentia falta dele. Certas vezes, no meio de uma conversa, o rosto dele lhe vinha no pensamento; ou seria o de Lonnie? Sentiu uma pontada familiar por dentro e se pôs de pé, correndo apressada para a porta, onde deu um esbarrão em Everett.

Ele sorriu, tomou-lhe a mão e levou-a de volta para a cadeira.

— Ainda não descansou o suficiente. Descanse mais um pouco. — Sentou no engradado diante dela. — Estive observando você. Está indo muito bem.

— Sim, eu sei. Todos estão me observando. Estou linda.

— Falei que você era linda?

Outono se sentiu estúpida e desviou o rosto.

— Desculpe. Estava sendo sarcástica. Ultimamente tenho tido que tomar muitas decisões e por trás de tudo parece estar a palavra "beleza". Estou confusa. O que é a beleza? O que faz uma mulher bela e a outra apenas bonitinha? Qual a linha divisória?

— É um reflexo, Outono. A beleza é uma coisa que a mulher projeta. A beleza masculina é uma coisa que o homem projeta. Pearl Bailey é bela. Sophia Loren é bela, mas são duas mulheres completamente diferentes. No entanto, a imagem que projetam é a beleza. Isto serve para você, Outono. É uma coisa que vem de dentro.

— Não existe beleza vindo do meu interior. — Outono levantou-se da cadeira e chutou o engradado onde ele estava sentado. — A vodca deste engradado foi destilada em uma cidade onde morei. Foi vendida por um homem que odeio. Estou em San Francisco, e ele está em Kentucky, mas de um jeito ou de outro ele me atinge e me faz lembrar. Não conseguiria escapar dele, mesmo se quisesse.

— O que significa este homem para você, um ex-amante?

Outono soltou uma gargalhada rancorosa.

— Chamo-o de dragão. Uma mulher faz amor com um dragão?

Ele estava de pernas esparramadas e deixou os braços caírem, os quais ficaram oscilando entre elas.

— É um dragão, ou o dragão é alguma coisa dentro de você?

— Não sei. Nunca pensei nisso dessa forma. As duas maneiras acham-se misturadas.

— Como o consciente e o subconsciente? — indagou ele.

— É. Quando me livrar de um, então me livrarei do outro.

— Não necessariamente. Suponha que o homem morra amanhã? Isso a livraria do dragão?

Pensou em Douglas Osborne morto e enterrado atrás da cerca de ferro batido, mas o pensamento

não lhe trouxe paz.

— Não, acho que não.

— Então o dragão está dentro de você, e não no homem.

— Você não entende, Everett. Sou eu que preciso destruir o dragão. Aí ficarei livre.

— Como planeja fazer isso? Matando-o?

— Não, claro que não. Essa é a maneira dele, não a minha.

— Então como pretende livrar-se desse homem que chama de dragão?

— O único jeito que existe é dinheiro e poder.

— Existem outros, menos infantis.

— Como?

— Perdão. Quando perdoar esse homem, estará livre. Esse é o único jeito.

— Não. Não posso perdoá-lo, mas você me fez compreender o que a palavra “beleza” realmente significa. — Debruçou-se para beijá-lo na testa. — Você é bom e tem um grande coração. O máximo que se pode dizer de mim é que sou bonitinha ou sensual.

Deixou Everett e atravessou o salão cheio de vozes zumbindo, súbitas explosões de raiva e tragadas ocasionais. Havia mulheres sentadas aqui e ali, mas a maior parte da platéia compunha-se de homens com dólares nos bolsos. Pisou graciosamente no palco e se postou de pé com as mãos nos quadris, as pernas longas separadas. As luzes rosas refletiram-se sobre seus cabelos castanho-avermelhados, lançando um brilho acobreado que parecia flutuar em torno de seu rosto. Sentiu uma excitação extraordinária crescendo e tornando-se mais ousada, a voz vibrante.

— Olá, todo mundo. Voltei e meu pote de creme de amendoim está vazio.

Um homem gritou no fundo do salão, em seguida abriu caminho meio cambaleante por entre as mesas até o palco. Pegou um bolo de notas do bolso e enfiou uma nota de dez dólares no pote.

— Aposto que isso vai fazer a bela moça cantar.

Outono baixou o olhar para o dinheiro e pensou: Deus abençoe os bêbados, mas disse:

— O que gostaria que eu cantasse?

— San Amonio Rose.

— Ah, não. — Soltou uma gargalhada e descansou a mão no ombro dele. — Conheço a melodia, mas não lembro da letra. Consegue pensar em outra de que goste?

— Não — respondeu ele, cambaleando um pouco, os olhos entorpecidos e baixos. — Quero San Aníonio Rose.

Ela pegou o violão e acomodou-se no banco.

— Tudo bem. Você canta e eu toco.

O homem não hesitou. O palco era ligeiramente elevado e ele puxou o microfone até a boca; a voz profunda de barítono encheu o salão. Outra voz juntou-se à dele, depois outra, e mais outra. Ele continuou no palco e o pote de creme de amendoim foi sendo preenchido enquanto Outono ia de uma canção a outra. O barítono se pôs de pé, debruçando-se um pouco sobre o palco. Em certo ponto descansou a mão na coxa de Outono. Ela estava pronta para lhe dar um tapa, como faria com uma mosca aborrecida, quando Wally surgiu e fez um sinal para que ele tirasse as mãos.

Antes do fim da noite ela fora cutucada, acariciada, beliscada e recebera propostas. As ofertas iam de uma viagem ao Reno até um hotel no fim da rua. Um homem a pegou depois de um intervalo e estava lhe dizendo o que poderia fazer com ela na cama. Outono sorriu e disse ter descoberto que as pessoas falantes já estão fazendo o que fazem melhor.

Everett desapareceu durante algum tempo depois da meia-noite, mas a multidão não diminuiu como Wally previra. A voz dela continuava ativa na hora de fechar. Quando por fim Wally fechou a porta atrás

do último cliente, ela caiu sobre uma mesa junto a Julie e começou a contar as últimas notas.

— Que noite! — exclamou Julie. Retirou os sapatos e esfregou a sola dos pés. — Nunca tivemos uma noite dessas desde que vim trabalhar aqui. Se continuar assim, Everett precisará contratar outra garota.

Wally sentou-se na mesa com elas e correu os dedos pela pilha de notas.

— Quanto você fez?

Outono debruçou-se e sussurrou rouca:

— Você não vai acreditar. Fiz 98 dólares. Se trabalhar aqui cinco noites por semana, ganharei quinhentos dólares.

— Não quero desanimá-la — disse Wally —, mas a mesma multidão vem aqui toda noite. Divertiram-se acompanhando-a nas músicas, mas você é nova. Uma novidade. Acho que os dólares vão diminuir até você não conseguir quase nada.

— Ele está certo — interrompeu Julie —, esse é um lugar de reunião para o pessoal da vizinhança. Eles vêm aqui, tomam uns drinques e conversam fiado com os amigos. De vez em quando aparece alguma cara nova, mas logo vão embora em busca de algo mais excitante.

— Everett já pensou em tentar transformar este lugar em algo mais excitante? — indagou Outono. — Detesto a ideia, mas quando as pessoas enjoarem de mim, ele devia arranjar outra para o lugar. Uma pequena banda ia animar.

— Ele não liga — disse Julie. — Sabe que seu coração não vai bater durante muito tempo. De acordo com o médico, ele deve estar morto em um ano, se não se cuidar. Disseram-lhe para parar de beber e de fumar. Já teve dois ataques cardíacos. Sabe que um terceiro acabará com ele, mas ignora os avisos do médico.

Outono franziu o cenho e olhou o bar. Não era uma maravilha, mas o terreno onde se situava devia valer uma pequena fortuna.

— Não entendo. Por que ele não vende o lugar e vive mais tranquilo? — indagou Outono.

— Isto aqui é a casa dele — explicou Wally. — Conhece cada negociante das redondezas. Só tem este lugar e os amigos. Everett gosta de beber e de fumar. Tire-lhe as coisas de que mais gosta da vida e ele não mais viverá. Então se limitaria a existir. Ao menos essa é sua filosofia.

— O que vai ser desse lugar?

— Ele tem um primo no leste. O bar ficará para ele.

Outono pensou em Everett e seus olhos de cachorrinho que a haviam fitado com tanta adoração. Era uma maneira, mas ela precisaria pensar melhor antes de tomar tal decisão.

SAN Francisco era uma cidade magnífica, um reino encantado de ruas espiraladas e colinas ascendentes, mas ali fazia um frio úmido que parecia entrar sorrateiramente junto com a neblina e gelava todo mundo até os ossos. Outono tremia enquanto descia do bonde, puxando a gola do casaco e caminhando rapidamente em direção ao Doghouse. Era sábado, e ela passara a tarde no Fisherman's Wharf. Adorava o cais, a mistura de pessoas, os cheiros e gostava de observar os barcos deslizando pela água que parecia estender-se eternamente. Pouco a pouco, San Francisco transformava-se em seu lar.

Ela parou diante do Doghouse e sorriu silenciosa para o rosto que lhe sorria de um toldo. O toldo era novo, e sem dúvida fora colocado para fazer-lhe surpresa. Abaixo de sua fotografia estavam os dizeres “VENHA CANTAR COM SUE ANNE”. Torceu o nariz para a mulher de cabelos castanho-avermelhados que lhe retribuía o sorriso, em seguida voltou-se e entrou no bar. Sorriu para Wally.

— O que é aquilo lá fora?

Wally abriu um largo sorriso.

— Faz você se sentir famosa?

— Famosíssima. Fiquei pensando por que vocês haviam chamado aquele cara para tirar uma fotografia minha. Está ótimo, Wally. Obrigada. — Perscrutou a multidão em busca de Julie. Sua amiga loura estava conversando com um dos fregueses e conferia o troco. Julie não era tão ingênua quanto Outono pensara. Quando Artie por fim parara de procurá-la definitivamente, Julie ficou abatida durante algum tempo e depois encontrou um homem novo. Vários, a bem da verdade.

Outono correu os olhos pelo palco e depois para Wally.

— Meu banco está me esperando. Chegou a hora de colocar minha bunda famosa engrenada.

Wally fez um gesto em direção à sala dos fundos.

— Artie está aqui. Quer falar com você.

Artie raramente vinha ao Doghouse, e Outono ficou surpresa.

— Por que ele está escondido na sala dos fundos?

Wally deu de ombros.

Outono fez a volta no balcão e entrou na sala de cenho franzido.

— Por que não está lá fora bebendo, rindo e se divertindo?

O rosto dele estava sério.

— Preciso falar com você, Outono.

Ela ficou confusa com o tom e o modo dele, e olhou-o intrigada.

— Algo errado?

— Não. Quero apenas conversar com você sobre uma coisa.

Outono assentiu, pendurou o casaco e sentou-se em um engradado em frente a ele.

— O que houve?

— Vou para o Alaska.

— O quê!

— Vou para o Alaska.

Quatro palavrinhas, mas elas caíram em Outono como uma bomba. Artie era sua âncora, sua ligação com Lonnie.

— Não. Você não pode.

— Por que não, irmãzinha?

Outono sacudiu as mãos, buscando as palavras.

— Preciso de você... preciso de você aqui... em San Francisco.

— Para quê? Você está se dando muito bem sozinha.

— Não. Dependo de você. Ficaria perdida sem você aqui. Não saberia o que fazer. A sua presença aqui na cidade me mantém equilibrada.

— Eu, ou meu rosto?

Outono pôs-se de pé bruscamente, voltou-se, tentando escapar dos olhos dele, da verdade em suas palavras.

Artie levantou e pegou-a pelos ombros, forçando-a a olhá-lo.

— Admito que estou de saco cheio e quero me mudar, mas o principal motivo por que estou indo embora é você. Não pode manter Lonnie vivo, alimentando-se de mim, Outono. Sou Artie e não Lonnie. Ele está morto, há mais de um ano, e correr para mim a cada vez que sente necessidade de ver o rosto dele só faz com que você não aceite a morte dele. Eu já aceitei. Está na hora de você também encarar a realidade.

— Sei que Lonnie está morto. Eu aceitei o fato.

— Mas não o enterrou realmente. Já vi você olhar para mim, estender a mão para me tocar e depois tirar a mão como se de repente lembrasse quem sou. Estou fazendo isso por você. — Fez uma pausa e a voz suavizou-se. — Não pretendo ficar longe para sempre. Voltarei, irmãzinha.

Ela franziu o cenho, intrigada.

— Por que o Alaska?

— Novos horizontes.

— É frio, cheio de neve, um lugar horrível. O que vai fazer lá?

— Mineração. — Ele riu. — Não ouviu falar? Nas colinas de lá existe ouro. Sempre quis tentar a mineração. Conseguirei um emprego para pagar casa e comida. Quando não estiver trabalhando, pego minha peneira de garimpo e vou para as colinas. Quem sabe? Pode ser que eu fique rico.

— É isso que você quer? — Ficar rico?

— Não! Diabos, não! Se encontrar ouro, precisarei fazer algo com ele. Não é o ouro, Outono, é a aventura, a excitação de olhar para ele.

Ela sorriu, fitando-lhe o rosto, desejando estender a mão e acariciar os traços tão semelhantes aos de Lonnie. Pensou por que a palavra “beleza” era reservada apenas às mulheres. Ficou na ponta dos pés e beijou-o no rosto.

— Agora preciso trabalhar. Cuide-se. — Outono pegou o violão e o pote de creme de amendoim e dirigiu-se para a porta. Deteve-se para olhá-lo. — Não fique muito tempo longe. — Movimentou-se por entre as mesas até o palco e subiu em seu banco. Sorriu para as pessoas, mas seus olhos observavam o corpo largo de Artie fazer a volta no balcão e desaparecer na saída. Mulher estúpida. Você realmente acha que conseguiria colocar um homem como Artie em uma gaiola e tirá-lo quando sentisse necessidade de ver o rosto de Lonnie? Afastou o olhar da porta vazia, colocou o violão debaixo do braço e começou a dedilhar. Olhou para a platéia com o que passara a considerar seu sorriso fingido de bar.

A noite pareceu interminável, a multidão mais exigente e turbulenta do que nunca. Ela se sentiu como um boneco sentado em seu banco, cantando estridente com o velho violão do pai e cantando junto com eles, ou pelo menos fingindo. Fez mais pausas do que normalmente, engoliu uns dois drinques e descobriu que eles a ajudaram a sorrir e fizeram com que a noite passasse um pouco mais facilmente.

O bar começou a esvaziar por volta de uma e meia. Saíam em pares e grupos até que só restaram dois desgarrados. Outono entregou-os a Wally e Julie e escapuliu para a sala dos fundos. Teve talvez

alguns minutos para se recuperar e olhar para a parede antes de Julie e Wally caírem sobre ela, ou assim lhe pareceu. Mal havia colocado os pés sobre o engradado e Julie apareceu, uma pergunta nos olhos.

— Você está com a aparência horrível. Algo errado?

— Não. Estou só cansada. Ter dois trabalhos está me deixando estafada.

— Tem certeza de que é só isso?

— Claro.

— Tudo bem. — Julie tirou o casaco do gancho. — Tenho um encontro. Vejo você de manhã. — Ela riu. — Mas talvez eu não volte de novo. Se eu não voltar para casa, não se preocupe.

Outono assentiu e olhou para Wally que vinha entrando. Por favor, ela pensou, não me diga que estou com a aparência horrível. E não me pergunte o que há de errado. Como se houvesse lido seus pensamentos, Wally pegou o casaco e voltou-se para a porta dos fundos.

— Não esqueça de trancar a porta. — Foi tudo o que disse.

Ela descansou a cabeça nas costas do assento e ouviu o silêncio. Não mentira para Julie. Dormir tarde, a faculdade, ter dois empregos a estavam esgotando. Certas manhãs tinha que lutar para tirar o corpo da cama e ir para a Murphy's. Só vira Lloyd uma vez desde o dia em seu escritório. Ele passara por ela sem falar-lhe mas assentira e sorria levemente.

Recordando, Outono percebeu que seu sorriso fora arrogante, como se dissesse: Conheço você, garota, está faminta. Vai voltar.

Sentiu um súbito arroubo de cólera. Contra Lloyd Murphy, contra Artie e contra o poder que ambos exerciam sobre ela. Um por causa do rosto, o outro por causa do dinheiro.

— Aqui que vou voltar — disse ela, pondo-se de pé de um salto.

— Aqui que você vai o quê?

Ela virou-se surpresa com o som da voz de Everett.

— Pensei que você tivesse ido dormir.

Ele balançou a cabeça.

— Com que espécie de dragão está lutando hoje?

— Dragões, dragões... — disse ela —... dragões por toda parte. — Caiu de novo na cadeira, olhando para Everett e pensando por que ninguém exceto ela conhecia os sentimentos dele. Sentimentos que haviam se tomado cada vez mais fortes, evidentes em seus olhos quando a olhava, refletidos em seu rosto quando ele sorria. Será que as pessoas eram cegas?

Everett sentou-se em um engradado e fitou-a intensamente.

— Está preocupada.

Outono não se deu ao trabalho de negar.

— Artie vai embora. Vai para o Alaska.

— E você está se sentindo só?

Ela assentiu.

— Artie é como uma família. Tenho tão pouco, trato com carinho o que gosto.

Ele baixou os olhos para as mãos e depois fitou-a com um nervosismo que nunca vira nele antes, a voz tímida e hesitante ao falar.

— Se... se você casasse comigo, não ficaria sozinha. Teria uma família. Ambos teríamos uma família.

Outono não se surpreendeu.

— Pensei que você não ia se casar, a não ser que conhecesse bem a mulher.

— Conheço você, Outono, e melhor do que qualquer homem, e você me conhece. Sabe que tenho 49 anos; que sou tudo menos uma pessoa excitante; que estou doente; que não vou durar muitos anos mais; e

sabe que sou dono desse bar. — Ele estendeu a mão e pegou a dela. — Sei que você tem um objetivo, que se atormenta por causa disso. Sei que quer poder e dinheiro. Esta taverna não é muito, mas é sua. Poderia colocá-la em seu caminho, seja ele qual for. Iria me fazer bem saber que de alguma forma ajudaria a chegar mais perto do seu objetivo com tanta intensidade.

— E o que você quer em troca?

— Apenas que seja minha esposa.

Outono pensara nisso muitas vezes. Ia contra tudo em que sempre acreditara. Estivera a ponto de descartar a ideia por completo. Agora olhava para aqueles olhos castanhos carinhosos e pensava: Por que não? Para que estou me poupando, para o amor e filhos? Talvez se jamais houvesse amado com tanta intensidade, pudesse haver outra pessoa. Mas doces lembranças de Lonnie constantemente surgiam em seu pensamento. E sempre no fundo estava Douglas Osborne, guiando seu caminho, levando-a adiante.

Levou a mão de Everett aos lábios, assentindo. Não poderia oferecer a esse casamento o tipo de amor que sentira por Lonnie, mas sentia profunda afeição por este homem. Naquele momento, fez uma promessa silenciosa em retribuição à confiança e generosidade dele, nunca faria algo que desapontasse ou magoasse esse homem carinhoso e gentil.

Outono estava casada há um mês quando foi afastada de um freguês pelo gerente do departamento e mandada ao escritório do sr. Murphy. A convocação foi inesperada, e enquanto pegava o elevador executivo até o terraço, ficou especulando por que aquilo. A vaga de compradora-assistente fora preenchida, portanto Murphy não podia ter mudado de ideia. Aparentemente não havia motivo para que se encontrassem de novo; no entanto, ele queria vê-la imediatamente. Alguém comentara que Murphy estava fora do país há semanas, e voltara no dia anterior.

O escritório continuava igual, chamas crepitando na lareira, o cristal brilhando no bar, mas a atmosfera não era mais tão aconchegante. E o homem estava diferente. Murphy sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos, e quando fez um gesto para que ela se sentasse, foi com um aceno de mão agitado. Outono não sabia por quê, mas sentiu-se provocada por aquela atitude. Sentiu vontade de virar-se e sair. O bom senso avisou-lhe, contudo, que se fosse esperta não daria as costas a Lloyd Murphy. Não, se desejava manter seu emprego. Atravessou a sala e pôs-se diante da mesa.

Ele falou suavemente, mas com amargura nas palavras.

— Sente-se, sra. Corbett.

Outono sorriu consigo mesma, agora compreendendo. Murphy dissera Corbett como se o nome lhe trouxesse um gosto amargo à boca. Ele esperara que ela aguardasse, pensasse e por fim voltasse a ele. Ao contrário, Outono se casara com um homem mais velho e com muito menos a oferecer, o que tocou o orgulho irlandês forte de Murphy. Sentou-se diante dele, o olhar direto.

— Por que quis me ver?

Murphy estava brincando com a caneta, que fez um rápido som ao deslizar entre seus dedos e cair sobre a escrivainha.

— Acabei de saber que se casou com Everett Corbett. Um dono de bar.

— É verdade.

Ele lançou a caneta com um giro.

— Por quê?

— As mulheres se casam, sr. Murphy.

Ele debruçou-se sobre a mesa com os braços cruzados, a voz crítica.

— As mulheres casam por amor ou dinheiro. Não consigo acreditar que tenha desposado este homem por amor, e ele não tem dinheiro. Você é brilhante, ambiciosa, gananciosa. Tem tudo que é necessário para se tornar uma mulher de negócios excelente. Com o meu apoio, poderá atingir alturas ilimitadas. Por que casar com ele, quando lhe ofereci mui'o mais?

— Ele me ofereceu a segurança de um casamento. Não era o que você tinha em mente.

Franzindo o cenho, Murphy levantou-se da cadeira, fez a volta na mesa e sentou-se na beira, olhando-a perplexo.

— Você é intrigante, Outono, muito intrigante. — Cruzou os braços e passou o dedo na cicatriz no queixo. — Eu nunca teria pensado que o casamento era tão importante para você.

— O casamento por si só não é tão importante. Se eu estivesse apaixonada por você, estaria ao seu lado. Mas gosto de estar casada — disse ela um tanto surpresa. — Gosto de pertencer a alguém e ter alguém que me pertença. Everett ofereceu-me seu nome e tudo que resulta disso. Você só queria comprar-me durante algum tempo. Não estou à venda, sr. Murphy.

— Você teria aceito casamento se eu tivesse lhe pedido?

— Não. Você é saudável demais. Tenho coisas a fazer, e você ficaria no meu caminho.

— Hummm — fez ele, um sorriso curvando os lábios. — Saudável demais, hem? Suponhamos que eu lhe dissesse que tinha uma doença incurável? Aí você casaria comigo?

Outono também sorriu.

— Você não está pronto para cair morto, e não me pediu em casamento, portanto a pergunta é desnecessária.

— Não, não estou pronto para cair morto, e não lhe pedi em casamento... e não pediria. É jovem demais. É duvidoso, mas se me casasse novamente, seria com outra mulher que recheia peru bem mas me entedia horrivelmente. Não quero ficar matutando onde minha mulher está, e o que está fazendo. Com você eu não saberia, e seria engolido pelo ciúme, que é um sentimento destrutivo, o qual evito. Enfraquece um homem.

— O que está dizendo é que sou o tipo de mulher que um homem deseja mas com a qual não casa?

— Não, se tiver a cabeça no lugar.

— Everett casou comigo.

— O problema é dele, não meu.

Outono pôs-se de pé.

— Gostaria de voltar ao trabalho agora... se é que o emprego ainda é meu.

Ele sorriu.

— Claro.

Ela voltou-se e caminhou em direção à porta, e já estava alcançando a maçaneta quando Murphy a chamou. Outono parou, franzindo o cenho.

— O que é agora? — Rindo, ele segurava seus sapatos pelos saltos estreitos. Outono sentiu o calor do embaraço subindo-lhe pelo rosto. Ela foi de meias até onde ele estava. — Às vezes faço isso, quando fico nervosa.

Murphy abriu um sorriso descontraído, uma mecha de cabelos ruivos caindo na testa.

— Gosto realmente de você, Outono. Tem um rosto instigante que a levará quase a qualquer lugar que quiser. — Ela foi pegar os sapatos e ele provocou-a, deixando-os fora de seu alcance, pegando-a pela cintura e puxando-a para seus braços.

Surpresa com a brincadeira inesperada, Outono foi desarmada pelo súbito toque de seu corpo contra o dele. A força dos braços do homem tranquilizou-a. Sentiu vontade de suspirar, relaxar e descansar o rosto contra o casaco rústico, respirando profundamente a fragrância deliciosa que era a essência da masculinidade. Queria dizer: Sim. Você conseguiu. Seja o líder. Coloque-se alto e forte entre mim e Douglas Osborne. Lute minha batalha, Lloyd Murphy, para que eu possa ser delicada novamente.

Sentiu os lábios dele roçarem sua testa, ouviu-lhe as palavras, rudes no significado, mas lançadas como uma carícia sussurrada.

— Não é tarde demais. O divórcio é fácil. Basta assinar um papel. Meus advogados tratarão do resto.

Outono percebeu que inconscientemente começara a representar sua fantasia. O rosto contra o peito de Lloyd Murphy, os braços em volta da cintura dele. Afastou-o, sentindo-se culpada e zangada com sua própria suavidade. Tentaria apoiar-se em todo homem que passasse por sua vida... colocar a cabeça em cada ombro que lhe fosse oferecido?

Agarrou os sapatos, tropeçando enquanto calçava-os. Quando Murphy estendeu a mão para equilibrá-la, ela deu um tapa.

— Vá embora! — Recuperado o equilíbrio, pôs-se de pé e encarou-o decidida. — Está errado em relação a mim. Everett não precisa ficar pensando onde estou ou o que estou fazendo. Não vai haver

divórcio. Jamais. Ele é um homem bom e carinhoso, e está doente. Não vou deixá-lo, e nada farei que o magoe... nunca.

— Doente? — Murphy ergueu uma sobrancelha. — Doente como?

— Ele tem um sério problema cardíaco. Pode morrer em um, talvez dois anos.

Lloyd assentiu, um sorriso de compreensão surgindo-lhe no rosto.

— Compreendo. Casou com ele por causa do bar, não foi?

— Foi — disse ela bruscamente.

Ele voltou a sorrir com prazer.

— Eu estava certo. Você é voraz, voraz demais. Gosto disso. A fome torna uma mulher sensual. — Foi até a escrivaninha e pegou um cachimbo, mastigando o tubo durante algum tempo. — É esperta, Outono, mas agora está saltando, fazendo movimentos sem ideia nem direção.

— Não. Tenho uma direção. Algum dia o Doghouse será meu. É meu primeiro passo para trás. — Ela sorriu com a expressão de confusão no rosto

dele. — De fato é muito simples, sr. Murphy. Para conseguir o que quero, preciso abrir caminho para trás. Tenho que me tornar muito rica.

Murphy balançou a cabeça espantado.

— Você está construindo castelos de areia, Outono. Aquele bar arruinado não vai torná-la rica.

— Está errado. Aprendi que tudo é possível, basta lutar. Sou uma lutadora e conseguirei meu objetivo. — Murphy apoiou-se na escrivaninha, mastigando o tubo do cachimbo, os olhos sorridentes. — Ria se quiser, mas espere e verá.

— Vou esperar. E ver. Você é mulher demais para desperdiçar-se cuidando de um homem à morte. Vai se cansar. Quando isso ocorrer, pode me procurar. Estarei aqui.

Uma observação sarcástica estava na ponta da língua de Outono, mas o instinto disselhe para ir com calma. Algum dia poderia precisar do irlandês grandalhão.

— Talvez, veremos.

A escuridão caíra no Doghouse, mas Lloyd Murphy e seu riso ainda flutuavam nos pensamentos de Outono enquanto se vestia para a apresentação lá embaixo. O riso dele deixara-a furiosa e ela disparara.

— Espere e verá... — Gritara, em parte para encobrir seus próprios pensamentos. Doghouse não parecia muita coisa quando ela o olhava através dos olhos dele. Talvez estivesse construindo castelos no ar.

Terminou de se vestir e foi para a sala de estar, onde Everett estava lendo. A melodia da Sonata Waldstein de Beethoven enchia a sala. Nem ela nem Everett queriam fanfarras, portanto casaram-se discretamente. Ela esperara até o último instante para tirar a aliança de Lonnie, e hesitara. Everett olhara-a com compreensão e colocara sua aliança junto com a de Lonnie.

A moradia acima do bar era confortável e refletia a personalidade tranquila de Everett. Os quartos eram arrumados, mobiliados com sobriedade. Uma parede inteira estava repleta de livros de todos os tipos, um aparelho de som e uma grande variedade de discos de música clássica. A sala de estar situava-se na frente, acima do bar, os quartos nos fundos e a cozinha a leste, captando o sol da manhã. Saindo da cozinha, o escritório de Everett refletia sua falta de interesse no bar. Ações, contas, e apólices de seguros acumulavam-se ao acaso nas gavetas. Contas não pagas de fregueses que datavam de seis meses atrás estavam empilhadas com contas de empresas. Tudo isso dizia a Outono que Doghouse estava decaindo rapidamente.

Atravessou a sala até onde Everett estava sentado e passou a mão pelos cabelos bastos do marido. Os olhos dele não estavam mais tristes, mas brilhantes e expressivos quando a fitou. Ele estava bebendo menos e tomando seus remédios sem que precisassem lembrá-lo. Frascos com rótulos complicados

alinhavam-se no armário ao lado da pia. Havia Peritrate para prevenir a angina. Digoxina para fortalecer o coração. Nitroglicerina para dor aguda repentina. Lasix para a circulação.

A despeito de sua doença, Everett era um homem apaixonado mas tímido e carinhoso. Outono por vezes sentia-se culpada e arrependida, pois tudo que tinha a dar-lhe em troca era uma profunda afeição.

A fumaça subia do cigarro, e ela puxou o cigarro dos dedos manchados de nicotina, apagando-o no cinzeiro.

— Você fuma demais.

Everett sorriu e esboçou um gesto.

— Hoje consultei um advogado.

— É mesmo? Já vai se divorciar de mim?

— Minha esposa está brincando. Vou fazer um testamento que lhe deixará todos os meus pertences. Quero que Doghouse seja seu, mas não vejo motivo para você ter que pagar ganhos de capital ou qualquer tipo de taxa de herança. Se acontecer alguma coisa desagradável, desejo que seja o mais fácil possível para você. E quero que receba o máximo que for possível. Estou tomando providências para lhe vender Doghouse a preço bastante razoável. Este testamento incluirá o prédio inteiro.

— Tem certeza? — indagou ela. — Está depositando muita confiança em mim. Eu poderia ficar com o bar e lhe dar um chute.

Ele sorriu silencioso.

— Conheço-a, Outono. Acho que melhor do que você mesma. Não tenho medos nem dúvidas sobre o que estou fazendo. É o melhor para mim, para você e para o Doghouse.

Outono cruzou os braços e descansou-os sobre os joelhos dele.

— Há algumas coisas que venho querendo lhe contar. Os livros estão uma confusão. Acho que devemos entregá-los a um contador. E as contas do bar. Algumas das pessoas que vêm aqui não pagam suas contas há meses. Não entendo como conseguiu continuar com o negócio. E é impossível alugar o resto do prédio neste estado de degradação. Se quiser alugar, deverá fazer reformas. E...

Ele caiu na gargalhada e passou um dedo pelos lábios dela.

— Adoro observar seus olhos brilharem de excitação quando fala sobre este lugar. O Doghouse é seu. Faça o que quiser.

— Tenho alguns planos.

— Entreguei-o a você. Não precisa me consultar antes de fazer modificações. Agora você é a dona. Faça o que achar necessário.

— E você? O que vai fazer com seu tempo livre? Não é bom para você ficar ocioso.

— Isso não ocorrerá. Também tenho feito planos. Não contei a ninguém antes, mas eu escrevia um pouco. Até cheguei a publicar alguns artigos e contos. Gostaria de escrever um romance.

Outono sorriu diante da excitação na voz dele.

— Isso é maravilhoso — disse com sinceridade. — Sobre o que vai escrever?

— Talvez sobre uma mulher chamada Outono.

Ela gemeu brincalhona.

— Por favor, qualquer um, menos eu. Acho que não gostaria de me ver publicada. — Levantou-se, sorrindo. — Agora preciso descer, mas conversaremos depois; faremos planos. Um escritor precisa de calma e um lugar para pensar. — Debruçou-se para beijá-lo de leve nos lábios, verificou no bolso da camisa se ele estava com o frasco de pílulas que devia carregar o tempo todo mas constantemente esquecia. — Não esqueça seu passeio. É importante. — Deixou-o e desceu as escadas que levavam ao quarto dos fundos. Não havia como negar que adorava a ideia de posse, que significava liberdade para agir, fazer modificações sem precisar pedir autorização a ninguém. Seria a “proprietária”, do Doghouse.

Durante as semanas que vinha trabalhando ali, passara a compreender por que Everett sempre estivera com problemas financeiros. Pelo menos metade dos fregueses dava mais prejuízo do que bebia. Se fosse aplicado dinheiro no bar e este fosse administrado de maneira diferente, o negócio seria rendoso. Everett fora demasiado passivo, mas ela não seria.

Dirigindo-se ao umbral da porta, fez um gesto para Wally. Ele entrou no quarto de bom humor, mas quando Outono explicou que Everett estava lhe entregando a direção do bar, os olhos dele escureceram-se em desaprovação.

— Qual é o problema? — indagou ela.

— Você canta bem, Outono, mas é mulher, e garota. Everett fez mal em entregar o lugar a você.

— Merda! — Ela afundou desapontada, deixando-se cair sobre a espreguiçadeira pesada e disse: — Você não. Pensei que estivesse acima desses preconceitos dos homens. Deixei de ser garota quando tinha 18 anos, e não posso deixar de ser uma mulher.

— Nunca trabalhei para uma mulher, Outono. Acho que não vou conseguir.

— Não me veja como mulher. Pense em mim como Outono. Preciso de você aqui, Wally. Não posso cuidar desse lugar sem sua ajuda. Julie é legal, mas é avoada. Se você for embora, terei encrencas.

— Não a deixarei na mão. Vou lhe dar tempo para encontrar alguém.

— Não quero alguém. Quero você.

Ele balançou a cabeça.

— Por favor. Dê uma chance. Um mês. Se não gostar de trabalhar para mim, pode ir embora.

Wally sacudiu a cabeça.

— Estou planejando algumas modificações... modificações grandes e excitantes.

Ele sacudiu a cabeça de novo.

— O que preciso fazer, Wally, desafiá-lo para uma luta? Se for este o caso, aí vou perder.

O rosto dele se abriu em um sorriso lento e relutante.

— Que tipo de modificações está pretendendo fazer?

— Primeiro, quero contratar alguém para ficar no lugar de Everett durante a tarde. Ele quer tentar escrever, e eu gostaria que tivesse a oportunidade. Depois, quero que cada freguês que não pagou as contas salde suas dívidas.

— Vai perder muitos fregueses se fizer isso.

— E daí? Se não estão pagando, não servem mesmo para nós.

— Tudo bem. Concordo.

— Não saberei como o bar está financeiramente enquanto um contador não vier ver os livros, mas tenho algum dinheiro meu. Vou cantar e tocar durante a semana, mas quero contratar um pequeno grupo para os fins de semana. Gostaria de tentar atrair um tipo de freguesia diferente. Um tipo que beba em vez de fazer arruaça.

Ele assentiu.

— Concordo. Que mais?

— Quando fizermos esse lugar decolar, vou tentar um empréstimo para derrubar essas paredes e transformar essa pilha de tijolos no palácio mais quente de San Francisco. — Debruçou-se, os olhos brilhando de animação. — E então? O que acha?

— Sabe — Wally abriu um sorriso —, comigo por trás, você pode até conseguir.

Ela soltou um gritinho e saltou para os braços dele.

— Cuidado, San Francisco, aí vamos nós. — Beijou Wally na bochecha ruidosamente, virou-se e dançou pelo quarto. Wally, balançando a cabeça e rindo, dirigiu-se até a porta.

Outono saltou e sapateou, dançou para a geladeira, apanhou umas salsichas e lançou-se na velha

espreguiçadeira. Ergueu os olhos para o teto e começou a imaginar como seria o novo Doghouse — vivo com um milhão de luzes, a música quente e alta, a pista de dança repleta de figuras animadas. E a caixa registradora tilintando sem parar.

Ela estava movimentando o pé e cantarolando a música imaginária quando Julie entrou no quarto. Sempre procurara fazer Julie dar algumas gargalhadas quando estava de mau humor, mas ultimamente sua amiga louca se tornara distante, brusca, quase rude. Aquilo não combinava com o temperamento de Julie, e Outono ficara pensando no motivo dessa mudança. Várias vezes tentara falar com Julie que a dispensara com um aceno. Tentando parecer casual agora, Outono sacudiu o cachorro-quente para Julie.

— Minha tia faz os melhores cachorros-quentes que já comi. Recheia-os com ótimos molhos que ela mesma faz. Já tentei fazer com que me dissesse o que coloca, mas ela diz que é segredo.

— Por que não lhe mostra um de seus famosos sorrisos, Outono? Ia funcionar.

Outono ficou boquiaberta.

— É alguma indireta?

— Você... Wally acabou de me contar que Everett vai passar o bar para você. Ele é o homem mais bondoso que existe, e você o está usando. Não se importa com ele. Só liga para o dinheiro.

— Julie! Isso não é verdade.

— Como não! Ambição é bom, Outono, mas você se tornou uma puta fria e calculista. Quando conseguir o que quer de Everett, mudará para outra coisa ou outra pessoa. — Fez uma pausa e correu o olhar por Outono. —

Eu a invejava. Considerava-a maravilhosa, mas agora você me dá nojo. E o que me faz mais mal é saber que fui a responsável pela sua vinda. Soltei-a em cima desse homem solitário e vulnerável, e você se aproveitou.

— Não — disse Outono, estendendo a mão para ela. — Eu jamais faria alguma coisa para magoar Everett. Enquanto ele precisar de mim estarei aqui, Julie. Pode ter certeza.

— Está tentando me dizer que casou com ele por amor?

— Não. Casei com ele por causa disso aqui, mas o respeito. Não o amo da mesma maneira que amei Lonnie, mas tenho sentimentos especiais por ele. Existem muitas formas de amor, Julie. Isso é algo que acho que você ainda não aprendeu.

Com um farfalhar dos cabelos louros, Julie virou-se para a porta.

— Pelo bem de Everett, continuarei até você achar alguém para me substituir, e depois vou embora. Não quero estar perto de você. O que você tem pode pegar.

Outono sentiu a alegria desvanecer-se, a garganta embargada pelas lágrimas. Olhou para o pedaço de cachorro-quente, praguejou e jogou-o com toda força na parede. Havia uma longa noite diante dela; agarrou o violão e o pote de creme de amendoim e entrou no bar. Olhou para Julie, mas foi até onde Wally estava enxugando o balcão.

— Acho melhor você colocar anúncio para duas pessoas. Julie vai embora.

— Julie? Por quê?

— Por minha causa. Está zangada comigo porque casei com Everett. Acha que sou uma puta fria e calculista. Você também pensa assim, Wally? Sou uma puta fria e calculista?

Ele sorriu.

— Talvez, mas como! Se eu estivesse morrendo e fosse dono de um bar, iria negociá-lo por uma mulher como você. — Fez um carinho na mão de Outono. — Admito que fui cético quando você casou com Everett, mas não sei por que tem sido boa para ele. Tem meu voto.

— Obrigada. É bom saber que tenho pelo menos um amigo. — Voltou-se para o palco, mas parou. — Mais uma coisa. Não quero mais bebida da destilaria Osborne em meu bar. — Subiu no palco, olhou

para a multidão e ficou pensando como podia se sentir tão só diante de uma sala cheia de gente. As coisas haviam piorado ainda mais depois que Artie se fora. Às vezes se descobria buscando seu rosto familiar na multidão. Recebera dois cartões-postais, cada um de uma cidade diferente. Artie estava se movimentando, de um emprego para outro, da margem de um rio para outra, buscando a poeira amarela brilhante que nem mesmo queria.

Quando subiu no banquinho, Outono pensou na casa entre as árvores, desejou caminhar pela margem do rio, ouvir os ruídos calmos da noite. E sentiu saudade de Molly.

— Vou para casa — sussurrou. — Assim que puder irei para casa.

Nos três meses seguintes Outono movimentou-se com rapidez. A viagem a Turtle Ridge foi adiada para quando tivesse mais tempo. A receptividade à banda foi ainda maior do que esperara. A velha clientela desapareceu e novos rostos surgiram, os que gostavam de beber e se divertir e não bebericar e conversar. O negócio cresceu... dobrou, triplicou. Contrataram outro homem para diminuir o trabalho de Wally, e outra garota. A loja de sapatos mudou-se para outro prédio, deixando a área livre e pronta para uso. O bar lotava todas as noites, ocupando todo o espaço. Estava na hora de uma expansão.

Agora Doghouse era seu, mas em razão da sua idade e da natureza do negócio, Everett agia como curador. Todas as decisões precisavam da autorização dele. Quando Outono procurou Everett com seus planos, ele se recusou. Não haveria empréstimos, nem haveria hipotecas contra o Doghouse.

Franzindo o cenho, ele se sentou em uma cadeira diante de Outono.

— Está zangada?

— Estou... não. Não sei. — Outono fitou-o confusa. A negação dele ia contra tudo que sabia sobre o homem. Ele não se intrometia, não interferia ou questionava. Tudo o que ela desejara, ele aprovava até o momento. — Não sei como estou me sentindo. — Estou surpresa e muito desapontada.

— Gostaria que tivesse me contado o que estava planejando.

— Quis esperar até ter certeza. O lugar lota toda noite e fica superlotado nos fins de semana. Se aumentássemos, poderíamos dobrar nossos negócios.

— Você é novata nisso, Outono. Conheço o negócio e também a freguesia do bar. Todos são instáveis. Virão ao bar durante um ano, talvez até dois, e depois encontrarão outro lugar predileto. Se expandíssemos, acabaríamos com espaço vazio e uma hipoteca sobre nossas cabeças. Não é isso que quero para você.

— Posso esperar até completar 21 anos para ir contra você — disse ela, teimosa.

Everett fitou-a como se olha para uma criança cabeçuda.

— Pode, mas não irá contra mim.

Ele estava certo. Enquanto ele vivesse, Outono deveria fazer o que ele queria. Outono não sabia se era por causa dela ou do fato de estar escrevendo, mas Everett estava vivendo com novo alento. Estava relaxado, feliz, não era mais o homem triste com quem ela casara. Deixara de fumar por completo e limitava-se a beber um copo de vinho no jantar. As muitas xícaras de café haviam sido substituídas por chás naturais. Everett estava lutando por sua vida, e Outono admirava um lutador; no entanto, não podia simplesmente ficar esperando.

— Se eu conseguir o dinheiro sem hipoteca, você concordará?

Ele assentiu, a voz apaziguadora.

— Concordarei.

Outono levantou-se, foi até a janela e contemplou as pessoas caminhando em direção ao Doghouse. Havia uma maneira de conseguir o dinheiro, talvez. Lloyd Murphy dissera que ela podia procurá-lo se algum dia precisasse de algo. Será que lhe emprestaria o dinheiro? Se emprestasse, o que ia querer em troca? E ela estaria disposta a pagar?

Outono virou-se.

— Para o diabo. Que vá tudo para o inferno. Vou para casa.

Everett sorriu.

— Você é tão infantil, Outono. Toda vez que se sente ferida, zangada ou desapontada, fica

esbravejando pelo apartamento, gritando que vai para casa. Está para ir para casa há três meses e ainda não foi.

— Então acho que chegou a hora. — Meneou a cabeça ruiva, foi até o telefone e discou para o aeroporto. Lançou um olhar em direção a Everett. — Faço reserva para uma ou duas pessoas?

— Está perguntando se quero ir com você?

— Se não se importar de ficar com tia Molly. Vou estar ocupada. Tenho coisas a fazer. E quero ver Ella.

Ele assentiu:

— Reserve para dois. Gostaria de conhecer Molly.

Ella fizera muitas modificações no carro-restaurante. O lugar estava arrumado e limpo, com cortinas de xadrez vermelho e branco nas janelas e toalhas de mesa vermelho brilhante. Os fregueses ocupavam várias mesas. Uma garçonete de branco estava de pé preenchendo um pedido. Ella também fizera outras mudanças. Ia se casar com um homem chamado Cliff Johnson, um motorista de caminhão com dois filhos.

Encontrou Ella de pé na cozinha, de costas para a porta. Sorriu, recordando a tarde em que haviam vindo ao restaurante pela primeira vez e encontraram o cozinheiro gordo e mal-humorado.

— Um hambúrguer — pediu ela — e pouca cebola, meu anjo.

A amiga voltou-se com o som da voz. As duas mulheres abraçaram-se afetuosamente. Ella afastou-se e olhou para Outono.

— Oh, você fica cada vez mais bonita. Meu Deus, você ia ganhar os tubos no Rex. — Levou Outono até um escritório nos fundos do restaurante e preparou dois drinques de uma garrafa de bebida contrabandeada. Estendeu o copo para Outono. — Aposto que não tem nada assim em San Francisco.

Outono deu um gole e torceu o nariz com o gosto.

— Forte.

— Saído do alambique.

Outono acomodou-se na cadeira, fitando a amiga. Que dupla, pensou. Eu, uma caipira louca para ficar rica. Ella, uma ex-puta louca por uma confortável vida em família. No entanto, havia um forte elo unindo-as. Ella sabia de tudo, Outono não precisava fingir.

— Quais as novidades na cidade?

A amiga sorriu.

— Quer dizer quais as novidades nos Osborne?

Outono limitou-se a assentir.

— Não muitas. Harriet, esposa de George, acabou de voltar de uma viagem a Paris. Bea, mulher de Homer, virou beata. Ela e várias outras mulheres abriram uma espécie de orfanato. George vai e volta para a cidade cumprindo incumbências do grande irmão. Não ouço falar muito de Dale. Ele é estranho, um recluso.

— Filantropos. Todos parecem tão imaculados. Nenhuma sujeira ligada à família?

— Não que eu tenha ouvido. Douglas tem algumas mulheres estabelecidas na cidade, mas isso não é nada. Ele é homem, e viúvo. Era de se esperar.

— E Brian? Veio para casa no verão?

— Não. Ouvi dizer que passou o verão na Riviera. Mas perdeu sua garota. Lisa Albright casou com um homem de Louisville.

Outono não se importava com Lisa ou quem ela desposara, mas usufruiu um instante de satisfação ao saber que a rixa entre pai e filho aumentava. Sorriu.

— Que pena.

Ella também sorriu.

— O que Molly acha de seu casamento com Everett? Fez-lhe perguntas?

— Nem uma palavra. Provavelmente adivinhou que casei com Everett por causa do bar. Tia Molly tem um modo de olhar para uma parede de tijolos e ver o que há do outro lado. — Fez uma pausa e sorriu. — Precisei falar bastante, mas tia Molly vai passar umas duas semanas conosco em San Francisco. Espero conseguir convencê-la a ficar mais. — Olhou para o relógio, levantou e colocou o drinque pela metade em cima da mesa. — Gostaria de ficar e conversar, Ella, mas quero fazer algumas coisas antes das lojas fecharem. Ficarei em Kentucky mais dois dias. Por que não vai me visitar com Cliff amanhã à noite? Podemos fazer um churrasco. Mais tarde escapamos para uma boa conversa. Aí poderá me contar tudo sobre seu motorista de caminhão.

Ella assentiu e deu um sorriso.

— Boa ideia. Estaremos lá.

Caminharam juntas pelo carro-restaurant. Outono despediu-se e foi até o carro. Ligou o motor com um zumbido e afastou-se do meio-fio. O rosto tornou-se sombrio e calmo quando seguiu em direção ao subúrbio da cidade.

Outono ajoelhou-se ao lado do túmulo de Lonnie. Seguindo um impulso, fora até a casa de Molly no bosque e descobrira um feixe de centáureas. Agora as flores estavam mortas, mas voltariam a florescer na primavera, brilhantes e azuis, a cor dos olhos de Lonnie. Cavou um buraco com a colher de sopa que trouxera da casa de Molly e plantou as flores silvestres na base do túmulo.

A grama cobrira o túmulo. A pequena placa insignificante estava caída, as letras desbotadas pelo sol. Olhou para o espaço onde Lonnie descansava e nada sentiu, correu a mão pela terra, mas ainda assim permaneceu insensível. Diziam que ele estava morto, enterrado sob a grama verde e macia, mas estavam errados. Lonnie não morrerá. Tudo que ele fora ainda vivia, escondido em seu lugar secreto.

Outono ergueu-se e saiu do cemitério sem olhar para trás. Dirigiu até a cidade e foi a uma loja de monumentos, onde encomendou uma lápide para o túmulo de Lonnie. Feito isso, retornou aos subúrbios da cidade. Vários quarteirões depois, virou o carro em direção à rua dos Mineiros. As casas apinhadas umas contra as outras pareciam ainda menores e mais sujas do que se lembrava, o ar tomado pelo fedor da pobreza.

Tudo que restara da casa de Outono era uma pilha de madeiras queimadas, mas Lonnie estava ali, assobiando no chuveiro, martelando a porta açoitada pelo vento que nunca deixava de ranger, estudando nos livros, agarrando-a para um beijo rápido que se tornava longo e doce, sussurrando: “Te amo, doçura.” Os lábios dela tremeram e apertou o acelerador, afastando-se rapidamente do local, da pobreza e da morte.

Outono não desacelerou até chegar ao centro da cidade. Parou o carro em um sinal, olhando distraída para os prédios, o tribunal, a farmácia, o banco. As pessoas iam e vinham, mas uma figura sobressaiu entre as demais. Encarou-o fixamente, o coração repentinamente batendo descompassado. O homem era alto, louro e caminhava com autoconfiança. O corpo era rijo e magro, os ombros largos. Ele saiu da entrada do banco e parou no meio-fio, a menos de três metros do carro de Outono.

Só vira aquele rosto em recortes de jornal, e não muito distinto. Sempre pensara nele como um velho, mas parecia mais jovem do que Everett. Tinha olhos azuis cristalinos, um queixo proeminente e um rosto pouco marcado pelas rugas; um homem saudável e em forma, uma versão mais velha do filho Brian. “Não é justo, não é justo.” Soltou um meio gemido. Ele estava caminhando, falando com um homem louro a seu lado, enquanto Lonnie estava dormindo.

Outono pisou fundo no acelerador, indo contra o sinal, contra o tráfego. Pneus guincharam e buzinas soaram, mas Outono não desacelerou. Afastou-se da cidade em alta velocidade, sabendo agora que

procuraria Lloyd Murphy. Iria até o próprio demônio se ele lhe desse o que queria, o que precisava obter.

MOLLY nunca se afastara de Turtle Ridge, e Outono queria mostrar-lhe um pouco das maravilhas de San Francisco. Tirou uma semana de férias da Murphy's e tentou mostrar tudo em poucos dias. Molly comeu sua primeira lagosta no Fisherman's Wharf, sua primeira comida chinesa no Chinatown, um passeio pela Golden Gate Bridge, uma visão da baía de Bridge ao pôr do sol, um piquenique no Lincoln Park e um passeio por Lombard. Visitaram museus, andaram de teleférico e fizeram uma excursão por Nob Hill. Um elevador que subia até Coit Tower terminou a excursão, e Outono voltou ao trabalho.

Uma semana depois transformou-se em duas, depois em três, e Molly continuou. Quando falava em ir embora, Outono encontrava alguma desculpa para ela ficar mais alguns dias. Pouco a pouco Molly tomara conta da cozinha e começava a cuidar do apartamento. Outono sentia que a tia estava fazendo o papel de empregada, o que a incomodava. Ao mesmo tempo, percebia que Molly sentia falta de alguém que dependesse exclusivamente dela. Outono sentia que agora era sua vez de cuidar de Molly, mas precisaria fazer a tia se sentir necessária. Havia espaço mais do que suficiente no apartamento, e Everett divertia-se com duas mulheres alvoroçadas à sua volta.

Outono sentou-se com Molly e perguntou-lhe sem rodeios se ela queria ficar no apartamento. Molly concordou, mas apenas até a renda do Doghouse ser suficiente para Outono deixar seu emprego na Murphy's. Outono não pretendia dizer a Molly que o bar era mais do que suficiente agora, e que ia arrancar cada dólar que pudesse de Murphy, até ser despedida ou sofrer um colapso com o horário exaustivo que se impusera. Além de trabalhar na Murphy's, aumentara a carga horária na faculdade. Gastava várias horas por semana na contabilidade do bar. Em geral só ia dormir bem depois da meia-noite.

Agosto deslizou para setembro, quando por fim Outono marcou uma entrevista com Lloyd Murphy. Assim que se decidiu a procurá-lo, não houve mais pressa. Agora que Molly estava estabelecida, Outono sentia ser aquela a hora certa.

Enquanto caminhava para o encontro, reensaíou seu discurso seguidamente. Mas quando entrou no escritório dele, deu-lhe um branco. Ela sorriu, experimentando, apertou um envelope contra o seio e sentou-se na cadeira por ele indicada.

Ele estava sentado relaxado, os olhos inquisitivos.

— Em que posso ajudá-la, sra. Corbett?

— Certa vez você me disse que se algum dia precisasse de alguma coisa, eu poderia procurá-lo.

Ele assentiu.

— De que precisa?

— Quarenta — disse ela bruscamente. — Talvez cinquenta mil dólares.

Lloyd Murphy não se esquivou.

— Para quê?

— Quero expandir o Doghouse.

Ele sorriu e acomodou-se na cadeira.

— O que vou receber em troca de meu dinheiro?

— Não posso lhe oferecer uma hipoteca contra o bar, mas lhe darei 1% sobre os lucros.

— Posso conseguir lucro maior para meu dinheiro em outro lugar.

— Bem — disse ela, movendo-se nervosa na cadeira. — Então 1,5%.

Ele fez um gesto em direção ao envelope.

— Falaremos dos termos depois. Por que não me mostra o que tem aí?

Outono levantou e espalhou os papéis sobre a mesa. A princípio falou pausadamente, mas depois as palavras começaram a atropelar as outras. Uma camada de suor nervoso surgiu em seu rosto. Outono enxugou o lábio superior com a ponta do dedo e lançou um olhar para ele. O rosto de Lloyd permanecia impassível, mas seus olhos diziam-lhe que estava se divertindo com ela.

— Maldito seja você, Lloyd Murphy. Vá para o inferno. — Tentou recolher os papéis e correr ao mesmo tempo. — Não pretende me emprestar o dinheiro. Quer que eu fracasse. Acha que vou me cansar de esperar e o procurarei. Isto não vai acontecer. Pode comprar seu rabo em outro lugar.

Lloyd levantou-se e apoiou as mãos na escrivaninha.

— O que a faz pensar que seu rabo é tão especial? Não preciso pagar para trepar. Tenho mulheres gananciosas se lançando aos meus pés seis vezes por dia, e uma dúzia nos domingos. Se, e estou dizendo se, eu algum dia a ajudar, será por sua sagacidade, não por sua bunda.

— Vá para o inferno seu... fodão! — Saiu correndo da sala e bateu a porta com tal força que tirou a secretária assustada da cadeira. Outono chegara ao corredor mas voltou-se e correu até o escritório dele. Bateu com a porta de novo e gritou: — Estou despedida?

— Não. — Ele gritou em retribuição. — Mas vou lavar sua boca com sabão. Para uma garotinha de Turtle Ridge, você tem a boca bem suja.

— Tente trabalhar em um bar e veja como fica sua boca.

— Eu posso. Você não. Demonstra falta de controle.

— Você estava rindo de mim.

— Estava, estava rindo de você. Eu a perdôo facilmente, Outono. Se um homem tivesse entrado aqui para uma conversa fiada tão despreparado quanto você, eu o teria dispensado em cinco minutos.

— O que quer dizer?

— Isto. — Pegou o envelope, jogou-o na cesta do lixo e fez um gesto em direção à porta. — Primeiro, você queria dinheiro emprestado. Quarenta, talvez cinquenta mil dólares. Não tem ideia de quanto custa para aumentar o Doghouse. Segundo, me mostrou seus planos. Limpos, mas elaborados por você, e não foram calculados. O que está planejando é uma reforma. Quer ficar com o bar aberto e botar as paredes abaixo. Como vai impedir que o teto desabe? Talvez possa ser feito, não sei, mas você também não sabe. Depois tem o estacionamento. A área de estacionamento no subsolo não vai ser suficiente para a multidão que está planejando. Ou pretende atender a elite que dirige suas limusines e mandar os carros embora até mais tarde? Se estiver, esqueça. O Doghouse jamais atrairá algo além da classe média. Por último, mas de jeito nenhum menos importante, verificou na prefeitura? Há normas, zoneamento. Você nem sabe se a prefeitura permitirá a expansão. Essa não é minha área, mas eu esperaria que a pessoa encarregada soubesse desses fatos para mim. — Fez uma pausa e franziu o cenho. — Esses são apenas alguns pontos, Outono. Se eu realmente quisesse ser exigente, poderia continuar o dia todo enumerando itens.

As bochechas dela ficaram rubras de embaraço.

— Sinto-me tão idiota.

— Não se sinta. Ser idiota é uma coisa, inexperiente é outra. — Fez um gesto em direção ao sofá. — Vamos esquecer os negócios um pouco e tomar um drinque.

— Sim — assentiu ela rapidamente. — Uísque puro.

— Puro?

— Pode colocar um pouco de gelo. — Outono levantou-se da cadeira e afundou no couro macio do sofá. Observou-o ir até o bar e preparar os drinques. Seus passos eram tranquilos e comedidos, como se

se movimentasse de um ponto a outro sem uma pausa desajeitada. Fitou-o quando voltou ao sofá, prometendo a si mesma jamais deixar as emoções toldarem seu julgamento de novo. — O que foi pior: o começo, o meio ou o fim? — perguntou ela.

— O começo. Sempre diga primeiro a um homem quanto ele vai ganhar e não quanto vai gastar. — Lloyd relaxou no sofá e bebericou o drinque. — Gostaria que compreendesse uma coisa, Outono. Se eu a financiasse em um negócio, faria isso porque você é uma vencedora. Se algum dia fizer amor com você, será porque você também quer.

Outono ouviu as duas declarações, mas a que lhe ficou no cérebro foi a primeira. Olhou-o pelo canto dos olhos.

— Realmente? Quero dizer, você me financiaria depois de eu ter feito papel de idiota hoje?

— Claro. Não tenho nada contra ganhar dinheiro. Se aparecer com um plano que me pareça vencedor, eu lhe darei apoio.

— O que acha do Doghouse em termos de crescimento?

— Pode proporcionar uma boa renda. Se conseguir expandir-se, poderá aumentar seus lucros, mas ali não há o suficiente para um segundo sócio, ou altas taxas de juros. Se lhe emprestar o dinheiro, seria como um favor. Não faço favores. Ou lhe emprestaria o dinheiro e deixaria você usar seu rabo para me pagar. Um acordo que não seria bom para nenhum de nós. Se isso fosse tudo o que quero, eu procuraria uma prostituta. — Fez uma pausa e sorriu. — Além do mais, acho que sua tia Molly não ia aprovar.

Outono sacudiu a cabeça assombrada.

— Não há nada que você não saiba sobre mim?

— Muito pouco.

— Posso compreender como fica sabendo da maior parte das coisas, mas como descobriu o que como no desjejum?

— Simples. Foi feita uma pesquisa pelo telefone com sua colega de apartamento. O nome dela é Julie, certo?

— Isso mesmo — concordou ela, e pensou na velha amiga. A última coisa que ouvira de Julie é que se mudara para Los Angeles com o homem que conhecera. — Julie foi embora depois que casei com Everett. Ela não aprovava.

— Eu sei — disse ele distraído.

Outono voltou-se no sofá e olhou-o inquisitiva.

— Por que está fazendo isso? Por que me vigia?

Ele deu de ombros.

— Gosto de você, Outono. Você é complexa. Uma charada. Uma louca mistura que é ao mesmo tempo fascinante e frustrante. Em um minuto você é uma garotinha linda tirando os sapatos porque está nervosa. Em seguida é uma mulher madura, sensível e muito sensual. As duas formam uma combinação intrigante. Espero grandes coisas de você. Vai ser interessante ver como realizará seus planos.

Outono colocou o copo na mesa de café. Pôs-se de pé e baixou os olhos para ele.

— No caso de você não saber, Lloyd Murphy, acabou de puxar o tapete debaixo de meus pés. Não tenho outro lugar a que recorrer. Se sabe como vou realizar este grande feito, gostaria que me contasse. Esta garotinha linda está sem ideias. Quando vim aqui... — Fez uma pausa e voltou-se, surpresa, quando a porta abriu de supetão como se atingida por uma lufada de vento. Uma jovem com longos cabelos ruivos entrou correndo na sala. Outono vira seu rosto nos jornais com bastante frequência para saber que era a filha dele, Lindy. Tinha os olhos verdes do pai, mas os traços eram muito semelhantes aos dele para serem belos. No entanto, o rosto era agradável e movimentava-se com a vitalidade do pai.

Lindy, que vestia jeansdesbotados e um pulôver, atravessou a sala rapidamente e lançou-se nos

braços dele.

— Oi, pai. — Voltou-se e contemplou Outono. — Você é uma das protegidas de papai? Ele gosta de colocar as mulheres em tudo em que não consegue me colocar.

Não havia malícia na voz dela, e Outono sorriu.

— Não. Sou uma das vendedoras de seu pai.

— É mesmo? Tentei trabalhar como vendedora. Ia trabalhar até chegar ao alto, mas pareço demais com mamãe, acho. Não tenho jeito para os negócios.

Para Outono estava óbvio que Lindy era a queridinha do pai; olhou para Lloyd e riu.

— Ela também recheia peru?

— Não. — Ele olhou para Lindy carinhosamente. — Sua especialidade são passagens aéreas e ser expulsa de colégios.

Lindy deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Você adora isto e sabe muito bem. — Sorriu para Outono. — Para papai, uma mulher sem brio nada vale, é estimulante como um pano de prato. — Fez um gesto em direção a ele. — A culpa é dele se sou tão malcriada. Ensinou-me a viver seguindo suas três máximas: se é um presente, pegue-o. Se pode ser comprado, não vale a pena. Se não está à venda, encontre outra maneira de consegui-lo. Pobre mamãe. Que maus pedaços deve ter passado com esse demônio.

— Fique quieta — disse ele, a voz contendo uma risadinha. Virou-se com Lindy e apresentou-a a Outono.

— Que belo nome — disse Lindy. — Gostaria de me chamar assim. Lindy... estúpido... estúpido. — Franziu o cenho como se sobrecarregada por pesado fardo. — Passei para lhe dizer que vou me atrasar para a festa hoje, mas irei. Precisei mandar alterar meu vestido novo e só ficará pronto depois das seis.

— Ah, pobre Lindy. Não tem nada para vestir.

— Tenho o que vestir, mas você não aprovaria. Este vestido foi a primeira coisa sensata que comprei em muitos anos. E fiz tudo por você. — Voltou-se nos braços dele e fitou Outono. — É meu aniversário de 21 anos, e papai chamou meus avós e outros amigos para me colocar nos joelhos deles. Festas de obrigação são um inferno. — Fez uma pausa e olhou Outono com atenção. — Você parece gostar de diversão. Por que não vai?

Outono pensou em si mesma misturando-se com os amigos deles de Nob Hills e quase caiu na gargalhada.

— Não posso, Lindy, mas muito obrigada.

— Claro que pode. Papai mandará um carro buscar você. — Beijou-o no rosto, voltou-se e saiu da sala tão abruptamente quanto entrara.

— Ela é assim sempre tão cheia de energia?

— Sempre. E até tem uma boa ideia vez por outra. Mandarei um carro buscá-la às oito.

— Realmente não posso.

— Está com medo?

— Por que deveria?

— Talvez de ver o que poderia ter tido. Acho que devia ir. Depois vá para casa e compare a noite comigo a uma noite no Doghouse. Pode ser que mude de ideia.

— E se me recusar?

— Aí estará provado para mim que está com medo de se arriscar. Não admiro os covardes.

— E seu eu for e depois me recusar?

— Aí eu teria dado meu melhor tiro e falhado. — Pegou-a pelos ombros e encarou-a. — Você é uma mulher faminta, e tem pressa. Se eu insistisse, provavelmente conseguiria levá-la a um caso rápido.

Infelizmente, também sou um homem faminto, e possessivo. Quero que se livre de Corbett e todos os outros vínculos para que seu pensamento fique livre. Vá hoje à noite e depois decida.

Ela assentiu.

— Aceitarei seu desafio, sr. Murphy. Estarei pronta às oito.

O apartamento de Lloyd não era menor do que Outono imaginara. Seu lar era pretensioso e refletia sua riqueza. Até mesmo o ar recendia a riqueza. Joias brilhavam nos pescoços e dedos adejantes. Empregados com uniformes impecáveis movimentavam-se discretos pelo tapete grosso, portando bandejas de prata com champanhe e canapés. Grandes candelabros lançavam um brilho amarelo que se refletia em sombras variadas sobre louras, morenas e sobre seus próprios cabelos castanho-avermelhados.

As pessoas dispunham-se em grupos e falavam com vozes excitadas. Os homens usavam ternos bem talhados, e as esposas destacavam-se com seus vestidos feitos sob medida. Outono tirara seu único vestido apresentável do fundo do armário, o qual vestira pela última vez na noite de Ano-Novo. Era de seda verde, cruzado nos seios, moldando-se sobre os quadris bem-feitos e caindo até o chão. Como joias, apenas duas alianças de casamento no mesmo dedo.

Lloyd cortesmente apresentara-a a todos, mas em seguida a levara e agora ela estava junto com Lindy e um grupo de mulheres discutindo sobre as melhores faculdades, o melhor cabeleireiro, um novo restaurante que haviam descoberto, onde haviam passado o verão, onde pretendiam passar o inverno e outras maneiras de gastar dinheiro.

Uma mulher de cabelos escuros engoliu um pãozinho francês e sorriu para Outono, diamantes brilhando-lhe nas orelhas.

— Onde passou o verão, querida?

— Aqui. Fugi para passar alguns dias na margem esquerda.

— Paris? Que delícia.

— Não. Turtle Ridge.

— Turtle Ridge? Acho que não conheço. É um lugar novo?

— Não. Existe há anos. Desde 1800, pelo menos. É pequeno, escondido, muito seletivo. Você precisa ser do lugar para que lhe deixem entrar.

Os olhos da mulher brilharam de curiosidade e ela se voltou para a mulher ao lado.

— Ouviu falar desse lugar, Jean?

— Não. — Jean olhou para Outono com novo interesse. — Quais são os divertimentos?

Outono deu de ombros.

— O que você quisier.

— Parece fascinante.

— E é. Não existe lugar igual no mundo.

O interesse dela aumentou e Jean aproximou-se de Outono.

— Preciso saber. Onde fica este lugar maravilhoso, querida?

— Bem.. — Começou Outono, hesitante. — Você pega um avião para Louisville, em seguida um ônibus para Edisonville. Depois outro ônibus para a bifurcação em Route Six. Dali você tem que caminhar.

— Caminhar? Eles não têm serviço de limusine?

— Oh, não! Em Turtle Ridge não. Eles não gostam de fumaças. — Ela encarava as duas mulheres. — Se decidirem ir, basta dizer que Sue Anne lhes mandou. Eles a deixarão entrar. — Ela se voltou, Lindy ao lado, e agarrou outra taça de champanhe de uma bandeja que passava. — Os ricos são tão crédulos.

Lindy soltou um risinho.

— O que é e onde fica Turtle Ridge?

— Minha cidade natal. Cresci lá.

— Você é tão cheia de lisonjas quanto meu pai. Por falar nele... — Ela agarrou Outono e puxou-a até onde Lloyd estava com um grupo de homens. Lindy enfiou o braço no dele e puxou-o. — Minha tarefa está feita. Diversão e risos me esperam. — Abriu um sorriso para Outono. — Minha verdadeira festa de aniversário está começando. Iatismo. Quer vir?

Lloyd passou o braço pela cintura de Outono.

— Dou-lhe permissão para sair e se divertir, mas Outono fica comigo.

Lindy deu um passo atrás e cumprimentou.

— Bem-vinda. Não sou de briga.

Outono observou-a afastar-se e ficou pensando por que Lindy se agarrara a ela, uma estranha, tão furiosamente.

— Sua filha é diferente.

— Os ricos são diferentes. — Fez um gesto em direção à sala. — Como este lugar se compara ao Doghouse?

— Não há comparação.

— Está impressionada?

— Por Deus, estou. Estou aqui para lhe dizer. Vocês ricos sabem como viver bem.

Ele riu, passou caviar em uma torrada, acrescentou uma gota de limão e levou à boca de Outono. Ela recuou, torceu o nariz e afastou a torrada com um gesto.

— De jeito nenhum. Não gosto de bagre. Não vejo nada aqui que eu comeria.

— Isso não é bagre.

— Bagre ou esturjão... peixe é peixe.

— Caviar combina com a riqueza. Você deve cultivar o gosto por ambos.

— Esperarei até ficar rica.

Outono não percebeu o gesto, mas ele enfiou o caviar na boca, em seguida levou-a até o terraço, onde um criado veio ao encontro deles e colocou um casaco de pele nos ombros desnudos de Outono.

— Está frio hoje. — Foi tudo o que ele disse.

Os dois atravessaram e ficaram de pé na borda do terraço. Pareceu a Outono que toda San Francisco estava a seus pés, simbolismo do que ele poderia oferecer. Luzes de todas as cores estendiam-se no céu e na terra, enfeitada por uma lua dourada e amarela, uma exibição particular e espetacular reservada apenas aos ricos.

— Os ricos são diferentes — comentou ela. — Ao menos as mulheres são. São como crianças mimadas.

— Elas são crianças. Há muito dinheiro antigo aqui. As mulheres não precisaram trabalhar ou preocupar-se com nada, exceto festas, cabeleireiros, se os maridos estavam interessados demais nas novas amantes. Eu era um rico novo e não fui aceito até casar com minha falecida esposa. Ela era dinheiro tradicional.

— Por isso se casou com ela?

— Em grande parte.

— Era fiel a ela?

— Nunca.

— Ela era fiel a você?

— Sempre. — Ele deslizou a mão sob o casaco e puxou-a para seus braços. — Não quero pensar nela, apenas em você.

Ali, envolta no casaco de pele, cercada pelo brilho da riqueza, sentiu-se distante do Doghouse e Everett. Contemplou o rosto dele à luz do luar, a boca firme, sentiu a força de seus braços quentes contra a pele de suas costas, e desejou ser tomada, beijada pelo grande irlandês. Ela oscilou para a frente, os lábios buscando os dele.

O casaco caiu-lhe dos ombros, mas o calor do corpo dele aqueceu-a. Apertou-se contra ele, desejando sentir de novo aquele doce abandono de si mesma. Por um instante seu corpo obedeceu, respondendo à noite e ao homem. Mas no fundo de seus pensamentos, intruso, acusador, estava Everett e sua promessa auto-imposta. O corpo retesou-se nos braços dele.

— Não — sussurrou ele. — Você está tensa. Solte-se, Outono.

Ela enterrou o rosto no pescoço de Lloyd com tanta força que conseguiu sentir as batidas aceleradas do coração.

— Gosto de estar em seus braços. Gosto quando você me toca, mas me sinto inquieta.

— São as pessoas. Quando estivermos a sós tudo será bom... maravilhoso.

— Não. É Everett. Sinto-me culpada.

— A princípio vai se sentir, mas apenas no início. Quando estiver longe dele, tudo será diferente. Fique aqui esta noite. Posso fazê-la me desejar, se permitir.

Ela afastou-se dele, sacudindo a cabeça.

— Se eu ficasse essa noite, nunca mais iria embora.

— É o que eu tinha em mente.

Outono tornou a balançar a cabeça.

— Não posso. Everett está doente, e ele é sensível. É como meu filho, uma criança doente.

Ele gemeu, exasperado.

— Estou começando a odiar esse filho da puta. — Agarrou-a pelos braços e forçou-a a olhá-lo. — Livre-se dele, Outono. Ele só pode fazê-la regredir. — Fez com que ela se voltasse para o salão iluminado onde a música e o murmúrio de vozes chegavam até eles. — Isto tudo pode ser seu, mas apenas se se livrar desse peso morto que está carregando.

Ela afastou o olhar do salão e contemplou Lloyd.

— Não quero nada disso. O vestido que estou usando saiu de uma prateleira de sua loja, mas estou contente com ele. Meu apartamento não tem tapetes fofos ou candelabros, mas sinto-me feliz. Tudo que quero é dinheiro, sr. Murphy. Dinheiro vivo.

— Dinheiro vivo ou diamantes. Pode ter tudo, mas primeiro é preciso livrar-se de Everett.

— Não posso. — Ela ofereceu-lhe a mão. — Você me desafiou e aceitei. Espero que faça o mesmo por mim um dia.

— Irlandesa teimosa. Não vou desistir de você.

Ela sorriu, pontos cinzentos de luz dançando em seus olhos.

— Deus, espero que não. Não estava mentindo quando disse que gostava de estar em seus braços. Quando estiver livre, gostaria que você me abraçasse de novo, mas não por um instante apenas.

— Esperarei. Aquele desgraçado tem que morrer antes de mim.

OUTONO foi para trás do balcão e preparou seu primeiro drinque legal. Era o dia 28 de abril, seu dia. Brindou com Wally.

— Saúde!

— O que vai fazer em comemoração a seu aniversário?

— Vou sentar em um banco de bar esta noite e beber com os adultos. Vou dançar e vou cantar com a banda. — Virou o copo e olhou para o bar. Sem a ajuda de Lloyd não conseguira aumentar o Doghouse, mas reformar a parte vazia fora perfeitamente possível. Contratou um empreiteiro para fazer os reparos necessários em seguida, entregara o espaço a um corretor para alugar. Chamou pintores para dar novo visual ao bar. Entrevistou e contratou uma banda com música mais moderna. A atmosfera de Doghouse ganhara um tom mais excitante. Fregueses novos e mais jovens enchiam o bar diariamente.

Risos atraíram a atenção de Outono e ela olhou para onde Lindy estava sentada com alguns amigos. Não via Lloyd desde a noite no terraço, nem mesmo de passagem, mas em fins de outubro sua filha Lindy começara frequentar o Doghouse com convites para passeios de iate, festas, viagens rápidas ao Reno ou ao México no avião do pai. Outono agradecera, mas recusara.

Em geral Lindy vinha ao bar com amigos, mas às vezes aparecia sozinha. Na maior parte das vezes a conversa entre as duas era superficial, mas vez por outra Lindy falava de si. Através dela Outono começou a formar uma imagem mais forte de Lloyd. Era um homem totalmente independente das mulheres. Não precisava delas no sentido comum, apenas para proporcionar-lhe gratificação de uma maneira ou de outra. Ajudara muitas mulheres a realizarem suas ambições, mas só porque achava divertido, e sempre sob suas condições. Ele amava Lindy, mas Outono ficava pensando se apenas como uma extensão dele mesmo.

A princípio Outono achou que Lindy ia ao bar porque era pitoresco e diferente de seu mundo, mas quando as visitas se tornaram mais frequentes, então ela começou a buscar outro motivo. Lindy entrando bruscamente no escritório de Lloyd, a festa, o convite repentino, tudo parecia coincidência demais agora. Lloyd dissera que não desistiria. Falhando na festa, ele se voltara para Lindy e a usara para lançar mão de outros artifícios. Outono achou a tática de Lloyd marota mas engraçada. Riu sozinha durante dias, brincando com Lindy.

Lindy agora vinha com menos frequência, mas quando vinha, sempre havia convites para provocá-la e tentá-la. Outono contemplava Lindy e de súbito sentiu-se cansada do joguinho. Foi até a mesa dela, conversou um pouco e depois afastou Lindy dos amigos e levou-a ao quarto dos fundos, que agora era seu escritório. Quando disselhe do que suspeitava, ela sorriu e assentiu.

— A festa já estava planejada. Papai telefonou-me naquela manhã e pediu-me para passar no escritório e convidá-la casualmente para a festa. Duas semanas depois, pediu-me para vir aqui com outros convites. Como você continuou recusando, tornou-se um desafio até para mim.

— Alguma vez você perguntou a seu pai por quê?

— Não precisei. Conheço papai e sei como sua cabeça funciona. Ele quer você, e está tentando fazê-la sentir-se descontente com sua vida aqui.

— Isso não a incomoda?

E'a deu de ombros.

— Eu e papai temos um acordo. Não me meto na vida dele, e ele não interfere na minha. Como pai

ele é o melhor, mas é um demônio como manipulador, conspirador. Despende tantos esforços para ganhar uma mulher teimosa quanto para abrir uma nova loja. É um homem de negócios duro. Leva sua vida particular quase tão duramente. Imagino que seja assim na cama também.

Outono sorriu e concordou em silêncio. Estivera nos braços dele apenas alguns segundos, mas seus dedos movimentaram-se com maestria. Ele sabia como obter o máximo de um toque, um sussurro ou um simples olhar.

— Não tenho certeza se entendi. O que você está tentando me dizer exatamente?

— Apenas que papai não desiste de uma coisa que deseja. Não deixe espaços por onde ele possa penetrar, ou será envolvida mesmo. Dependente dele.

— Acho que neste caso você está errada. Tentei pegar dinheiro emprestado com seu pai e ele recusou. Um empréstimo lhe daria uma espécie de elo.

— Você é ingênua, Outono. Por que papai lhe emprestaria dinheiro? Isso só a faria mais confortável aqui com seu marido. Enquanto precisar de dinheiro, você precisará dele. — Ela sorriu e voltou-se para a porta. — Lembre-se. Se houver espaço, papai o encontrará. Mantenha-se fechada.

Outono olhou-a intrigada.

— Por que está me dizendo isso?

— Gostp de você. E com papai, precisará de todo o poder que puder obter.

— Duvido que o veja de novo.

— Não conte com isso. — Lindy acenou e saiu.

Outono saiu do escritório e subiu as escadas do apartamento, sentindo-se mais leve, com menos peso sobre os ombros em muitos meses. Deixara o trabalho na Murphy's e passara a última semana ociosa, apenas dormindo e lendo. Agora que dispunha de seus dias livres, planejava ir frequentar a faculdade durante o dia. À noite trabalharia no bar. Teria as gorjetas e economizaria o salário de uma garçonete.

Da cozinha vinham os ruídos de Molly e Everett conversando, junto com odores deliciosos. Quando ela entrou, Everett sorriu e estendeu um presente embrulhado em papel dourado.

— Feliz aniversário, Outono.

Outono desatou a rir e rasgou o papel.

— Oh! — exclamou, apertando um bichinho de pelúcia nos braços. — Não é lindo? Olhe, tia Molly. O bonequinho tem os olhos vesgos.

Molly sorriu e voltou-se do balcão, segurando um prato que estendeu a Outono.

— Feliz aniversário.

Outono olhou para o cachorro-quente e gritou.

— Cachorro-quente! — Pegou o prato e sentou-se à mesa, deu uma grande mordida e comentou. — Hummmm, está bommmmm. Ninguém no mundo faz um cachorro como a senhora, tia Molly.

Mastigando lentamente, Outono olhou para o cachorro-quente. Franziu o cenho pensativa, mexendo com o dedo para tentar ver o que Molly colocara.

— O que tem dentro?

— Muita coisa gostosa.

Outono lambeu os dedos, os olhos brilhantes em prazer silencioso.

Molly se pôs de pé com as mãos nas cadeiras, perscrutando.

— O que está pretendendo agora?

— Estava aqui — gritou ela. — Estava aqui o tempo todo!

— O que estava aqui?

— Um modo de enriquecer!

LLOYD estava sentado em sua escrivaninha, reclinado com a perna cruzada sobre o joelho, o cachimbo na mão larga. A expressão estava relaxada e indiferente, mas seus olhos diziam a Outono que estava contente em revê-la. Embora houvesse saído da loja, ela ainda sentia fortemente a presença dele. Assim como o mar: não se precisa tocar a água para saber que está lá.

Outono mudou o saco de papel de posição no colo.

— Foi bondade sua receber-me.

Ele mordiscou o tubo do cachimbo.

— Há quanto tempo.

Outono assentiu.

— Desde a festa de Lindy... seis meses.

Ele sorriu, como se recordando.

— Você está com boa aparência.

— Obrigada.

— Como foi seu aniversário?

— Ótimo. Fiquei um pouco bêbada, trabalhei atrás do balcão, cantei com a banda e dancei com os fregueses. Ela respirou fundo, reunindo coragem. — Você sabia que comidas rápidas são a terceira maior indústria do país, rendendo bilhões por ano?

— É — disse ele, perplexo. — Acho que ouvi falar disso em algum lugar. — Apontou o tubo do cachimbo em direção ao saco de papel. — O que tem aí?

— Seu almoço. E vai esfriar se não comer logo. — Levantou-se e colocou o saco na escrivaninha, retirando um paninho e guardanapo e colocando-os diante dele. Puxou um embrulho do saco em meio a garrafas de água quente e cuidadosamente desembalou um grande cachorro-quente coberto com salada de repolho, pimentão, cebolas picadinhas, queijo ralado e bastante molho amargo.

Lloyd olhou para o cachorro-quente.

— O que é isso? ,

— Parece com quê?

— Não tenho certeza, mas lembra ao longe um cachorro-quente.

— É um cachorrão.

— Ele morde?

Ela lançou-lhe um olhar faiscante.

— Cale a boca e coma, a não ser que esteja com medo.

Lloyd pareceu cético, mas pegou o cachorro-quente e deu uma boa mordida, provando, mastigando, sentindo o gosto; assentiu com a cabeça lentamente, o molho umedecendo o lábio superior.

— Não é mau. Para um cachorro-quente, não é nada mau.

— Sr. Murphy, este cachorro-quente vai lhe proporcionar milhões. — Pegou um envelope grosso e durante a hora seguinte lançou-lhe números e fatos. — Vamos lançar o cachorro-quente, mas para deixar todo mundo contente, acho que devíamos vender hambúrgueres também. Uma pessoa pode administrar quatro barracas. Eu, no começo. — Colocou uma folha com números diante dele. — Trabalhei nisto com minha tia. Estes números lhe dirão quanto tempo leva para fazer e embrulhar um cachorro-quente. Um sanduíche grande pode ser feito no mesmo espaço de tempo que um de tamanho regular, e podemos cobrar muito mais. No entanto, devido às crianças, sugiro que vendamos ambos. Caso contrário, os pais

comprarão um cachorro-quente e irão dividi-lo ao meio, custando-nos a onda de dois no preço regular. No tempo permitido três pessoas ganhando salário mínimo podem cuidar de uma barraca... no começo. — Colocou outras folhas diante dele. — Verifiquei todos os atacadistas. Isto lhe dirá o custo de cada cachorro-quente, hambúrguer, batatas fritas, refrigerantes e sorvetes... e o lucro, como você pode ver, é considerável. Podemos ornprar tudo de que precisarmos, exceto a salada de repolho. Precisaremos de uma pequena fábrica de produção e um motorista para entregas. Verifiquei com um distribuidor e pesquisei sobre os acessórios de que precisaremos para as barracas e para a fábrica. Os custos estão listados.

Ele permanecia ouvindo, calado.

Outono fez uma pausa e observou-o franzir o cenho, debruçado sobre os papéis que ela lhe entregara; por fim recomeçou.

— Entrei em contato com um agente imobiliário. Ele conseguiu cinco locais. Um para a fábrica e quatro para as barracas. Todos são próximos le escolas e shopping centers e a pouca distância de áreas residenciais. Os prédios precisarão de algumas modificações. Arranjei um empreiteiro para cuidar de tudo. Aqui estão os custos. — Acrescentou mais folhas com números na pilha crescente. — Pedi a um advogado que verificasse a parte legal. Todos os locais são zonas comerciais, portanto não teremos problemas. Precisaremos apenas alugar o espaço e pedir as permissões necessárias. O advogado que contratei não previu problemas, mas estou certa de que você vai querer que seu próprio advogado confira tudo isso. Também tenho uma lista dos seguros de que precisaremos, e os custos. — Deu-lhe um instante, em seguida colocou os papéis restantes diante de Lloyd. — Vendi minhas ações da Murphy's e contratei um grupo de pesquisa. As descobertas deles estão sobre sua mesa, junto com seus projetos para o futuro do cachorrão.

Lloyd observou-a atento.

Outono caminhou até a janela e ali ficou calmamente, esperando enquanto ele olhava os papéis. Desta vez ela agira com cuidado até ir procurá-lo. Chamara seu contador que a colocara em contato com um de seus clientes, o qual era dono de um restaurante. Após aprender o necessário, e aonde ir, o resto entrou nos eixos. Saíra caro, mas os resultados valiam os custos.

Afastou-se da janela e voltou à cadeira de Lloyd, fitando a cabeça curvada.

— Alguma pergunta?

— No momento não.

— Então só falta discutirmos a parte financeira. — Sorriu quando ele tocou a cicatriz no queixo, algo que aprendera que ele fazia quando buscava tempo para pensar. Cruzou os braços sobre os seios e aproximou-se mais da cadeira. — Você se gabou de não ter preconceitos contra as mulheres. Qualquer novo negócio é um risco, mas lhe mostrei um bom negócio. O qual você não recusaria se eu fosse homem. Você me desafiou, sr. Murphy, e aceitei o desafio. Agora sou eu que o estou desafiando.

Murphy fitou-a com admiração, em seguida olhou para seus pés descalços.

— Nervosa?

— Aterrorizada!

Lloyd concordou em financiar o negócio em troca de 45% da firma. Outono ficou com o controle da outra parte das ações, 55%. Ela usara o Doghouse como garantia, mas com uma cláusula: se o negócio fracassasse, Lloyd não poderia tocar no bar enquanto Everett vivesse.

Outono acompanhou a preparação do prédio para a inauguração. Cada qual tinha uma janela para encomendas para viagem feitas do carro, além de mesas do lado de fora com um toldo de listras verdes. Para a grande inauguração, distribuíram bolas de gás e bastões doces. Outono queria tomar parte na operação, mas Lloyd recusou-se a permitir que ela fizesse algo além de assistir até ter mais experiência.

Contratou um gerente capaz e entregou-lhe os negócios.

Os primeiros seis meses foram lentos, como previsto, mas depois foi como se San Francisco de súbito houvesse descoberto os cachorros-quentes. Lloyd ficara relativamente indiferente, aguardando, observando, mas quando começaram a planejar mais quatro barracas, ele prometeu a Outono instruí-la no mundo dos negócios. Ele era incansável, um professor ferrenho. Levava-a a almoços de negócios em restaurantes ou em seu iate, os quais estendiam-se ao longo da tarde. Todos pareciam relaxados, loquazes, mas faziam-se excelentes acordos.

Erxi pouco tempo Lloyd chamava-a em seu escritório. Outono sentava-se em silêncio e ouvia, às vezes durante quatro ou cinco reuniões. Depois ele lhe fazia perguntas, insistindo em cada detalhe, perguntando suas impressões. Se ela não acertava, isso significava duas ou mais reuniões na semana seguinte.

— Cuidado com seus olhos. — Ele a repreendia. — Cuidado com os olhos, Outono. E ouça. Eles estão falando hesitantes; rápido demais, de maneira evasiva, estão rindo muito?

No fim do ano Outono começara a sentir-se parte do barro que moldaria outro Lloyd Murphy. Apenas uma vez ele mostrara lembrar que ela era mulher. Chamara-a ao escritório, em seguida mastigara o tubo do cachimbo enquanto caminhava em torno dela, os olhos semicerrados enquanto pensava.

— Os cabelos, são bonitos, mas precisa mudar — avisou ele.

Outono agarrou os longos cabelos, sentindo-se de repente exposta.

— Meus cabelos? Por quê? O que eles têm a ver com a venda de cachorros-quentes?

— Fazem-na parecer demasiado jovem. Os homens, homens importantes, banqueiros, não se sentirão bem fazendo negócios com uma mulher que mais parece uma garotinha. Precisamos envelhecê-la. Deverá mudar as roupas também.

— Disseram-me que tenho bom gosto.

— Seu gosto é bom para uma garota de 22 anos. Vamos tentar aumentar para... pelo menos 28. — Parou diante dela, a cabeça virada para um lado. — Roupas feitas sob medida. Com um gesto de proprietário, ele colocou a mão em concha sob um seio, sopesando-o.

— Lloyd... o que é isso?

Ele riu.

— Feitos sob medida para mostrar seu corpo, mas ocultá-lo ao mesmo tempo. Queremos enfatizar seu cérebro, não seu busto. Quero-a pronta em duas semanas com um guarda-roupa novo, e compre o que for melhor. Diz-se: Levante a cabeça e cuspa. — Ele piscou. — Agora, saia daqui. Uma loura quente está me aguardando... pelo menos espero que ela seja quente.

Ela sorriu em silêncio.

— Você é incorrigível.

— Errado. Tente “calejado”. — Contemplou Outono e seu rosto tornou-se impassível. — Se uma ruiva que conheço não fosse tão... teimosa. — Pegou uma mecha dos cabelos dela e pressionou contra os lábios. — Seu cabelo sempre cheira tão bem, como as flores.

Outono não achou que tivesse sido planejado, mas ele a puxou para seus braços. Quando o beijou, ela forçou a imagem de Everett em seus pensamentos, o corpo rígido contra o dele.

Lloyd recuou, os olhos zangados e confusos.

— Você não se permite sentir, não é, Outono? Por quê? O que Everett tem que a deixa tão atada?

— Não é Everett. É o papel que diz que sou esposa dele. Eu e você somos sócios de negócios, e é só. Não pode haver mais nada.

Ele virou-se e caminhou em direção à porta, em seguida deteve-se e sacudiu o cachimbo para ela.

— Você me deu um tapa no rosto pela última vez, Outono. Vai acontecer, mas terá que vir de você.

Não voltarei a tocar seu maldito corpo precioso. — Bateu com a porta.

Outono começou a assumir o controle dos negócios cada vez mais. Quando completou 24 anos, Lloyd entregou-lhe as rédeas por completo. Após saturarem a Califórnia, mudaram suas operações para a Arizona, em seguida Nevada, Utah, norte de Idaho, Oregon e Washington. Quando Outono completou 27 anos, as barracas de cachorros-quentes existiam em cada esquina e em cada shopping ao longo da costa oeste e em boa parte do Meio-Oeste, com planos futuros para estender-se para a costa leste.

Quando Artie voltou para San Francisco, Outono usou todos os meios possíveis para mantê-lo ali. Ele passou a trabalhar para a corporação como gerente de campo. Ela não apenas lhe pagava um excelente salário, mas o trabalho também o mantinha em movimento e feliz.

Aquela era uma corporação fechada, com uma junta de diretores. Lloyd era presidente da junta. Colocara Outono em um assento da junta da Murphy's pretextando que a visão feminina era necessária: alguém jovem com experiência de corporação e o sentido para a moda e tendências. Pagava-lhe um alto salário e em troca tinha a certeza de seu voto. Certas vezes Outono sentira náuseas com as coisas que as pessoas faziam em nome dos negócios. Quando sentia vontade de sair correndo, pensamentos em Lonnie e Douglas Osborne davam-lhe a força necessária para fazer aquilo.

Em nome da aparência ela mudara o guarda-roupa e comprara as roupas mais finas, mas continuou usando bijuterias até certa noite em um jantar. Os olhos de Lloyd estreitaram-se quando observou os diamantes falsos brilhando nos dedos dela. Ficou quieto até levá-la para casa. Agarrando-a pela mão, puxou os anéis do dedo e jogou-os pela janela. Quando Outono se recusou a gastar dinheiro em joias, ele chamou-a de miserável, mas várias joias foram entregues no escritório dela em uma semana.

Depois que um artigo em uma revista feminina referiu-se a Outono como a milionária bela mas excêntrica que vivia em um bar, ia ao escritório às vezes de jeans e dirigia um velho Ford 1970, Lloyd relaxou e promoveu a imagem.

Ela só se permitira uma extravagância. Mandou construir uma casa nova para Molly em Turtle Ridge, ao lado do rio, um chalé suíço, completado com balcões e beirais salientes. A mobília era toda nova, com tapetes tão grossos que quem entrasse afundava até os tornozelos. Uma lareira de pedra estendia-se em uma parede. Amplas janelas davam para o rio. Os jardins haviam sido projetados com um caminho de pedras levando à clareira ao lado do rio. A clareira não sofrerá modificações. O tronco caído onde Lonnie se sentara estava apodrecendo, mas continuava ali, exatamente como quando eh o vira pela primeira vez.

Outono deixara a casa antiga de pé e levava Tucker para lá como caseiro. O chalé sempre estava limpo e pronto para elas. Molly só precisava colocar seu tricô e outros tesouros, que levava de um lugar para outro, na mala. A tia passava todo o tempo limpando a casa que já estava imaculada. Quando Outono zombava dela, Molly sorria e comentava:

— Limpar uma casa de sonhos como essa não é trabalho, é diversão. — No entanto, quando chegou a hora de ir embora, Molly estava tão cansada que subiu no avião, jogou-se no banco e dormiu até pousar em San Francisco.

Lloyd agora era avô, mas continuava o mesmo. Cabelos grisalhos haviam surgido entre a cabeleira ruiva, e algumas rugas em volta dos olhos. Com frequência seu nome havia sido ligado ao de outras mulheres, mas ele e Outono haviam continuado a representar o tema preferido do círculo estreito de amigos; mexericos colocara-os em um triângulo sexual abrasador nos últimos cinco anos.

Ele quisera que Outono conhecesse as pessoas certas, assim, ao longo dos anos, escoltara-a a uma longa série de reuniões. Ela se misturara a novos ricos, ricos tradicionais, banqueiros, políticos, industriais, até mesmo magnatas do petróleo do Texas. Sentara-se ao lado de alguns dos melhores e com os piores.

Outono aceitara isso como parte do jogo, ou assim pensava. Após um final de semana com associados de Lloyd de fora da cidade, sentiu-se pronta para voltar a correr. O tempo estava extraordinariamente quente para o outono, portanto haviam passado o fim de semana em cruzeiro no iate de Lloyd. Quando por fim chegou o domingo, caminhou ao lado dele em direção ao carro, resmungando enquanto sentavam-se no assento traseiro da limusine.

— Em que monte de estrume você encontrou Claymore?

Lloyd acomodou-se no assento ao lado dela.

— Não o critique. Ele exerce muita influência na costa leste. Quando formos para lá, precisaremos dele.

Ela assentiu.

— Acho que vou arrumar as malas e ir para Turtle Ridge durante alguns dias. Estou cansada de beijar debéis mentais.

— Você... beijar? Está para chegar o dia. Sua boca ainda vai ser sua ruína. Ouvi quando você chamou Claymore de “desgraçado nojento”; isso não vai fazê-la ganhar pontos, Outono.

Ela olhou-o e fiscou.

— Ele me deu um beliscão no peito.

Lloyd soltou uma risadinha, mas fitou-a longamente.

— Você transformou-se em uma beldade ao longo dos anos, Outono. Às vezes, quando vira a cabeça de determinado jeito, ou me olha com uma certa expressão, me pego olhando-a. Então avalio seu rosto para ver por quê. — Deu de ombros. — Não é exatamente nada. É um olhar, uma qualidade que faz os homens quererem tocá-la. Claymore não é exceção.

Ela olhou-o com o rosto aborrecido.

— Por que os homens sempre tomam o partido de outro homem? O idiota me beliscou no peito. O corpo é meu. Só eu tenho o direito de dizer quem me toca ou não.

— Eu não estava tomando o partido dele, Outono, estava simplesmente explicando.

— O que está dizendo é que ele teve o direito de me beliscar. Como tenho determinada aparência, os homens sentem-se livres para me tocar sempre que quiserem. Não é o que está dizendo?

— Não... Merda, por que não deixa de ser tão desgraçadamente feminina?

— Eu sou feminina, Lloyd, ou você esqueceu?

— É improvável!

— O que significa isto?

— Que estou perfeitamente consciente de que é mulher. Você é a única que parece esquecer. — O rosto torceu-se em uma carranca. — Quando está com esse humor, não sei se precisa ser jogada no chão para tirar o diabo de você ou se deve ser colocada de joelhos e levar uma surra.

Outono voltou-se rapidamente e olhou a noite cair pela janela, confusa com seu estado de espírito hostil. Ele estava certo? Estava simplesmente sendo feminina, ou havia algum motivo subjacente? Ao longo dos anos não se permitira pensar em Lloyd como nada além de sócio e benfeitor. Mas nos últimos meses sentira-se irritada, mais consciente dele como homem do que nunca. Mesmo pensar em Everett não afastava o sentimento. Certa vez, tarde da noite, o impulso fora tão forte que quase saíra da cama e fora ao encontro de Murphy. Em vez de fazer isso, fora para seu escritório e se lançara ao trabalho.

Afastou-se da janela e fitou Lloyd, consciente de uma espécie de tensão e espera entre eles. Ou a tensão estivera ali desde o começo — sutil, aflorando só agora que sua vida de certa forma estava aborrecida.

Lloyd ainda tinha o cenho franzido, agora um pouco intrigado.

— O que quer de mim, Outono? Ciúme? Devo sentir ciúmes porque levou um beliscão no peito?

Você já levou beliscões antes. Levará outros. Se eu fosse sentir ciúme, seria de Everett. É com ele que vai para a cama toda noite.

Ela fitou-o com um sorriso rígido.

— Desculpe. Estou sendo uma prostituta. O que preciso é de algum tempo em Turtle Ridge para relaxar... reordenar meus pensamentos. Vou passar algum tempo em casa.

Ele assentiu rapidamente.

— É. Por que não faz isso?

Após uma semana tranquila no chalé, Outono voltou para San Francisco e retomou seu lugar de presidente da Corporação Corbett. Na maior parte do tempo, dirigia o negócio sem qualquer ajuda de Lloyd. Ele só aparecia para alguma reunião importante, mas no dia-a-dia da companhia quem dirigia era ela. Lloyd estava igualmente ocupado, assim era comum passar-se mais de uma semana sem que se comunicassem. Após sua última estada em Turtle Ridge, ela decidira que a melhor solução seria evitá-lo. Via-o em reuniões, mas recusava quaisquer jantares ou almoços de negócios sempre que possível.

Tentou passar mais tempo em casa com Everett, mas sentiu dificuldades. Cada um tinha a sua vida. Se o encontrava dormindo quando voltava para casa tarde da noite, ia dormir em outro quarto para não perturbá-lo. Na maior parte das manhãs, tomavam o café da manhã juntos, mas às vezes ele já estava trabalhando em sua escrivaninha quando ela levantava, assim Outono deixava o apartamento sem nada além de um olhar rápido para o escritório dele.

Não era incomum ele estar preocupado, os pensamentos distantes, em algum mundo fictício, mas ultimamente pegara-o olhando-a como se tentando solucionar um problema bastante real. Outono manteve silêncio, sabendo que quando ele houvesse deliberado sobre o assunto o suficiente consigo mesmo, iria procurá-la.

Outono soube que Everett tomara uma resolução quando certa noite voltou para casa do escritório e encontrou-o esperando-a no sofá. Molly saíra para fazer compras. Ele fez um gesto para que ela sentasse a seu lado.

— Tem uma coisa que venho querendo lhe dizer há muito tempo.

Outono jogou o casaco e a pasta sobre uma cadeira e sentou-se ao lado dele.

— O que o está deixando tão sério?

— Queria lhe dizer que sinto muito. Sinto muito ter tomado tanto de sua vida. Não era o que eu pretendia.

— Que besteira — disse ela, franzindo o cenho. — Não há por que sentir muito. Não fui forçada a casar com você.

— Não. Mas as coisas não tomaram o caminho que esperávamos. Enganei todo mundo e vivi mais do que deveria. Tenho impedido você de preencher o papel fundamental na vida de toda mulher. Se não tivéssemos casado, você poderia ter tido um filho, até mesmo dois.

— O problema é esse? Filhos?

— Em parte. Tenho sido egoísta. Você tem feito tudo de bom para mim e nada para você. Precisa de alguém jovem, com quem possa construir uma vida, não de um velho que precisa cuidar do coração.

Outono sorriu.

— Está me pedindo o divórcio?

— Não. — Ele deu um sorriso e pegou-lhe a mão. — Só quero lhe agradecer por ser minha esposa, por me dar estes anos.

— Não precisa agradecer. Você não me tirou nada. Quando Lonnie morreu, desisti da ideia de uma família. Não quero amor, nem filhos.

— Então não vai se casar de novo... nem mesmo quando estiver livre?

— Não... não voltarei a me casar.

Ele ficou em silêncio durante um instante, olhando-a intensamente.

— O que vai acontecer, Outono, quando os dragões estiverem mortos? O que vai fazer? Como preencherá sua vida?

— Não vai acontecer nada. Continuarei como sou. — Ela sorriu. — Talvez eu vá competir com o McDonald's.

— Sim — concordou ele, levantando-se do sofá. Aposto que seria capaz. — Tocou-a na bochecha com as pontas dos dedos. — Acho que vou dormir agora. Esta noite sinto-me cansado.

Outono assentiu, ergueu-se e foi até ele.

— Nunca sinta que tirou algo de mim. Raramente paro para pensar, mas quando o faço, sinto-me mais rica só por ter conhecido você.

Ele fitou-a com um sorriso silencioso.

— Boa noite, Outono. — Voltou-se para a porta, mas parou. — Se não se incomoda, gostaria de dormir sozinho esta noite.

Everett jamais quisera dormir sozinho, e ela achou estranho, mas assentiu. — Boa noite, Everett.

Outono despertou na manhã seguinte com uma espécie de medo. A sensação permaneceu com ela, um peso na boca do estômago, enquanto tomava banho e se vestia para ir ao escritório, acompanhando-a quando saiu do quarto. Virou-se para a cozinha, em seguida parou e olhou para a porta fechada do quarto de Everett. Errado — algo estava errado. Conforme corria até o quarto dele, a curta distância entre as portas parecia aumentar cada vez mais. As cortinas ainda estavam baixadas, o quarto mergulhado em penumbra. O corpo dele estava sob os cobertores. Chamou pelo seu nome calmamente, foi até a cama, tccou-lhe o rosto — frio... sem vida.

Ela gemeu suavemente, os pensamentos disparados. Molly... devia telefonar para Molly... o médico? Não... não havia necessidade de médico.

O marido estava morto. Pegou o telefone na mesinha-de-cabeceira ao lado da cama e discou. As mãos tremiam tanto que discou o número duas vezes antes de conseguir completar a ligação. Primeiro atendeu um empregado, em seguida Lloyd.

— Preciso de você — disse ela.

A voz dele soou mais alta em resposta ao tremor na voz dela.

— O que foi Outono? Algo errado?

— É Everett. Não sei o que devo fazer.

— Ele... o que há de errado com ele?

— Está morto. Está frio... tão frio, Lloyd.

— Onde você está agora?

— Aqui com ele.

— Molly está com você?

— Não. Ainda não contei a ela.

— Saia do quarto. Vá até Molly. Logo estarei aí.

Outono desligou o telefone, mas não conseguiu sair do quarto e deixar Everett sozinho. Sentou-se na beira da cama, ao lado do corpo inerte do homem carinhoso que fora seu marido durante oito anos. De alguma maneira, Everett soubera. A noite passada fora sua maneira de dizer adeus. Não quisera que ela acordasse e o descobrisse morto a seu lado, por isso pedira para dormir só.

Os cabelos dele sempre haviam sido tão arrumados, mas agora estavam desgrenhados. Ela alisou as mechas, colocando-as no lugar, pegou a mão fria e apertou contra o calor da sua. À luz difusa, permaneceu sentada ao lado de Everett, segurando-lhe a mão e esperando Lloyd chegar.

O funeral foi simples: apenas Molly, Lloyd, Artie, uns poucos amigos e empregados do Doghouse.

Outono retirara a aliança de casamento, enterrando-a na coroa de flores que cobria o caixão, em seguida dissera um adeus silencioso ao homem benévolo de olhos castanhos tristes.

Retirou o chapéu e passou os dedos pelos cabelos castanho-avermelhados, olhando para Lloyd conforme a limusine se afastava do cemitério.

— Quero que convoque uma reunião da junta para amanhã à tarde.

Lloyd sacudiu a cabeça.

— Não será necessário. A morte de Everett não provocará qualquer efeito sobre a corporação.

— Não tem nada a ver com Everett. Quero adiar o projeto da costa leste durante alguns meses.

Ele arqueou uma sobrancelha, surpreso.

— Você o quê?

— Vou recuar.

— Não vai não. Não vou permitir.

Ela sorriu.

— Tenho mais importância do que você, querido. Seus 45% não lhe dão o voto majoritário. Presidente ou não, se quiser parar o projeto, eu posso.

O corpo dele retesou-se ao lado dela. Olhou de soslaio para Molly, em seguida para Outono.

— Gastamos muito tempo e dinheiro nisto para você simplesmente abandonar o projeto sem mais nem menos.

— Não o estou abandonando. Só estou retardando-o por algum tempo. Terei outras participações a fazer amanhã na reunião.

— Que participações?

— Amanhã, Lloyd.

Ele a olhou franzindo o cenho, zangado.

— Não gosto de surpresas, Outono. Quero saber o que vai nesta cabeça antes de entrar na reunião.

Outono falou calmamente, forçando a paciência na voz.

— Preciso colocar meus pensamentos em ordem. Amanhã você saberá junto com os outros. Prometo. Não prejudicarei a companhia. Estaremos na costa em alguns meses. De certa maneira, será melhor. Neste momento a economia não está bem. Não quero me arriscar a perder tudo por que trabalhei. Você pode suportar uma depressão, mas eu não.

— Eu não a deixaria afundar. Acho que sabe disso.

Ela olhou-o nos olhos e sorriu em silêncio.

— Não, acho que não deixaria, porque seus 45% também afundariam.

Murphy sacudiu a cabeça, rindo.

— Você é uma mulher dura, Outono.

A tensão diminuiu e conversaram ociosamente até o Doghouse surgir. Ela pegou o chapéu e a bolsa quando o carro parou no estacionamento no subsolo. Lloyd odiava que ela morasse em cima do Doghouse, quase tanto quanto o velho carro que ela dirigia para os lugares mais luxuosos de San Francisco.

Outono lançou um olhar de galhofa para Lloyd.

— Se ficar do meu lado amanhã, me livro do Ford velho. — Descansou uma mão no braço dele. — Pense nisso. O pára-lama está amassado, a pintura arranhada e desbotada, e o tapete puído. É um mau reflexo sobre você como meu sócio. Pode imaginar como ele ficará quando eu...

— Chega, chega — ele interpôs, empurrando-a em direção à porta. — Marcarei a reunião, mas não faço promessas além disso.

Outono saiu do carro atrás de Molly, em seguida ficou de pé por um instante, observando a grande

limusine preta sair do estacionamento. A bolsa debaixo do braço, ela se voltou e subiu as escadas com Molly, dirigindo-se ao escritório — agora escritório de Wally.

O bar estava fechado, e ela se deparou com um silêncio sombrio que parecia zunir em seus ouvidos. Correu para o apartamento no andar de cima, apenas para se ver diante de quartos que pareciam gritar a ausência de Everett. Então voltou-se para Molly, querendo ouvir uma voz, mesmo se apenas a sua.

— Você está horrivelmente silenciosa. Em geral fala muito com Lloyd, mas acho que não a ouvi dar uma palavra durante todo o trajeto até em casa. Algo errado?

— Sim, tem algo errado. Seu homem está morto, mas você só falou de negócios e fazer mais dinheiro. Acho que não estou gostando dessa sua transformação nos últimos anos.

— Acho que também não gosto, mas as coisas são assim, tia Molly.

— Você não sente, Outono? Não sente nada por esse homem com quem viveu durante anos? Não vai verter uma lágrima por ele?

Outono virou-se, engolindo o nó que estava na garganta há três longos dias. O rosto estava rígido, e esfregou as mãos no rosto.

— Sinto — sussurrou. — Sinto por aquele homem bom até a dor, mas não posso soltar. Se deixar, eu desmoronaria. — Voltou-se para olhar a tia. — Você chora por Everett. Se puder, chore um pouco por mim também.

Molly contemplou-a com preocupação.

— Vou chorar por seu homem, e por esta garotinha bonita de Turtle Ridge. O dinheiro não importa para ela. Tudo o que ela queria era um lar e filhos para criar.

O sorriso de Outono foi triste.

— Ela se foi, tia Molly, mas talvez volte algum dia. Talvez então ela possa sentar e chorar. Vai chorar por Lonnie e seu filho e também por Everett. Mas por enquanto, ela não tem tempo para lágrimas.

○ III O Retorno

20

ARTIE amara o irmão gêmeo, e Outono sentia que ele tinha o direito de saber a verdade sobre a morte de Lonnie. Relutara em contar até estar em posição de controlar a natureza impulsiva do cunhado. Ele poderia ir diretamente até Douglas Osborne e isso seria o desastre. Artie melhorara um pouco, mas ainda era cabeça-dura, mais feliz quando vivia à beira da excitação. Trabalhava em empregos mundanos, mas ao longo dos anos em que o conhecia, ele cansara-se de pesca submarina, alpinismo, corridas e páraquedismo. Não parecia precisar de ninguém. Se algum dia sentira algo mais profundo por uma mulher do que simples atração física, jamais lhe dissera. Ao longo dos anos, eles haviam compreendido o carinho e a afeição profunda que sentiam um pelo outro.

Outono olhou por sobre sua escrivaninha e observou o rosto de Artie enquanto lutava para compreender tudo o que ela lhe contara.

— Foi um assassinato, Artie. Pura e simplesmente. Um capataz morreu, mas ele falou com Lonnie primeiro. Uma seção do sistema de ventilação quebrou. O capataz chamou Osborne. Queria dispensar sua turma de trabalho, mas Douglas se recusou. Quando o nível de metano aumentou, ele voltou a telefonar para Douglas e pediu novamente para dispensar os homens. Osborne voltou a dizer não. Disse que entraria em contato com a manutenção e consertariam o sistema rapidamente. O capataz voltou para a seção pretendendo dispensar o grupo de trabalho de qualquer maneira, mas era tarde demais. Foi apanhado pela explosão.

Artie parecia confuso.

— O que isso tem a ver com Lonnie?

— Lonnie ia contar o que sabia à Segurança Federal das Minas e à Administração de Saúde, mas primeiro queria tentar descobrir alguém que soubesse dos telefonemas. Começou a fazer perguntas pela cidade. Deve ter perguntado à pessoa errada. Algumas horas depois seu carro caiu no dique. — Ela franziu o cenho e esfregou as pontas dos dedos na testa. — Não havia motivo para Lonnie ir lá. É uma estrada curva com uma ravina funda correndo na borda. É uma área de bosque onde os garotos vão brincar. Lonnie não teria ido lá sozinho.

O rosto de Artie empalidecera enquanto Outono falava. Levantou-se e ficou de pé diante dela.

— Por que não me contou isso antes?

— Quis esperar a hora certa. Agora tenho dinheiro e voltarei. Precisarei de sua ajuda.

— Pode contar comigo. Como faremos?

— Não sei. Também não sabia como ia fazer um milhão de dólares, mas agora sei. — Baixou a voz, pensativa. — Há muitos anos contratei um investigador particular e mandei-o a Edisonville. Queria o nome de todos os homens da manutenção que trabalhavam na mina. São quatro. Três foram remanejados, mas um permaneceu na cidade e abriu uma loja de manutenção de máquinas. Só pode ter sido para esse homem que Osborne telefonou naquela noite. Ele abriu a loja com o dinheiro do suborno. Na época, eu não tinha dinheiro suficiente nem para pensar em voltar, então esperei. — Fez um gesto desesperançado

com as mãos. — O homem morreu alguns anos atrás. Agora não poderemos saber nada dele. Fez um gesto para que ele voltasse a se sentar. — Os anos me ensinaram algo que você terá que aprender, Artie: paciência. Precisaremos nos movimentar muito lentamente, passo a passo. Não pode haver pressa em enfrentar o homem. Deveremos fazer tudo muito sutilmente. Não quero chamar atenção para nenhum de nós. Começou na mina. Acho que é um bom lugar como ponto de partida. Quero saber por que a mina foi fechada quando ainda havia dois anos de trabalho. E quero que especialistas verifiquem o sistema de ventilação. Para fazer isso, precisarei obter o controle de Black Jewel. No entanto, teremos que fazer isso através dos outros irmãos Osborne. Douglas tem dinheiro demais. Não posso lutar com ele nesse nível.

— Como pretende atingir os irmãos?

— De qualquer jeito que puder. Tenho tentado, mas não soube de nada que possa usar contra eles. Precisarei conhecer Douglas e descobrir alguns segredos de família. — Os olhos dela estreitaram-se, as palavras ditas em voz firme. — Mas a meu modo e no meu tempo.

Artie sorriu um pouco com o sentido oculto.

— Como?

— Pelo que entendi, ele realmente gosta de mulheres. Acho que posso me qualificar.

— Não será reconhecida?

— Duvido muito. Estive lá durante pouco tempo e eu e Lonnie estávamos tão envolvidos um com o outro que não nos demos ao trabalho de fazer novos amigos. Tem Ella, mas está do nosso lado. Conheci o filho dele, Brian, mas não é problema. Ele e o pai brigaram, e de acordo com Ella, não têm mantido contato há anos. Brian está fora do país.

— E meu rosto? É o de Lonnie.

Ela deu de ombros.

— Deixe a barba crescer. Já faz dez anos. Eles não iam lembrar do rosto de Lonnie com clareza, se lembrarem. Não passava de outro mineiro com poeira de carvão nas unhas. No entanto, seria bom mudar de nome. Estou planejando. Se eu fosse reconhecida, seria como Sue Anne Norton. Aqui sou conhecida como Sue Anne Corbett. Vou voltar a ser Outono McAvan.

Ele assentiu.

— Você planejou tudo muito bem.

— Pensei em cada detalhe. — Fez um gesto englobando o escritório. — Doghouse... isto... Tudo isso apenas para me levar de volta.

Artie voltou a levantar-se da cadeira, os olhos brilhando de excitação.

— Quando começamos?

— Logo que possível. Não quero que Douglas morra antes que eu possa pegá-lo. — Fez uma pausa, pensativa. — Irei na frente e arranjaré alguma desculpa para me instalar lá. Quando chegar a hora certa, mandarei chamá-lo. — Reclinou-se na cadeira e esticou-se. — Por enquanto, isso é tudo que posso lhe dizer. Termine o que estiver fazendo e depois tire umas férias e divirta-se. Mas mantenha contato.

— Parece bom, irmãzinha.

Ela observou-o sair e ficou pensando se conseguiria controlá-lo. Edisonville não era uma cidade estimulante. Artie poderia decidir criar uma pequena animação própria, chamando atenção para si, e depois para ela. Outono sabia que deveria esperar até ser absolutamente necessário chamá-lo.

Apertou o interfone.

— Grace.

— Sim, sra. Corbett.

— Vou descansar alguns minutos no sofá. Não me deixe dormir demais. Quero estar bem acordada

para a reunião da junta às duas.

A junta possuía seis membros além dela, todos escolhidos por Lloyd. Havia o próprio Murphy, além de um conselheiro de investimentos, um banqueiro, um advogado, um corretor de imóveis e o dono de outra cadeia de comidas rápidas. Todos eram homens, o que era bom para Outono. Seus funcionários também eram todos homens, escolhidos por ela. Fizera questão de cercar-se de homens, mas mantivera seus instintos femininos. Sabia quando levar vantagem com sua feminilidade.

Outono lançou um olhar para Lloyd quando ele deu início à reunião. Agora era hora dela ser delicada mas inflexível. Esperou até Lloyd terminar de falar e então, escolhendo as palavras com cuidado, olhou para os seis homens, dois morenos, dois louros, um negro e um careca. Falou suavemente mas com energia na voz.

— No passado, acatei as decisões dessa junta mesmo quando discordava. Consequentemente, quero pedir-lhes para concordar comigo agora.

Todos mostravam-se curiosos.

Fez uma pausa e lançou um olhar para cada membro.

— Estou bastante consciente do tempo e dinheiro que entraram na organização da costa leste. Por várias razões, estou lhes pedindo para adiar o projeto.

Ninguém falou, mas ouviu-se o ruído de mudança de posição nas cadeiras, o arrastar de pcs. Ela continuou no mesmo tom.

— Não estou apenas preocupada com a economia, mas preciso ficar fora da cidade por tempo indeterminado devido a assuntos pessoais. Existe uma coisa que venho planejando há anos. É muito importante para mim. Acho que não posso prosseguir com nossos planos até ter resolvido isso.

Ela olhou para Lloyd e tentou tranquilizá-lo com os olhos.

— Manterei contato com o sr. Murphy. Ele poderá me localizar a qualquer momento. Retornarei para as reuniões da junta ou qualquer outro assunto que requeira minha atenção. Todos vocês conhecem e respeitam Edward Goodman como homem de negócios. Já falei com ele. Concordou em assumir os encargos para mim. Estou certa de que esta companhia pode funcionar perfeitamente bem sem seu presidente até minha volta. — Percorreu a mesa com o olhar. — Algum comentário?

Glenn, o agente imobiliário, franziu o cenho.

— Selecionamos diversos locais. Se não prosseguirmos, poderemos perder nossas opções.

Outono sorriu e sacudiu o dedo em direção a ele.

— Você não fez seu dever de casa, Glenn. As opções duram mais dois anos. — Contemplou a cabeça brilhante do homem por um momento. — Estou consciente das possíveis perdas e de que o projeto poderia prosseguir sem mim. Esta é minha companhia. Quero estar aqui para guiá-la. A espera pode ser uma boa coisa. Alguns meses nos darão uma ideia do que ocorrerá com a economia.

Glenn voltou a falar.

— Acho que não devemos nos preocupar com a economia. Vendemos um produto barato e as mulheres detestam cozinhar. Detestam lavar tudo depois. Elas gostam de um cachorro-quente, se não puderem comprar um bife.

Houve risadinhas na mesa.

Lloyd não sorriu. Falou em voz seca.

— Parece que a sra. Corbett tomou sua decisão. Conheço-a bem. Qualquer discussão sobre o problema seria perda de tempo. Acho que devemos apoiar sua decisão.

Outono sorriu.

— Obrigada, senhor presidente. — Embora Lloyd tenha sorrído levemente, o rosto ficara corado. Enquanto ela falava, ele acendera o cachimbo, tragando profundamente e lançando baforadas zangadas.

Outono esperou até o restante dos homens sair para então fingir levantar-se da cadeira, como se estivesse tudo resolvido.

Ele agarrou-a pela mão.

— O que está acontecendo?

— Você ouviu. Precisarei ficar fora da cidade durante alguns meses.

— Você não tem assuntos pessoais que a mantenham fora da cidade... não durante meses. — Ele sacudiu o tubo do cachimbo sob o nariz dela. Está esquecendo uma coisa, Outono. Sei tudo sobre você, assuntos pessoais e não pessoais.

Outono olhou para o cachimbo, recordando as muitas vezes que Lloyd o usara para apontar para ela, fazer gestos, repreendê-la como se fosse uma criança de dez anos.

— Chega! — Gritou, agarrando o cachimbo. — Chega! Há sete anos você sacode esta coisa fodida na minha cara. Não vai fazer mais isso. — Agarrou o cachimbo com as mãos, tentando quebrá-lo ao meio. Como não conseguia, bateu com ele na beira da mesa. Bateu repetidamente, mas o cachimbo continuava intacto. Outono lançou-lhe um olhar faiscante. — De que esta merda é feita? De ferro? — Jogou-o na parede mais distante.

Lloyd se pôs de pé como se hipnotizado. Saindo do transe, pressionou as cinzas caídas no tapete com o pé.

— Sua louca... o que está tentando fazer, colocar fogo aqui?

Outono queimara a palma das mãos; ficou esfregando o local que ardia na perna.

— Acha que sabe muito sobre mim. Não conhece nem a décima parte.

— Sei que investi muito tempo em você e seu maldito cachorro-quente. Não vou deixá-la fugir agora.

— O cachorro-quente também é seu, ou pouco se importa?

— Claro que me importo. Ora. — Olhou-a com escárnio. — Quando me procurou, não dei um tostão por sua salsicha. Não esperava que a coisa fosse além de quatro barracas, mas investi... tempo e dinheiro.

Outono fitou-o com os olhos semicerrados, compreendendo agora a tática dele: se não pode comprar, encontre outra maneira de obter. Quando Outono saiu da loja, ele sentira-a deslizando por entre os dedos, investira porque isso fizera com que ela voltasse a seu controle. Ele entrara bem na abertura contra a qual Lindy a alertara.

No entanto, a abertura ainda estava aberta. Quando o negócio se provara bem-sucedido, ela obtivera independência ainda maior. Outono achou graça disso e caiu na gargalhada ao se dar conta.

— O tiro saiu pela culatra, nem?

A raiva deixou-lhe o rosto e ele também riu.

— Não. Não posso dizer que estou arrependido. Ao longo dos sete últimos anos, tenho me divertido mais com você do que em toda minha vida.

— Você fala como se estivesse tudo terminado. Só estarei fora durante algum tempo. — Descansou uma mão em seu braço. — Você sabe o quanto amo este negócio. Se o que tenho que fazer não fosse tão importante, eu não iria.

Ele assentiu e levou-a para uma cadeira, sentando-se a seu lado.

— Ajudaria se você dissesse por quê. O que a está afastando, Outono? Vai me contar?

Ela assentiu e começou lentamente. Contou-lhe sobre a morte de Lonnie e sobre Douglas Osborne.

— O choque colocou-me no hospital durante duas semanas. Matou meu bebê. Depois disso fiquei tão desesperada que vendi meu rabo em um prostíbulo por duzentos dólares ao filho do homem responsável. — A mão ainda estava ardendo, e ela esfregou a palma com os dedos. — O que você faria a

um homem que fizesse isso com Lindy... custando-lhe seu neto? Simplesmente o esqueceria?

O rosto de Lloyd mostrou muitas coisas, uma das quais uma nova compreensão de Outono.

— Eu amassaria esse desgraçado contra a parede.

— Exatamente. É o que pretendo fazer. — Baixou os olhos para o ponto vermelho na mão, evitando o olhar dele. — Quanto ao prostíbulo... foi só uma vez. — Agora fitou-o. — O que sente em relação a isso?

Lloyd abriu um pequeno sorriso.

— Inveja. Para o que eu oferecia um monte de dinheiro, ele conseguiu por duzentos dólares.

— Não exatamente. Fiz com que me desse três mil dólares. Senti que o velho fodão me devia, sem falar no filho. Q fato de Brian estar fora da cidade vai facilitar as coisas para mim. Por outro lado, eu adoraria uma chance de enfiar aquela noite pela goela dele.

— Quem sabe disso?

— Apenas eu, uma amiga de Edisonville e Artie. Ele vai voltar comigo.

Ele assentiu e sorriu.

— Ótimo.

O alívio em seu rosto foi tão grande que Outono pensou em sua explosão anterior, sentindo-se culpada.

— Desculpe a briga. Foi tolice minha.

— Meu cachimbo — disse ele, erguendo-se rapidamente. Atravessou a sala e pegou o cachimbo, resmungando: — O forninho está quebrado. — Voltou até onde Outono estava, ainda resmungando. — Maldição, este era meu cachimbo favorito.

— Compro outro para você. Um que não seja tão vagabundo.

— Não sabe nada sobre cachimbos, não é?

— Não.

Ele sorriu.

— Assim como as mulheres, eles precisam de um pequeno amadurecimento antes de ficarem bons. — Segurou-lhe a mão, olhou para a queimadura, em seguida correu os lábios contra a palma. Agora os olhos estavam imóveis, fixos nos dela.

Até aquele momento, Outono não percebera o significado integral dos últimos dias. Agora estava livre, realmente livre. A espera terminara.

Ela puxou a mão e tocou na cicatriz no queixo com a ponta do dedo. Uma coisa era certa. Quando Lloyd fazia uma afirmação definitiva, ele a mantinha. Outono sabia que deveria ser ela a procurá-lo. Ele não voltaria a pedir.

Após decidir ir passar duas semanas em Turtle Ridge, Outono preencheu suas horas com reuniões que se sobrepunham. Queria que tudo corresse bem na sua ausência. Encontrou-se com seu banqueiro e providenciou que grandes quantias de dinheiro fossem depositadas na filial de Indiana sob o nome de Sue Anne Corbett. Passou as noites fazendo compras para um novo guarda-roupa que combinasse com a nova identidade e situação de vida. Encomendou um carro sob o nome de Outono McAvan, para ser entregue em Turtle Ridge. Artie e alguns amigos menos-do-que-respeitáveis providenciaram a outra identificação necessária, a licença de motorista e cartões de crédito, todos com o nome Outono McAvan. Não ousaria usá-los, mas eles poderiam passar por um olho menos observador.

Aguardou até o dia anterior à partida para pedir à tia que ficasse em Turtle Ridge enquanto ela estivesse cuidando de alguns negócios em Edisonville.

Molly, que sempre ficava feliz em ir para casa, começou a reunir seu tricô. Outono foi até o quarto e arrumou uma valise. Quando Molly perguntou para onde ela estava indo, Outono limitou-se a sorrir.

— Uma pequena brincadeira. Vejo-a amanhã.

A porta do apartamento de Lloyd foi aberta por um mordomo de rosto solene chamado Arnold, que falou em tom arrogante:

— O sr. Murphy não está, sra. Corbett.

— Sei que o sr. Murphy não está, Arnold. Pretendo aguardá-lo.

— O sr. Murphy está esperando a senhora?

— Não, o sr. Murphy não sabe da minha vinda. — Balançando a valise, Outono passou pelo umbral da porta. Há anos entrava e saía do apartamento de Lloyd, mas Arnold ainda a olhava como se fosse a primeira vez. Parou e encarou-o, os olhos castanhos zombeteiros. — Coloque uma garrafa de champanhe no gelo e prepare um jantar frio. Em seguida, fora. Eu e o sr. Murphy vamos fazer uma orgia.

Arnold arqueou o peito e esticou as costas.

— Não posso fazer isso, sra. Corbett.

— Tudo bem. Fique e presencie.

— Sra. Corbett!

Ela sorriu.

— Coloque uma garrafa de champanhe para gelar... aliás, duas... e prepare o jantar para quando o sr. Murphy voltar. Vou esperar por ele no quarto. — Observou-o disparar para os fundos do apartamento, as costas empertigadas. O quarto de Lloyd era maior do que todo o seu apartamento, mas ela não ficava mais impressionada com aquela riqueza. A cama era baixa, na altura do chão, coberta por uma colcha azul-marinho que caía em dobras sobre o tapete branco. Uma parede era coberta por portas de correr que levavam ao mesmo terraço onde haviam se beijado na noite da festa.

Levando a valise para o banheiro, ela ligou a água, em seguida tirou as roupas e entrou na banheira redonda. Deixou a mente vagar, mas ali imersa na água coberta de espuma juntou as peças. Agora sabia como estabelecer-se em Edisonville e como entrar em contato com Douglas Osborne.

A pele formigando, saiu do banho e tirou um negligêe preto fino da valise. Deslizou-o pela cabeça, em seguida colocou um pouco de perfume. De acordo com Lloyd, os homens detestavam perfume forte — o que significava que Lloyd Murphy detestava perfume forte. Após pentear os cachos curtos, acrescentou um toque de blush nas bochechas, apenas um toque.

Pegando um romance na valise, atravessou o quarto e sentou-se em uma espreguiçadeira para esperar. Arnold entrou duas vezes para perguntar sobre o jantar e dizer que o champanhe estava gelando. Afora isso, a noite foi calma e repousante. Quando Lloyd chegou, Arnold trouxera o champanhe que estava junto a ela em um balde.

Lloyd entrou no quarto sem demonstrar surpresa. Mas seus olhos tomaram um colorido mais profundo quando ela levantou da espreguiçadeira, o corpo uma forma sombreada com linhas suaves por entre as dobras do tecido. Ele atravessou o quarto e tomou-lhe a mão.

— A senhora está um prazer imprevisível.

Outono tirou-lhe a jaqueta de sobre os ombros e a gravata.

— O champanhe gelou e o jantar espera. Ou posso lhe oferecer uma ruiva. Ela não está gelada, e esperou muito tempo.

Lloyd não hesitou. Puxou-a para seus braços, os lábios buscando os dela. Outono procurou-o agressivamente, mas no instante em que os lábios dele tocaram os seus, o grande irlandês dominou mente e membros. Sentiu-se fraca, semiconsciente enquanto ele a guiava em direção à cama, os braços apertados em volta dele enquanto tirava as roupas e os sapatos, chutando-os longe.

Lloyd fez amor com ela lenta e habilidosamente, tocando-a nos lugares mais sensíveis, alguns dos quais jamais tocados por qualquer homem. Mãos grandes que serviam para esmagar seguraram-na com

delicadeza, e dedos longos e grossos deixaram-lhe o corpo trêmulo.

A boca de Lloyd brincou com os lábios dela, traçando linhas sobre a pele nua até os sentidos de Outono gritarem interiormente, cheios de desejo. Ela murmurava docemente, tateando até pegar-lhe o membro ereto com a mão e dirigi-lo a sua abertura. Arqueou-se para recebê-lo, em seguida movimentou o corpo no mesmo ritmo do dele, lenta e depois rapidamente, cada vez mais rápido.

Podia sentir seu corpo acordando de um longo sono, mas em meio à névoa uma vozinha sussurrou: “Isso não está acontecendo.” Outono pensara que a causa era Everett, mas era ela. Agarrou-se a Lloyd freneticamente, incitando-o até o corpo dele fincar-se dentro do dela. Ele retesou-se sobre ela, o rosto banhado em suor, usando o pênis como instrumento para levá-la ao clímax. Mas não aconteceu. Frígida, frígida, ela gritava por dentro, mas gernia alto.

Lloyd compreendeu suas lamúrias sedentas de paixão e penetrou-a, deixando que sua própria ânsia fosse liberada. Ela sentiu a quentura dos fortes sumos irlandeses e sorriu por dentro. Finalmente ganhara um tento sobre o grande irlandês.

Outono despertou envolta em lençóis e com uma protuberância pressionando-lhe os quadris. Serpenteou e puxou uma garrafa de champanhe debaixo dela. Havia outras garrafas espalhadas pelo quarto. Restos do jantar ainda jaziam sobre a mesa.

Bocejou e espreguiçou-se preguiçosa, lançando um olhar para Lloyd. Nos livros que lera, a mulher despertava e contemplava o homem a seu lado, refletindo sobre como ele parecia inocente e infantil durante o sono. Lloyd não parecia infantil nem inocente. Parecia o que era: um irlandês grande e sensual, descansando após uma orgia.

Outono ficou pensando sobre si mesma. Era frígida? Entendia que a definição significava frieza, ausência de desejo sexual. Ao longo dos anos negara seus próprios sentimentos, mas agora admitia livremente que jamais deixara de querer fazer amor com Lloyd, desde a noite no terraço. Muitas vezes descobrira-se observando-o durante reuniões da junta, desejando-o até precisar forçar sua mente a concentrar-se nas pessoas que a cercavam. Seu corpo estivera aceso pelo desejo na noite passada, mas algo a impedira de sentir.

Tocou o emaranhado de cabelos ruivos do peito de Lloyd lentamente, correndo a ponta do dedo pelo mamilo dele. Ele não percebera, mas Outono sabia que só a desejara porque era inatingível. Agora que estava livre, o interesse dele diminuiria, o que era bom. Não queria ser amada, apenas desejada.

Sentia-se fortemente ligada ao homem: gratidão, atração física e simples necessidade. Outono não queria, mas deveria admitir que dependia muito de Lloyd. Olhava-o em busca de força e orientação. Ele não poderia magoá-la e ela não poderia magoá-lo. Depois dela, Outono sabia que haveria outra protegida jovem e bela.

Queria ir ao banheiro e tentou desvencilhar-se de Lloyd, que abriu os olhos, e ela foi colhida pelos braços poderosos e pela risada vigorosa. Colocou-a sobre ele, fitando-a com um sorriso sonolento.

— Sabe quanto tempo esperei para abraçá-la sem que seus olhos não se cobrissem de culpa?

Ela sorriu brincalhona.

— Você pode tirar a garota de Turtle Ridge, mas não pode tirar Turtle Ridge da garota.

Lloyd trouxe-a para mais junto de si, enterrando o rosto em seus cabelos.

— Não posso deixá-la ir lutar com Douglas Osborne... agora não.

Ela se afastou, cruzando os braços sobre o peito dele.

— Nada vai mudar. De qualquer maneira, somos ambos tão ocupados que não temos tempo para ficarmos juntos. Iremos nos ver quase com a mesma frequência de antes. Edisonville não fica na lua. Você pode pegar um avião e nos esconderemos no chalé. Mesmo com todo seu conhecimento, deve admitir que aquele é um belo lugar. Também tomarei um avião para cá, e se sentir vontade, pode mandar o avião me

buscar. — Fez uma pausa e sorriu. — Há uma pista de pouso em Edisonville, mas acho que você não vai usá-la. Pertence a Douglas Osborne. Uns cinco anos atrás ele mandou fazer a pista e comprou um Cessna. Naturalmente o avião era demasiado lento, pois mandou aumentar a pista e comprou um pequeno Lear, completo com um piloto particular. Chamou o avião de Carroça de Burro.

— Carroça de Burro? Por quê?

— Não sei.

Os olhos dele estreitaram-se com a reflexão.

— Fiz algumas investigações sobre Douglas Osborne. Não é o tipo de homem com quem você deva foder.

— Não estou planejando isso.

Ele soltou uma gargalhada e desarrumou-lhe os cabelos.

— Sabe o que estou querendo dizer. Tenha cuidado ao lidar com ele. Não quero que se machuque.

— Afastou os cabelos castanho-avermelhados do rosto dela, tocando-lhe os lábios com a ponta dos pés.

— Sobre a noite passada...

— Não, não. — disse ela, os olhos provocantes. — Sou eu que devo perguntar.

— O que deve perguntar?

— Devo perguntar se a noite passada foi tão bela para você quanto para mim. Também devo perguntar se ainda me respeita.

— Sim, e sim. — Tomou-lhe o rosto entre as mãos e forçou-a a olhá-lo. — Sobre a noite passada...

— Voltou a dizer. — Foi uma trepada de obrigação?

— O que você acha?

O rosto dele abriu-se em um largo sorriso.

— Se foi, me deu o melhor presente que já ganhei. Você se atira ao sexo tão por inteiro quanto faz com seus malditos cachorros-quentes. Adoro isto em uma mulher.

— Adora mesmo. — Afastou-se, rindo, esfregando um mamilo excitado contra o nariz dele enquanto se levantava. Ele foi atrás dela com uma gargalhada, pegou-lhe o seio com a mão larga em forma de concha e levou os lábios ao mamilo róseo. Ela franziu o cenho enquanto seu corpo respondia à boca de Lloyd.

Afastando a cabeça do homem, ela se curvou e lhe deu um beijo ruidoso nos lábios.

— Preciso fazer xixi, e estamos fedendo. Vamos tomar um banho. Depois pode me dar o café da manhã e depois podemos fazer mais um pouco de orgia. — Outono saiu da cama de um salto e já estava quase chegando ao banheiro quando ele a chamou. Voltou-se e postou-se de pé de pernas cruzadas.

Lloyd estava deitado com os braços cruzados sob a cabeça, o olhar direto.

— Vá e faça sua caçada. Mas nunca se esqueça a quem pertence.

OUTONO estava ao lado do rio, cercada dos fantasmas de uma adolescente e um homem de cabelos escuros. Ambos eram tão jovens, tão cheios de planos para o futuro, fazendo amor, rindo tolamente, certos de que haveria um milhão de amanhã para eles. A morte era uma sombra distante, algo que acontecia apenas aos velhos, a outrem infortunado. Eles teriam tudo. E tiveram tudo até a noite em que de súbito seu mundo parou de girar.

Contemplou o tronco caído e em seguida voltou-se e caminhou a passos largos ao longo do caminho de pedras que levava ao chalé suíço, presente de Outono à tia Molly. O tempo entorpecera a dor, mas as lembranças continuavam vivas, acentuadas pelo horror da morte de Lonnie, seu corpo viril e forte lançado em um dique, torcido e rasgado. Os policiais contemplando-a com piedade. “Ele quebrou o pescoço. Se servir de consolo, não sofreu.” Outono sabia que toda estrada leva ao mesmo fim, mas a estrada de Lonnie levava ao fim muito rapidamente, definido por um homem que estava confortavelmente sentado em sua grande casa branca.

Entrou no chalé e sorriu para Molly, que estava enchendo a máquina de lavar louça. Passara uma semana preguiçosa ali, mas agora as malas estavam arrumadas e colocadas no carro, junto com alguns de seus tesouros. Seguindo um impulso, levava o pote de creme de amendoim junto, e também a aliança de casamento de Lonnie e sua pistola de cabo de madrepérola.

Pegou a bolsa em cima do balcão.

— Telefonarei assim que souber onde vou ficar. Tucker está aqui e cuidará de você.

A preocupação franziu a testa de Molly.

— Tenho uma sensação engraçada em relação a sua volta a Edisonville — uma espécie de coisa mal-assombrada. Sinto um arrepio na espinha cada vez que penso nisso.

— Acho que pegou a superstição das montanhas. Você costumava rir dessas tolices.

— É — concordou Molly, e sorriu. — Acho que sim. — Franziu o cenho. — Mesmo assim, tome cuidado.

— Sempre me cuida. — Debruçou-se para beijar Molly na bochecha. — Amo você, senhora. Amo-a de coração.

— Aceito o amor, mas não o *senhora*, e não preciso de nenhum fabricante de bebidas cuidando de mim. Meu Deus, é como um cego guiando outro.

Outono teve de concordar com Molly. Tucker era mais velho que a tia, e bebia muito, mas a casa era isolada, e queria alguém tomando conta de Molly.

— Faça minha vontade — pediu Outono, saindo rapidamente da casa antes que a tia intuitiva a pressionasse em busca de mais informações. Precisava cuidar de suas palavras, bem como de seu tom de voz, para que Molly não soubesse demais; queria que a tia continuasse a viver sem preocupações.

Entrou no carro Honda azul de quatro anos e muito feio, ligou o motor e afastou-se da casa. O dia estava ensolarado e brilhante, um prazer depois da neblina e frio de San Francisco. Baixou o vidro da janela e sentiu a brisa quente no rosto. A primavera tornava o campo mais cheio de vida. As árvores altas floresciam, salpicando as colinas com colorido. Seria tão fácil se deixar levar pela indolência que circundava Turtle Ridge, se ela se permitisse.

Fechou seu cérebro para as colinas tranquilas e prosseguiu na história que construía para si mesma baseada em meias-mentiras e meias-verdades. O carro estava registrado sob o nome de Outono McAvan,

com placa da Califórnia. Abriria uma conta em Edisonville com o mesmo nome e depositaria trinta mil, quantia adequada à sua história. Cliff, marido de Ella, concordara em preparar seu carro para que quebrasse, motivo que a levaria a ficar detida em Edisonville. Enquanto o carro estivesse sendo consertado, procuraria uma propriedade vaga cujo dono fosse Douglas Osborne, desculpa para aproximá-los. O resto correria por si mesmo.

Hospedou-se no novo hotel Holiday Inn da cidade, permanecendo no quarto o suficiente para deixar a bagagem. Telefonemas de fora da cidade poderiam ser detectados, assim descobriu uma cabine telefônica e discou para Molly, avisando-a onde estava, comprou um jornal e foi até a casa de Ella, como combinado.

A casa era limpa e modesta, com roseiras subindo ao longo das vigas do alpendre. Ella, que ainda preparava o jantar, tirara a tarde livre. Estava de pé no umbral da porta, o rosto iluminado por um sorriso de boas-vindas. Engordara e entre os cabelos castanhos começavam a surgir fios prateados. Billy Ray, o filho de cinco anos, estava a seu lado, o sorriso aberto para Outono. Reuniões de Natal e outras ocasiões haviam se tornado um hábito no chalé, assim ela conhecera o garoto desde o nascimento e passara a adorá-lo. Tirou um pacote escondido nas costas.

— Adivinhe o que eu trouxe?

Os olhos verdes dele, semelhantes aos de Ella, arregalaram-se.

— É para mim?

— Seu nome é Billy Ray?

Ele assentiu rapidamente, os cachos castanhos dançando em torno das orelhas.

— Então aposto que é seu, mas primeiro quero um grande abraço e um beijo bem molhado. — Puxou-o para seus braços e aspirou profundamente sua inocência doce. Mais do que prontamente, ele ficou impaciente e contorceu-se para libertar-se. Correu para a sala de estar com o pacote, abrindo excitado o embrulho.

Ella levou Outono para a cozinha que exalava forte cheiro de biscoitos recém-cozidos.

— Bem, você conseguiu. Está de volta. Espero que saiba contra o que está indo.

— Tenho uma boa ideia. Sinto-me nervosa e apavorada, mas estou aqui e vou ficar.

— Cliff saiu rápido hoje de manhã. Estará de volta daqui a dois dias. Quando voltar, consertará o carro para você. — Tirou duas xícaras de uma prateleira na parede. — Café?

Outono assentiu e sentou-se na mesa, pegou um biscoito da pilha e mordiscou-o.

— O que você contou a Cliff?

— Tudo.

— Ele acredita em mim?

— Acha provável.

Consciente do silêncio, Outono olhou em volta.

— Onde estão os filhos de Cliff? Também tenho presentes para eles no carro.

— Estão na escola. — Ella colocou as xícaras de café na mesa e pegou uma cadeira em frente a Outono. — Quando isso terminar, deve encontrar um homem bom e ter um monte de filhos.

Outono sacudiu a cabeça.

— Crianças precisam de um pai e uma mãe que os ame e que se amem. Não posso dar isso a um filho.

— Besteira. Tenho observado seu comportamento para com meus filhos. Você os ama. Tem muito a dar, Outono. Seria uma sorte para qualquer criança tê-la como mãe.

— Eu poderia amar muito uma criança, mas casamento sem amor não serve. As crianças sabem quando são amadas e sabem quando os pais se amam. Seria sujeira e egoísmo ter um filho quando sei

disso sobre mim.

— Não quero falar contra os mortos, mas Everett era mais velho, e doente. Não acha que poderia ser diferente com outra pessoa?

— Não — disse ela bruscamente.

— Pensei em Lloyd, talvez?

— Lloyd é maravilhoso. Se conseguisse amar alguém, seria ele. É excitante, atencioso. Faz força para agradar a uma mulher. Adoro estar com ele, mas não me sinto apaixonada.

— Talvez esteja com medo, Outono. Ou então esteja se recusando a enxergar o que existe ali. Será que consegue se agarrar tanto à ideia de pegar Douglas Osborne que está cega para todo o resto, até mesmo para o amor?

Outono deu de ombros.

— Sei lá.

— E Lloyd? Está apaixonado por você?

Outono hesitou e recordou a observação de posse de Lloyd, a frieza em seus olhos, a voz de alerta. “Nunca se esqueça a quem pertence.” Aquilo a incomodara na hora e agora voltava a incomodá-la. Ela ficara afastando as palavras, só para trazê-las e reexaminá-las, dizendo a si mesma que não passara de uma observação sem sentido. Um sentimento temporário de posse. Sentira-se da mesma forma até afastar a ideia racionalmente. O sexo a aproximara de um homem. Será que um homem como Lloyd também poderia ser possessivo sem amor? Desde então haviam se falado ao telefone várias vezes, mas nada indicara que ele houvesse depositado qualquer significado no encontro amoroso que haviam tido. Provavelmente já esquecera que fizera aquela observação.

Sorriu para si mesma. Lloyd Murphy era demasiado esperto para apaixonar-se, especialmente por ela. Queria uma mulher que recheasse um bom peru. Se ficasse entediado, encontraria excitação em outra parte.

— Não, tenho certeza que não.

— Você demorou para responder.

— Precisei pensar um pouco.

Ella olhou-a atentamente.

— E quando tudo isso terminar? O que fará? Vai se sentir horrivelmente só.

— Acho que não. Quando terminar, voltarei para transformar minha companhia na maior cadeia de comidas rápidas do país. Isso deverá me manter ocupada. — Tomou um gole do café, em seguida abriu o jornal na seção de anúncios. — Vai ser difícil encontrar um apartamento mobiliado? Gostaria de sair daquele hotelzinho logo que possível. Também preciso de um telefone particular.

— Não sei. Vamos dar uma olhada no jornal.

Outono atravessou a noite zangada por precisar esconder-se na escuridão para visitar o túmulo de Lonnie. Desde que deixara a cidade, fora ao cemitério apenas uma vez, os cabelos cobertos por um lenço e usando óculos escuros. Agora estava em Edisonville para ficar. Se fosse vista perto do túmulo de Lonnie e lembrassem dela, isso criaria uma série de problemas.

A lua de Kentucky lançava um caminho brilhante entre as tumbas enquanto caminhava entre os túmulos, em direção ao carvalho alto que protegia o local onde Lonnie repousava. Ajoelhou-se ao lado do túmulo e passou os dedos pela gravação na pedra.

— Estou cansada, Lonnie, e quero que isto termine. Estou de pé e falando grosso, mas estou muito confusa. A verdade está nesta cidade, mas como descobri-la? Ele está de um lado da cerca, e eu do outro. Devo escalar o muro ou esperar até encontrar o portão? Quando encontrar o portão, ele vai abrir? Tantas perguntas, meu querido. Onde posso encontrar as respostas?

OUTONO alugou um pequeno apartamento de um quarto atrás de uma velha casa outrora grandiosa, o compartimento de um motorista em cima da garagem. Era adequado, decorado em dinamarquês moderno, e particular. O apartamento era separado da casa principal por um labirinto de cerca viva. Como Outono deveria passar por uma estranha na cidade, evitou Ella e a família até ter vivido ali durante tempo considerável. Ia ao carro-restaurante de Ella para jantar. Se o lugar estivesse vazio, as duas conversavam e tomavam alguns drinques.

Ao fim de duas semanas, Outono transformara o apartamento em um ninho confortável. O carro entrara e saíra da garagem, uma avaria e conserto, para o caso de haver uma verificação, e o dinheiro fora depositado no banco sob o nome Outono McAvan. Agora era residente de Edisonville, Kentucky. A maior cidadezinha da terra. Terra da destilaria Osborne.

Descobrira um prédio cujo dono era Osborne, mas os negócios imobiliários eram controlados pelo advogado dele. O prédio necessitava de alguns consertos, o que ela usou como desculpa para ir direto a Osborne. O escritório dele situava-se próximo ao centro da cidade, um grande prédio de tijolos com seis andares. Pensara ficar nervosa e apreensiva. Surpreendentemente, sentiu uma calma sobrenatural enquanto atravessava o corredor até o escritório dele. A secretária, uma mulher de meia-idade, sorriu agradável.

— Posso ajudá-la?

— Sim, gostaria de falar com o sr. Osborne. Ele é o dono de um prédio que eu gostaria de alugar.

— As questões imobiliárias do sr. Osborne são tratadas pelo advogado dele. A senhora deverá procurar o sr. Allison.

— Eu esperava economizar tempo lidando diretamente com o sr. Osborne.

— Sinto muito, mas o sr. Osborne não gosta de ser perturbado por pequenos problemas como este. Deverá procurar o sr. Allison.

Outono pensou rápido e falou:

— O prédio precisa de consertos. Acho necessário conversar com o sr. Osborne.

A secretária sorriu, mas não enterneceu-se.

— O sr. Allison cuidará dos consertos necessários.

Outono lançou um olhar em direção à porta que a secretária guardava tão furiosamente.

— O sr. Osborne está?

— Não. Ele está fora do escritório hoje.

Claro, pensou Outono. Após duas semanas movimentando-se a passo de lesma, o que mais poderia esperar? Agora estava impaciente com a lentidão dos moradores de Kentucky.

— Onde posso localizar o sr. Allison?

— O escritório dele fica na Main Street, em frente ao banco. Se quiser, posso marcar uma hora para a senhora.

— Não. Eu mesma marco minhas horas. — Virou-se e saiu, dirigindo-se para o carro, atravessou os poucos blocos até o escritório do sr. Allison e estacionou junto à entrada. Bateu a porta do carro com força. Odiava aquele maldito Honda. Quando tudo estivesse terminado, iria jogar o pequeno sugador no rio e compraria o maior caminhão da estrada, o que sem dúvida agradaria muito a Lloyd.

Entrou em outro prédio de tijolos e aproximou-se de outra secretária de meia-idade.

— Gostaria de falar com o sr. Allison, por favor.

— Tem hora marcada?

— Não — disse ela, aumentando a voz. — Não tenho hora marcada. No entanto, é muito importante vê-lo o mais rápido possível.

— Sinto muito, mas o sr. Allison não se encontra no escritório. O assunto pode ser tratado por outro membro da firma?

— Suponho que sim. O sr. Osborne tem um prédio que eu gostaria de alugar. Disseram-me para vir aqui.

— Ah... bem — disse ela e sorriu. — O sr. Proctor pode cuidar disso para a senhora. Ele é o mais novo membro de nossa firma.

— Não me importa se ele ainda usa fraldas. Se puder me colocar em contato com o sr. Osborne, ficarei mais do que feliz em vê-lo.

A secretária sorriu e falou no interfone com um tom lento e preguiçoso.

— Sr. Proctor, está uma senhora aqui querendo falar com o senhor sobre o aluguel de uma propriedade do sr. Osborne. Pode recebê-la?

Uma voz masculina profunda surgiu no interfone.

— Sim, Marge. Pode mandá-la entrar.

Marge fez um gesto em direção à porta.

— A senhora encontrará o sr. Proctor no fim do corredor.

— Obrigada. — Outono atravessou impaciente um comprido corredor. Deteve-se diante da porta com a placa “Proctor” e entrou em um cubículo. Um jovem estava sentado com a cabeça sobre um papel, os cabelos pretos brilhantes reluzindo à luz da tarde.

Outono sentiu o coração bater no peito. Os cabelos negros pertenciam

a Bobby Joe Proctor, o garoto cuja cabeça ela atingira com a merendeira. Sabia que Bobby se tornara advogado, mas nunca iria imaginar que estaria ali.

Bobby era algo com que não contara. Poderia estragar tudo, e seu cérebro já começava a gritar: corra, corra, corra. Mas Bobby precisaria ser enfrentado mais cedo ou mais tarde. Precisava de tempo para pensar, e voltou-se para a porta — tarde demais.

— Sue Anne — chamou ele. — Sue Anne McAvan. — Levantou-se rapidamente e contornou a mesa. — Meu Deus, que bom vê-la. O que a traz a Edisonville? E a meu escritório?

Outono respirou fundo e tentou coordenar as ideias. Tinha um ponto a seu favor. Eram ambos gente do interior, e essa gente permanecia junto, não importava como. Colocou um dedo nos lábios.

— Sou Outono McAvan. Não conheço nenhuma Sue Anne McAvan, você conhece?

Os olhos escuros dele sorriram para ela e sacudiu a cabeça.

— Não conto de você se não contar que bateu na minha cabeça com a merendeira.

Ela assentiu sorrindo. Bobby tinha os traços rudes, mas não era mais espinhento, e crescera pouco mais do que ela. A universidade atenuara os traços rudes e os polira. Ele convidara-a para o baile dos veteranos, mas dançar com um garoto em quem batera na escola não a agradara.

Ela atravessou a sala e estendeu a mão.

— Que bom revê-lo Bobby.

— Por favor, me chame de Bob.

— Bob.

Levou-a até uma cadeira e acomodou-se na beira da mesa.

— Por que está tentando alugar propriedade em Edisonville? Pelo que soube, você é uma bem-sucedida mulher de negócios em San Francisco.

Outono hesitou. Fora cuidadosa. A cidade sabia apenas que subira no mundo dos negócios. Não sabiam da Corporação Corbett ou do Doghouse. Precisava de tempo para pensar, para descobrir o que se passava na cabeça de Bobby.

— Não quero falar de mim. Quero saber de você. Está casado? Tem família?

— Não para as duas perguntas.

— Por que não?

Ele deu de ombros.

— Ainda estou apaixonado por você.

— Sedutor. Você atravessou um longo caminho desde que jogou a garotinha na escada.

— Não vai acreditar, mas foi realmente sem querer. Eu já estava louco por você desde aquela época, mas não sabia fazer outra coisa exceto puxar seu cabelo. Mais tarde, no segundo grau, morria de medo de você. Precisei de toda minha coragem para convidá-la para o baile dos veteranos, e aí você recusou. — Fez uma pausa e olhou-a atentamente. — Acho que continuo com medo de você. Está ainda mais bela do que eu me lembrava.

Outono sorriu docemente. Ninguém poderia ter ficado louco por seu rosto sardento. Mais tarde, ficara alta e ossuda. Só no último ano da escola desenvolvera curvas suficientes para assemelhar-se a uma garota. Bobby estava atrás de algo. Voltou a sorrir e olhou para o relógio

— Perdi a hora do almoço e estou faminta. Está livre para o almoço?

Ele abriu um sorriso e assentiu.

— A comida no clube é a melhor da cidade. Gostaria de ir lá?

— Está subindo, hem?

— Não. Uma sociedade no clube combina com o trabalho. Não estou subindo. Continuo no mesmo lugar.

Ela passou o braço pelo dele.

— Conte-me isso no almoço.

O clube de campo era uma construção antiga e majestosa. Debruçado sobre uma colina, era grandioso e imponente, com o necessário para fazer a felicidade dos extravagantes de Edisonville. Havia quadras de tênis, um campo de golfe, natação, jantares e bailes. A sala de jantar era a encarnação da elegância: mesas de mogno com cadeiras de espaldar alto arrumadas de forma a facilitar a privacidade, preservando a velha tradição de Kentucky.

Outono bebericou o drinque cautelosamente. Perdera seu sotaque sulino, mas com alguns drinques voltava a falar com seu sotaque de montanha. Sua história de ser de San Francisco não funcionaria muito se escorregasse para o sotaque de Kentucky.

Depois do almoço, observou, ouviu e incitou Bobby a falar de si mesmo, percebendo rapidamente que encontrara uma mina de ouro nele. Eram da mesma idade, mas ao contrário de Outono, ele não fora chutado o suficiente para aprender sutilezas. Olhos, voz, movimento, todos gritavam ambições reprimidas e descontentamento aberto. No mínimo, Bobby poderia destruir tudo com uma só palavra. No máximo, não faria mal ter um advogado que conhecesse as pessoas certas na cidade. Tinha conexão direta com Douglas Osborne, e estava disposto a progredir.

— Tudo bem, Bob. Vamos fazer uma permuta. Você está me assediando desde que entrei em seu escritório. A maioria dos homens que conheço está atrás de sexo. Você é ganancioso. Está atrás de dinheiro e sexo. Isso é bom. Não há nada errado em agarrar tudo que puder. Razoável quantia de dinheiro você pode ter. Sexo está fora. Tenho uma pessoa em San Francisco. — Fez uma pausa e franziu o cenho. — Sou mimada. Quando pego o fone em San Francisco, as coisas acontecem. Quando pego o fone aqui, fico de mãos atadas... falando figurativamente. Você está em posição de me abrir caminho e tornar as

coisas mais fáceis para mim. Em troca, tentarei lhe dar o que deseja. Primeiro, contudo, deverá me dizer o que pretende.

Ele enrubesceu, lançando-lhe um olhar infantil.

— Sc me derem uma chance, posso ser um ótimo advogado. Não estou tendo esta chance onde estou agora. Quero praticar minha própria advocacia, e quero que seja minha cliente. Você está aqui, e tem um motivo para isso. Posso cuidar do que quiser e trabalhar para Allison.

Ela abriu a bolsa e tirou um talão de cheques.

— Concordo com isso. Na verdade, agora você tem duas clientes, Sue Anne Corbett e Outono McAvan. — Escreveu uma quantia que considerou suficiente para cobrir vários meses de aluguel de um escritório, mobília e uma pequena quantia extra para ele. — O cheque é de um banco de Indiana. Prefiro que retire o dinheiro fora da cidade de agora em diante. — Passou o cheque para ele. — Retenção de serviço: acredito que isto me compra discrição.

Ele assentiu e colocou o cheque no bolso.

— Em que posso ajudá-la, Outono McAvan?

— Douglas Osborne. Conte-me tudo que sabe sobre ele e os irmãos.

Bob pareceu surpreso, mas não a questionou. Acomodou-se na cadeira e franziu o cenho pensativo, recordando tudo que sabia sobre a família Osborne.

— Os Osborne são uma família antiga e respeitada que data de quatro gerações. O carvão trouxe riqueza para a família, mas os anos e a diminuição da demanda comeram o que antes era uma vasta fortuna. Douglas previu o inevitável. Enquanto os irmãos gastavam como se não houvesse amanhã, ele estava crescendo cada vez mais. Uma vez fechada a mina, os irmãos tornaram-se dependentes de Douglas.

Ele debruçou-se e estendeu a mão para o drinque, sorrindo de leve.

— O velho Doug dá-lhes o suficiente para que se sintam felizes, mas não o suficiente para que sejam independentes. Ele os quer sob seu controle. Homer é prefeito, mas Doug dirige a cidade e todos sabem disso. George trabalha para Douglas, um capacho. Dale não trabalha desde o fechamento da mina. Vive de maneira simples e tranquila. Aparece no clube aproximadamente uma vez por mês com uma das mulheres da cidade. Foi a única vez em que o vi. Douglas é viúvo, com uma série de amantes. Algumas não duram muito, mas todas saem com uma polpuda conta bancária. Ele não regateia quando se trata de pagar suas mulheres.

— E as fraquezas?

— Se tem alguma, é a obstinação. Ele vai até o fundo para conseguir o que deseja. Fica fascinado com o impossível. Diga-lhe que não pode e ele vai querer.

— Você só me falou de coisas superficiais, Bob. E o lado que um advogado enxerga?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não posso ajudá-la nesse aspecto, Outono. Nossa firma representa-os, mas Allison cuida de todos os negócios deles pessoalmente. Às vezes trato de pequenos negócios tais como o prédio que você quer alugar, aliás ainda não entendi por quê.

— É um disfarce. Falarei disso mais tarde. Os irmãos. Vícios, mulheres, bebida, algo assim?

— Se há algo, mantêm bem escondido. Têm que fazê-lo. Douglas fica louco se uma pequena fofoca atingir a família. Os irmãos parecem pessoas normais. Douglas sim, é estranho.

— Estranho? Como?

— Dirige a cidade e suas companhias. Quer que o lugar continue exatamente como é. Nenhum novo negócio é aberto sem sua aprovação. Tem a cidade em suas mãos, e pretende mantê-la assim. — Bob fez uma pausa e sorriu. — O velho Doug senta em sua escrivaninha e dirige o império como um monarca.

Tem obsessão pela reconstrução da fortuna da família como era antes, o que tem feito. Dispõe de propriedades ao longo do país, mas raramente deixa a cidade. Faz com que todos vão ao seu encontro. Ou manda John Allison ou alguns de seus capachos. — Bob hesitou e soltou uma gargalhada sincera. — Douglas permitiu que o Holiday Inn se instalasse na cidade apenas com o objetivo de ter algum lugar para colocar seus sócios de fora da cidade. Quando quer fazer negócios com alguém, manda a Carroça de Burro trazê-los.

— Por que chamou o avião Carroça de Burrol

— Porque é o que pensa de seus sócios nos negócios. Jumentos.

Ela sorriu, os olhos brilhando.

— Isso é maravilhoso. Sabe, o homem parece fascinante. — Cruzou os braços sobre a mesa. — Existem poucas coisas que quero de você e podem parecer estranhas. Primeiro, quero que me leve pela cidade e me apresente às pessoas que possam saber algo sobre os Osborne que não seja de conhecimento geral. Às vezes uma mulher pode saber de coisas que um advogado desconhece.

— Fácil. O prazer será meu.

— A próxima pode não ser fácil. Quero que descubra onde são guardados os registros da mina. Faz dez anos, portanto podem ter sido destruídos.

— Fácil também. Os registros são guardados no porão da casa dos Osborne. Isso é outra coisa estranha. Douglas venera Black Jewel como se fosse alguma dádiva de Deus. Guardou cada livro-razão, cada fatura.

— Como você sabe disso?

— Alguns documentos legais na velha mina foram enfiados nos fundos de um armário. Descobri-os enquanto estava rearrumando os arquivos meses atrás. Perguntei a Allison se podia jogá-los fora, e ele quase desmaiou. Mandou-me à casa dos Osborne com eles. Suponho que devam estar agora no porão com o resto.

— Ótimo. É como tentar invadir Fort Knox. — Outono tomou um gole de seu drinque e olhou firmemente para Bob. — Há mais uma coisa que preciso de você. Quero que me coloque em contato com Douglas Osborne. Amanhã.

— Não é tão fácil. É um pedido alto. Allison é o único que mantém contato com Douglas. Osborne nem vai ao nosso escritório. Allison vai até ele.

Ela sorriu, a voz aveludada.

— Você me disse que é um bom advogado, Bob. Um bom advogado encontrará um jeito.

Ele sorriu.

— Touché.

O AR estava asfixiante, a noite pesada, pressionando-a. Os ruídos tranquilos dos grilos do lado de fora de sua janela, os quais deveriam ser tranquilizantes, pareciam infestar e encher o quarto com um coro de sons monótonos, zumbindo incessantemente. Incapaz de dormir, Outono olhava fixamente para a penumbra no teto. A chamada acontecera uma hora depois dela deixar Bob. Ele não ia dizer como conseguira, mas marcara uma entrevista para ela com Douglas Osborne na manhã seguinte às 9:00. Seja pontual, dissera Bob, e se vista de maneira feminina, bastante feminina. E boa sorte.

A cabeça dela estava confusa com os pensamentos; saiu da cama e foi para a cozinha. Preparou um drinque e sentou-se, fitando a bebida âmbar, completamente consciente de estar sozinha pela primeira vez em sua vida, totalmente sozinha. Nunca passara uma noite longe de Molly; depois houvera Lonnie. Depois de Lonnie fora Artie — platônico, mas estava lá. Everett fora tão dependente dela que de certa forma se sentira sozinha até Lloyd. Nos últimos anos, o grande irlandês estivera apenas à distância de um telefonema.

Terminou o drinque, esticou a mão para a garrafa, hesitou e em seguida deu de ombros. Que diabos? Estava sozinha. Se escorregasse, só os grilos ouviriam seu sotaque. E era irlandesa. Dizia-se que os irlandeses tinham o sangue quente, bons bebedores. Pegou a garrafa, resmungando:

— Não ia querer desapontar ninguém.

Mais dois drinques e os lábios se tornaram pesados, os músculos soltos, e os pensamentos transformaram-se em uma confusão preguiçosa e sem importância. Voltou para a cama, mas ficou olhando para o telefone. Será que o grande irlandês não continuava a apenas um telefonema de distância? Colocou o telefone sobre a cama, em seguida hesitou. Eram 2:00 na Califórnia. Lloyd estaria dormindo ou poderia estar com alguém. Seria grosseiro telefonar para ele, impensável. Mas de novo, ela não era uma irlandesa impulsiva? E um pouco bêbada. Discou o número.

Primeiro atendeu um Arnold sonolento; em seguida, a voz profunda de barítono de Lloyd surgiu na linha.

— Estava na cama? — indagou ela.

— Estava.

— Está sozinho?

— Claro. Tudo bem?

— Não. Estou com saudade de você. Quero abraçar você, fazer amor e tudo mais.

— Vou mandar o avião.

— Não posso sair daqui. Vou encontrar-me com Douglas Osborne de manhã.

— Então vou até aí. Onde quer me encontrar?

— Louisville. Farei as reservas no hotel.

— Ótimo. Avisarei pela manhã a que horas o avião vai chegar. Pode me encontrar, ou devo deixar um carro esperando?

— Eu me encontrarei com você. — Ela sorriu e pensou em seu Honda horroroso e qual seria a reação dele. — Mais alguma coisa?

— Sim. Traga aquela coisa preta rendada.

— Você rasgou aquela coisa preta rendada, mas compro outra. — Ela se deixou cair sobre os travesseiros e enroscou-se nas cobertas. — Boa noite, Lloyd.

— Boa noite, querida.

Outono recolocou o fone no gancho e esticou-se contente. O grande irlandês ainda estava a um telefonema de distância.

Exatamente às cinco para as nove Outono saiu do carro e entrou no grande prédio de tijolos. Vestia saia cinza e blusa branca. Os babados no pescoço faziam-na parecer um tanto afetada, mas feminina. Pegou o elevador para o terraço e atravessou o corredor rumo a seu encontro com Douglas Osborne.

O sono e a luz matutina haviam acalmado sua inquietação, e caminhava com passos calmos e harmônicos. Estranho, pensou. Vira Douglas Osborne apenas uma vez, rapidamente, na esquina de uma rua, no entanto os três estavam solidamente ligados: ela, Lonnie e Douglas Osborne.

Ao contrário da primeira vez em que fora ao escritório, a secretária a fez entrar de imediato. Outono parou no umbral da porta, segurou a maçaneta de mármore por um instante, por fim abriu a porta e entrou na sala.

Douglas estava de pé atrás de um aquário de peixes, de costas para ela.

— Sente-se — disse em tom entediado.

A mobília era antiga. Cadeiras de espaldar alto forradas com um tecido de aparência gasta dispunham-se em ângulos adequados. Algumas estavam de frente para uma larga escrivaninha entalhada. Retratos de família preenchiam uma parede. Outono escolheu uma cadeira que a deixava de frente para ele e para o sofá, observando-o alimentar os peixes coloridos. O ódio ainda estava ali, sutil abaixo da superfície, mas vê-lo não exerceu qualquer impacto real sobre ela. Odiava-o há tanto tempo e tão furiosamente que se sentia queimar por dentro.

— Gosta de peixes? — indagou ele.

— Não especialmente.

— Por quê?

— Gosto de animais de estimação que eu possa pegar.

— Cachorrinhos?

— Sim, muito.

— Cachorrinhos parecem demais com mulheres. Só querem sentar no seu colo e ser acariciados. — Ele se voltou e contemplou Outono. Ela sabia pelos arquivos que ele tinha 59 anos. Agora os cabelos estavam bastos e grisalhos, contrastando com um profundo bronzeado dourado. Assim como a maioria dos homens fortes, ele possuía um corpo elástico que suportara a passagem do tempo. Ainda parecia ágil e firme. Os olhos, grandes bolsas azuis glaciais, olharam-na fixamente pelo que pareceram cinco minutos completos. — É uma mulher muito bonita.

— Sim, eu sei.

— Nem um pouco modesta, não?

— Por que ser modesta? Se uma mulher é bela, ela sabe disso.

— Você está certa, sra. McAvan. — Atravessou o recinto e sentou-se no sofá, descansando um braço nas costas. — Disseram-me que a senhora quer alugar um de meus prédios e abrir uma loja de roupas.

— Sim, aquela na Blocker Street.

— Planeja vender sutiãs?

Ela olhou-o intrigada.

— Sim.

— Ótimo. Supõe que posso encontrar um no estoque que caiba em você? Esta cidade é pequena, sra. McAvan, com gente de interior. As mulheres não vão receber bem você circulando com as tetas saltitando e os belos mamilos espetando os maridos delas. Se quiser fazer negócios nesta cidade, terá que

se vestir mais discretamente.

Outono olhou-o de frente, relaxando na cadeira.

— Você usa sunga?

Os olhos dele se arregalaram surpresos.

— Não.

— Não coloca uma gaiola em volta de seu brinquedo. Por que eu deveria colocar no meu? —

Baixou os olhos impertinente para as entrepernas dele. — Você consegue ver a protuberância dos seios por baixo da blusa. Eu posso ver a protuberância de sua genitália por baixo das calças. Um é menos revelador do que o outro, menos provocante? Você esconde quando tem uma ereção, para que o aumento não apareça e ofenda algumas almas suscetíveis?

Douglas por um instante pareceu estupefato.

— Bem... a senhora está certa de novo, sra. McAvan.

Ela mudou de posição na cadeira, o joelho saindo pela abertura na saia.

— Poderíamos falar de negócios, sr. Osborne?

— Depende. — Ele olhou para o joelho, as sobrancelhas unidas em uma carranca. — Veio aqui realmente tratar de negócios ou está tentando me seduzir, jovem senhora?

— O que importa? Na sua idade, seria perda de tempo. — Não. Não. Errado. Errado\ A necessidade de ferir e alfinetar fizera com que perdesse o controle, estava deixando as palavras escaparem dela. O que pretendia ser um simples encontro com ele estava se transformando em um campo minado. De alguma maneira, Outono permitira-se levar a um confronto homem/mulher. Contemplou-o calmamente, esperando reação.

A boca de Osborne tremeu por um instante; por fim, ele se recostou na cadeira e caiu na gargalhada.

— Sra. McAvan, você é a mais perfeita mistura de senhora e puta que já apareceu nesta cidade.

Ela deu de ombros.

— Tentamos agradecer.

Osborne olhou-a tranquilo, sorrindo pela primeira vez.

— Conte-me sobre você. Parece que é viúva.

— Sou. Meu marido morreu há alguns meses.

— Você é de San Francisco?

— Isso mesmo. Antes de meu marido morrer, dirigíamos um bar lá.

O dono não pensou que eu pudesse dirigir sozinha, então contratou outra pessoa. Recebi algum dinheiro quando meu marido morreu... seguros. Planejei abrir uma loja de roupas, mas até agora ainda não havia decidido onde. Trabalhei em uma loja de departamentos quando era mais jovem, portanto não estou dando um salto no escuro. Conheço alguma coisa sobre roupas, sr. Osborne, e entendo de administração. Aprendi por aí. Esta cidade não tem uma loja de roupas decente. Se tiver dúvidas, pode perguntar a suas cunhadas.

— Bea não reconheceria um bom vestido se você o atirasse debaixo do nariz dela. Harriet já tem todos os vestidos feitos em Paris, Londres e Nova York, assim como os de sua San Francisco. — Abriu uma caixa dourada de cigarros e estendeu-a. Outono recusou, ele pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro de mesa. — Por que Edisonville? Como chegou nessa cidadezinha retirada?

— Por puro acaso. Decidi viajar um pouco antes de abrir a loja... ver um pouco do país. Eu estava próximo à saída para a rodovia e sentia-me cansada quando vi um anúncio do Holiday Inn. Decidi descansar aqui durante um ou dois dias. Infelizmente, meu carro quebrou e fiquei presa aqui enquanto estava sendo consertado. — Ela sorriu. — Acho que deveria dizer “felizmente”, porque encontrei o lugar onde quero morar. O senhor tem uma bela cidade tranquila, sr. Osborne. As pessoas são simpáticas e

expansivas. Eu era uma estranha aqui, mas me trataram como se fosse uma delas. Estou cansada do barulho e das multidões da cidade grande. Gosto daqui. Acho que poderei ser feliz em Edisonville. Na verdade, já fiz uma amiga. Seu nome é Ella. É dona do carro-restaurante na Fifth. O senhor a conhece?

Ele assentiu.

— Conheço todo mundo nessa cidade, sra. McAvan.

— Estranho. Ella não disse que o conhecia.

— Não a conheço pessoalmente, mas sei seu nome e que é dona do carro-restaurante. Sou da junta diretora do banco. Aprovei um empréstimo para ela alguns anos atrás, quando a cidade estava passando por um mau pedaço. Estávamos sendo muito exigentes nos empréstimos que concedíamos, mas senti que Ella era um risco que valia a pena. Acho que está indo muito bem.

Outono deu de ombros, como se não soubesse.

— Sobre o prédio. Podemos discutir os termos do aluguel e as reformas necessárias?

Ele debruçou-se sobre a mesa e apagou o cigarro no cinzeiro.

— Precisarei pensar sobre isso, moça. Não estou certo de que esta cidade precise de outra loja de roupas.

— Oh! E quanto tempo acha que vai demorar esta reflexão?

— Difícil dizer. Por que não vamos ao clube esta noite, jantamos e conversamos sobre o assunto?

— Sinto muito. Tenho planos para esta noite.

— Cancele-os.

Outono sacudiu a cabeça e viu os olhos dele endurecerem, revelando o lado que Bob lhe descrevera. Obstinação. Diga que não pode e ele vai querer. Encontrara o portão, mas os meios para abri-lo lhe deixavam o estômago nauseado.

— Entrarei em contato com o senhor, sr. Osborne. Se não alugar para mim, tenho certeza de que outra pessoa o fará.

— Não, sra. McAvan. Ninguém alugará um prédio para a senhora. Cada novo negócio que se abre nessa cidade deve ser aprovado pelo conselho da cidade. Eu controlo este conselho. A senhora alugará de mim, ou não conseguirá nada.

Outono balançou a cabeça em sinal de compreensão.

— Em outras palavras, ou trepo com você ou estou morta nesta cidade?

— Eu não teria dito tão claramente, mas sim, se eu quisesse.

Outono olhou-o avaliativa, a voz apertada com o controle.

— Por que não suavizamos o ar que esteve cheio de merda desde que entrei aqui? Quer, sr. Osborne?

— Quero.

Senhora e puta, ela pensou. Eu lhe darei a senhora e a puta, seu desgraçado! Apoiou o cotovelo no braço da cadeira, o rosto na mão.

— Eu teria que conhecer os termos, sr. Osborne. Consideraria isso um negócio. Como sabe, um negócio é tão forte quanto o que o sustenta. Qual a sua oferta? Devo ser sua amante, ou é apenas por uma noite?

Ele passou a mão pelo queixo saliente.

— Não aprovo mulheres em negócios, mas entendo que vocês garotas têm seus pequenos anseios. Vou ajudá-la. O prédio é seu. Pegue-o e faça o que quiser com ele. Basta mandar-me as contas.

Outono sorriu zombeteira.

— Suponha que o senhor invista todo este dinheiro e depois descubra que não gosta de minha companhia? Não seria uma perda que não poderia deduzir do imposto de renda? E eu? Não gostaria de

uma mulher com a qual não dá para trepar a sua volta, e eu estaria marcada como sua puta, uma assanhada que fica desfilando pela cidade com as tetas balançando, eu me tornaria uma pária. — Debruçou-se em direção a ele e falou com um traço de zombaria. — Percebeu que só me conhece há vinte minutos? Sempre pensa tão pouco ao selecionar suas amantes? — Sacudiu a cabeça e soltou uma risadinha. — É como comprar um carro sem testá-lo primeiro.

Douglas pareceu divertir-se.

— Sei quando uma mulher me excita.

— Eu o excito, sr. Osborne? — Correu os olhos para a protuberância reveladora nas calças dele.

Em seguida, empertigou-se na cadeira, as costas retas ao tocar a testa em cumprimento. — Parece que lhe fiz uma injustiça, e queremos ser justos, não queremos, sr. Osborne? — Levantou-se e encarou-o de pé. — A puta dentro de mim é gananciosa e gostaria de aceitar sua oferta, mas a senhora deve recusar. Nunca fui nem nunca serei amante de qualquer homem. Estou à venda, mas o casamento é meu preço. — Debruçou-se e pegou a bolsa sobre a mesa de café. — É claro que eu esperaria um grande dote. Pelo menos cem mil quando casarmos, e outra quantia semelhante quando você morrer.

Os olhos dele se tornaram mais doces. Levantou-se do sofá, sacudindo a cabeça surpreso.

— Você é inacreditável.

— Pense nisso, sr. Osborne. É a única maneira de trepar comigo. — Caminhou rapidamente e saiu da sala, mas fechou a porta calmamente. — Sujo, imbecil, mijão de ervas daninhas.

A secretária arqueou uma sobrancelha.

— Como?

— É, é isso. — Outono saiu do escritório e caminhou a passos largos pelo corredor. Pegou o elevador e desceu; no térreo, saiu correndo do prédio e entrou no carro. Ao ligar o motor, o único som emitido foi um gemido fraco e triste. A fúria que mantivera sob controle de súbito explodiu e ela enfiou o pé no acelerador com toda força.

— Pegue, seu filho da puta.

Ele pegou.

BOBBY Joe e Ella estavam sentados no escritório do carro-restaurante com Outono. Ela encarou-os, preocupada que seus atos pudessem atingi-los. Contara tudo a Bobby, mas nesse momento ele parecia um simples intermediário entre ela e Douglas. Ella não passava de uma mulher que ela conhecera, mas e depois? Se Douglas soubesse que tinham um envolvimento maior, poderia providenciar para que Bobby jamais exercesse a advocacia em Edisonville, e poderia tornar a vida de Ella e da família difícil. Outono deveria mantê-los fora disso de alguma maneira.

Baixou os olhos para a bebida escura na xícara de café e falou com medo na voz.

— Foi um pesadelo de olhos abertos. Loucura. A conversa variou de peixe a cachorrinhos, sutiãs, amantes. Não entendo por que ele concordou com o encontro. Estava interessado em falar sobre mim, mas não em discutir o prédio.

Bob fitou-a com um sorriso jovem e tímido.

— Banquei o grande advogado, Outono. Não cavei um encontro com Douglas. Ele nos viu juntos no clube e telefonou para o escritório. Queria saber tudo sobre você, quem era, por que estava na cidade, de onde era, e se era casada. Pareceu especialmente interessado em sua condição marital. Fez com que eu arranjasse o encontro. Desculpe, Outono. Eu deveria ter-lhe contado.

— Sim. Com certeza você deveria. — Agora Outono compreendia. Douglas a vira e decidira acrescentar a nova mulher na cidade à sua lista. O que ela considerara uma decisão momentânea fora muito bem pensada.

— Realmente o fascinei — resmungou ela. — Falei algumas coisas. Não sei qual será sua reação. Se ele telefonar enquanto eu estiver fora, continue como planejado. Você não sabe nada, exceto que quero abrir uma loja de roupas. — Olhou para Ella. — Disse a ele que éramos amigas. Se telefonar, nos conhecemos aqui no carro-restaurante. Não sabe de mais nada.

— Fez uma pausa e franziu o cenho. — Falou-me do empréstimo que você pegou no banco alguns anos atrás. Ele o aprovou, embora a cidade estivesse com problemas, e correu um risco considerável. Isso não parece muito com o homem sobre quem ouvi tanta coisa... ou com o homem com quem falei hoje. Parece uma pedra de gelo.

— Claro — disse Ella, a voz amarga. — Ele sabia que o banco tinha o dinheiro. O desgraçado não estava fazendo nenhum favor a mim ou a quem quer que fosse naqueles dias. Se o carro-restaurante não desse certo, ele sabia que eu sempre poderia voltar a vender a bunda em uma de suas tavernas.

— Ora, isso parece com o homem que todos conhecemos e amamos. — Outono colocou a xícara de café sobre a escrivaninha de Ella e se levantou. — Preciso ir. Vou encontrar o avião de Lloyd daqui a poucas horas, e primeiro farei algumas compras.

— Posso ir? — indagou Bob, rindo.

— Não, criança, esta é uma festa para adultos. — Sorriu para Ella, agarrou Bob pelo colarinho e levou-o junto. Quando já estavam próximos ao carro ela parou e olhou-o séria. — Nunca mais esconda nada de mim, Bob. Nunca o rebaixarei por fracassar ou cometer um erro, mas esfolo você se voltar a esconder algo de mim.

Bob assentiu, e o rosto mostrou aquele mesmo ar infantil que ela vira antes. Outono enfraqueceu. Ele era a parte boa de seu passado. A parte que gostava de recordar. Impulsivamente, pegou-o pelo ombro e vasculhou o rosto em busca de uma cicatriz deixada pela merendeira. Não havia nenhuma. A

pele era jovem e impecável.

— Maldição! — exclamou ele ao se afastar. — Por um instante pensei que ia ser beijado por aquela selvagem garota McAvan.

Outono soltou uma gargalhada, ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo na boca. Era de certa forma tranquilizante ter Bob ali, exceto pela leve dúvida que persistia dentro dela. Convencera-se de que era besteira, mas não conseguia afastar a ideia.

— Espero poder confiar em você, Bob.

Ele contemplou-a intrigado.

— Por que você pensaria o contrário?

— Você sabe de tudo. Poderia ir até Douglas com o que sabe. Ele tem mais dinheiro do que eu.

— Você iria até ele? — indagou Bob.

— Não.

— Por que não?

— Somos gente do interior. Ficamos juntos.

— Exatamente. Sou ambicioso, mas não iria contra um dos meus. Isso não se faz.

Ela assentiu e tocou-lhe o rosto de leve.

— Ambos cometemos erros hoje. Sinto muito, Bob.

— É... bem... só existe uma maneira de recuperar seu caminho de volta a meu coração.

Ela abriu um sorriso.

— E qual seria a maneira?

— Travessura!

Surgiu uma abertura no jato Lear e Lloyd saiu do interior. Outono sentiu o calor inundando-a quando caminhou em direção a ele. Duas semanas? Parecia tanto tempo. Desejou correr para seus braços e conversar tolices, tocar, abraçar e ser abraçada pelo corpo forte. Tentou forçar-se a esperar calmamente, mas quando ele se aproximou, a ânsia foi maior. Quando Lloyd sorriu, uma risada suave e leve surgiu nos lábios dela, e saltou para os braços dele que ficou espantado, fazendo com que a valise caísse.

Desequilibrados, tropeçaram, caindo em Uma gargalhada surpresa.

— Minha querida imprevisível. Obrigado, querida. Eu precisava disso. — Contemplou-a com uma expressão inquisitiva. — Como vão as coisas?

— Bem.

Ele virou-se abruptamente e pegou a valise.

— Onde está o seu carro?

O tom fora distante, e Outono olhou-o confusa. Ao vê-lo mudar a valise de uma mão para outra, como se estivesse impaciente, voltou-se e tirou-o da seção particular do aeroporto, dirigindo-se para o carro. À medida que se aproximavam do carro, ela tirou um molho de chaves da bolsa e estendeu-as para ele.

— Quer dirigir?

Lloyd olhou do carro para Outono.

— Dirigir isto? Acho que não consigo nem entrar. Julguei que fosse comprar um carro novo.

— Para mim ele é novo.

— Eu estava pensando em outra coisa.

— Sei disso. É feio, mas combina com Edisonville e foi barato.

Ele jogou a valise no assento detrás e pegou as chaves.

— Está bem, miserável. Mostre o caminho e eu dirijo.

Outono entrou ao lado dele, sorrindo enquanto ele curvava o corpanzil diante do volante. Depois de

lhe indicar o caminho para o hotel, tentou fazê-lo conversar um pouco, mas Lloyd estava estranhamente quieto, parecendo distraído ao falar. De vez em quando, lançava um olhar para o perfil dele. Só podia ser um problema pessoal para deixá-lo tão preocupado. Estava há muito tempo na junta da Murphy's para saber que a companhia nunca estivera melhor. Agora difundira-se para todo o país e continuava a subir. Mais dez anos e se igualaria à Sears e à J.C. Penney's. Podia ser a filha Lindy. Lloyd tinha algumas ideias antiquadas sobre o divórcio. Se Lindy estava enfrentando problemas no casamento, ele ficaria preocupado. Era louco por Lindy e o neto. Sempre que tinham um problema, ele acaba encontrando um jeito de solucioná-lo.

— Tudo bem com Lindy?

Lloyd voltou-se para ela como se tirado de uma espécie de névoa.

— Tudo. Por quê?

Outono deu de ombros.

— Só perguntei.

Ele parou o Honda em frente ao hotel.

— Vou entrar em contato com meu pessoal daqui e farei com que me arranjem um transporte diferente. Não vou ficar circulando com esse maldito carrinho de criança durante três dias.

— Sim, rabugento.

Ele sorriu de leve, saiu do carro e jogou as chaves para o manobreiro que aguardava.

— Veja se não perde. — Demonstrou as mesmas gentilezas para com ela, mas com a mesma distância do trajeto até o hotel. Quando chegou à sua suíte, pegou as chaves e abriu a porta.

Outono entrou no quarto, voltando-se para ele, a mão nos quadris.

— Pode me fazer o favor de contar o que está acontecendo? Não sou nenhuma garota que você alugou para três dias, Lloyd. Meu nome é Outono. Sue Anne Corbett, sócia, mulher de negócios. Desse tipo de negócio eu não gosto. Se está aqui só por uma trepada, qualquer uma serve. Voltarei para Edisonville, e você telefona para uma prostituta. Se está com algum problema, conte-me. Talvez eu possa ajudar.

— O único problema que tenho é você, garota. — Jogou a valise no chão, puxou-a para seus braços e correu as mãos pelas nádegas, agarrando-a pelos quadris com um movimento brusco que lhe lançou a pelve contra a dele. Por fim beijou-a profundamente, a boca devassando a dela. Murmurando inaudível, ergueu-a nos braços e foi até a cama.

Com Lloyd acontecia tão rapidamente, uma sensação avassaladora que a agarrava pela barriga e fazia as coisas acontecerem, preparando-lhe o corpo até ela estar molhada e receptiva. A briga fora esquecida, a coisa de seda preta esquecida. Retiradas as roupas, Outono sentou-se na cama à espera. Quando ele tirou a cueca, ela enroscou os dedos nos pêlos finos do peito, seguindo a linha fina até os quadris e puxou-o para a frente, sentindo-o tremer ao toque de seus lábios.

Lloyd susteve a cabeça de Outono entre as mãos e olhou-a por um instante, em seguida um gemido alto explodiu em seus lábios e pegou-a pelas axilas. Outono enroscou-se nele e fitou os olhos verdes toldados pelo desejo enquanto a penetrava. Era Lloyd, no entanto não era o Lloyd que conhecia. Estava mais intenso, arremessando-lhe o corpo vorazmente. Rude, mas não rude. Carinhoso, mas não carinhoso. Puxou-lhe o rosto até os lábios estarem juntos aos dela.

— Adoro você — sussurrou ela. — Você me faz adorar ser mulher.

Outono colocou a camisola preta pela cabeça, alisou-a nos quadris e estendeu-se na cama ao lado de Lloyd. Os cabelos estavam úmidos do banho e ele tinha uma toalha em volta da cintura. Estava apoiado em travesseiros, fumando um novo cachimbo, pelo menos não era o que ela batera na beira da mesa. Ela tocou a cicatriz no queixo com o dedo.

— Como você se barbeia aqui?

— Com muito cuidado.

Outono inclinou-se e tocou a cavidade com a língua.

— Você foi tão devasso. Dá para pensar que não fica com uma mulher há semanas.

— Duas semanas.

— Sério? Por quê?

— Ocupado demais.

— Para o sexo? Isso não parece com o Lloyd Murphy que conheço.

— Verdade.

— Você veio até aqui.

Lloyd fitou-a com um sorriso silencioso.

— Sempre virei ao encontro de minha ruiva. — Mergulhou os dedos nos cabelos. — E você,

Outono? Faz duas semanas para você também?

— Faz. Não quis mais ninguém, mas não espero o mesmo de você.

— Não ficaria com ciúmes?

— Não falei isso. Você escolheu a hora errada para fazer estas perguntas. Estou me sentindo possessiva em relação a você desde que fizemos amor.

De repente o humor de Lloyd mudou. A tensão desapareceu de seu rosto e ele caiu na gargalhada.

— Como vão as coisas na terra do grilo? Encontrou-se com Osborne?

— Encontrei-me e foi terrível. Ou ele vai me dar a chave da cidade ou vai me cobrir com alcatrão e penas. Quando fiquei de frente para ele, todos os seus anos de ensinamento foram por água abaixo. Tenho medo de ter estragado tudo. — Correu o dedo pela mandíbula de Lloyd e pensou como os dois homens se assemelhavam. Ambos eram fortes, dinâmicos, seguros de si, egoístas. No entanto, havia uma grande diferença. Lloyd lutara duramente pelo que quisera, mas jamais recorrera ao assassinato. Afastou-se dele, a cena no escritório de Douglas ainda viva em seu pensamento. A palavra “casamento” fora lançada em um impulso para atormentá-lo, mas sabia que essa seria a maior vitória. O nome da família que ele tanto prezava, seu lar, seu santuário, profanado pela própria esposa. E isso colocaria os registros do porão em suas mãos, junto com os outros segredos que a família mantinha guardados como se estivessem em Fort Knox. — Lançou um olhar para Lloyd pelo canto do olho. — O que acharia se eu casasse com Douglas Osborne?

Ele virou a cabeça bruscamente, fitando-a incrédulo.

— Você está brincando.

Outono assentiu com um sorriso travesso.

— Estou brincando.

Lloyd mastigou o tubo do cachimbo e olhou-a cético.

— Você não faria isso, não é?

— Já lhe disse que o encontro foi uma droga. Até brinquei com ele sobre ser velho demais para trepar. Não me surpreenderia voltar e encontrar minhas malas arrumadas esperando debaixo da placa indicando a rodovia. Banida. Chutada da maior cidadezinha da terra. Terra da destilaria Osborne.

Soltando uma risadinha, Lloyd lançou as pernas sobre a beira da cama e foi até a valise, voltando com uma pequena caixa de veludo. Pegou-lhe a mão e deslizou uma esmeralda, incrustada em um círculo de diamantes, no dedo ao lado da aliança de casamento.

— Feliz aniversário, querida.

Ela olhou para o anel perplexa.

— Aniversário?

— É. Aniversário.

Outono sentiu um nó na garganta diante da atenção dele. Era seu aniversário de 28 anos, mas estivera demasiado ocupada até mesmo para lembrar.

— Esqueci — sussurrou ela —, esqueci de meu próprio aniversário. — Contemplou-o com carinho. — É lindo, Lloyd, tanto quanto você.

Ele debruçou-se para lhe dar um beijinho nos lábios.

— Vista alguma coisa verde para combinar com o anel e a levarei para jantar.

A mesa escolhida ficava a um canto da sala de jantar mergulhada em penumbra. A comida estava boa, a conversa leve e tola. Lloyd parecia muito bem em um terno de tweed creme. Outono não usara nada para combinar com o anel, mas vestia-se de branco, o que lhe proporcionava um ar angelical, segundo Lloyd. Os drinques não paravam de chegar, e ela não parou de beber até começar a falar lenta e arrastada. Lloyd brincava e imitava-a, mas ela sabia que ele gostava de seu sotaque. Deliciosamente refrescante, dissera ele certa vez.

Há muito haviam terminado o jantar quando Lloyd tocou no assunto de Bob Proctor, tornando-se silencioso e atento conforme ela foi contando sobre o crescimento junto com Bob, e a briga na escola.

— É uma ironia nos encontrarmos aqui em Edisonville. Ele ainda é garoto, mas tem potencial. Na verdade, é muito brilhante, quando não tenta me impressionar. Estive brincando com a ideia de levá-lo para San Francisco depois. Com sua ajuda eu poderia colocá-lo em uma boa firma de lá. O que acha?

— Acho que você devia largar toda essa droga e voltar para San Francisco.

A observação foi tão inesperada e de propósito, que ela ficou estupefata.

— Não estou lhe pedindo para esquecer Douglas, mas existem outras formas de cuidar disso. Contrataremos a melhor agência de detetives de San Francisco. Poderão descobrir o que você quer saber em muito menos tempo. Você está em Edisonville há duas semanas e não descobriu nada de importante. Desse jeito vai levar meses.

— Não sou idiota, Lloyd. Contratei detetives particulares há mais ou menos um ano. Tive medo que fizessem perguntas demais e alertassem Douglas, mas mandei-os espionar os irmãos durante dois meses. Nada.

— Qualquer homem pode ser bom durante dois meses, Outono. O motivo por que o encontro com Douglas não obteve êxito está em você não poder relacionar-se com ele a nível profissional. Está demasiado envolvida, pessoal e emocionalmente. Deixe-me colocar alguns homens competentes em cima deles.

Ela sacudiu a cabeça.

— Agora estou em condições de movimentar-me em círculos aos quais um detetive não tem acesso. Posso fazer perguntas que parecerão mexericos. Você não conhece essa gente como eu. Se mandar um estranho bisbilhotar aqui, vão fechar as bocas feito túmulos.

Lloyd franziu o cenho, aborrecido. Atirou o guardanapo sobre a mesa.

— Tenho esperado anos para que você esteja livre, anos para que amadureça. Agora está livre e quase adulta, mas ainda estou esperando. Quero-a comigo agora. Não na próxima semana ou no próximo mês, mas agora. Ou volta comigo para San Francisco ou não volta mais. Ao menos não para mim.

Outono encoiou o corpo como se houvesse levado um tapa. Balançou a cabeça.

— É injusto. Está sendo tão injusto. Sabia que isso poderia levar meses. Por que essa mudança repentina?

Ele levantou-se da mesa e fitou-a com um olhar fixo e teimoso.

— Acho que devemos conversar sobre isso no quarto.

— Não — disse ela energicamente. — Acho que devemos conversar sobre isso aqui e agora.

— Você tem feito as coisas à sua maneira há muito tempo, querida. Está na hora de fazer as coisas à minha maneira. Ou vai ser do meu jeito, ou nada feito.

Outono soube pelo tom de voz dele que nenhuma conversa o faria mudar de ideia. Lloyd fora como uma linha vital nos últimos sete anos e podia sentir uma frieza estupefaciente começando a disseminar-se por toda ela. Quantas pessoas mais precisaria perder antes de tudo terminar? Olhou através da mesa para ele e falou com a voz triste.

— Não gosto de ficar sozinha. Odeio. E não quero perder você, mas preciso fazer isso. — O rosto dele permaneceu impassível, e ela se levantou. — Adeus, Lloyd. Espero que tenha um voo seguro para casa. Meus pensamentos estarão com você.

OUTONO não sabia o que esperar após a tempestade que criara no escritório de Douglas, mas telefonemas esperavam-na na secretária eletrônica quando voltou a Edisonville. Tentando consertar as coisas, telefonou em resposta e aceitou um convite para jantar. Ao fim da primeira noite juntos, sabia alguma coisa do homem, sem que ele se desse conta. Douglas Osborne era muito solitário e entediado ao ponto da frustração. Ela entrara em sua vida em um momento de vulnerabilidade, acrescentando um toque de excitação e um novo desafio.

Um jantar levou a outro e a outro. Para sua surpresa, era fácil conversar e ficar com ele. Tinha uma maneira de fazer a mulher se sentir especial; era cortês a ponto de ser antiquado. Conversaram sobre a loja de roupas, mas Outono percebeu ser difícil para ele discutir negócios com uma mulher. Simplesmente não fazia parte de seu mundo.

Duas semanas depois do encontro no escritório, estavam jantando quando ele colocou um papel diante dela.

— Pedi para John Allison preparar isto para mim há alguns dias. Leia e veja se concorda com os termos.

Outono pensou que o papel tinha a ver com a loja de roupas.

— Aluguel? — indagou.

— Não. É o contrato que pediu. Vamos nos casar.

Ela sorriu.

— Vamos?

— Vamos.

— E quando será esse grande acontecimento?

— Esta noite. Tomei todas as providências. A Carroça está pronta, esperando para nos levar ao Reno. Amanhã será a sra. Douglas Osborne, senhora da casa dos Osborne.

Outono só ouviu as palavras “senhora da casa dos Osborne”. Pensou nos registros no porão, em seguida sorriu e assentiu.

O casamento fora uma ideia com a qual ela brincara em seus momentos de ócio. Após o rompimento com Lloyd, sentira-se desligada dele e de todos os outros vínculos, desesperada para terminar o que começara com a morte de Lonnie. O casamento com Douglas parecera a maneira mais fácil e rápida de sair do nada e chegar ao centro do reino. Agora, de pé olhando o chalé a distância, cercada de flores do campo e dos ruídos do verão, parecia inacreditável que de fato desposara Douglas Osborne — o dragão.

Era um homem complexo: atencioso, galante e generoso. Muito generoso. Nos poucos dias desde o casamento, banhara-a em peles, para mantê-la aquecida contra os invernos de Kentucky, joias para fazê-la brilhar, e um Jaguar em substituição ao Honda. Colocara um anel em seu dedo, ao lado da aliança de casamento de ouro, sem quaisquer objeções ou perguntas. Cem mil dólares haviam sido depositados na conta dela, junto com uma conta separada que ele denominou dinheiro miúdo. Era bondoso e tratava-a com o maior respeito, mas tinha um temperamento irascível que podia explodir com o menor incidente.

Sua comida predileta era a chinesa. Logo depois do casamento, haviam ido a Chicago jantar, e ela testemunhou seu ódio pela primeira vez. De alguma maneira, o garçom confundiu os pedidos e trouxe galinha frita com nozes, em vez do sesame-seed que haviam pedido. Em questão de segundos Douglas estava furioso. Chamou o garçom, o maitre e o gerente na sua mesa e ordenou que o homem fosse

despedido. Somente na viagem de volta para casa Outono soube que ele era dono do restaurante e odiava nozes de qualquer tipo. O garçom foi despedido, não porque cometera um erro, mas porque Douglas odiava nozes.

Outono contemplou o anel de diamantes que Osborne colocara em seu dedo, observando o sol brilhar sobre a pedra, e pensou em Brian e na noite que passara com ele no Rex's. Do filho para o pai em dez anos fáceis, ela pensou. De puta de duzentos dólares para bonequinha de cem mil dólares. Os dois homens tinham ao menos uma coisa em comum. Ambos se dispunham a pagar alto pelo que queriam.

Ela deveria contar a Molly, e voltou-se para o chalé, sabendo que ganhara o máximo de tempo possível. Turtle Ridge ficava a 130 quilômetros de Edisonville. As notícias demoravam para chegar à cidadezinha escondida, porém mais cedo ou mais tarde Molly saberia de seu casamento. Outono sentiu a tensão em seus ombros e saiu correndo, algo que acrescentara à rotina diária da manhã. Algumas corridas pelo quintal ajudavam-na a enfrentar o dia. Vários saltos na piscina deixavam-na exausta e ajudavam-na a dormir à noite.

Molly soltou uma gargalhada quando Outono entrou como um raio na casa.

— É bom ver você correndo por aí de novo. Tem estado tão quieta e desanimada nas últimas vezes em que esteve aqui que fiquei preocupada com você. — Tomou o rosto de Outono e virou-o para a luz. — Parece um pouco pálida. Está comendo bem? Este hábito que tem de não comer não é bom para você.

— Estou me alimentando — Outono sentou-se no sofá e acariciou a almofada a seu lado. — Sente-se, tia Molly. Tenho uma coisa para lhe contar. — Os anos pareceram retroceder quando levou Molly para o passado com ela. O chalé tornou-se uma pequena casa com Lonnie sentado no alpendre, ouvindo-a cantar e tocar violão, caminhando com ela no bosque, fazendo amor à luz da lua. O tom de sua voz tornou-se tenso quando lembrou a Molly a explosão da mina e o dia em que o carro de Lonnie havia caído no dique. Fria e dura quando explicou por que voltara a Edisonville e por que casara com Douglas Osborne.

Molly balançou a cabeça reprovadamente, a voz cheia de preocupação com Outono.

— Meu Deus, e se ele descobrir?

— Jamais descobrirá. Para Douglas não passo de uma mulher sem nada mais importante na cabeça do que gastar o dinheiro dele, brilhar com as joias e correr em meu novo carro.

— E ele casou com você pensando assim?

— Douglas está chegando aos sessenta, tia Molly. Não está à procura de amor, nem filhos, nem dedicação. Coloquei-me à venda, e ele comprou uma bela mulherzinha para enroscar-se em seu braço, a qual pode levar para a cama. — Outono levantou do sofá e foi até a janela que dava para o rio.

Durante o período de “galanteio” ela mantivera Douglas afastado, como prometido. E quando se casaram, copulara com ele por reflexo. Ele preferia dormir sozinho, assim, logo que possível, ela ia para seus aposentos e entrava em um banho quente ou nadava bastante.

Outono voltou-se da janela e fitou Molly.

— Não quero que se preocupe. Vai dar tudo certo. Chamarei Artie. Estará na cidade se precisar dele.

— Posso entender como se sente em relação à morte de Lonnie, mas não adianta. A vingança é má, Outono. Corrói a alma e torna-a amarga. No fim, quem vai pagar mais caro será você.

— Não estou em busca de vingança, tia Molly. Quero apenas justiça. Se a lei em Edisonville tivesse feito seu trabalho, eu não estaria aqui agora. Preferiria estar em San Francisco, cuidando de minhas barracas de cachorro-quente.

— Lloyd — indagou Molly. — Ele sabe que você se casou?

— Não. Não lhe contei. — Virou-se para a janela e caminhou rapidamente até o telefone. Não

queria falar sobre Lloyd. Ele tomara sua decisão e ela a aceitara. O que estava fazendo agora ou com quem casara não era mais da conta dele. Eram sócios nos negócios, apenas isso. — Vou telefonar para Artie, e depois preciso ir embora. Douglas vai dar um jantar esta noite para apresentar a nova esposa à família e aos amigos.

Outono contemplou o teto alto e antiquado e mergulhou na grande banheira de mármore. Havia um quarto para tudo na casa dos Osborne, e tudo tinha seu próprio quarto — um quarto para a manhã, um jardim de inverno, um quarto de costura, uma sala de música. — 39 salas ao todo, com um salão de bailes suficiente para a aterrissagem do Carroça de Burro.

Um grande candelabro caía de um teto alto e dourado que se erguia imponente sobre o vestíbulo, que tinha a extensão da casa, com corredores levando às alas leste e oeste. O local predileto de Outono era o jardim de inverno. Um pouco pequeno, com uma cadeira forrada de chintz dourado e rosa antigo. A cadeira ficava de frente para uma fileira de janelas que davam para um jardim de rosas, com uma fonte que jogava água sobre um lago em formato de trevo.

Esticou-se preguiçosa no banho espumante e estava fechando os olhos quando Daisy entrou correndo e apressou sua saída do banho. Daisy era magra, pálida e usava os cabelos em um permanente excêntrico. Era a única da casa com coragem para enfrentar Douglas.

Daisy falava enquanto circulava em volta de Outono com um vestido de fios dourados que se unia nos seios. Adorava conversar, e Outono soubera através dela que Homer gostava muito de jogar. E que Bea, esposa de Homer, adorava o marido. Nada havia que Bea não fizesse por ele.

Daisy gostava de ter uma garrafa no quarto, e quando dava alguns tragos tornava-se mais falante. Outono podia sentir o cheiro de uísque em cada suspiro de Daisy. Outono afastou-lhe as mãos.

— Posso me vestir sozinha, Daisy.

— Sempre foi meu trabalho ajudar as mulheres desta casa a se prontarem para festas. — Colocou Outono sentada diante da penteadeira e lutou para penteá-la. — Eu faço isso. Sou boa nos cabelos.

Outono olhou pelo espelho para Daisy ondulando-lhe os cabelos e estremeceu. Se Daisy tinha um cargo, era o de governanta. Fora empregada de Edith, e depois babá de Brian, e ainda era leal a ele. Outono estava para ouvi-la dizer uma palavra boa de Douglas, embora ele continuasse a conservá-la. Daisy escovava os cabelos de Outono enquanto falava.

— Sem dúvida é bom ter uma mulher de novo na casa. O sr. Osborne tem estado terrivelmente sozinho desde que Brian foi embora. É claro, como eu disse, foi tudo culpa dele. Brian é tão voluntarioso quanto o pai. Não se pode mandar naquele garoto como ele faz com os irmãos. — Daisy escovava o cabelo de Outono de um lado para o outro. — Não sei por que o sr. Douglas não voltou a se casar mais cedo. É do tipo que precisa de uma mulher para ele. Pode ser um verdadeiro ordinário, mas é bom para as mulheres. Claro, espera que elas correspondam. Ficou do lado de Harriet e foi em cima de George quando ele se envolveu com aquela garota de Potsville. Avisou George. Mais uma vez e ele estava fora.

Outono só escutava o que Daisy dizia em parte. Agora ficara alerta.

— George gosta de mulheres?

— Gosta, mas agora está com medo. Morre de medo de Douglas e Harriet. Não que eu culpe George. Aquela Harriet é uma vaca de coração gelado. Foi para a cama com Douglas, sem ligar para Edith, que morreu no mesmo quarto.

Outono voltou-se e fitou Daisy.

— Douglas teve um caso com a mulher do irmão?

— Teve. A velha Harriet, quando casou com George, pensou que estava pegando um ricaço, mas foi ludibriada. Pensou que ia trocar o irmão pobre pelo rico, mas Douglas é muito esperto para comprar uma vaca quando o leite é de graça. Edith teve câncer, você sabe. Tenho que elogiar o seu Douglas. Fez tudo

que pôde para tornar os últimos dias dela o melhor possível. Ele amava Edith e foi sincero com ela quase até o fim. Virou-se para Harriet nessa época. Harriet tem uma língua desgraçada, mas não se preocupe com isso.

— É bom que Homer não tenha o mesmo problema, senão Douglas ia ficar com as mãos cheias.

— Humm — resmungou Daisy. — Homer não é anjo. Alguns anos atrás, ele se meteu com jogo e perdeu uma propriedade que o seu Douglas tinha posto no nome dele para isenção de não sei quê.

— De imposto de renda? — indagou Outono.

— É, é isso. Isenção de imposto. De qualquer maneira, ele se entusiasmou e perdeu a propriedade. O seu Douglas quase precisou ser amarrado. Quase matou Homer. Fez ele pagar cada centavo de volta.

— Como sabe disso tudo?

Daisy deu um sorriso, aproximou-se mais e lançou uma respiração azeda sobre Outono.

— Ouço pelos buracos das fechaduras. Não há muita coisa nessa casa que eu não saiba.

Outono anotou mentalmente para tomar muito cuidado e guardar seus próprios buracos de fechaduras. Olhou para o espelho e fingiu estar perscrutando o próprio reflexo.

— Conte-me sobre Dale. Ele também gosta de jogar?

— Não, e também não gosta de mulheres. — Deu um cutucão em Outono. — Se entende o que estou querendo dizer.

— Ele é homossexual? — indagou Outono, os olhos arregalados de surpresa.

— Não sei o quanto ele é homossexual, mas é veado como só. Leva as mulheres para sair, mas só para disfarçar. Ordens do sr. Douglas. Ele pode ter seus queridinhos, mas só se for discreto.

Outono explodiu em gargalhadas, virou-se e estava abraçando Daisy, quando Douglas entrou no quarto. Franziu o cenho, aborrecido.

— Vai aprontá-la, Daisy? As pessoas estão começando a chegar.

— Não preciso que você me apresse, garotão.

Douglas olhou para os cabelos de Outono e deu um empurrão em Daisy.

— Acho melhor a própria Outono arrumar os cabelos. E fique longe da garrafa. Você cheira como um alambique.

— Você precisava saber. — Antes de sair, Daisy inclinou-se e sussurrou. — Não deixe escapar uma palavra do que lhe contei. Aquele merda me mataria se soubesse que andei bisbilhotando.

Outono balançou a cabeça, pegou a escova e começou a arrumar os cabelos.

— Só vai demorar um instante.

O olhar dele encontrou o seu pelo espelho.

— Quero que seja uma boa garota esta noite. Isso aqui não é San Francisco, e você não está em um bar. É a sra. Douglas Osborne, senhora da casa dos Osborne. Não quero que mande alguém se foder só porque não gostou de alguma coisa que disse.

— Quem, eu? Nunca. Por acaso, convidei Bob Proctor. Queria alguém a meu lado.

— Está nervosa em encontrar a família?

— Por que deveria ficar nervosa? Duvido que você me chute se eles não aprovarem.

— Você é desgraçadamente segura de si mesma, mulher. Acha que me laçou direitinho, não é?

Outono sorriu para ele pelo espelho.

— E não lacei?

Osborne soltou uma risadinha e puxou uma caixa de veludo cinza do bolso da camisa.

— Gostaria que usasse isso esta noite. É um bem de família. Não posso lhe dar, mas pode usá-lo sempre que quiser. Toda esposa de um Osborne usou esse pingente. Algum dia a mulher de Brian vai usá-lo... se algum dia ele se acomodar o suficiente para encontrar uma. — Retirou um pingente de rubi da

caixa, do tamanho de um ovo de codorna, e colocou-o no pescoço de Outono. A pedra caiu na concavidade entre os seios, a cor de vinho tinto contra sua pele clara.

Ela tocou a gema com a ponta dos dedos.

— É lindo — disse com sinceridade.

Osborne percorreu-a com os olhos de modo aprovador.

— Você é uma mulher orgulhosa, Outono, e alta. Usa bem a joia. Edith era pequena. O rubi ficava ridículo nela. — Pegou Outono pelo braço e levou-a em direção à porta. — Venha, ou nos atrasaremos para nossa própria festa.

— Estou ansiosa para conhecer sua família. Ouvi falar muito deles e estou muito curiosa.

— Oh — fez ele, arqueando uma sobrancelha. — O que quer dizer com isso?

Ela sorriu.

— Que são pessoas muito interessantes, com muitas, muitas facetas.

V uatro ervilhas de uma vagem, pensou Outono após o encontro com os irmãos Osborne. Os quatro homens eram altos, com cabelos louros grisalhos e olhos azuis. Logo percebeu que havia inúmeras diferenças. George nunca parava de se promover; um fanfarrão superentusiasta, parecia mais político do que Homer. George era bastante corado, uma risada nervosa semelhante a um ronco e a cintura larga. Os olhos pareciam fortemente atraídos pelo rubi, ou pela concavidade.

Homer, por outro lado, vestia-se bem, cultivando um bigode levemente torcido que o diferenciava em aparência dos irmãos. Tinha um sorriso rápido e fácil, mas os olhos jamais a encaravam; movimentava-se e falava com calma artificial. Fazia-a lembrar de uma chaleira fervendo que poderia explodir a qualquer momento, com um zumbido ensurdecedor.

Superficialmente todos pareceram amigáveis, mas ao longo da noite Outono pôde sentir a desaprovação da família, exceto a rechonchuda e rosada Bea. E a aberta hostilidade da esposa de George. Harriet tinha uma maneira escorregadia de falar e um hábito de torcer uma mecha de cabelos tingidos entre os dedos como uma garotinha travessa. Os olhos escuros faiscavam, e falava com rapidez, por vezes dominando a conversa. As mãos movimentavam-se enquanto falava, os diamantes reluzindo.

Outono conseguiu entender por que Douglas se sentira atraído por ela. Era evidente que já fora uma beleza. Infelizmente, não tinha a pele nem os traços próprios para resistir bem ao tempo. Os anos, ou a vida com um Osborne, transformaram-na em uma mulher de meia-idade sem encantos.

Havia 35 convidados, mas Outono estava unicamente interessada nos irmãos. Depois do jantar, ficou com Douglas, bebericou um drinque e observou a movimentação deles pelo salão, de um grupo a outro. Às vezes Dale pegava-a observando-o e sorria levemente. Era o mais jovem dos quatro irmãos, falava suavemente e com modos educados. Mantinha-se à margem da reunião, como se estivesse ali apenas porque exigiam sua presença. Outono sentiu uma força de caráter em Dale que faltava a George e Homer. Se o que Daisy dissera fosse verdade, Dale precisaria de força para sobreviver em uma cidade cheia de puritanos como Edisonville.

Outono observou Dale bebericando seu drinque e pousou a mão no braço de Douglas.

— Acho que vou me misturar um pouco com as pessoas. — Quando ele assentiu, ela virou-se para afastar-se, mas Harriet aproximou-se deles.

Harriet ofereceu um sorriso que não chegava a seus olhos. Deu um tapinha na bochecha de Outono como se faz com uma criança.

— Ela é tão jovem, Douglas. Não se sente completamente velho tendo uma esposa tão jovem?

— Ao contrário. Nunca me senti mais jovem.

— Que bom — disse ela secamente. Correu os dedos pelo rubi e ergueu-o dos seios de Outono. — Como arrancou isso dele, minha querida? Uma vez pedi para usá-lo e ele quase me degolou.

Outono sorriu e deu um tapinha no rosto de Harriet.

— Existem maneiras, minha querida. — Voltou-se para Douglas. — Definitivamente acho que devo me misturar com as pessoas.

Ele sorriu.

— É, acho que deve mesmo.

Outono deixou Douglas lidando com Harriet e foi até o canto onde Dale encontrava-se sentado. O mais notável em Dale eram suas orelhas. Eram muito largas para o resto da cabeça. Ele sorriu vagamente quando Outono se sentou em uma cadeira ao lado dele.

— Mulher idiota — disse ele.

Outono virou a cabeça para um lado.

— Sou idiota?

— Você veio para esta cidade e casou com meu irmão. Isso é idiotice. Vai descobrir que o dinheiro não valerá a pena.

— Acha que casei com Douglas por causa do dinheiro?

— Não acredito que tenha sido por causa de sua boa índole. Só sobra o dinheiro.

— Não gosta de mim por isso?

— Não, mas outros não gostam. George, porque gostaria de ter você para ele e não pode. Homer, porque tem medo que você tire algo dele. Harriet, porque você é jovem e ela não. E porque a substituiu.

— Eu a substituí, como?

— Após a morte de Edith, ela se tornou a rainha. Era a sra. Osborne. Agora não passa da sra. George Osborne. Harriet não gosta de segundo lugar. Vai tornar sua vida um inferno. — Debruçou-se em direção a ela, estreitando os olhos. — Meu conselho é: corra, o mais rápido que puder. Saia da cidade e fuja de meu irmão antes que seja devorada por ele e por Edisonville.

— Parece que você odeia a cidade e seu irmão.

— Não, não os odeio, mas odeio seu pensamento antiquado.

Outono agora sentia-se razoavelmente segura de que o que Daisy lhe dissera era verdade. Havia uma delicadeza em Dale, mas conhecera homens com características femininas em San Francisco que eram conhecidos como demônios na cama. E conhecera homens que eram muito masculinos na aparência, mas eram homossexuais. Só havia uma maneira de ter certeza, e olhou-o atentamente.

— Quando percebeu pela primeira vez que era homossexual?

Ele pareceu confuso por um instante e lançou um olhar para Douglas.

— Estou surpreso dele ter-lhe contado. Doug tenta fingir que não existo.

— Douglas não me contou. Eu adivinhei. Conheço muitos homossexuais em San Francisco. Após um certo tempo, torna-se fácil identificar as pequenas diferenças. Por que não sai dessa cidade e vai para algum lugar em que seja aceito?

Ele sorriu tristemente.

— Para o caso de ninguém ter-lhe dito, Dale não sabe fazer nada. Quando a mina abriu, eu tinha um trabalho e uma renda; um escritório com meu nome na porta e uma grande escrivania de mogno. Tinha até uma secretária. Quando Black Jewel foi fechada, Doug começou a me dar uma pensão. Tenho 44 anos, Outono. Estou muito velho para recomeçar.

— Dinheiro? É o dinheiro que o mantém aqui?

— Dinheiro e medo. Sou como a mulher que foi protegida a vida inteira pelo marido. Ficaria aterrorizada de ir embora fazer sua vida sozinha. Não conseguiria, a não ser que fosse forçada. — Fez uma pausa e bebericou o drinque. — Se meu próprio irmão me nega emprego, quem vai me dar? — Colocou o copo sobre a mesa e se levantou. — Acho que vou para casa me enrolar com um qualquer. — Voltou-se e já estava a meio caminho da sala quando hesitou e olhou para trás. — Faculdade. Eu percebi no meu primeiro ano de faculdade.

Outono ficou sentada calmamente durante algum tempo, observando os grandes de Edisonville no salão. Ouvia parcialmente o ruído das conversas, o tilintar do gelo contra o cristal. Pensou em Dale e como poderia usar o que lhe contara. Talvez ele precisasse de um empurrão, mas havia uma maneira de ajudá-lo, e a si mesma ao mesmo tempo.

Ficou surpresa e satisfeita por ele ter se aberto e falado com ela tão livremente, como se estivesse se aliviando de uma pressão contando-lhe a verdade. Fora o primeiro da família a demonstrar amizade,

exceto Bea. Logo depois de voltarem da pequena viagem ao Reno, Bea apressara-se a oferecer sua torta de maçã Betty, a qual Douglas não podia recusar.

Havia uma doçura naquela Bea rechonchuda e rosada. Bastou conversar rapidamente com ela para perceber que Homer era a lua, o sol e as estrelas para Bea. A igreja e o abrigo para crianças de Edisonville representavam sua segunda paixão. Desde o primeiro encontro, Bea insistira com Outono para que ajudasse as crianças.

Bea tinha um hábito que deixava Outono louca. Bem no meio de uma conversa ela ficava em silêncio, olhando para o nada, os olhos fixos. A única maneira de trazê-la de volta era dar-lhe uma cotovelada rápida. Daisy achava-a amalucada, mas de bom coração.

Outono misturou-se aos convidados e por fim foi para onde Douglas estava com John Allison, seu advogado. Após conversar com os dois durante alguns minutos, afastou-se em busca de Bob. Encontrou-o sentado nas escadas do vestíbulo com Lisa, filha do dr. Albright e antiga noiva de Brian. Lisa divorciara-se e agora morava em Edisonville. Uma palavra descreveria Lisa: voluptuosa. Longos cabelos louros caíam em seus ombros nus, bastante bronzeados. Fazia beicinho e tinha um modo de falar preguiçoso e entediado.

— Você se incomodaria se eu pegasse Bob emprestado um pouco? — indagou Outono. — Preciso falar com ele.

Lisa deu de ombros, o busto grande estremeando. Levantou-se das escadas, lançando um olhar rápido para Bob.

— Estarei no bar, ou perto.

Bob observou-a afastar-se e abriu um sorriso.

— Hummmmm, que senhora desbocada. Rolar na cama dela equivale a uma semana de jejum. Na última vez que passei a noite com ela, perdi três quilos.

Outono deu um tapinha nas costas dele.

— Melhor uma noite só. Sua bundinha pode não aguentar tanta acrobacia.

— O que quer dizer? Tenho uma boa bunda.

— Boa, mas magra. — Passou o braço pelo dele e virou-se para o terraço. — Está quente aqui dentro. Vamos lá para fora pegar um pouco de ar puro. — As pessoas espalhavam-se pelo terraço, assim ela levou-o ao longo de um caminho que dava no jardim de rosas. Conforme caminhavam, Outono contava-lhe o que soubera de Daisy e Dale. — Quero que aguarde uma semana mais ou menos, em seguida, procure Dale e ofereça-lhe cinquenta mil por suas ações da Black Jewel, e um emprego em minha companhia. Se ele aceitar, entrarei em contato com meu pessoal e arranjarei tudo.

— Um pouco perto, você não acha?

Ela assentiu.

— Eu o mandarei para nosso escritório de Seattle. Dale acha que não sabe fazer nada, mas nenhum homem se senta em uma posição de comando durante anos sem aprender bastante. É medroso, portanto devemos dar-lhe um empurrão.

— Que tipo de empurrão?

Outono sacudiu a cabeça.

— Agora não.

Bob franziu o cenho, preocupado.

— Maldição, Outono. Não posso trabalhar às cegas. Nunca sei o que você vai fazer. Como seu advogado, preciso saber o que está planejando.

— Sou uma solitária, Bob. Quando achar que você precisa saber de algo, então lhe contarei. — Sorriu quando chegaram à fonte. — Além do mais, nem sempre me conheço, até eu agir.

— Você é impossível, mas devo obedecer. — Deu um salto repentino, agarrou o ar e estendeu a mão para ela. — Um presente para minha donzela fiel.

Outono soltou uma gargalhada com a tolice de Bob e bateu com a mão no busto.

— O que, bravo cavalheiro, tens para esta virgem humilde?

Ele fez uma reverência.

— Um punhado de luar.

— Ahhh, este é um presente que me nutrirá quando for idosa e solitária. — Deixou-se cair no banco junto à fonte, sentindo o respingo nas costas, estremeando com a água fria. — Acho que você tem um certo romantismo, Bob.

— É. — Ele zombou, investindo sobre ela. — Quer um chamego?

— Outono! — Douglas saiu das sombras, sorriu para Bob e pegou Outono pelo braço. — Está deixando os outros convidados de lado. — Levou-a para o interior da casa, onde ficou muito animado. Dançaram, ele brincou em relação ao casamento apressado e a sorte que tinha, abriu uma garrafa de champanhe e brindou com ela. No entanto, pareceu aliviado quando o último convidado deixou a casa.

— Qual o veredito? Passei na investigação da cidade?

— Isso ainda será decidido. — Guiou-a pela escada circular, os lábios em uma linha cruel.

Ela hesitou quando chegaram ao quarto e olhou-o intrigada.

— Algo errado?

— Não banque a inocente, Outono. — Colocando a mão nas costas dela, ele abriu a porta e empurrou-a para o quarto, recuou a mão e esbofeteou-a no rosto com tal força que o ruído perturbou o silêncio do quarto.

A força da mão dele lançou-a de costas. Ela ofegou ferozmente, tropeçou e bateu com a maçã do rosto na ponta de uma cadeira recortada. A dor explodiu em um dos lados da cabeça e tirou-lhe a visão por um instante. Atordoada, ela olhou-o andar de um lado para o outro gritando. O discurso dele era desconexo.

— Casado há poucos dias e você me desgraçou diante de toda a cidade... Homer viu... brincando com a bunda de Bob... ridicularizado... fui avisado por George... manter um olho na minha esposa jovem e sensual... Harriet... regozijando-se ao vê-la brincando no jardim de rosas com o Bob.

Outono escutou, de súbito tomada por ódio cegante. Quando Osborne deu um passo em sua direção, Outono correu para a cama, abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira com um movimento brusco e puxou a arma de Lonnie.

— Seu filho da puta. Se me bater de novo, arranco seu rabo com um tiro.

Ele parou em meio a uma passada, os olhos fixos na pistola. A visão do cano de metal apontado diretamente para ele pareceu fazê-lo recobrar o bom senso, e falou calmamente.

— Sua louca. Sabe o que está fazendo? Sabe ao menos como usar esta coisa?

— Não, mas a essa distância vou acertar você em algum lugar. — A voz tremia enquanto ela gritava. — Fora, fora daqui... sai de perto de mim. — Arrebentou o cordão que sustentava o rubi e jogou-o sobre ele. — E leve sua maldita herança de família junto.

Ele olhou para a arma sustentada pela mão trêmula e recuou para a porta.

— Conversaremos amanhã... depois que você se acalmar.

A dor na cabeça transformara-se em um rugido que bloqueava todo pensamento racional. Outono só queria escapar de Douglas e da casa dos Osborne. O rubi ainda estava caído no chão e chutou a pedra, que rolou. Em seguida correu até o quarto de vestir e puxou uma valise do armário. Atirou as roupas na valise em uma massa desordenada, enfiou a arma na bolsa. Agarrou a valise e saiu correndo do quarto, descendo o comprido lance de escadas. Na pressa, a mala bateu contra o corrimão, fazendo um eco que

ricochetou no teto alto de ouro e voltou até a cabeça dolorida.

O Jaguar permanecia estacionado diante da casa desde a volta de Turtle Ridge. Lançou a valise no assento, entrou no carro e enfiou a chave na ignição. O motor pegou, e ela engrenou o carro violentamente, os pneus cantando enquanto pisava fundo no acelerador.

As árvores altas ao longo do caminho sinuoso estavam imprecisas enquanto o carro afastava-se a toda velocidade da casa Osborne e de Douglas. O fim do caminho foi iluminado pelos faróis, e ela freou, derrapando para Oakwood Drive. Outono praguejou e virou o volante. Pisou no acelerador. Com as rodas presas ao solo, o Jaguar endireitou-se e o motor rugiu, um trovão contra o silêncio.

O ponteiro do velocímetro subia cada vez mais, mas Outono não desacelerou até as luzes da cidade brilharem a distância. Reduzindo, virou na Mason, em seguida na Broadway, e parou bruscamente no meio-fio, junto a uma cabine telefônica. Tinha poucas moedas na bolsa. Suando, saiu do carro e fez uma ligação a cobrar. A ligação foi completada, e a voz de Lloyd surgiu na linha.

San Francisco parecia a anos de distância; Lloyd parecia a anos de distância. Prometera a si mesma não voltar a procurá-lo, mas esse caso não podia enfrentar sozinha. Para ele, bastava estalar os dedos e o mundo se abria. Poderia ter o que quisesse em Edisonville em questão de horas.

Ele falou o nome dela várias vezes antes de finalmente ela falar.

— Estou aqui, Lloyd. Desculpe telefonar tão tarde, mas preciso de um favor. Dois favores.

— Você parece preocupada. Está bem, Outono?

— Estou. Quanto aos favores...

— De que precisa?

— Preciso de uma puta. Deve ser jovem, mas não muito. Morena, ardente, sem escrúpulos, mas esperta o suficiente para saber quem manda. E preciso de um trapaceiro. Gostaria que fosse mulher. Não precisa ser bonita, basta ter algumas qualificações. Leal apenas a mim. Pode conseguir isso?

— A puta é fácil. A trapaceira levará uns dois dias. O que está acontecendo, Outono?

— Não quero falar agora. Estarei no Holiday Inn. Telefone-me amanhã.

— Escute, querida. Você me telefona no meio da noite, evidentemente preocupada e pede uma prostituta e um trapaceiro. Não acha que mereço uma explicação?

— Por favor — sussurrou ela. — Mande-os apenas.

O AMANHECER surgia, e Outono não conciliara o sono, irritada. Por fim, dormiu agitada. Acordou sentindo-se cansada, puxou o cobertor para a cabeça e tentou voltar ao sono, mas pensamentos e imagens povoavam-lhe a mente. Bob, rindo e brincando tolamente à luz do luar. Douglas, gritando como um homem repentinamente enlouquecido. Ela mesma, segurando a pistola de Lonnie, a arma em que mal tocara em todos esses anos.

Foi até o banheiro, entrou no chuveiro e deixou a água quente bater-lhe nas costas, diante dos resultados da tempestade na casa dos Osborne. A noite agora parecia irreal, mas por um breve instante Outono deu-se conta de que poderia matar Douglas Osborne. O pensamento era desconcertante. Ela saía correndo da casa, não só furiosa, mas com medo. Furiosa com Douglas e a família por transformarem uma coisa inocente em uma confusão nojenta, e com medo devido às suas próprias emoções violentas. Sempre zombara do ditado que dizia que qualquer um seria capaz de matar em determinadas circunstâncias. Na noite passada aprendera que aquilo era verdade.

Saiu do chuveiro, secou-se e foi ao espelho sobre o toucador. Um feio ferimento formava um círculo na maçã do rosto. Tocou-o cautelosamente com as pontas dos dedos, estremeando. Bom com as mulheres, dissera Daisy. Talvez para a última esposa, Edith. Lançara-se sobre ela como um leão enfurecido. Sem dúvida, a maneira de Douglas fazer as mulheres se comportarem.

Sentiu a amargura da noite passada na boca. Passou a língua pelos dentes e ansiou por uma escova para retirar o gosto do clã Osborne. Após lavar a boca com água, saiu do banheiro e tirou um roupão do valise, pegou uma escova na bolsa e estava lutando com cachos enroscados quando o telefone tocou.

Outono praguejou. Apenas Lloyd sabia que ela estava no Holiday Inn. Ele ia querer fazer perguntas que não estava pronta para responder. Seu casamento com Douglas não era assunto que quisesse discutir com ele pelo telefone. Ouviu o toque estridente do telefone várias vezes antes de atender.

— Sinto muito ter telefonado na noite passada. Não devia ter feito isso.

— Mudou de ideia?

— Não. Mas eu poderia ter esperado até hoje para telefonar.

— O que aconteceu?

— Descobri informações importantes. George gosta de mulheres que não a esposa. Homer tem, ou tinha, uma queda pelas cartas. Ambos receberam avisos de Douglas, portanto acho que posso estar perdendo tempo. No entanto, devo tentar.

— Você estava preocupada na noite passada. O que houve?

— Nada — disse ela prontamente. — Apenas uma fraqueza minha. Artie vai chegar daqui a poucos dias. Então será mais fácil. Não me sentirei tão só.

Fez-se longa pausa do outro lado da linha, e ela podia vê-lo pensativo, tocando na cicatriz do queixo. A voz estava calma quando ele voltou a falar, mas Outono sabia que a testa de Lloyd estava franzida.

— Por que não está em seu apartamento?

— Está pintando — desculpou-se ela rapidamente. — Mandei pintar o apartamento e o cheiro de tinta me deixa enjoada. — Recostou-se nos travesseiros, mudando de assunto imediatamente. — Já pensou no que falamos ontem à noite?

— Já. A mulher em que estou pensando é Ginger Olson. Já trabalhou para mim antes. Pode confiar

nela, se lhe der dinheiro. Ginger tem 24 anos, é alta, cabelos pretos compridos, olhos verdes de gatinho e um corpo que fará seu homem ter sonhos molhados.

— Que bom... hem?

— Isso mesmo.

— Inteligente também, espero.

— O suficiente.

— Explique-lhe que o serviço será para uma noite ou um fim-de-semana. Ela poderá ficar aqui várias semanas. George não deve saber que é uma garota de programa. Quero que pense que toda essa coisa boa é para ele. Quando e se ela o pegar, deverá ser esperta o suficiente para segurá-lo. Ela terá que sugar a conta bancária dele, tirar tudo que puder. Ele deverá implorar por dinheiro.

— Brutal!

— É, você me ensinou bem, Lloyd. Além do mais, só estou providenciando o pote de esmolas. Ele não vai precisar esticar a mão. O mesmo para Homer. Eu preparo a cena, mas ele não precisa se sentar na mesa de pôquer. Algo nesse caso?

— Não, mas botei meu pessoal trabalhando nisso. Devo ter algo amanhã. Volto a me comunicar com você.

— Não — retrucou ela rapidamente. — Não tenho certeza de onde estarei nos próximos dias. Telefone para você.

Lloyd ficou em silêncio durante um longo instante, e quando voltou a falar, a voz soou distraída.

— Quando vem a San Francisco?

— Eu não estava planejando ir até a reunião da junta em agosto. Por quê? Algum problema?

— Não... nenhum. Quero conversar com você, mas isso pode esperar. Vejo você depois, querida.

Jogando, pensou ela. Douglas jogando, Lloyd jogando. O casamento colocara seu objetivo ao alcance, mas criara novos problemas. A casa não podia ser usada como endereço, e receava dar ou receber telefonemas de fora da cidade que pudessem ser localizados por Douglas. Dera a Ella o número de seu escritório para o caso de precisarem entrar em contato, e ela e Lloyd não se haviam comunicado, portanto os telefones não haviam se tornado um problema até o momento.

Colocou a valise na cama e tirou uma calça Levi's, um pulôver e calcinha. Estava enfiando uma perna na calcinha quando ouviu uma batida à porta. As batidas eram suaves mas contínuas. Quando se tornaram mais insistentes, colocou a calcinha com movimento brusco, atravessou o quarto e abriu a porta.

— Bom dia, seu velho desgraçado. Como me encontrou?

Douglas entrou no quarto e fechou a porta calmamente.

— Não foi difícil. Você tem o único Jaguar vermelho da cidade. Ele ficou no estacionamento como um aviso em néon.

— O que quer?

— Minha esposa. Vim levá-la para casa.

— Não posso voltar, Douglas. Acabaria matando você e toda sua família.

— Não ia não. Porque o que aconteceu na noite passada não se repetirá jamais. Já falei com meus irmãos e com Harriet. Não vão mais me contar histórias. Como minha esposa, você será tratada com o mesmo respeito demonstrado a Edith. Por mim e minha família. — Pegou-a pelo queixo e franziu o cenho ao examinar o ferimento. — Nunca bati em uma mulher antes. Mas também nenhuma mulher me deixou tão furioso quanto você.

Outono afastou-se dele e foi até a janela, contemplando a piscina do hotel, onde as crianças brincavam. Não o ouviu caminhar pelo tapete fofo, mas sentiu o calor de seu corpo atrás dela. Ele queria que voltasse por muitos motivos, sendo o mais forte seu orgulho obsessivo. Se fosse cuidadosa, sabia que

poderia usar o incidente a seu favor.

— Quero esquecer a noite passada, mas há outras coisas na casa Osborne de que não gosto.

— O quê? É o seu lar, Outono. Quero que seja feliz lá.

— Não gosto de dormir na cama de sua esposa.

— Só isso? — Ele soltou uma gargalhada e colocou um dedo no cordão do roupão. — Não ligo a mínima para o que você vai fazer naquele quarto. Compre o que quiser. Faça as modificações que desejar.

— Também preciso de uma linha telefônica particular. Estou cansada dos criados ouvindo meus telefonemas.

— Ótimo... providencie isto.

— E meu creme de trigo. Já disse à cozinheira várias vezes como gosto dele, mas ela insiste em fazer à sua maneira. Fica encaroçado.

— Fale com Daisy. Ela dará um jeito na cozinheira.

— Tem mais. — Virou-se da janela e ficou de frente para ele. — Os criados ficam me paparicando, mimando. Mal me deixam comer sem ajuda, mas são seus criados, não meus. A casa é sua, a mobília é sua, as pessoas são suas. Não existe nada nem ninguém na casa Osborne que seja meu. Sinto-me deslocada, como uma hóspede.

Ele deu de ombros.

— O que posso fazer quanto a isso?

— Bem, gostaria de ter umas duas pessoas minhas na casa. Meu cunhado. Está desempregado. Você poderia lhe dar um emprego na casa.

— Cunhado? — Ele pareceu surpreso. — Não sabia que tinha um cunhado.

— Você não me perguntou. O nome dele é Artie McAvan. Foi muito bom comigo depois que meu marido morreu. Gostaria de fazer algo por ele agora. Você lhe dará um emprego?

— Para fazer o quê? A casa já está sobrecarregada de empregados.

Outono não pensara antes no assunto e pensou em qual cargo Artie poderia ser útil. Com uma ideia repentina, ela sorriu olhando nos olhos de Douglas.

— Motorista — exclamou. — Artie seria perfeito, Douglas, é um excelente mecânico. Há poucos dias você estava reclamando que o Mercedes se encontrava em mau estado e precisaria ir para a garagem. E quando o tempo ficar frio no inverno, com certeza não vou querer dirigir na neve. Se preferir que ele não fique na casa, ele poderia morar no apartamento em cima da casa da administração.

Ele sorriu e assentiu.

— Acho que dá para arranjar. Mais alguma coisa irritando a senhora, sra. Osborne?

— No momento não.

— Ótimo. — Osborne foi até a cama e procurou primeiro na valise e depois na bolsa até encontrar a arma. Após verificar a trava de segurança, colocou-a na cintura. — Sabe, acho que realmente você poderia ter me matado. Pelo visto, casei com uma gata selvagem.

Ela fitou-o nos olhos, brilhantes e penetrantes.

— E isso excita você?

— Tudo em você me excita — Pegou-lhe a mão e a esfregou contra a protuberância nas calças, puxando-a para seus braços e para a cama.

Outono olhava pensativa pela janela do Mercedes. Douglas guardara a arma e insistira que o acompanhasse e mandasse buscar o carro depois. Ele assoviava baixinho, estendendo a mão para tocá-la. O jeito de Douglas fazer amor não parecia combinar com o homem. Era intensamente apaixonado, mas generoso e carinhoso. E ela detestava isso. Outono teria preferido que ele fosse brusco e indiferente. Ela

o queria mau. Confundia-a quando ele saía de seu caráter.

Pegou-o olhando-a de canto de olho. Ele soltou uma risadinha.

— Tem mais alguém da família que eu não saiba?

Outono sabia que seria mais sábio negar a existência de Molly, mas disse:

— Tenho uma tia em algum lugar. Não nos falamos. — Empertigou-se no assento quando Douglas virou o carro e a casa Osborne surgiu entre os carvalhos altaneiros. — Lindo — disse com sinceridade.

— O que é lindo?

— A casa. É grandiosa. Uma sensação de raízes. Às vezes, quando olho para a velha mansão, sinto medo.

Osborne olhou-a com um sorriso de prazer.

— Meu avô veio para casa de uma viagem a Louisiana intrigado com algumas casas de fazenda antigas. Mandou construir esta logo depois. Algum dia ela pertencerá a Brian.

— Por que não seus irmãos?

— De acordo com o testamento deixado por meu avô, o primeiro filho a herdaria. O mesmo acontecendo com o rubi. O único modo de meus irmãos colocarem suas mãos gananciosas na casa Osborne é através da minha morte e da de Brian.

— E o resto da propriedade? Pelo que ouvi, você deserdou Brian. Também ouvi que Brian não queria. Ele vai deixar tudo para seus irmãos?

— Claro que não. Nenhum irmão meu é esperto o suficiente. Não deserdei Brian. É meu filho e parece muito com o pai. Quando chegar a hora, voltará e fará o que deve. Não tenho dúvidas quanto a isso. Brian está fora brincando e fugindo de si mesmo e de mim. Tem tino para os negócios. Pode negar isso, mas está nele. Seu cérebro foi feito para as finanças, não para desenterrar alguma tumba, mas deverá descobrir isso sozinho. — Douglas parou o Mercedes diante da casa e ajudou-a a sair do carro. — Por que não tomamos o desjejum e depois selamos dois cavalos e vamos dar um passeio?

Outono olhou-o atônita. Ela só sabia que um cavalo tinha quatro patas, uma crina e um rabo.

— Não entendo nada de cavalos, Douglas. Ainda menos montar em um. São bonitos de se olhar, mas prefiro algo com um volante e um freio.

Ele sorriu e passou os braços pela cintura dela.

— Ajeitarei isso. Antes de terminar com você, eu a deixarei apta a montar. Providenciarei para que tenha lições. Enquanto isso, pode montar Penny, a égua de Brian. Ela tem 15 anos e nunca vai além do trote, a não ser que seja obrigada. Não sei por que ainda a mantenho.

— Talvez pela mesma razão que o faz manter o quarto de Brian da mesma maneira de quando ele foi embora. E seu carro esporte na garagem.

O rosto dele fechou-se e apressou-a em direção à casa. Quando passaram entre as colunas, Jasper, o negro com cabelos brancos como neve, aproximou-se. Douglas disparou suas ordens.

— Leve as coisas da sra. Osborne para dentro, e mande buscar seu carro no Holiday Inn. Sele meu cavalo Trovão e a Penny para a sra. Osborne. Diga à cozinheira que queremos tomar o café da manhã agora.

Outono caminhou com Douglas pela casa, onde foram recebidos por Harriet, que quase caiu sobre eles quando saía do escritório.

— Perdi meu brinco na noite passada.

Outono sorriu, mas sabia que Harriet não perdera o brinco. Vira Harriet na saída e um brinco de diamantes brilhava em cada orelha. Harriet viera ver quanto estrago causara.

— Encontrou? — perguntou Outono.

— Encontrei, estava no jardim de inverno. — Harriet olhou o rosto de Outono com atenção, e a

sombra de um sorriso repuxou-lhe a boca. — Meu Deus. O que aconteceu em seu rosto, querida?

Outono sorriu ternamente.

— Eu e Douglas estávamos transando no chuveiro. Fiquei tão excitada que caí e bati com a bochecha na torneira.

Os olhos de Harriet arregalaram-se em surpresa chocada.

— Bem... Eu nunca!

— Verdade? Douglas, você terá que falar com George. Ele está desprezando Harriet.

— Mulheres de mau gênio. — Ele pegou Harriet pelos ombros e levou-a em direção à porta. — Tenho poucas horas para ficar com minha esposa. Pretendo que elas sejam de paz! Fora! — Voltou para Outono, mas antes que pudesse sair do vestíbulo, Daisy surgiu ao pé da escada e chamou Outono.

Embora estivesse na casa dos cinquenta, Daisy desceu as escadas como uma garota de 15 anos.

— A empregada que a senhora contratou chegou há pouco. Achei que ia querer falar com ela, assim coloquei-a em seu quarto para esperar.

Outono pareceu confusa.

— Empregada? Não contratei uma... — Fez uma pausa, pensativa. — Como é essa mulher?

— Bem. Tem os cabelos brancos, uns cinquenta anos ou mais. Alta, usa uma trança em volta da cabeça.

— Ah, sim. Agora me lembro.

Douglas pareceu divertido.

— Minha esposa parece estar construindo seu próprio ninho na casa Osborne.

— Acho que devo falar com ela agora — disse Outono. Subiu as escadas correndo, olhou para Molly em seu quarto e sacudiu a cabeça, surpresa. — O que está fazendo aqui, tia Molly?

Molly estava sentada ao lado de uma janela, o corpo rígido, os braços cruzados sobre o seio.

— Estou aqui, e não vou embora.

— Não foi isso que lhe perguntei. Por que veio para cá?

— Ontem vi que você não ia mudar de ideia. Estou aqui para impedir que aconteça alguma coisa com você. O que está fazendo não adianta, é loucura, e vai metê-la em graves problemas. Precisarás de mim. — Levantou-se da cadeira, olhou atentamente para Outono e franziu o cenho. — O que houve com seu rosto?

Outono gemeu.

— Um jumento me chutou.

A Única luz no quarto era a da lâmpada que caía do teto por uma corda empoeirada. Teias de aranha prendiam-se feito dedos que faziam cócegas no rosto e cabelos de Outono. Camadas de poeira levantavam-se conforme ela caminhava para a imensa pilha de documentos. O quarto com cheiro de umidade, mergulhado em penumbra, localizava-se do lado de fora da adega. A história das minas Osborne encontrava-se neste quarto, mas ela levaria meses para descobrir o que queria.

Nuvens de poeira ergueram-se quando Outono puxou uma pasta, semicerrando os olhos sob a luz difusa para ler um memorando de Douglas. De acordo com o memorando, as pessoas estavam se voltando cada vez mais para a eletricidade e o gás, e o uso de carvão estava caindo em nível alarmante. Douglas teria uns vinte anos quando escrevera isso. Foi nessa época que ele obteve o controle da destilaria Wellington.

Acomodando-se na beira da pilha, ela passou a hora seguinte mergulhada em registros que eram lançados ao acaso, a década de vinte misturada com a de sessenta e assim por diante. Aborrecida e levemente desencorajada, chutou os arquivos e espirrou com a poeira que levantou no ar viciado.

Outono sabia que Douglas ficaria curioso se ela ficasse muito tempo na adega, portanto suas incursões aos arquivos eram rápidas e em horários singulares. Logo Douglas voltaria para casa, assim ela saiu do quarto, agarrando uma garrafa de vinho quando passou, como desculpa por ter estado na adega.

Subiu as escadas até um quarto fora da cozinha que era usado pelos criados como sala de estar. Artie estava ali com um copo de mate gelado, o que significava que Douglas devia estar em casa. Por algum motivo o marido de repente desejara ser levado para casa. Artie chegara na casa dos Osborne logo depois de Molly. Já estava ali há mais de um mês. Douglas o tratava com a mesma indiferença que dispensava aos outros criados, mas reconhecia sua relação com Outono pagando-lhe um salário exorbitante. Artie não era do tipo de se rebaixar, assim às vezes era difícil para ele suportar a farsa. Quando se descuidava, seu olhar para o marido de Outono era de puro ódio. Felizmente, Douglas nunca olhava diretamente para o pessoal da criadagem.

Outono colocou o vinho sobre a mesa e fez cócegas sob a barba cerrada de Artie. Ele piscou, e ela sentiu o assomo familiar de afeição.

— Nenhum homem devia ser bonito como você.

— Nenhum homem é. Sou o único.

— Pretensioso também. — Sentou-se em uma cadeira junto a ele e colocou os pés sobre o descanso. — Os arquivos são um ninho de ratos. Não sei por que não desisto.

— Foi o que disse da última vez que desceu até lá.

— É, eu sei. Eles me atraem como um ímã. Como uma jogadora, continuo dizendo para mim mesma: dessa vez vou encontrar alguma coisa. — Pegou o copo de mate e tomou um gole. — Onde está Douglas?

— No escritório. Harriet estava esperando para vê-lo quando ele chegou.

Outono sentiu uma onda repentina de preocupação. Lloyd mandara Ginger, como planejado, e Outono indiretamente arranjava um encontro com George. Quando mandado aos escritórios de Chicago em alguma missão para Douglas, George sempre ficava no mesmo hotel. Outono limitara-se a colocar Ginger no caminho. Desde então, George instalara a mulher ardente, assim como a esposa, em um apartamento em Evansville, Indiana. No último mês Ginger recolhera mais de sessenta mil dólares em presentes de George, o que, junto com as exigências de Harriet, fizera sua conta bancária balançar.

— Acha que Harriet suspeita de algo? — indagou Outono.

— Duvido. Além do mais, não acredito que George se importe. Ginger me disse que ele falou em divórcio várias vezes. O velho acha que está apaixonado por ela.

— Ele pode falar o que quiser. Douglas nunca ia permitir, seja amor ou não. Isso traria vergonha para o nome da família. — Saiu da cadeira e sacudiu a poeira do jeans. — Preciso me limpar antes do jantar. Vou falar com Douglas e descobrir por que ela está aqui. — Outono afastou-se de Artie e atravessou o corredor em direção ao vestíbulo. Não gostava de Ginger, mas Artie sim. Era tolice e muito arriscado, mas Artie ia aonde queria, e via quem desejava.

Virou-se para o vestíbulo quando o rosto zangado de Harriet saía do escritório. Lançando um olhar faiscante a Outono, ela sacudiu um dedo.

— Um dia desses Douglas vai ver a prostituta barata que você é. Então, como será?

Outono abriu um sorriso.

— Uma mulher solteira com cem mil dólares, mais do que eu tinha quando casei com ele. — Soltou uma gargalhada e subiu as escadas para seu quarto. Como Harriet acreditava que seu caso antigo com Douglas estava bem oculto, achava que podia julgar as outras pessoas. Harriet era uma mulher de gênio ruim e metida a virtuosa, mas inofensiva.

Molly estava sentada junto a uma janela, consertando o que parecia ser uma calcinha. A casa era mais do que dirigida pelos criados, assim Molly nada tinha a fazer o dia todo; conseqüentemente, consertava roupas que deviam ser jogadas fora. A tia sentia-se entediada e perambulava pela mansão antiga com uma expressão perdida. Várias vezes Outono tentara convencê-la a voltar para Turtle Ridge, mas os pés teimosos de irlandesa de Molly estavam firmemente plantados na casa Osborne. O mais difícil em ter Molly ali era lembrar de não chamá-la tia Molly quando havia gente por perto.

— Vou tomar um banho.

— Eu ligo a água — disse Molly rapidamente.

Outono virou os olhos e assentiu. Tirou as roupas, depois puxou um desenho do bolso e jogou-o sobre a mesa. Era uma aquarela de uma casa muito torta feita por uma das crianças do abrigo. Bea, ao longo das semanas, importunara Outono até ela concordar em ajudar. Outono gostava das crianças e ia ao abrigo várias vezes por semana. Levava as crianças menores para passear, tocava violão e cantava para elas. Às vezes levava um grupo ao cinema ou à casa Osborne para brincar na piscina, ou aos estábulos fazer carinho nos cavalos. Outono sabia que ia sentir muita falta delas quando chegasse a hora de partir de Edisonville.

Foi para o banheiro e entrou na banheira. Molly colocara espuma, e a banheira estava oculta por uma montanha de bolhas que fizeram-na se sentir leve e alegre quando deslizou para a espuma fofa. Molly apareceu na porta com as roupas empoeiradas de Outono.

— Vou levar suas roupas para a lavanderia. Depois cortarei algumas rosas para seu quarto. Aqui tem muitas rosas bonitas. As mais vermelhas que já vi.

Fechando os olhos, Outono dirigiu um movimento de cabeça preguiçoso para Molly.

— As rosas ficariam bem aqui. Corte algumas para seu quarto também.

— Não posso. Os criados não têm permissão para cortar rosas para eles.

— Você não é uma criada, tia Molly. — Outono empertigou-se na banheira, zangada com a mesquinhez dos Osborne e as maneiras sutis que encontravam para distinguir-se do que consideravam as classes mais baixas. Parecia que as rosas eram apenas para os ricos. — Diga a todos que a senhora da casa Osborne deu-lhes permissão para colher uma rosa a qualquer hora que quiserem. Providenciarei para que vasos com botões sejam mandados para cada um deles.

— Isso é secundário, Outono. Por que fazer tanto estardalhaço?

— Não é secundário para mim. Se houver algum problema, tratarei dele. — Outono apoiou-se na beira da banheira e ansiou pelo dia em que ficaria livre dos Osborne. Seus planos para George estavam indo bem, mas não os de Dale e Homer.

Bob procurara por Dale com a oferta de comprar sua parte da mina, e o oferecimento de trabalho no começo de junho. Dale não recusara, mas pedira tempo para pensar. Já estavam em meados de julho, e ele ainda não se decidira. Depois que Lloyd mandara a trapaceira, ela montara um jogo de pôquer circulante e mandara Bob à procura de Homer. Bob se vangloriara de haver ganho o suficiente para abrir seu próprio escritório, zombando do fato de ser uma mulher a encarregada do jogo — era como tirar doce de criança. Homer ficara intrigado; mesmo assim, ainda não se aproximara do hotel onde acontecia o jogo. Desde então fizera perguntas sobre o jogo a Bob diversas vezes, mas não se aproximara do hotel. Outono temia que seu medo de Douglas sobrepujasse o impulso em direção às cartas.

Outono pegou um punhado de bolhas, soprou-as e observou-as desintegrarem-se em minúsculos flocos. Como neve caindo, ela pensou, e a noite com Brian surgiu em seu pensamento. Lembrou-se de ter ficado de pé na janela, observando os flocos de neve rodopiando ao vento. Brian estava estendido na cama; agora, dez anos depois, Outono surgia como sua madrasta. A ideia a fez rir alto.

— Qual a graça? — indagou Douglas. Ele entrara pelo quarto de vestir e fora até a banheira. Surpresa, ela se sentou ereta.

— As bolhas. Elas me fazem rir.

Ele sentou-se na beira da banheira, ergueu-lhe o rosto e beijou-a de leve na boca.

— Que tipo de maldade fez hoje?

— A de sempre. Vi Harriet mais cedo. Que tipo de maldade ela fez?

Ele sorriu levemente, afundando os dedos na espuma e passando-a no rosto dela.

— A inflação atingiu George. Disse a Harriet que não podia mandá-la à Europa este inverno como habitualmente. Ela veio aqui gritando que eu lhe desse mais dinheiro.

— Imagino que você se recusou. Harriet parecia um tanto infeliz quando a vi.

Ele assentiu.

— Não importa quanto dinheiro eu dê a meus irmãos, eles encontram um jeito de gastar.

— Dale também?

— Não, Dale prefere uma vida simples.

Outono pegou uma esponja e passou-a pelos seios.

— Por falar em Dale. Hoje eu estava fazendo o cabelo e ouvi umas mulheres falando dele. Estavam cochichando e rindo da amante dele. — Encarou Douglas com um sorriso inocente. — Eu não sabia que Dale tinha uma amante. Sabe quem é ela?

— Não. Não a conheço. — Pôs-se de pé abruptamente e saiu do banheiro a passos rápidos e bruscos.

Outono saiu correndo da banheira, agarrou uma toalha e atravessou os banheiros vizinhos. Deteve-se na porta de onde ouvia o telefone no quarto de Douglas, escutou o ruído de discar, em seguida a voz dele, baixa mas fria e dura enquanto ordenava a Dale que viesse à casa Osborne.

Outono voltou-se e caminhou lentamente de volta para seu quarto. Dera a Dale o empurrão necessário que o mandaria correndo para Bob. As ações de Dale na mina logo seriam dela, mas não sentiu qualquer triunfo.

De onde estava, junto às portas do terraço, Outono podia ver e ouvir os dois homens no escritório. Douglas, o rosto torcido, gritava que Dale era um parasita doente, um degenerado que deveria ser afastado da sociedade decente. Dale alegou que só queria ser deixado em paz.

Quando os dois aumentaram as vozes, Outono preparou-se e entrou na sala.

— Douglas — disse —, consigo ouvir você em toda a casa.

Os homens estavam de pé junto à escrivaninha, próximos um do outro. Douglas virou-se de costas para Dale e fitou Outono como se quisesse bater nela por se intrometer.

— Saia daqui, maldição! — Voltou o olhar semicerrado para Dale. — Não... fique. Estou farto de proteger este arremedo de homem. A amante a que as mulheres estavam se referindo é o homem de Dale. Só posso chamar um irmão assim de homossexual.

— Deixe-a fora disso — pediu Dale.

— Eu a deixarei fora, e você também. — Sacudiu o dedo no rosto de Dale. — Escute bem. Quero que esse veado com que você está vivendo desapareça da cidade. Além disso, você não deve voltar a vê-lo. Já ouvi o suficiente para saber que você pode atuar como homem de verdade. Não me importa com quem, mas quero você casado e em segurança, e todo o falatório a seu respeito terminado. Estou lhe dando dois meses para encontrar uma esposa. Caso contrário, também deverá desaparecer, e quero dizer completamente. Não vai mais haver mesada nem trabalho na minha cidade. Pode cavar valas que estarei pouco me importando.

O rosto de Dale perdeu a cor e um gemido retumbante e profundo surgiu em seus lábios. Ele investiu em direção a Douglas, o braço para trás, a mão cerrada em um punho firme. Dando um passo para o lado, Douglas jogou Outono para o lado, bloqueando o soco de Dale com uma mão e revidando com a outra. Enraivecido, Douglas fechou o punho e voltou a golpear. Cada murro de Douglas era mais forte e rápido, até Dale cair de joelhos, os braços em volta da cabeça. Ainda assim, Douglas continuou a bater.

Outono olhava petrificada. O sangue saía do nariz e boca de Dale, correndo pelo queixo em uma corrente espessa. O sangue pingava e formava manchas na camisa branca. Por fim ele soltou um gemido, um longo grito angustiado que cortou o coração de Outono.

— Pare com isso! — gritou ela. — Pare. — Correu para a frente, agarrou Douglas pelo braço e tentou afastá-lo de Dale. Mas era como tentar mover uma montanha. Assustada por Dale, ela gritou com Douglas e socou-lhe as costas. Ele se virou e a olhou com expressão aturdida, em seguida baixou o punho lentamente.

Douglas franziu o cenho e olhou com nojo para Dale.

— Nunca mais apareça na minha frente assim, senão mato você. — Ajeitou a gravata e saiu do quarto a passos largos. — Providencie para que o limpem, Outono.

Os dias arrastaram-se em um mês de agosto quente e abrasador. As temperaturas chegavam aos quarenta graus. As colinas estavam secas, com um tom marrom feio. O pouco ar que corria era quente e abafado. Outono afastou mechas úmidas de cabelos que se colavam a suas bochechas e estacionou o Jaguar diante do abrigo para crianças.

Saiu do carro, ouvindo os ruídos das vozes das crianças brincando nos fundos da casa. Bea chamara Outono por causa de uma menininha que haviam acolhido. O pai abandonara-as, e a mãe estava com problemas, tanto financeiros quanto emocionais, portanto Bea aceitara a criança por algum tempo.

Bea estava na cozinha com as mãos mergulhadas em farinha de trigo. Ergueu os olhos quando Outono entrou e disse:

— Espero que você consiga animar um pouco a garotinha. Ela não brinca com as outras crianças. Fica sentada no quarto, abatida.

Outono subiu em um banco de cozinha e colocou o violão entre as pernas.

— Qual é o nome dela?

— Betsy. — Bea virou-se. — Fico de coração partido vendo aquela coisinha tão triste.

O amor de Bea pelas crianças era tão evidente e devastador que Outono perguntou por que ela não tinha seus próprios filhos. Bea virou-se, enxugando as mãos no avental.

— Harriet e George não tiveram filhos porque Harriet não queria. Eu e Homer queríamos, mas não pude tê-los. Não parece justo. — Olhou em volta da cozinha. — Trabalhar aqui no asilo tem ajudado, e havia Brian. Ele costumava parar quando estava indo para casa e verificava minha lata de biscoitos. — Sorriu com uma expressão distante no olhar. — Com certeza ele se transformou em um bom homem... na maior parte do tempo. No entanto, é um pouco avarento. — Falava de Brian como se ontem ele ainda fosse criança.

— Você não ouve falar muito dele, não é?

Bea assentiu.

— Recebi cartões-postais do mundo todo. Ele nunca diz muita coisa, mas é bom saber que está vivo e bem.

— Ele escreve para o pai?

— Não. Sou a única para quem escreve. — Sorriu e sacudiu a cabeça, soltando risadinhas. — Douglas era tão louco por ele. Podia gritar e enfurecer-se com Brian. O garoto sorria e concordava, em seguida fazia o que queria.

— Sabe onde ele está?

— No Egito. Não ouço falar nele há meses, mas isso não é raro. O último cartão que recebi era da Patagônia. Ele se juntara a uma fundação e estava indo para o Egito. — Bea virou-se de costas para a pia e brandiu o rolo vigorosamente. — A mãe de Brian deixou-lhe uma boa renda, e quando os avós pelo lado de Edith morreram, deixaram-lhe algum dinheiro. Ele não precisa trabalhar, a não ser que queira. — Bea fez uma pausa e olhou pela janela. — Quando descobri que não podia ter filhos, odiei Edith porque ela tinha Brian. Realmente a odiei.

Bea usando a palavra “ódio” soava estranho e deslocado.

— Não consigo imaginar você odiando alguém.

— Bem, posso odiar. Certas vezes odiei o solo onde Douglas pisava. Não por mim, mas ele é tão mesquinho com Homer. É difícil crescer com um irmão mais velho que nunca falha em nada. Toda vez

que Homer faz aigo de que Douglas não gosta, ele ameaça retirá-lo do escritório. Isso mataria Homer. Ser prefeito é a coisa mais importante de sua vida. É a única coisa da qual pode se orgulhar. Agora aquele demônio está de novo atrás dele. — Sacudiu a colher no ar e voltou-se para a pia. — Aquele Douglas. Às vezes sinto vontade de colocar uma aranha na torta de maçã Betty dele.

Outono sorriu consigo mesma.

— Se se sente assim, por que sempre faz tortas para ele?

Bea deu de ombros.

— Sei lá. Ele faz um estardalhaço com minhas tortas e isso me faz bem. Minha torta de maçãs Betty é o único prato de maçã que ele come. Acho que a única coisa de que posso me orgulhar é cozinhar. Assim como Homer, todos precisamos de alguma coisa. — Fez uma pausa e ficou olhando para a tigela com o rolo, os olhos arregalados. — Meu Deus! Viu o que fiz? Simplesmente misturei as tâmaras cortadas com a massa de bolo em vez de colocar castanhas.

Outono deu um sorriso e girou o violão nas pernas. Na semana passada haviam sido as passas no pão de banana.

— O que fez com as castanhas?

— Acho que estão nas barras de tâmaras. Ah, tudo bem. Os garotos não ligam. Comerão qualquer coisa.

— Estou atrapalhando você. Vou falar com a garotinha.

Outono deixou Bea e desceu o corredor até um quarto onde a menina estava sentada sozinha na beira de uma cama. Por um instante, Outono viu-se a si mesma naquela idade, solitária.

Os cabelos de Betsy não eram castanho-avermelhados, mas de um castanho-claro, presos em rabo-de-cavalo como foram os de Outono, e os olhos não eram castanhos, mas de um azul triste. A garotinha olhou para Outono por um momento, em seguida baixou os olhos e pegou a barra do vestido enquanto Outono cruzava a sala e sentava-se na cama ao lado dela.

— Qual é o seu nome? — indagou Outono.

— Betsy.

— Que nome bonito. Quantos anos você tem?

Betsy não olhou para ela, mas esticou cinco dedos, em seguida colocou o dedão na boca e resmungou.

— Quero minha mãe.

— Eu sei. Logo vai estar de novo com ela. Enquanto está esperando, gostaria de ser minha amiga? Meu nome é Outono, e não tenho com quem brincar.

Betsy olhou-a com o canto do olho.

— Você é grande. Você não brinca.

— Claro que brinco. Toco violão o tempo todo. Gostaria que eu tocasse para você?

Betsy deu de ombros, e Outono colocou a correia sobre a cabeça e ajeitou o violão no colo. Dedilhou por algum tempo, lançou um olhar para Betsy e um sorriso de incentivo e começou a cantar. Lentamente Betsy começou a sorrir. Algum tempo depois estava cantando com Outono. Quando a tristeza deixara seu rosto, Outono despediu-se e prometeu voltar logo.

Outono colocou o violão no carro e atravessou os cinco quarteirões até o carro-restaurante de Ella. A tarde ia pela metade e o lugar estava vazio, exceto por um homem no balcão. Parecia ter uns setenta anos, um homenzinho enrugado e fino com quatro longos cabelos grisalhos esticados no alto da cabeça calva. No entanto, os olhos eram brilhantes e percorreram Outono com uma expressão obscena.

Outono sorriu divertida e deslizou para um banco quando Ella saiu da cozinha. Ele jogou um dólar em cima do balcão e se levantou, ainda com a mesma expressão obscena quando olhava para Outono.

— Por que uma coisinha linda como você casou com aquele filho da puta do Osborne? — Sem dizer mais nada, virou-se e escancarou a porta.

Outono olhou para Ella e começou a rir.

— O que é isso?

— É aquele Fritz Jergenson. Ele é dono do Times de Edisonville e odeia a coragem de Douglas. Não há nada que gostaria mais de fazer do que colocar o nome dos Osborne na primeira página do jornal.

— É mesmo? Ele poderia ser útil para mim?

Ella sacudiu a cabeça.

— Ele não sabe de nada. Se soubesse, já teria colocado no jornal. O velho Fritz é um homem honesto e um verdadeiro profissional. Não publicaria nada a não ser que tivesse provas concretas. — Ella voltou-se para o escritório. — Vamos voltar e tomar um drinque.

Outono seguiu-a, mas o rosto agora estava sério. Ter estado com Betsy ajudara um pouco, mas a cena entre os dois homens voltava, pesando em sua mente. Pegou o drinque que Ella lhe ofereceu e atirou-se em uma cadeira.

— Até o ar da velha casa cheira a tensão desde a briga com Dale. Sabia que Douglas ia ficar zangado, mas não esperava que uma observação traria tanta confusão. Maldição, Ella. Não queria que Dale se machucasse daquele jeito.

Ella recostou-se na cadeira, os pés sobre a escrivaninha.

— Você jurou que ia virar esta cidade de cabeça para baixo. Vai fugir agora que avançou um pouco?

— Não, não posso fazer isso. — Falar sobre Dale trouxera a cena no escritório viva em seu pensamento. Outono levantou-se de supetão, pegou o copo e engoliu a bebida. — Estou inquieta demais para ficar sentada, Ella. Falo com você depois... amanhã.

Outono rodou uma ervilha no prato e mergulhou o garfo nela. Douglas levantou uma sobrancelha do outro lado da mesa do jantar. Ela jogou o guardanapo sobre a mesa com força.

— Não estou com fome. — Mais cedo, ouvira Homer e Douglas no escritório, as vozes altas. Pegou a ervilha do prato com os dedos colocou-a na boca. — Você e Homer tiveram outro desentendimento?

— Estou sempre me desentendendo com algum de meus irmãos. Como Homer é prefeito, acha que pode me impor respeito. O título dele não significa nada. Eu mando nessa cidade. Coloquei-o ali, e posso tirá-lo.

— O que ele está fazendo?

— Está se fodendo. — Ele sorriu repentinamente, tirou o guardanapo do colo e colocou-o ao lado do prato. — Quer que eu ensine você a jogar xadrez?

Outono fitou-o surpresa. Havia um tabuleiro de xadrez no escritório, mas a única pessoa que ela vira jogando fora John Allison.

— Sei jogar. Meu falecido marido me ensinou.

Osborne assentiu e se levantou, pegou-a pelo braço e tirou-a da mesa.

Ela o fitou enquanto atravessavam o vestíbulo em direção ao escritório.

— Tem certeza de que quer jogar com uma mulher?

Ele se limitou a sorrir.

Outono sentou-se em uma cadeira em frente a ele.

— Por que não tornamos isto realmente interessante? Cem dólares se eu conseguir colocá-la em xeque-mate em seis jogadas.

— Feito. E o que vai me dar se eu o colocar em xeque-mate em cinco jogadas?

— De que gostaria?

— Uma farra de compras em San Francisco.

Ele assentiu e conversou um pouco com ela.

— Como vão suas aulas de equitação? Está pronta para montar um cavalo mais veloz?

— Longe disso! — Ela deslizou um peão de mármore. — Aquela égua mansa de Brian me deixou com a bunda doendo.

Ele soltou uma risadinha e movimentou um peão, silencioso, nas duas jogadas seguintes, tocando por fim no assunto de video games.

— Não vou deixá-los entrar na cidade.

— Não está sendo um pouco chato, Douglas? Video games são inofensivos.

— Não para o que penso. Não vou deixar os garotos dessa cidade jogarem o dinheiro da merenda em um buraco vazio. Eles têm coisas melhores a fazer com o tempo e lugares melhores onde gastar o dinheiro.

Outono olhou-o zombeteira.

— Como as máquinas de moedas nas tabernas ou em algum quarto dos fundos curvado sobre alguma puta?

Douglas recostou-se na cadeira e franziu o cenho.

— O que sabe sobre as tabernas?

— Sei que existem. E que os garotos vão lá para beber. Sei que jogam nas máquinas caça-níqueis, e que alguns dos garotos trepam com as putas.

Ele esperou ela movimentar uma peça, em seguida deslizou uma sua para a frente.

— Os homens precisam de um lugar para descarregar, e os garotos precisam se entregar um pouco aos prazeres da mocidade. Quando Brian tinha 14 anos, levei-o a uma das tabernas. Dei-lhe uma nota de cem dólares e o deixei livre. Ele parecia um louco quando o peguei na manhã seguinte, mas tinha um magnífico sorriso. — Douglas fez uma pausa e observou-a movimentar outra peça; em seguida deslizou um bispo pelo tabuleiro. — Qualquer coisa capaz de fazer um garoto rir daquele jeito não pode ser tão ruim... xeque-mate.

— Maldição! Isso significa que não conseguirei a viagem a San Francisco?

— Não — disse ele, soltando uma gargalhada. — Vá! Gaste... divirta-se.

OUTONO passou a noite anterior à ida para San Francisco no escritório com Douglas, que estivera estranhamente quieto, e ela ficou pensando no motivo. Ele estava sentado à sua escrivaninha como se aguardando, observando-a pensativo. Outono procurava um livro para ler na estante, quando George entrou no escritório sem ser anunciado.

Caminhou a passos largos pelo recinto em seu jeito vistoso, vestido com uma jaqueta de xadrez berrante.

— Recebi recado que você telefonou. Para onde vai me mandar agora?

— Para o inferno!

Outono correu os olhos, surpresa, para Douglas.

Douglas fez um movimento em direção a uma cadeira para George.

— Sente-se!

George se lançou imediatamente sobre uma cadeira.

— Algo errado?

— Sim, uma dona chamada Ginger.

George fez menção de se levantar, deixando-se cair como se de repente houvesse ficado fraco.

— O que sabe de Ginger?

— Tudo. Harriet me procurou algumas semanas atrás e me contou que você não tinha dinheiro para mandá-la à Europa este ano. Sei quanto você ganha, e sei quanto gasta. — Sorriu rancoroso. — Fiz algumas investigações, e o que descobri? Descobri uma garotinha sensual estabelecida em um bom apartamento em Evansville, usando alguns diamantes e dirigindo carro novo. Ela é bonita, George, mas precisa ser descartada.

George remexeu-se na cadeira, olhou para Outono e em seguida para Douglas.

— Sabe o que é viver com Harriet. Deixe-me em paz, Doug. Não estou prejudicando ninguém. Você tem Outono. Deixe-me com Ginger.

— Posso sustentar Outono. Você não pode manter Ginger. Ela é demais para sua conta bancária.

— Não vou fazer isso — disse ele, como um garoto nervoso enfrentando o pai. — Amo Ginger. Vou deixar Harriet.

— O cacete que vai. — Douglas debruçou-se para a frente, as mãos cruzadas descansando sobre a mesa. — Não me importa se você trepa com cada puta desse município, mas precisará se desfazer dessa. Ela está usando você, George. Mandei vigiar sua mulherzinha. Quando você não está, ela tem um garotão. Ginger ama seu dinheiro, mas o pau de outro homem.

Outono percebeu que Artie fora pego e ela teria que dar algumas explicações. Olhou para George, agora sentado com os ombros curvos. Ele fitava Douglas com ódio nos olhos.

— Eu poderia dizer a mim mesmo que você fez isso por mim, mas seria uma mentira. Fez isso para me magoar — Levantou-se, o rosto desprovido de emoção enquanto caminhava para a porta.

Douglas afastou-se da escrivaninha e se pôs de pé.

— Dou-lhe uma semana para resolver esse assunto.

— Talvez eu resolva, talvez não.

— Isso é com você. Ou sai ela, ou você. Pense nisso, George. Não há muitos lugares pagando a um homem de 48 anos o que lhe pago para fazer pequenos serviços.

George postou-se no umbral da porta.

— Algum dia alguém vai colocar uma bala nessa coisa que você chama de cabeça.

Douglas caiu na gargalhada.

— Com certeza não vai ser você, mano.

Outono esperou George sair e foi até uma cadeira.

— Você foi duro com ele, não?

— Às vezes preciso ser. Meus irmãos estão envelhecendo sem amadurecerem. Ainda precisam de um protetor. — Saiu da escrivaninha, sentou-se em uma cadeira e olhou-a curioso. — O que sabe sobre isso, Outono?

— Por que eu deveria saber de algo?

— O garotão é Artie.

Outono forçou surpresa no rosto.

— É mesmo? Mas como ele a conheceu? Você não disse que ela é de Evansville?

— Não sei de onde ela é, mas mora lá atualmente. Não quero falar nisso essa noite, mas quando voltar de San Francisco vamos sentar e ter uma longa conversa com seu cunhado. Quero saber por que e como dois homens se envolvem com a mesma mulher.

— Ótimo — disse ela, bocejando. — Estou cansada. Acho que vou para a cama. — Sentiu uma onda de pânico, mas forçou-se a sair do escritório calmamente. Quando chegou ao vestibulo, subiu correndo as escadas e foi até o telefone no quarto. Artie não estava em seu apartamento em cima da garagem, mas encontrou-o na casa de Ginger.

Ele achou a história divertida e caiu na gargalhada.

— Relaxe, Outono. Ginger não vai deixar George escapar, e pensarei em alguma coisa para dizer a Douglas.

— O quê? Como vai conseguir explicar isso?

— Não se preocupe. Arranjarei uma boa desculpa. Quando você voltar de San Francisco, terei tudo sob controle.

— Por que não estou me sentindo tranquila?

— Porque se preocupa demais. Faça sua viagem, divirta-se e deixe-me cuidar das coisas aqui.

Outono hesitou, mas pensou na reunião do conselho com Lloyd e acabou concordando.

— Eu vou, mas pelo amor de Deus, vá com calma até a minha volta.

Depois do calor de Kentucky, o frescor de San Francisco veio como uma benção. Após a tensão na casa Osborne, a correria e o barulho do escritório pareceram brincadeira de criança. Ela rodeou a escrivaninha e estendeu a mão para Edward Goodman. Ed estava com eles há cinco anos, conseguira tirá-lo do McDonald's. Sentia-se tranquila deixando-o encarregado dos negócios.

— Você está fazendo um excelente trabalho Ed. Não vou esquecer. Ele levantou-se da cadeira, a careca reluzindo à luz da tarde. Grandes olhos baixos e oblíquos retribuíram seu sorriso por trás dos óculos de aro de ouro.

— Não tem sido difícil. O pessoal da assessoria é muito bom. Outono recordou a casa Osborne e franziu o cenho, pegando a bolsa sobre a mesa e caminhando para a porta, seguida por Ed.

— Tive um contratempo inesperado em meus planos, o qual poderá me manter mais tempo fora da cidade do que eu pensara.

Ed pareceu curioso, mas não fez perguntas. Parou e abriu a porta para a sala de espera. Outono olhou para a mesa de Grace, para a máquina de escrever coberta, o vaso de plantas com uma única flor solitária.

— Há algo de muito especial em um escritório cheio que tranquiliza. Sinto uma sensação de

realização, mesmo que eu tenha tido alguns fiascos durante o dia.

Ele sorriu enquanto saíam.

— Você vem amanhã?

— Não. Tenho uma reunião da junta na Murphy's pela manhã. Depois pegarei o avião. Eu planejava ficar mais, porém aconteceu algo.

— O contratempo em seus planos?

— Um fiasco dos grandes. — Sorriu e estendeu a mão para ele. — Obrigada, Ed. Obrigada por cuidar de tudo.

Outono saiu do carro e subiu as escadas que levavam à sala dos fundos do Doghouse. Uma música caipira tocava alto quando entrou. Wally estava na escrivaninha, o cenho profundamente franzido, a concentração no rosto. Outono percebeu que ela superara o Doghouse, que agora parecia suja e gasta, a música alta demais, as garçonetes muito vulgares. Caminhou até a escrivaninha.

— Acho que me tornei esnobe.

Wally olhou-a e sorriu.

— O que está tentando me dizer?

— Acho que eu gostaria de vender o lugar e colocar o dinheiro em alguma coisa que dê lucro.

Ele recostou-se na cadeira, assentindo.

— Eu estava esperando por isso. Na verdade, tenho pensado por que esperou tanto.

Outono percorreu a sala com o olhar, recordando os anos com Everett e Julie; cantando no salão enfumaçado, os dólares no pote de creme de amendoim. Sob certos aspectos, aqueles haviam sido anos bons e divertidos.

— Vender o lugar será como vender um pedaço de mim mesma, mas está na hora. Não tenho mais nada a ver com isso aqui. — Correu os olhos pela sala e descansou-os sobre Wally com carinho. — Você gostaria de vir trabalhar para a corporação Corbett?

— Tenho 63 anos, Outono. Estou velho demais para entrar nessa corrida de ratos.

— O que vai fazer?

— Vou me aposentar. Vou pescar, caçar, viajar. Se conseguir, tentarei até deitar com minha mulher de vez em quando.

— Claro... claro. Três meses e vai ficar louco. Eu lhe darei a direção de uma unidade. Quatro barracas. Você pode fazer isso. — Ela piscou. — Um novo trabalho poderia dar vida nova a suas coisas.

— Promessas. Promessas.

Ela sorriu.

— Não precisa decidir hoje. Não acredito que o Doghouse seja vendido da noite para o dia. — Voltou-se para as escadas que levavam ao apartamento. — Levarei algumas flores ao cemitério. Em seguida acho que volto para dormir cedo.

Os olhos dele estreitaram-se, maliciosos.

— Pensei que você fosse passar a noite com Lloyd.

— Não. Verei Lloyd amanhã na reunião. — Outono subiu as escadas para o apartamento no andar de cima, pensando com que facilidade Lloyd se afastara dela. Sabia que ela estava na cidade, mas não haviam se falado exceto por um telefonema, que fora rápido e estritamente sobre negócios.

As emoções dela estavam em um tal caos que era difícil definir como se sentia em relação a Lloyd. Às vezes sentia uma vontade irresistível de vê-lo, ansiava ser abraçada e sentir o cheiro masculino típico dele, em parte loção de barbear, em parte tabaco de cachimbo. Juntos eram Lloyd Murphy, o grande irlandês de cabelos ruivos e olhos verdes vivos.

A reunião pareceu arrastar-se interminavelmente. Outono já achara excitante ficar sentada com

peessoas tão importantes. Agora só ouvia em parte o que era dito, um relato trimestral seco. Havia 13 membros da junta, e cada qual tinha seu comentário longo e seco. De acordo com instruções que recebera antes no telefone, ela dera o voto favorável para o novo vice-presidente e fora contra um candidato indicado. O não soara mais impressionante do que o sim, e Outono ficou pensando quantos homens e mulheres da junta eram como ela — uma simples escora para Lloyd.

Outono olhou para ele e pegou-o fitando-a sério. Sorriu e após uma hesitação momentânea, ele retribuiu o sorriso. Ao longo da reunião, ela estivera inteiramente consciente da presença dele na extremidade da mesa, a tal ponto que se sentira inquieta e tirara os sapatos. Quando por fim ele suspendeu a reunião, ela sorriu consigo mesma, deslizou os pés para os sapatos e relaxou-se na cadeira. Ficaram sentados em silêncio até o salão esvaziar.

Após um longo e incômodo silêncio, ele disse:

— Você está com ótima aparência.

— Você também.

— Senti sua falta.

— Eu também.

Ele sorriu e levantou-se.

— Você vai me forçar a tomar a iniciativa, não é?

Ela assentiu.

— Tudo bem. Está livre para o almoço?

— Estou. Estou livre para o almoço.

Outono contemplou o prato de sopa vazio e recordou a festa em que Lloyd a incentivara a comer caviar. Ela estremeceu com a ideia. Desde então, o caviar se tornara seu predileto, e ela acabara de terminar uma sopa.

— É surpreendente como o tempo e as circunstâncias podem mudar as pessoas e o que acreditam ser. — Pegou um pedaço de lagosta fria e levou à boca, indo até a beira do terraço onde ficara de pé e namorara com Lloyd, uma simples garota. Por perto havia uma roseira em um vaso que lançava seu aroma no ar.

Podia sentir os olhos de Lloyd sobre ela e virou-se para ele. Estava sentado à mesa, a gravata frouxa, o casaco jogado nas costas de uma cadeira.

— Estraguei as coisas — disse ela.

— Eu também. Errei em Louisville. Eu sabia o quanto voltar significava para você, mas tive que bancar o machão. — Levantou-se e foi até onde ela estava de pé, a mão grande tomando a dela. — Quando me contou sobre Douglas e seus planos de voltar, mandei homens vigiarem-na. Não para tomar conta de você, mas para protegê-la, Outono. Eu temia por você. — Hesitou e sorriu levemente. — Naquela noite em Louisville, recebi um telefonema de um de meus homens logo antes de nos sentarmos. Ele relatou que vira você beijando Bob Proctor em frente ao restaurante de Ella. Quebrei minha própria regra. Fiquei com ciúme e tentei forçá-la e voltar para mim. Estava errado.

Outono assentiu, compreendendo o comportamento estranho em Louisville. Pensou em Bob e sorriu.

— Se eu fosse ter um amante, seria um homem, não um nenê como Bobby. Para mim ele ainda é um garotinho que soquei em uma briga de colégio. — Baixou o olhar para a mão dele na sua, para o diamante que Douglas colocara em seu dedo, e acometeu-a um pensamento terrível. — Seus homens ainda estão em Edisonville?

— Não. Senti que você estava relativamente segura quando Artie se mudou para o apartamento em cima da garagem dos Osborne. Ele estava mais próximo de você do que meus homens.

— Você sabe? — indagou ela.

— Sei, sim.

— Eu queria lhe contar, mas não por telefone. Aí, quando o senti tão distante, achei que não tinha importância.

— De certa forma, senti que a levei a isso. Se não tivesse sido um babaca e deixado você como fiz, não teria casado com ele. Não estou satisfeito com esse suposto casamento, mas isso não muda nada. Você sempre foi mais minha do que de Everett. Você ainda é mais minha do que de Osborne. — Então beijou-a, de leve, nos lábios. — Minha escrivantina está limpa. O iate está pronto. A tripulação está esperando, e uma coisinha de laço preto está na cabine à sua espera. Basta dizer sim. — Sorriu quando ela hesitou. — Escrúpulos?

— Não. Não devo nada a Douglas, e muito menos lealdade. Mas sou esperada hoje à noite. Precisarei telefonar para casa. — Passou o braço pela cintura dele e entraram juntos na sala de estar. Colocou-se entre os braços dele enquanto telefonava. Uma secretária respondeu na segunda chamada e falou com voz arrastada que era do escritório do sr. Osborne.

— Aqui é a sra. Osborne. Gostaria de falar com meu marido, por favor. — O rosto de Outono imobilizou-se, o corpo rígido nos braços de Lloyd. — Quando? — A voz disparou a pergunta. — Como? — Olhou para Lloyd e a voz baixou para um sussurro. — Sim, estarei em casa logo que possível. Colocou o fone no gancho e olhou atordoada para Lloyd. — Ele morreu. Aquele filho da puta morreu.

— Quem morreu?

— Não é justo. Esperei anos, e ele se afoga. Aquele filho da puta se afogou em sua própria maldita piscina. — Virou-se, as mãos gesticulando loucamente. — Todos eles. Tinha todos eles nas minhas mãos. Todos. Dale acabaria aceitando a oferta de Bob. Agora ele está livre. E George. George estava metido em confusão, mas teria concordado em vender suas ações da mina antes de desistir de Ginger. Homer ainda era problema, mas eu teria encontrado uma maneira.

Outono estava gritando e Lloyd pegou-a pelos ombros e a sacudiu de leve.

— Você não está falando coisas que façam sentido, Outono. Quem morreu? Quem se afogou?

— Douglas. Ele se afogou na piscina. Maldito. Maldito seja por morrer.

— Então acabou? — indagou Lloyd.

Ela fitou-o e esperou que alguma mágica acontecesse, uma libertação interior, uma sensação de alívio, alguma coisa.

— Acabou? Não sei. Sinto-me estranha. Tenho a sensação de alguma coisa inacabada, o fim ainda pendente. Como pratos sujos na água, ensaboados, esperando que sejam lavados. — Voltou-se para Lloyd e sacudiu a cabeça. — Não acabou. Preciso voltar. Maldição, preciso voltar.

Lloyd ficou calado, ouvindo-a.

Outono atravessou a sala a passos largos, esfregando as mãos.

— A única coisa que Douglas valorizava mais do que a própria vida era o nome Osborne. Talvez eu não possa manchar o homem, mas posso fazer o diabo com sua memória. Antes que saia de Edisonville, a cidade vai saber que Douglas foi responsável pela morte de 14 homens. Vão saber sobre Lonnie e como ele morreu. E vão saber que Douglas e seu bom prefeito e seu bom chefe de polícia estão por trás do uísque contrabandeado, de prostituição e de sua cidade justa. — Fez uma pausa e olhou calmamente para Lloyd. — Na primeira vez que me retirei de Edisonville, saí na escuridão... uma ladra, uma puta, enojada por dentro. Da próxima vez que sair, será na luz do dia, sem sombras me seguindo.

— Compreendo do que você está vindo querida, mas, não...

— Não — retrucou ela calmamente. — Agora não estou atada a um marido. Virei sempre que você quiser. Dessa vez será diferente, se você também tentar.

Ele fitou-a indeciso, mas por fim assentiu.

— Quer um drinque?

— Por favor. Uísque. — Sentou-se no sofá e tentou relaxar, mas tudo se remexia dentro dela. Os pensamentos iam loucamente da noite com Douglas para o filho e deste novamente para Douglas, voltando para Brian. Ainda sentia uma onda de vergonha quando recordava a noite com Brian. Ele chamara-a de puta, atirara-a na cama e devorara seu corpo como se ela fosse um pedaço de carne. Encurralada sob ele, prometera a si mesma que algum dia ele a trataria com respeito, e não como uma prostituta. Sim, a noite com Brian também fazia parte disso, uma sombra que deveria enfrentar e resolver.

Na época ele era um garoto, e bêbado. Como seria com 32 anos? Lembrava que era alto, ombros sobressaindo sob a jaqueta de couro, o queixo proeminente, um corpo forte bronzeado de férias em algum lugar quente e ensolarado. A camada espessa de pêlos cobrindo-lhe o peito era mais escura que a massa que caía sobre a testa. Os olhos envolventes: um azul claro que parecia mudar de cor conforme o humor, assumindo um tom mais claro quando ele brincava, escurecendo em seguida até o verde topázio quando estava excitado. Um lindo garoto rico e mimado com queda pelas ruivas.

Outono riu descontraída quando Lloyd se aproximou.

— Tenho a impressão de que as coisas agora vão ser muito diferentes na casa dos Osborne, talvez até divertidas.

Os olhos dele estreitaram-se de curiosidade.

— O que está planejando agora?

— Como cutucar um garoto rico.

— Que garoto rico?

— O filho. Brian virá para casa.

• IV Brian

◦ 31

BRIAN correu os dedos pelo queixo recém-barbeado. A pele em torno da boca estava muito bronzeada, mas aparecia pálida onde a barba hirsuta um dia crescera, o que lhe dava um ar de quati, ou pelo menos de um homem usando óculos de proteção. Alguns dias ao sol cuidariam do disfarce, e seu rosto barbeado combinaria com os sérios ternos de negócios que faziam parte de sua herança, a parte indesejada. O pai ameaçara deserdá-lo, mas ambos sabiam que a ameaça era vazia, infelizmente.

Brian ouviu os sons de água chapinhando e olhou para a porta entre seu banheiro e o de Outono. Estava curioso com a mulher, e por que o pai casara com ela. Não parecia em nada com a mãe. Edith era baixinha e loura, olhos azuis tímidos. Outono era alta, com cabelos castanho-avermelhados e olhos profundos e hipnóticos. Olhara-a e se sentira afundar cada vez mais em piscinas de veludo marrom suave. Talvez Douglas houvesse olhado e tivesse sido sugado tão profundamente que não conseguira sair. As razões que a haviam levado a casar eram claras, e Brian apreciava e respeitava a honestidade. Não conseguia se ressentir com a mulher; sentia-se levemente divertido com o fato de finalmente alguém tocar um ponto fraco no homem protegido com uma armadura.

Ele saiu do quarto com passos calmos, mas sentia-se como se seu corpo estivesse se movimentando em câmara lenta. Queria ir cambaleando até a cama e dormir, mas a família estava lá embaixo esperando a leitura do testamento. Tentou visualizar o pai se debatendo, ofegante, dando seu último suspiro antes da água levá-lo, mas a cena não lhe vinha. O pai fora tão forte, invencível. Mal conseguia acreditar que o grande homem estava realmente morto.

Sentia mais culpa do que dor. Tentara aproximar-se mais, no entanto o pai o mantivera afastado. Ao mesmo tempo, Brian sempre soubera ser amado pelo pai. Mas a necessidade de controlar de Douglas afastara seu único filho. Brian sentira-se sufocado pela cidade, pelo pai e tinha um ape:ite implacável pela aventura. No começo sonhara fazer uma grande des:oberta, mas as grandes descobertas já haviam sido feitas. Desiludido, ele vagara, brigara, e voltara a vagar. Vez por outra sentia necessidade de provar a si mesmo que era um homem com sua própria certeza. Juntara-se a uma ou outra fundação, mas sempre uma voz importuna surgia no fundo de seu cérebro: “Esqueça isso. Seu futuro já está bem delineado e traçado.”

Não foi surpresa encontrar a casa como a deixara: o piso de mármore no vestíbulo, paredes forradas de carvalho escuro, a escadaria em curva forrada com tapetes luxuosos. Um lustre de cristal caindo do teto alto e antiquado. Brian recordou ocasiões em que o lustre tilintara levemente, um som musical e estranho que o amedrontara e fascinara quando criança. Pensara que a casa devia ser mal-assombrada, até a mãe explicar que eram homens fazendo explosões na mina abaixo.

A tensão retesou seus músculos nos ombros quando entrou no escritório. Correu os olhos pela família espalhada na sala e sentiu os portões da responsabilidade fechando-se atrás dele. Correrá muito e duramente, mas sempre soubera que acabaria tendo de voltar. O pai incutira-lhe a importância da família e das propriedades da família. Seus verões haviam sido passados trabalhando nas minas e nas destilarias, seguindo o pai para ver como o grande homem fazia. Enquanto outros garotos tinham seus sonhos molhados, ele estava tendo pesadelos sobre minas e destilação, com fileiras de números dançando diante de seus olhos. Agora tudo aquilo era seu, e de alguma maneira deveria ter direção.

Uma um, os tios levantaram-se e cumprimentaram-no, deram um tapinha nas costas e saudaram-no de volta à casa. Harriet levava diamantes faiscantes nos dedos, e Bea, sua tia predileta, deu-lhe um abraço apertado, fez-lhe um carinho e deu-lhe um beijo no rosto. John Allison sorriu e meneou a cabeça detrás da escrivaninha. Brian esperou até todos retornarem a suas cadeiras e foi ao armário de bebidas, preparando um scotch com água para ajudar a relaxar os músculos retesados. Atravessou a sala e se pôs de pé diante da mesa.

— Como meu pai morreu?

— Ele se afogou — respondeu George. — Outono não lhe contou?

— Contou, mas aparentemente ela não sabia como.

— Sabe tanto quanto o restante de nós.

Homer saiu da cadeira e ficou de pé ao lado de Brian.

— Aconteceu quando ele estava em sua natação noturna, mas não sabemos exatamente em que circunstâncias. Outono encontrava-se em San Francisco. Os criados estavam aqui, mas dormiam. Foi Artie quem encontrou Douglas na manhã seguinte. A polícia interrogou-o, mas ele não viu nem ouviu nada.

— Foi feita autópsia? — indagou Brian.

— Claro — replicou Homer. — Eles precisavam determinar a causa da morte. Tudo aponta para afogamento acidental.

— Isso é o que dizem — contrapôs Harriet. — Não acredito. Douglas era um homem saudável e um ótimo nadador. Se me perguntar, tem alguma sujeira nisso, e a sujeira vem de cima.

— Que quer dizer? — indagou Brian.

— Outono.

Homer franziu o cenho zombeteiro.

— O que acha que Outono fez, Harriet? Voltou escondida de San Francisco e afogou-o? Não consigo imaginar uma mulher de 55 quilos afogando um homem de cem quilos. Não havia nada de errado na morte de Douglas, Brian. Havia água da piscina nos pulmões dele. O corpo não apresentava marcas ou indícios de medicamentos ou veneno. — Homer voltou à sua cadeira, mas olhou para Harriet, carrancudo. — Como sempre, Harriet está tentando criar confusão.

Quando Harriet fez cara feia para Homer, Brian sentiu parte da tensão começar a relaxar.

— O que acha, tio George?

— Concordo com Homer. Não acredito que Outono tenha algo a ver com isso. Por que ia querê-lo morto? Ele lhe dava tudo que queria.

— E mais um pouco — zombou Harriet.

Brian olhou para Dale, seu tio predileto.

— O que acha?

Dale deu de ombros.

— Talvez câibra. Doug achava que não podia ir para a cama sem beliscar e dar uma nadada antes. Imagino que seu corpo possa ter tido uma reação dessa vez. Estou surpreso que não tenha acontecido antes.

— Ainda assim acho esquisito — insistiu Harriet. — Por exemplo, por que não conseguiram localizar Outono quando a procuraram?

— Outono explicou isso — interveio Homer. Tinha reservas para um hotel, mas houve uma confusão. Não dispunham de uma suíte para ela e verificaram em outro hotel.

Harriet olhou para Homer.

— Por que está defendendo tanto essa putinha ordinária?

— Porque você está tentando criar confusão do nada.

Brian contemplou cada membro da família, suspirou e voltou-se para John Allison.

— Você tem certeza quanto à morte de papai?

— Tenho — replicou John. — A morte foi súbita, portanto investiguei melhor. Não há evidência de que Douglas tenha morrido de outra causa senão afogamento acidental.

Brian assentiu e apoiou-se na beira da escrivaninha. Tomou um gole do drinque e percorreu novamente a sala com o olhar.

— Fale-me de Outono.

— Uma prostituta — intrometeu-se Harriet. — Surgiu do nada e envolveu Douglas em seu dedo mindinho. — Fez uma pausa como se ganhando força, a voz tornando-se tensa e esganiçada. — Tem algo esquisito com essa mulher. Veja a empregada dela. Pedi a Molly que me levasse uma xícara de café certo dia. Outono ouviu e veio alterada. Falou-me com termos explícitos que Molly não era empregada e que se eu quisesse café, teria que pegar eu mesma. — Harriet empertigou-se na cadeira e respirou fundo. — E tem aquele cunhado dela. Ele também tem algo esquisito. Douglas foi um idiota em tê-lo trazido para cá.

Daisy demonstrou seu nojo rodando os olhos e movimentando a cabeça de cabelos encarapinhados. Brian abriu um sorriso, pensando se haveria uma visão imparcial de Outono naquela sala.

— Não estou interessado na moral de Outono, ou nos bate-bocas de vocês, mas gostaria de saber de onde ela veio e como conseguiu casar com papai.

Ninguém falou, mas todos os olhos se voltaram para John Allison. Ele deu de ombros.

— Não sei de nada. Ela chegou aqui vinda de San Francisco e querendo abrir uma loja de roupas. Seu pai tinha uma propriedade que ela queria alugar para a loja. Era uma pequena questão, portanto Bob Proctor cuidou dela. Ele os apresentou. Todos vocês sabem o resto.

Brian colocou o drinque sobre a mesa e foi até Bea, debruçando-se para a frente e apoiando uma mão em cada braço da cadeira. Ela estava olhando pela janela; tomando consciência, sorriu e deu-lhe um tapinha na bochecha.

— Você é tão bonito, Brian. Eu teria adorado ter um filho como você.

Ele curvou-se e beijou-lhe a bochecha rechonchuda. Brian não sabia como a doce Bea havia sobrevivido aos anos. Possivelmente porque tinha uma maneira de apagar-se quando as coisas ficavam ruins.

— O que acha de Outono, tia Bea?

— Gosto dela. É um pouco desencaminhada, mas é compreensível, vindo ela de um lugar mau como San Francisco. — Virou-se de costas para Brian quando as portas do terraço se abriram bruscamente.

Brian empertigou-se quando Outono entrou na sala.

Ela parou no meio da sala, usando um vestido preto com um decote profundo e uma abertura que chegava aos joelhos.

— Olá, pessoal, estão à minha espera?

A voz de Harriet foi ouvida acima do murmúrio de desaprovação.

— Você não tem respeito pelos mortos, não tem decência? Como pode vir aqui usando um vestido assim? — Voltou-se para Brian, mas apontou um dedo para Outono. — Olhe para ela.

Ele sorriu, mas ficou pensando por que ela colocou aquele vestido, para incitar — provocar. Por quê?

— Meu Deus! — exclamou Outono. — Quanto alvoroço. Estou de preto, não estou?

A boca de Harriet se fechou bruscamente, Daisy conteve o riso, George olhou-a de soslaio, Dale deu um sorriso, Homer tossiu e Bea voltou-se para a janela. Outono parecia divertir-se e sentou-se no

sofá. Brian foi sentar-se ao lado dela, evitando olhar para as piscinas de veludo. Focalizou o olhar em um joelho saindo pela abertura do vestido.

— Você está bonita, mamãe.

— Obrigada, filho.

— Belas pernas.

— Elas me levam aonde quero chegar. — Virou-se de costas para Brian e lançou um olhar para John Allison. — Podemos começar, por favor?

Ele assentiu.

— Começarei dizendo que Douglas deixou grande parte de sua propriedade para Brian.

Brian soltou um gemido.

— Muito obrigado, pai.

O olhar de John percorreu a sala.

— Douglas foi bastante específico em seu testamento e como queria que fosse lido. Essas são as palavras dele, não minhas. — Olhou diretamente para Daisy. — Daisy, sua puta faladora, estou deixando para você cinquenta mil dólares pelo amor e carinho que deu à minha mulher, Edith, e a meu filho, Brian.

— Cinquenta mil dólares! — gritou ela. — O que vou fazer com tanto dinheiro? — Olhou para Brian e riu. — Dê meu dinheiro para o seu Brian. Ele pode cuidar dele para mim.

John sorriu e voltou-se para o testamento.

— Jasper, seu desgraçado preto, estou deixando 25 mil dólares para que possa morrer com distinção.

Jasper olhou para Daisy com um sorriso de dentes brancos que se espalhou pelo rosto de ébano.

— Não terei problemas em gastar meu dinheiro. Vou comprar um bom barco e ir pescar.

— É melhor mesmo. É o melhor que você faz nessa idade. Não está longe a hora — disse Daisy.

John fez um gesto pedindo silêncio, em seguida voltou ao testamento.

— Sempre senti que meus irmãos não atingiram a maturidade porque eu estava aqui para protegê-los e afastá-los do mau caminho. Pretendo corrigir esse erro. Para meus irmãos, Homer, George e Dale, deixo um dólar para cada. Manos, vocês estão sós. Para minhas cunhadas, deixo minha simpatia.

Ninguém falou, mas a sala vibrava com a tensão e o roçar de pés. John esperou até conseguir silêncio e em seguida continuou.

— Para minha esposa Outono, deixo meu profundo respeito. — John fez uma pausa e tossiu. — Para que ela não precise se casar de novo, deixo-lhe também um milhão de dólares.

Brian virou a cabeça bruscamente e olhou para Outono. O rosto de dela demonstrava indiscutível surpresa. Ele levantou o copo em saudação.

— Como se sente como uma viúva rica?

— Maravilhosa. — Ela olhou para Harriet e sorriu docemente. — Um milhão de lindos dólares. Acho que vou fazer uma viagem à Europa.

— Puta! — Harriet se pôs de pé de um salto e correu até Outono. — Puta ardilosa. Você tem sido um problema para nós desde o dia em que Douglas casou com você. Agora ele está morto e não há ninguém aqui para protegê-la. Sugiro que pegue o que ele lhe deixou e saia da casa dos Osborne. Melhor ainda, saia da cidade.

Outono levantou-se do sofá, mas olhou para Brian com um sorriso levemente desafiador.

— Parece que acabei de receber ordem de sair da sua casa. Vou arrumar as malas. Eu não ia querer ficar onde não sou bem-vinda.

Brian observou Outono caminhar em direção à porta.

— Não — disse energicamente. Colocou o drinque sobre a mesa, levantou-se e olhou para cada

membro da família. — Outono foi esposa de meu pai, e a respeito como viúva dele. Esta casa agora é minha, e ela é livre para ficar o tempo que quiser... em paz. — Olhou diretamente para Harriet, segurou Outono pelo braço e levou-a para fora da sala. — Você se arriscou muito aqui, Outono.

— O que quer dizer?

— Isto. — Ele colocou um dedo na alça do ombro e deu um puxão. — Não sei por que, mas você entrou usando um vestido para uma noite na cidade. Depois levou Harriet a um ódio ciumento, o que me forçou a tomar uma decisão. Acho que já fez o suficiente por hoje. — Virou-a em direção às escadas com um leve empurrão. — O jogo acabou, mamãe.

— Não me chame de mamãe! — Ela subiu as escadas correndo. Chegando ao patamar, parou, olhou para ele embaixo e soltou uma gargalhada, uma gargalhada maliciosa, que pareceu flutuar e envolvê-lo. — Obrigada, Brian Osborne. Aceito seu convite para permanecer na casa Osborne.

UMA mistura de cores avermelhadas, como formas abstratas em uma tela, oscilava e ondulava, gargalhadas suaves crescendo em volta de Brian. Sua mente fora pega naquele breve intervalo entre o sono profundo e a consciência, e seu corpo flutuava, suspenso. Uma voz distante sussurrava seu nome. Ele gostava do som da voz e da maneira suave com que o chamava: Brian... Brian... Brian.

Forçou as pálpebras pesadas a se abrirem e piscou contra a luz do sol que entrava no quarto. Sentiu-se confuso com a mulher de cabelos castanho-avermelhados de pé ao lado de sua cama. Brian olhou em volta, tentando orientar-se. Os sons dos pássaros entravam pela janela aberta e a luz do sol refletia nas paredes do quarto do pai. A realidade surgiu dura e rápida: o pai estava morto, e ele voltara para casa a fim de tentar preencher o lugar do grande homem.

— Bom dia — disse Outono. — Ou devo dizer boa tarde?

Ele correu a mão por um rosto rígido de sono, espreguiçou-se e flexionou os músculos entorpecidos.

— Quanto tempo dormi?

— Quase 24 horas.

— Está brincando?

— Não brinco com você. — Outono estendeu uma bandeja de desjejum. — Um homem o espera. Esteve aqui antes, mas o dispensei. Ele voltou hoje à tarde e insistiu em vê-lo. Achei que você gostaria de tomar café enquanto conversa com ele.

O cheiro de bacon e do café fervendo aguçou-lhe os sentidos e a fome. Arrumando os travesseiros na cabeceira, Brian ajeitou-se na cama.

— Quem é ele?

— Amos Patterson. — Ela debruçou-se com a bandeja, o rosto perto do dele. Um perfume sutil excitou-lhe as narinas, enviando imagens eróticas ao seu cérebro. Os lábios dela estavam úmidos, ligeiramente entreabertos. Impulsivamente, pegou-a pelo pescoço, puxou-a para a frente e beijou-a na boca.

Outono desvencilhou-se, sorrindo:

— Você é sempre tão brincalhão quando acorda?

— Só quando acordo com uma ruiva sensual em cima da minha cama.

— Meus cabelos não são ruivos. São castanho-avermelhados.

O tom de voz foi incisivo, e ele soltou um riso.

— Desculpe, o erro foi meu. — Tirou a bandeja do colo e estendeu-a para ela. — A comida está com ótima aparência, querida, mas a natureza está chamando. Diabos, está gritando.

Ela assentiu, compreendendo, e colocou a bandeja ao lado da cama.

— Vou lhe dar alguns minutos.

Brian esperou até ela sair do quarto, em seguida disparou nu para o banheiro e ficou diante do vaso sanitário durante o que lhe pareceram cinco minutos completos. Por fim, jogou água fria no rosto, o que ajudou a clarear as ideias. O estômago roncava, e voltou ao quarto, subiu na cama, puxou a bandeja para o colo e mergulhou no bife com ovos.

Mordiscou um biscoito e olhou pela janela pensativo. Não haviam demorado muito para arremeter contra ele. Amos Patterson dirigia a loja de comida e as operações de bebida clandestina. Os lugares

existiam há tanto tempo quanto conseguia lembrar. Em certa época não havia controle, conseqüentemente as lutas eram constantes entre mulheres, cartas e qualquer coisinha. Depois de uma facada, o pai assumira o controle. Para Brian as tabernas eram um aborrecimento e um risco desgraçado. Preferiria tirar vantagem com a escolha local e levar a bebida para a cidade, para que as tabernas não fossem necessárias.

Tomou outra xícara de café, engoliu ovos com biscoito e quando se preparava para comer mais alguma coisa, Outono bateu à porta. Resmungou para que entrasse. Ela entrou no quarto, seguida de Amos, um homem corpulento com o rosto corado gasto pelo tempo. Amos capengava e mexia em um chapéu de feltro marrom. O rosto abriu-se em um sorriso, e ele foi até a cama, onde cumprimentou Brian.

— Sinto muito pelo papai. A cidade perdeu um bom homem.

Brian assentiu, mas lançou um olhar para Outono quando ela se virou para sair.

— Fique, Outono. Quero falar com você depois.

Amos olhou surpreso de Outono para Brian.

— Preciso falar com você sobre... os... lugares. Seu pai não misturava essas coisas com mulheres.

Brian sabia que ia ouvir essa observação repetidamente. Limpou a garganta e falou decidido:

— Não sou meu pai. Ele agia a seu modo e eu sou diferente. — Observou Outono pegar uma cadeira junto à janela, em seguida fez um gesto para o homem se sentar — O que é, Amos?

Amos puxou uma cadeira junto à cama, ainda remexendo o chapéu.

— Temos um problema. Com a morte de seu pai, achei melhor procurar você.

— Qual é o problema?

— Um bando de jovens de fora da cidade foi ao Rex's na noite passada e se misturou com alguns dos garotos daqui. A coisa transformou-se em baderna. Quando Rex conseguiu controlar a situação, o lugar parecia palco de uma carnificina. As janelas quebradas. Não sobrou nada inteiro das mesas e das cadeiras. A caixa de música não funciona mais. As paredes ficaram tão arreventadas que parecem queijo suíço. Não sobrou nada que valha a pena.

— Alguém se machucou?

Amos sacudiu a cabeça, olhando incrédulo para Brian.

— Nada sério. Imagino que hoje de manhã deve haver uns olhos roxos e alguns ferimentos, mas não houve ossos quebrados. Ninguém saiu machucado.

— O que começou a briga?

— Uma mulher, é claro... dois homens querendo a mesma puta. — Olhou rapidamente para Outono. — Desculpe, sra. Osborne, mas foi isso que me contaram.

— Chocante!

Brian riu para Outono, em seguida esfregou o pescoço e voltou a atenção para Amos.

— Os garotos chegaram todos bem em casa?

Amos assentiu e se levantou.

— O que deverei fazer na casa? Quer que a gente tente consertar ou devemos mantê-la fechada?

— Por enquanto deixe-a fechada.

— E Rex? Ele está sem trabalho.

— Dê-me algum tempo para pensar sobre isso. Arranjarei alguma coisa para ele.

— Está certo, sr. Osborne.

Brian apoiou-se nos travesseiros enquanto Amos saía do quarto mancando. Ele resmungou:

— Bem-vindo à casa, Brian.

— Por que não chama a polícia?

— Muito engraçado, Outono.

— Você tem proteção, não tem?

— De certo tipo. A polícia nos protege deles mesmos, não dos estranhos.

Ela levantou-se e foi até a cama.

— Sobre o que queria falar comigo?

— Sobre você.

— O que sobre mim?

— Tudo. Como veio parar em Edisonville, e como casou com meu pai.

— É uma história manjada.

— Para mim, não. Ainda não a ouvi. — Colocou a bandeja a um lado da cama e fez um gesto para ela sentar-se a seu lado. Outono ficou de pé, por um instante pensativa, em seguida sentou-se na cama com uma perna cruzada sobre a outra. Ela delineou o quadro da mulher que vem para a cidade e casa com o pai dele. Falava manso, no entanto ele percebeu um tom de autoridade na voz dela, como se estivesse acostumada a dar ordens e vê-las cumpridas. Na maior parte do tempo seus olhos foram diretos, mas Brian percebeu que ela tirou os sapatos quando falou de sua vida com o pai. O olhar dela caía vez por outra para a moeda egípcia que ele usava no pescoço. Era engastada em ouro e pendia de uma pesada corrente, parcialmente mergulhada em pêlos louros do peito.

Ele se lembrava vagamente de haver sonhado com Outono, ou ao menos pensou que fora um sonho. Ela estava ao lado da cama imersa em sombras, puxava o lençol até o pescoço dele e sussurrava em voz cáustica.

— Por que estou sempre cobrindo você, garotinho rico?

Outono estava usando um robe branco. Agora estava com um vestido sem mangas, de algodão simples e abotoado no pescoço, mas usava-o com elegância. Possuía uma indiferença reservada que agia como um afrodisíaco. Brian sentiu uma onda de calor envolvê-lo, mas uma vozinha sussurrou: “Não, não, ela é mulher de meu pai.” Correu um dedo pela bochecha dela.

— Você é muito bonita, Outono. Imagino que muitos homens a amaram.

Outono sorriu em silêncio.

— Centenas! — Levantou-se da cama e colocou os pés na sandália. — Disse a Bea que a ajudaria no asilo hoje à tarde. Se planeja sair, providenciarei para que as coisas de seu pai sejam retiradas do quarto antes da minha saída.

Ele assentiu.

— Quero dar uma olhada na cidade. Mais tarde, provavelmente irei ao clube ver se alguém que eu conhecia continua por aí.

— Lisa está aqui.

Um retrato de Lisa no celeiro surgiu em seu pensamento, e ele deu um riso. Não passava de um garoto, mas após uma noite em uma das tabernas, ele convencera Lisa a ir até o celeiro para lhe ensinar o que aprendera. Daisy pegara-os e fizera um longo discurso sobre as armadilhas do sexo.

— Ela ainda está casada?

— Não. Está livre e bastante disponível.

— Você a conhece?

— Só de vista. Um amigo meu sai com ela de vez em quando. O nome dele é Bob Proctor. É meu advogado.

— Você não usa John Allison?

— Não. — Ela virou-se abruptamente e caminhou até a porta, mas parou de repente e voltou os olhos para ele. — Eu queria lhe perguntar sobre os registros no porão.

— O quê?

— Descobri-os enquanto explorava a casa. São fascinantes. A história completa da família Osborne está ali. Encontrei até um memorando escrito por seu avô. Gostaria de contratar umas duas pessoas para me ajudarem a pôr aquilo em ordem. Algum dia, quando você tiver filhos, poderá levá-los a um arquivo e tirar papéis de 1800... mostrar-lhes anotações escritas pelo seu tataravô.

— Muita bondade sua, Outono, mas me parece muito trabalho. Tem certeza que quer organizar aquilo tudo?

— Claro. Os registros da época da explosão devem dar uma boa história.

— Acho difícil. Houve um incêndio logo depois da explosão. Todos os registros dos últimos cinco anos foram destruídos.

Uma sombra pareceu cobrir-lhe o rosto.

— Que pena. É como ler um livro e descobrir que estão faltando as últimas páginas.

Os primeiros dias foram um inferno. Brian ouviu seguidamente: “Seu pai fazia assim.” Às vezes havia uma variação. “Douglas fazia assim.” A maioria das pessoas convivera com eles durante anos e conhecera Brian desde garoto. Brincavam, davam-lhe tapinhas nas costas e tratavam-no como se ainda tivesse dez anos. Antes de alguém cometer o erro de lhe oferecer um pirulito, ele convocou uma reunião com o pessoal. Esparramado na poltrona do pai na cabeceira da comprida mesa, olhou para cada um dos 12 diretores e ficou pensando se o número teria alguma significação: Jesus e seus 12 discípulos.

Hank Miller, que estava na companhia há vinte anos, achava-se sentado à esquerda de Brian.

— Como vão a esposa e os filhos, Hank?

— A esposa está bem. Os garotos são todos crescidos agora. Meu filho trabalha na destilaria como administrador. Lee Ann casou e tem dois filhos. O marido dela é de Hopkins County e trabalha nas minas como engenheiro.

Brian assentiu e foi falando com cada membro da mesa. Seu olhar percorreu o círculo de homens. A maior parte deles estava com cabelos grisalhos, e alguns carecas, mas todos usavam os mesmos ternos sérios de negócios.

— Não vamos demorar muito. Não tenho muita coisa a dizer. — Deixou as mãos entre as pernas abertas e falou em tom lento e relaxado. — Acho que sei o que cada um de vocês está pensando. — Ele sorriu. — Sim. Sou jovem. E não, não conheço tanta coisa quanto meu pai. E sim, cometerei erros. Isso não lhes diz respeito. Se cometer um erro, cuido dele. — Fez uma pausa e olhou para os quatro homens mais problemáticos. — Estarei trabalhando com John Allison. Ele dirige os negócios de papai há anos e conhece tudo dessa companhia. Respeito seu julgamento e seguirei qualquer conselho que ele me der. Eu gostaria de ter um relatório de trabalho completo de cada um de vocês. Quero saber sobre cada função e como posso trabalhar melhor com vocês. — Brian percorreu a mesa com o olhar. — Alguma pergunta?

Hank Miller limpou a garganta.

— Temos políticas rígidas estabelecidas, Brian. Mudanças poderiam interromper o fluxo.

— Que políticas?

— As de seu pai.

Brian virou a cadeira e se pôs de pé.

— Papai está morto. Não posso dirigir esta companhia seguindo suas ideias. Só pode existir um chefe. Gostem ou não, vocês me têm como seu novo chefe. — Virou-se para a porta. — Estarei em meu escritório se alguém quiser falar comigo.

Todos ficaram calados.

Ele deixou a sala da diretoria e pegou o elevador para o escritório onde o pai, o avô e o tetravô haviam dirigido durante três gerações. A quarta geração deixou-se cair sem cerimônia na cadeira e olhou os papéis sobre a mesa. Não precisava apenas conquistar o respeito das pessoas; os interesses do pai difundiram-se pelos EUA, bem como para outros países. Uma confusão de conglomerados que o assustava.

Virou-se na cadeira e colocou os pés sobre a mesa quando a secretária entrou na sala. Beth estivera com o pai e ainda guardava a porta tão furiosamente quanto antes. Olhou para os pés dele sobre a mesa santificada e piscou em desaprovação.

— Seu tio Dale está aqui para vê-lo.

— Ótimo — disse Brian, esticando-se. — Por que não o manda entrar? — Cruzou os braços atrás

da cabeça e observou as costas empertigadas da secretária desaparecerem pela porta. Sempre soubera que os tios eram fracos, mas também os compreendia. George assemelhava-se a um garoto mesquinho. Mentia, vangloriava-se, era um castor esperto sem a habilidade de cumprir suas promessas. Dale fora a cruz que Douglas tivera que carregar. Um homem ameno, sobrevivera permanecendo o mais distante possível do irmão. Homer ao menos tentara. Mesmo quando garoto, Brian lembrava como a aprovação de Douglas era importante para ele. Infelizmente, quando Homer tomava uma decisão, em geral era errada, ou não era a que Douglas queria ouvir.

Brian baixou os pés quando Dale entrou no escritório. O tio sorriu animado e pegou uma cadeira.

— Como vão as coisas aqui no céu?

— Acho que eu não chamaria este lugar de céu.

— É o que Douglas achava daqui. É onde Deus tomava todas as suas decisões e distribuía as punições. Aqui, e em seu maldito escritório.

— Você parece amargo.

— É, acho que sim.

— Existe algo que eu possa fazer?

Dale sacudiu a cabeça.

— Estou bem. Mais do que bem. Tomei algumas decisões e queria que soubesse. Bob Proctor procurou-me há algum tempo falando em vender minhas ações da mina. No início hesitei. Acho que estava com medo de Douglas. De qualquer modo, assinei os papéis esta manhã.

Brian olhou-o estupefato.

— A mina? Quem ia querê-la?

— Uma organização da Califórnia.

— O que estão pretendendo fazer com ela?

— Pelo que me disseram, pretendem fazê-la funcionar.

— Não há nada que valha a pena minerar ali.

— Eu sei. Para mim também parece loucura.

— Quem fez a oferta?

— A Corporação Corbett. Advogados de San Francisco procuraram Bob Proctor e pediram que ele cuidasse da transação. Isso é tudo o que sei. Também ofereceram-me um emprego na empresa. Aceitei. Vou colocar minha casa à venda e irei para Seattle na semana que vem.

As coisas estavam acontecendo rápido demais, e Brian estava confuso. Os homens Osborne sempre haviam trabalhado juntos, como uma família.

— Por quê? Se quer trabalhar, dou-lhe um emprego. John falou-me da mesada que papai lhe dava. Ela foi cortada com a morte dele, mas eu tinha planejado continuar a dá-la por conta própria. Achei que você estava contente com o arranjo.

— Não. Nunca fiquei contente. Sou um homem, Brian, e tenho orgulho. Quero viver minha vida como qualquer homem, não como uma mulher sustentada. A mesada era a forma de Douglas me manter escondido. Ele não queria que as pessoas soubessem que o irmão era homossexual.

— Ei... pouco me importam suas preferências sexuais. Se quiser trabalhar, encontrarei um lugar para você.

Dale sacudiu a cabeça.

— Não sei se consegue entender, mas de repente senti vontade de libertar-me de uma prisão perpétua. Posso ser eu mesmo. Mesmo se você me mandasse para outro lugar pela empresa, eu ainda estaria em contato com a família. As fofocas iam vazar. Não posso trazer vergonha ao nome da família. Em Seattle, serei simplesmente Dale Osborne, aquele cara legal, mas gay.

— Compreendo. Meu nome também é Osborne. — Arrumou os papéis sobre a escrivania. — Sabe a extensão da propriedade de papai?

— Tenho uma boa ideia.

— Isso me apavora.

— Não fique intimidado, Brian. Um homem não pode saber tudo. Quando se deparar com algo que o faça hesitar, saia e contrate os melhores cérebros para solucionar o quebra-cabeça. Esta é a vantagem de ser grande. Você pode contratar os melhores. Douglas tirou Allison de uma grande firma de Nova York.

— Dale fez uma pausa e olhou-o com um sorriso silencioso. — Preciso ir. Tenho muito o que fazer antes de viajar.

Brian levantou-se e estendeu a mão.

— Sentirei sua falta, tio Dale. Sempre gostei de conversar com o senhor. Obrigado por sempre ter estado aqui. — Brian fitou o tio, recordando como procurara Dale depois da briga com o pai que os separara durante anos. Dale dissera-lhe para ir embora, correr e não olhar para trás. — Tenho mais uma pergunta. O que acha de Outono?

Dale soltou uma risadinha.

— Mulheres não são minha especialidade.

— O que acha dela como pessoa?

Dale ficou em silêncio por um instante.

— Não sei. É uma mulher complexa. Sempre tive a sensação de que há mais em Outono do que ela deixa qualquer um ver. Como mulher, é adorável. Como amiga, eu confiaria nela em um aperto. Isso lhe diz algo?

Brian assentiu.

— Obrigado, tio Dale. — Esperou até Dale sair, em seguida chamou no interfone: — Beth, pode colocar a sra. Osborne no telefone... Outono — acrescentou ele, pensando melhor. Esperou, batendo com o lápis na mesa.

Após o que pareceu uma eternidade a voz de Beth surgiu no interfone.

— A sra. Osborne está na linha quatro.

Brian apertou o botão e falou impaciente.

— Qual o problema, querida? Tirei-a de seu banho de espuma, ou estava lixando as unhas?

— Estava me masturbando.

Brian ficou estupefato por um momento. Nunca sabia o que ela ia dizer ou fazer no próximo instante, mas era isso que a tornava tão atraente. Ele começou a falar, mas Outono voltou a interromper.

— Alguns homens que conheço pensam que todas as mulheres são débeis mentais com cabeça de vento, com nada melhor a fazer do que ficar sentadas com seus leques mimando-se. Nós temos cérebros, Brian, e a maior parte de nós os usa quando o permitem.

— Sim, senhora.

— Não me trate com condescendência.

— Não, senhora.

— Brian!

Ele soltou uma gargalhada por causa da exasperação na voz dela e relaxou na cadeira.

— Por acaso sabe algo sobre a Corporação Corbett? É uma empresa de San Francisco?

— Sei. É uma cadeia de barracas de cachorros-quentes espalhada pela costa oeste. Por quê?

— Por algum motivo louco, eles estão comprando ações da Black Jewel. Tio Dale vendeu as suas essa manhã.

— Por que acha loucura?

— A mina não vale nada.

— Provavelmente estão planejando usá-la como isenção de imposto. Jogam um punhado de dinheiro nela e em seguida declaram perda.

— Talvez. Eles também ofereceram um emprego ao tio Dale na empresa.

— Que ótimo. Ainda é uma empresa relativamente pequena, mas está crescendo rapidamente. Li que estão pretendendo expandir-se para a costa leste. É um bom momento para ele entrar.

— Por que contratar tio Dale?

— Por que não? Ele é idiota ou algo assim?

— Não, é um homem muito inteligente.

— Então. Este é o motivo.

— Não sei, Outono. Tem algo que não se encaixa. Tenho uma sensação engraçada em relação a isso.

— O que não encaixa é seu tio deixar a cidade. E a mina está com a família há tanto tempo. É difícil se separar de pessoas e posses. Costumamos buscar razões ocultas que simplesmente não existem.

— É, talvez esteja certa. Tio Dale viajará na próxima semana. Por que não reúne algumas pessoas e dá um jantar para ele?

— Tudo bem, querido.

— Ótimo, Outono. Está falando como o pessoal daqui com bastante rapidez.

— Ora, meu bem, você ainda não viu nada.

Brian soltou uma gargalhada. Gostava de Outono, ela possuía capacidade de animar. Em certos momentos emanava carinho, outras vezes pegava-a olhando com os olhos semicerrados que eram puro granito.

Ele virou-se na cadeira e colocou o dedão sobre a pilha de papéis.

— O tempo está correndo demais para mim, querida. Vou deixá-la voltar aos seus afazeres.

— Ella está aqui. Está abrindo um novo restaurante e vou ajudá-la com os projetos.

— Um pouco repentino, não?

— Não realmente. Tivemos essa ideia antes de seu pai morrer. Estamos tentando juntar tudo para podermos fazer o projeto funcionar.

— Posso ajudar em algo?

— Obrigada, mas nos viramos.

— Tem certeza? Eu não ia querer que você colocasse muita tensão nesse seu cerebrozinho.

— Vá se foder, Brian.

Rindo, ele afastou o fone do ouvido bruscamente e desligou. Voltou a cadeira para uma fila de retratos e olhou para o rosto do pai. Um homem forte, Douglas Osborne, tanto o corpo quanto a mente. Brian recordou que seu único problema era uma alergia a nozes, o que considerava uma fraqueza que mantinha bem escondida. A morte do pai também causava-lhe uma sensação engraçada. Ou seria como Outono dizia? É difícil separar-se das pessoas. Fica-se buscando razões ocultas que simplesmente não existem.

O rosto de Brian suavizou-se enquanto contemplava os traços tão semelhantes aos seus.

— Não foi fácil, pai, mas amei você, seu velho fodido. Espero que tenha sido feliz com essa criatura maravilhosa com quem se casou.

LISA colocou uma xícara de café sobre a mesa diante de Brian e sentou-se em uma cadeira. Estava envolta em gaze negra, e a frente do vestido abria-se em uma grande abundância de elevações e depressões ao longo do corpete. Muitas lembranças misturavam-se a Lisa: brincando na casa na árvore, montando, escondendo-se no bosque para namorar, o celeiro, o baile dos veteranos. Mas ambos já passavam dos trinta e não eram mais crianças.

Casara-se duas vezes e tinha um filho de cada casamento — um casal, os quais já o chamavam de tio. Pela aparência da casa, ambos os divórcios haviam sido bons para ela. O primeiro marido era de Louisville, o segundo era Norman Heckler, que junto com o pai eram donos do engenho, ou ao menos de 45%. Brian era dono dos outros 55%. Ele estava descobrindo que o pai aproveitara quando a mina fechara e a cidade entrara em colapso. Se um homem necessitasse de uma ajuda, o pai a proporcionaria — em troca de pequena compensação.

Brian sentia a barriga roncar e fez um gesto de cabeça em direção ao café.

— Só recebo isso, ou não sabe cozinhar?

— Sei cozinhar, mas você só recebe isso. Quero-o fora daqui antes que as crianças levistem. Também não pode passar de novo a noite aqui. Conhece esta cidade. Norman vai gritar que sou uma mãe desnaturada.

Brian sorriu:

— Quantos tios os garotos tiveram?

— Alguns.

— Estou atrapalhando alguém?

— Não. E eu, estou? — Ela sorriu. — Está apaixonado? Já se apaixonou?

— Não para as duas perguntas.

— Por quê?

— Sei lá. Não fugi. Simplesmente não aconteceu.

— Ah, garoto, quando vocês finalmente se apaixonam, geralmente é difícil. — Ela tocou uma pequena cicatriz na comissura dos lábios. — Como conseguiu isso?

— Briga em Tânger.

— E a da perna?

— No Brasil.

— No ombro?

— Haiti.

— Meu Deus, Brian. Achei que você era um arqueólogo estudando ruínas, não criando-as.

— Aconteceu há muito tempo. Finalmente percebi que estava conseguindo o pior e aprendi a ficar de boca fechada.

Ela bebericou o café e sorriu divertida.

— O que acha de sua nova mãe?

— Senhora interessante.

— Senhora não é o termo usado para Outono nesta cidade.

— Por quê?

— Ciúme, acho. Não ajuda muito ela não ter nascido aqui. Outono também é esquiva. Não deixa

ninguém se aproximar o suficiente para se tornar amiga dela. Claro que os fofoqueiros não ousariam dizer nada sobre ela para Douglas ouvir. Agora vai ser diferente. — Sorriu e colocou a xícara no pires. — Teve algum falatório depois de uma festa. Falaram que Outono tinha sido vista brincando com a bunda de Bob Proctor. Mais tarde, foram pegos no jardim por seu pai. Ele carregou-a para casa. Isso deu umas boas fofocas durante alguns dias.

— Bob Proctor — disse Brian, recordando a conversa com Outono. — Ele é advogado dela.

— É. São próximos, mas não acredito que exista algo além de amizade. Eu costumava brincar com Bob em relação a ela. Ele fechou minha boca dizendo que nenhum homem com menos de dez milhões de dólares conseguiria chegar à calcinha de Outono.

Uma imagem de Outono e seu primeiro encontro veio-lhe à cabeça. “Por que você casou com meu pai?” Ele indagara. “Pelo dinheiro dele.” Ela replicara. Naquele instante ele caíra na gargalhada, e agora voltou a rir.

— Deve ter causado muita confusão nessa cidade o casamento de papai com ela.

— Foi um choque. Assim como a morte dele. — Ela debruçou-se e descansou a mão sobre a dele. — Sinto muito, Brian.

A menção à morte do pai provocou uma tensão em seus ombros, e o mesmo desconforto que sentira antes tomou-lhe o pensamento.

— Seu pai nunca mencionou que meu pai tivesse algum problema de saúde? Talvez algo que pudesse ter feito um homem forte se afogar?

— Não, mas como médico ele não diria nada. Papai e mamãe voltaram ontem de um mês no Caribe. Estão estupefatos com o que aconteceu. Pode conversar com papai se quiser. Talvez haja algo.

Brian assentiu.

— Tentei antes de ir para casa, mas no consultório informaram que ele estava fora da cidade. Vou vê-lo hoje. — Brian fez uma pausa. — As coisas estão mudando rápido demais. Papai morreu. Tio Dale foi embora.

Alguma empresa da Califórnia vai comprar a mina. Acho que Bob Proctor pode elucidar pelo menos uma pergunta.

— Qual?

— Por que alguém ia querer comprar uma mina que não vale nada.

— Pegou a xícara vazia e sacudiu-a sob o nariz. — Se você não vai me alimentar, vou para casa em busca de minha bela e nova mãe.

— Ela é bonita, não é?

— Muito. — Levantou-se e deu a volta na mesa, curvou-se e beijou-a na testa. — Se conseguir sair do escritório antes da meia-noite, eu a levarei ao clube para jantar.

— Essa noite, não. Tenho um encontro com Bob.

— Ah, sim, Bob. Ele está com tudo, hem? — Brian lançou um olhar para as elevações e protuberâncias e correu um dedo pela beira do vestido.

— Guarde um pouco para mim.

— Basta você dizer uma palavra e guardo tudo para você.

— Ora, Lisa. Vamos deixar tudo livre, leve e solto.

— Ainda está com medo de se amarrar, não é?

Ele virou-se e caminhou rapidamente até a porta, fugindo antes que Lisa pudesse trazer o passado de volta e porque a abandonara por causa de um punhado de ruínas velhas e sujas. Lisa jamais compreenderia. Saiu da casa e entrou no carro esporte, contemplando a propriedade de trezentos mil dólares de Lisa enquanto ligava o motor. Seria esse seu futuro? Tomar café e fofocar sobre quem

acariciara a bunda de quem em qual festa?

Brian estremeceu com a ideia e pisou no acelerador, afastando-se de Lisa, do chalé luxuoso e de tudo que o envolvia. Passou correndo pelas ruas desertas, atravessou a Main em direção aos subúrbios da cidade e subiu a colina cheia de curvas que levava à casa Osborne. Reduzindo, entrou na estrada. O motor roncava silencioso, e ele parou diante da mansão antiga.

Saiu do carro e entrou no vestíbulo, esperando que todos já estivessem dormindo, mas uma risada suave e provocante veio das escadas. Ergueu o olhar para Outono, de pé no patamar.

— Acordou cedo, Brian, ou chegou tarde?

Subitamente consciente de sua aparência, ele baixou os olhos para as roupas amassadas e tocou nos cabelos amarfanhados.

— As duas coisas. — Subiu as escadas enquanto ela se aproximava, movendo os quadris de maneira arrogante. Tinha um ar de não-me-toque altivo que às vezes o incomodava. Quando Outono passou, ele estendeu a mão e acariciou-lhe as nádegas.

Ela não parou:

— Seja bonzinho, Brian, senão a mamãe vai lhe dar uma surra na bunda.

— Por que está sempre tentando ser tão rude?

Nesse instante ela se deteve e voltou os olhos para ele.

— Eu sou rude, portanto não fode.

— Você também poderia tentar limpar a boca.

— É, mas aí ia estragar minha imagem. A família espera isso. Eu não ia querer desapontá-los.

— Isso a incomoda?

— Não — disse ela, olhando-o diretamente. — Uma pessoa muito sábia e querida certa vez me disse: “Seja o que é, Outono, e não o que querem que seja.” — Movimentou as mãos em um gesto sobre seu corpo. — Você vê o que é.

— Sim, contanto que tenha dez milhões de dólares.

Ela sorriu e percorreu-o com o olhar.

— Você e Lisa divertiram-se fazendo bolos de lama?

Certa vez em sua vida Brian fizera bolos de lama com Lisa, e agora se sentia um tolo.

— Você é uma mulher muito frustrante, Outono.

— Eu sei. — Virou-se e desceu as escadas.

Brian subiu para o quarto, tomou banho e se vestiu para outro dia de trabalho de 14 horas.

O DR. ALBRIGHT tinha uma maneira de movimentar o corpo gorducho de um lado para o outro, rolando, e o hábito de puxar os óculos para o nariz. Os cabelos grisalhos tomavam-lhe a nuca e o topo era calvo e brilhante. Sacudiu a mão de Brian e levou-o para uma cadeira diante da escrivaninha. O dr. Albright trouxera Brian ao mundo, depois retirara depressores linguais, tratara de uma série de ossos quebrados e colocara-o de cama por ocasião de surtos de gripe, caxumba, catapora e outras enfermidades infantis, bem como a picada nas nádegas com mil agulhas pontudas.

Brian sorriu afetuosamente para ele.

— Ainda atormenta as crianças com laminzinhas más?

— Sempre que posso. — Soltou uma risadinha bondosa e usou as mãos para cruzar uma perna sobre a outra. — Pensei muito em você nesses últimos dias. Você e Doug, eu gostaria de ter estado aqui, não que isso fosse mudar alguma coisa. — Cutucou os óculos e acomodou-se na cadeira.

— Lisa me telefonou hoje de manhã. Avisou-me que você está encontrando dificuldades em aceitar a morte de seu pai.

— Não — replicou Brian. — Posso aceitar a morte dele. Só não consigo aceitar como ele morreu. — Brian sentia-se irascível, confinado no terno de trabalho. Meneou os ombros desconfortável e afrouxou a gravata.

— Papai tinha algum problema de saúde? Talvez algo que estivesse escondendo da família.

O dr. Albright sacudiu a cabeça.

— Seu pai procurou-me para um check-up pouco antes de casar com Outono. Encontrava-se em bom estado de saúde... em boa forma para um homem de sua idade. Parecia um homem no fim dos quarenta anos.

— Então por quê?

— Não posso responder esta pergunta, Brian. Sei que parece impossível e injusto, mas as coisas acontecem. Não podemos escolher a forma de morrer, ou quando.

Brian levantou-se e percorreu a sala, inquieto.

— Um homem forte como papai não ia nadar e se afogar. Não em sua própria casa.

— É, mas acontece. Infelizmente, vejo jovens e velhos morrerem sem nenhum motivo suficiente.

Doug poderia ter tido cãibra e entrado em pânico.

— Papai não entrava em pânico.

O dr. Albright sorriu.

— Doug era um homem poderoso, mas não estava imune ao medo ou à morte. Quando nossa vida está ameaçada, qualquer um de nós pode entrar em pânico.

— Ouço o que está dizendo e compreendo. Só que simplesmente isso não se aplica a papai. Era uma montanha irremovível, um vulcão. Quando eles se vão, desaparecem em uma névoa de glória. Não vão assim simplesmente na calma da noite.

— Então o que foi? Assassinato?

A ideia era divertida. As pessoas em Edisonville nem se davam ao trabalho de fechar as portas.

— Bem... não. — Brian sorriu.

— Muito bem. Eliminamos o problema de saúde e o assassinato. Só resta o acidente.

Brian enfiou as mãos nos bolsos e sacudiu umas moedas.

— Continuo dizendo para mim mesmo que estou pensando como uma velha. Coloco a ideia de lado, mas ela fica ali e me desnorteia a cabeça. — Correu um dedo pelo pescoço, fez uma careta e puxou o colarinho da camisa. — Todos estão convencidos, até o encarregado da investigação. Por que não deixo isso para lá?

O dr. Albright olhou-o compreensivo, retirou os óculos e guardou-os no bolso do jaleco branco.

— Dê algum tempo, Brian. Daqui a um ano tudo parecerá muito diferente.

— Meu Deus, espero que sim. Papai deixou-me uma dor de cabeça. Estou em casa há uma semana e já me encontro enterrado em papéis até os olhos. O que me faz lembrar... Tenho uma pasta cheia de trabalho para hoje à noite. — Estendeu a mão. — Obrigado, doutor.

O dr. Albright levantou-se da cadeira e caminhou com ele até a porta. Descansou uma mão no ombro de Brian.

— Por que não pede uma cópia da autópsia? Talvez você mesmo lendo aceite melhor.

— John Allison viu uma cópia. Se existisse algo errado, ele teria visto.

O dr. Albright sorriu levemente.

— Estou sentindo alguma relutância? Talvez você não queira ler sobre a morte de Douglas.

Brian sorriu encabulado.

— O senhor está certo. Eu não queria ver escrito friamente.

— Quer que eu dê uma olhada?

Ele sorriu.

— Quero, mas isso não me ajudaria muito, não é?

— Não. É você que está em dúvida.

Brian assentiu e virou-se para a porta.

— Amanhã. Darei uma olhada amanhã.

Naquela noite Brian despertou de um sono profundo com uma sensação de picada na nuca — o mesmo sinal de alerta que sentira no porto, quando um bêbado zangado se aproximara pelas costas. Sentou-se na cama, os sentidos entorpecidos alerta aos ruídos de pânico na casa. O ruído de vozes urgentes quebrava o silêncio, e o roçar de pés correndo enchia a velha mansão.

Não parou para pensar, saiu da cama aos tropeções, agarrou um roupão e saiu do quarto correndo. Outono estava no corredor com Daisy. Jasper, usando um velho roupão cinza, achava-se de pé no vestíbulo com dois policiais. Molly surgiu dos fundos da casa e ergueu o olhar para Outono. Seus olhos encontraram-se e mensagens silenciosas pareceram passar entre elas. Ele ouviu Outono conter um grito.

— Meu Deus! Por favor, de novo não. — Ela saiu correndo, Brian seguindo-a, desceu as escadas sinuosas e foi até onde os policiais aguardavam. — Daisy contou-me que houve um acidente. — Ela gritou, os olhos arregalados, perscrutando os rostos dos policiais. — Ele está morto? Artie está morto?

— Não. — O oficial apressou-se a responder. — Está vivo.

Brian só estava em casa há uma semana, conseqüentemente, além do chefe de polícia Hadley, não conhecia mais ninguém. Voltou-se para o mais velho dos policiais.

— O que aconteceu?

— Não sabemos muita coisa, sr. Osborne. O carro estava se dirigindo para o sul da estrada Snake quando aparentemente saiu da estrada e caiu em um aterro. Havia uma mulher com ele. Ela morreu a caminho do hospital. Ginger Olson. — O oficial voltou-se para Outono. — Seu cunhado está bastante ferido.

— É — concordou o mais novo. — Se ele sobreviver à noite, será uma surpresa. Nunca vi nada assim. Não sobrou nada do carro, exceto um punhado de metal. Sangue correndo como um rio. Meu estômago...

— Chega, maldição! — Brian pousou um braço confortador sobre os ombros de Outono, furioso com o policial. — Só precisamos dos fatos, não de suas divagações.

Outono afastou-se de Brian, falando coisas desconexas, os olhos aturdidos.

— Eu... eu devia estar lá. Ele vai precisar de mim. Artie vai precisar de mim agora. — Baixou os olhos para o robe e segurou a faixa. — Preciso ir até ele.

Brian assentiu.

— Eu a levarei.

— Não! — Virou-se para ele com tal violência na voz que por um instante ele recuou, surpreso. Ela estava de pé com as mãos cerradas em punhos, os olhos cheios de hostilidade. — Artie nada significa para você. Nada significa para você. Portanto você não tem nada a ver conosco.

Brian sentiu-lhe a animosidade e encolheu-se, mas compreendeu. Ela estava sozinha, uma estranha em uma cidade dividida em classes, e a família dele com certeza não era uma exceção. Os olhos suavizaram-se e estendeu-lhe as mãos.

— Deixe-me ajudá-la, Outono.

Ela deu um salto para trás, sacudindo as mãos.

— Não me toque. Não ouse tocar-me... seu filho da puta.

Molly correu para a frente e agarrou-a pelos ombros.

— Outono. Srta. Outono. Fique calma. Não sabe o que está dizendo.

— Eu sei. Eu sei. — Afastou-se de Molly e virou-se de novo para Brian. — Eu desprezo você. Todos vocês. Vocês são um bando de babacas santarrões. Não preciso de você. Não preciso de nenhum de vocês. Posso cuidar de Artie.

Embora zangada, Outono parecia tão indefesa e vulnerável, o medo tão evidente em seus olhos, que Brian instintivamente estendeu-lhe de novo as mãos. Ela projetou-se sobre ele com uma força que quase o desequilibrava, arranhando e socando-lhe o peito. Ele percebeu que o maldito policial estúpido colocara-a em estado de histeria e pegou-a pelos punhos. Puxou-a de encontro a ele e colocou-lhe as mãos atrás das costas.

Ignorando a luta e as palavras desconexas dela, ele franziu o cenho e olhou para a fileira de criados de pé, estupefatos.

— Jasper, leve os policiais até a porta. Daisy, leve todos de volta para seus quartos. Molly, fique aqui com Outono. — A calma na voz dele e os modos racionais como falou pareceram trazer a sanidade de volta à sala. Outono caiu sobre ele, ofegante mas calma. Ele afrouxou a pressão nos pulsos mas a manteve em seus braços e falou carinhosamente. — Você era esposa de meu pai, Outono. E uma Osborne. Artie é seu cunhado. Quero ajudá-la se puder.

O corpo inteiro de Outono pareceu suspirar e agarrou-o com tanta força, que ele podia sentir-lhe as unhas mergulhando em suas costas.

— Apavorada — murmurou ela. — Desgraçadamente apavorada.

— Eu sei. — Acariciou-lhe os cabelos e tentou tranquilizá-la, mas as palavras soavam vazias até para ele. Ficou de pé em silêncio, simplesmente segurando-a.

Como se percebendo de súbito que estava sendo sustida por braços estranhos, Outono empertigou-se e afastou-se.

— Desculpe. Não sei o que houve. Perdi o controle.

Brian esperava ver lágrimas, mas os olhos dela estavam secos. Ela pressionara o rosto contra a abertura de seu robe com tanta força que a moeda deixara uma marca na bochecha dela. A marca incomodou-o. Ele esfregou o polegar contra a mancha.

— Eu a levarei até Artie quando estiver pronta. — Deixou Molly com Outono, em seguida foi até o

escritório e telefonou para o chefe de polícia Hadley. A conversa foi rápida. — Um de seus homens acabou de vir à minha casa e assustou muito Outono. Se isto voltar a acontecer, irei bater pessoalmente na cabeça do homem com seu próprio cassetete. Boa noite, delegado.

Assim que Brian parou o Mercedes, Outono saltou do carro e correu em direção à sala de emergência. Quando Brian chegou ao prédio, Outono estava gritando com as enfermeiras. Ela agarrou-se ao braço dele.

— Eles não querem me dizer nada.

A enfermeira olhou para Brian.

— Ainda não sabemos nada. É cedo demais.

— Posso pelo menos vê-lo?

A enfermeira sacudiu a cabeça.

— Ninguém pode entrar na sala de emergência.

— Ele vai morrer?

A enfermeira falou paciente:

— Os médicos estão com ele. Está recebendo tratamento.

— Você não respondeu minha pergunta. Ele vai morrer?

A enfermeira olhou, impotente, de Outono para Brian. Ele pegou Outono pelo braço e puxou-a para uma cadeira, forçando-a a se sentar.

— Só podemos esperar.

Uma semana depois souberam que Artie viveria, mas mesmo então havia dúvidas se voltaria a andar. Ele tinha injúrias internas grandes, ruptura de baço, distúrbios intestinais e uma fratura na parte inferior da coluna, causando paralisia da perna esquerda. Ele fizera três cirurgias, e estava caminhando para a quarta.

Brian não conhecera a mulher e só conhecia Artie de vista, portanto não fora afetado pelo acidente; no entanto, havia Outono. Ele tentara dar-lhe apoio, mas ela se afastara, assim como de todos da casa Osborne. As únicas pessoas que queria eram Molly, Bob e Ella.

A princípio Brian pensara em Outono como companheira do pai. Nos dias que se seguiram ao acidente, aprendeu a olhá-la com novo respeito. Em 12 horas ela trouxera os melhores cirurgiões do país para a cidade. Em meio ao caos, entrara em contato com os pais de Ginger e tomara todas as providências para que seu corpo fosse entregue à família. Ela ficou no hospital junto a Artie até ser forçada a ir para casa pelos médicos, e aí andava de um lado para o outro, dormindo muito pouco. Dia a dia, Brian observava as sombras sob os olhos dela se aprofundarem, mas se ela chorou, foi sozinha em seu quarto.

Brian saiu do carro e dirigiu-se à casa. Jasper encontrou-o no vestíbulo e pegou-lhe a pasta.

— O jantar será servido imediatamente, sr. Briari.

— Vou jantar em minha escrivania. Outono está?

— Não, sr. Brian. Ainda está no hospital.

— Sabe do estado de Artie?

— Não, mas acho que Molly sabe.

— Sim — concordou Brian com um meio suspiro. Tirou a jaqueta enquanto subia as escadas. Estavam em fins de setembro, mas o tempo apresentava-se quente e úmido. Virou-se para seu quarto pensando em tomar um banho frio, mas Molly saiu do quarto de Outono, os olhos tão decididos que imediatamente ele pensou em Artie. — O que foi, Molly?

— Eu estava pensando se deveria falar com o senhor?

— É sobre Artie?

— Ele... e Outono. Artie está indo bem. Os médicos acham que conseguiram superar todos os problemas. Claro que vai demorar um pouco até terem certeza. É com Outono que estou mais preocupada agora.

Ele assentiu e levou Molly para seu quarto, jogando a jaqueta e a gravata na cama e fazendo um gesto para que ela se sentasse em uma cadeira. Para ele era difícil pensar em Molly como criada. Tinha um ar gracioso e independente e um modo direto que invocava respeito. Um pouco como Outono, percebeu. As duas eram estranhamente próximas para patroa e empregada, mas ele já vira isso antes. Daisy e sua mãe tinham sido como irmãs.

— Com o que está preocupada?

Molly hesitou por um instante.

— Bem, Outono tem estado sob tensão há bastante tempo. A coisa com Artie também não ajudou em nada. Tentei conversar com ela, mas quando enfia uma coisa na cabeça, não há o que a faça parar. Não está comendo nem dormindo. — As sobrancelhas de Molly franziram-se em uma crranca profunda de preocupação. — Não dormiu mais do que algumas horas durante toda esta semana. Se alguém não falar com ela, vai ficar doente. Sei que vocês ficam implicando um com o outro, mas estive observando o senhor e sei que gosta de Outono, sr. Brian. Pensei que talvez o senhor pudesse ir lá e fazê-la voltar para casa.

Brian deu um ligeiro sorriso.

— Não acredito que algum homem consiga convencer Outono a fazer alguma coisa que não queira, Molly.

— Por quê? O senhor é maior do que ela, não é?

A ideia fê-lo soltar uma risadinha.

— Está sugerindo que eu vá lá e a traga para casa carregada?

— Se for preciso. Observei-o na noite em que Outono ficou arrasada com o acidente de Artie. O senhor dominou-a bem, melhor do que qualquer um que conheço. Ela precisa da sua calma e ordem agora. Talvez não saiba, mas precisa.

Brian ficara pensando no forte laço entre Artie e Outono, mas eles eram tão abertos em sua afeição que aceitara a coisa pelo que era — um relacionamento entre cunhados.

— É raro cunhados serem tão próximos.

— Outono não tem família, portanto é muito ligada aos relacionamentos que tem. — Molly ficou em silêncio e fitou-o como se considerando-o. — Artie e o irmão eram gêmeos. Imagino que Outono vê o marido morto nele. Ele morreu em um acidente de carro. Acho que é como se ela estivesse vivendo tudo isso de novo. É um mau pedaço para ela. Depois que seu homem morreu, ela também perdeu o filho que estava esperando.

— Não sabia que ela tinha perdido um filho.

Molly assentiu.

— Desde então, ela tem tido uma espécie de guerra germinando em seu íntimo. Essa guerra vai chegar a um fim. Quando acontecer, não sei o que vai ser de Outono, e isso me apavora.

— Guerra? — indagou Brian, curioso. — Que espécie de guerra? Quando foi isso?

Molly levantou-se repentinamente.

— Acho que talvez eu esteja falando demais. Isso faz parte do passado de Outono e não cabe a mim ficar por aí falando.

Brian percebeu, olhando o rosto de Molly com atenção, que não adiantava fazer mais perguntas. Levantou-se junto com ela.

— Vou tomar um banho rápido e depois a trarei para casa.

Molly assentiu.

— Obrigada, sr. Brian. — Parou na porta. — Se a srta. Outono fizer escândalo, basta fazer um escândalo ainda maior, mas fique de olho nela. É matreira como uma raposa.

Para evitar o mínimo de discussão possível, Brian falou primeiro com os médicos de Artie e soube que ele estava se recuperando, de volta para seu quarto e deveria dormir a noite toda. Então pediu pílulas para dormir para o dr. Albright. Munido de um pacote de Dalmane foi em busca de Outono. Após procurar nos lugares mais prováveis sem encontrá-la, localizou seus cabelos castanho-avermelhados em um canto da lanchonete. Achava-se sentada com café e um prato à frente, mas não estava comendo. Os cotovelos apoiados na mesa, ela olhava fixamente para o prato, remexendo a comida com um garfo. Quando ele se aproximou dela por trás, ela resmungou.

— Olá, Brian.

— Como sabia que era eu?

— A loção pós-barba. Tenho um nariz sensível.

Ele pegou uma cadeira e fez um gesto em direção ao prato.

— Por que não está comendo?

— Está ruim. Se Artie tiver que depender dessa droga, não conseguirá sobreviver.

— A comida na casa Osborne não é ruim. Por que não vem para casa, janta e dorme um pouco?

Ela deixou o garfo cair sobre o prato e sacudiu a cabeça.

— Sou a única pessoa que Artie tem. Quero estar aqui quando ele acordar.

— Já verifiquei. Artie vai dormir a noite toda. Mesmo se acordar, estará tão dopado que não saberá se você se encontra ali ou não.

— Sei disso, mas acho melhor ficar.

— Vai se sentir melhor se for para casa e tirar uma boa noite de sono.

— Levantou-se, pegou-a pela mão e puxou-a junto com ele.

Ela correu os olhos para a mão dele sobre a dela, olhou-o intrigada.

— O que vai fazer?

— Vou levá-la para casa.

— Não vai não.

— Eu poderia carregá-la.

— Não faria isso.

— Faria sim.

Outono olhou-o fixamente por um longo instante, deu de ombros e seguiu-o até o carro. Durante o trajeto para casa, Brian tentou iniciar uma conversa, mas ela ficou olhando pela janela e recusou-se a responder. Quando o carro entrou no caminho que levava à casa Osborne, ela indagou abruptamente:

— Alguma vez você já sentiu medo, Brian, medo de verdade?

— Já. A maior parte da minha vida.

— Não consigo imaginá-lo com medo de nada.

— Fisicamente não, mas desde a idade em que comecei a saber o que esperavam de mim, tive medo de não conseguir corresponder. Quando era garoto, tinha que dobrar o pescoço para olhar meu pai. Mesmo depois de crescido, com quase dois metros, quando já conseguia encará-lo, ainda sentia a mesma sensação de dobrar o pescoço. Isso é desgraçadamente doloroso. — Parou o carro diante da casa e virou-se no assento de frente para ela. — Talvez se eu tivesse vindo para casa como homem tivesse sido diferente. Mas jamais saberei.

— E se sente culpado?

— Claro. Eu deveria ter vindo para casa mais cedo, ao menos para uma visita. Ficava sempre

protelando e pensava: da próxima vez. Da próxima vez que for aos EUA, irei para casa. Eu queria voltar e fazer as pazes com papai, mas tinha medo de ser encurralado aqui, incapaz de fugir uma segunda vez. — Fez uma pausa e sorriu de leve. — Essa palavra de novo.

Outono também sorriu.

— Pelo menos seu pai sentia muito orgulho de você por tê-lo enfrentado. Ele o amava muito, Brian.

— Ele tinha um jeito desgraçado de demonstrar isso.

Ela abriu a porta do carro e saiu.

— Seu pai tinha um jeito desgraçado de fazer a maior parte das coisas.

Brian saiu do carro e seguiu-a até a casa, pegou as pílulas no bolso da camisa e entregou-as a

Outono.

— Pílulas para dormir. Tome duas e vá deitar. Mandarei Molly levar-lhe uma bandeja de comida.

— Não quero jantar nem pílulas.

— Pegue-as — insistiu ele. — Vão ajudá-la a ter um sono mais profundo.

Ela contemplou as pílulas, em seguida Brian, agarrou o vidro e voltou-se para as escadas. Brian observou-a chegar ao patamar. Quando Outono olhou para trás e sorriu, ele pensou rapidamente: foi fácil demais. Iria esperá-la entrar no quarto, e subiria as escadas e se sentaria no sofá de veludo em frente ao quarto dela.

Perto dele havia uma mesa oval com um jarro de rosas vermelhas. Não conseguia lembrar de uma época em que não houvesse flores de qualquer tipo naquela mesa. Certa vez, quando tinha seis ou sete anos, pegara uma rosa quando estava passando e a levara para a mãe. Ela parecera tão contente, que ele passou a pegar uma flor no jarro toda vez que ia vê-la. O jarro em geral parecia um tanto nu quando os criados traziam novas flores.

Seguindo um impulso, tirou um botão e enroscou o cabo entre os dedos. Outono era matreira. Mais ou menos dez minutos depois a porta abriu com um estalo e cachos castanho-avermelhados surgiram. Ela olhou o corredor à esquerda, em seguida para Brian. Ele sorriu e piscou.

— Vai a algum lugar, Outono, talvez ao hospital?

Ela abriu a porta por completo.

— Maldito, Brian.

Brian levantou do sofá e jogou a rosa na mão dela.

— Tome uma flor, senhora bonita.

Ela fitou a rosa, a fadiga em seus olhos substituída pela boa surpresa. Tocou as pétalas macias, pressionando-as contra os lábios e fitou-o com um sorriso provocante.

— Não gosta muito de caules, não é?

Ele deu de ombros.

— Onde estão as pílulas?

— Na mesinha-de-cabeceira, mas não vou tomá-las.

Brian assentiu e entrou no quarto dela, puxou os lençóis, tirou duas pílulas do vidro e foi ao banheiro, de onde voltou com um copo d'água.

— Tome.

— Não tomo comprimidos, Brian. Eles me deixam tonta de manhã.

— Eu podia sentar em cima de você, segurar seu nariz e enfiar esses comprimidos malditos pela sua garganta. Para o caso de ainda não ter percebido, sou maior do que você.

Outono agarrou as pílulas.

— Vou fazer sua vontade. — Engoliu as pílulas com água, enfiou a rosa no copo. — Boa noite, Brian.

— De jeito nenhum. Você é louca o bastante para sair com duas pílulas. Não vou embora enquanto não estiver bem deitada.

Não fez objeções quando ele a colocou na cama e retirou os sapatos e as calças, mas quando estendeu a mão para os botões da blusa, ela deu um tapa em sua mão.

— Não uso sutiã.

Ele olhou para os mamilos pressionados contra o tecido fino e sorriu.

— Meu Deus! Eu nunca teria adivinhado. — Brian virou-se de costas enquanto ela terminava de se despir. Quando já se achava debaixo das cobertas, ele sentou-se na cama. O prazer causado pela rosa fora momentâneo. O medo, a exaustão, estavam de volta a seus olhos. — Está com medo?

— Aterrorizada. E parece que não consigo deixar de sentir isso. Aprendi como a morte súbita pode ferir. Fico pensando se estou conseguindo afastá-la.

— Agora Artie está fora de perigo, não está?

— Em grande parte, mas ainda tem muita coisa errada. Pode haver mais sangramento, infecção.

— E o problema da coluna?

— Agora os médicos estão mais esperançosos do que antes. As pernas têm feito algum movimento. — Puxou os lençóis contra os seios e sentou-se na cama. — Se ele se recuperar, será muito penoso. Precisarei estar sempre perto dele sob cuidados constantes. Acho que o apartamento em cima da garagem não vai ser muito bom. Se trazê-lo para a casa Osborne for problemático, alugarei um apartamento na cidade.

— Não fale besteira. — Empurrou-a para os travesseiros, mas ela parecia querer falar, assim ele escutou. No entanto, logo as palavras dela tornaram-se lentas e preguiçosas e seus olhos começaram a se fechar.

Entre bocejos, ela passou um dedo no rosto dele.

— Acabou.

— O que acabou?

— Aquela marca engraçada que você tinha depois de fazer a barba quando retornou para casa. — Ela bocejou. — Sabia que seus olhos mudam de cor? Cores bonitas.

— É. Quando bebo muito, eles ficam de um vermelho lindo.

Ela sorriu, voltou a bocejar e depois dormiu. Brian ficou sentado durante algum tempo observando-a dormir. De vez em quando ela murmurava e soltava profundos suspiros relaxantes. Ele não sabia por quê, mas imagens fortes da mulher adormecida vinham-lhe ao pensamento: o modo como o vento revolia seus cabelos castanho-avermelhados, o sorriso repentino, começando nos lábios e difundindo-se para os olhos. E as longas pernas elegantes das quais ele tirara as calças, a linha sombreada de pêlos que começavam no umbigo e desapareciam por trás de uma calcinha vermelha brilhante.

Sentiu um forte sentimento pela mulher adormecida e correu um dedo pela pele suave do ombro, pelos lábios, com um toque de veludo. Se ela não fosse... se... se... se... Brian levantou-se, puxou bruscamente o lençol sobre os ombros dela e apagou a luz.

— Boa noite, durona.

A NEVE chegou cedo naquele ano, em fins de novembro. O Dia de Ação de Graças veio e partiu, e as lojas preparavam-se para o Natal. Músicas de Natal enchiam o ar e acalentavam a gente da cidade em uma orgia de compras. Envolto em um sobretudo pesado, Brian saiu do escritório de Bob e caminhou vários metros pela neve até seu novo Ferrari branco. O velho carro esporte tossira, cuspira e se recusara a sair da garagem certa manhã, portanto Brian o aposentou, percebendo que se ligara fortemente ao metal inanimado. Tivera aquele carro desde o aniversário de 21 anos, presente do pai.

Finalmente Brian recebera uma cópia do relatório da autópsia, e se forçara ao menos a ler sobre as circunstâncias envolvendo a morte do pai. O relatório entrava em detalhes sobre o tamanho, formato e condição dos órgãos do pai. Após duas páginas, a imagem do pai estendido sobre uma laje formou-se no cérebro de Brian. Quis jogar o relatório no lixo, mas forçou-se a pelo menos folheá-lo. Estava tudo em ordem, então jogou os papéis em uma gaveta e fechou-a com violência.

Entrou no carro, acomodando-se no couro muito macio, ligou o motor e colocou o carro no fluxo do tráfego. Procurar Bob fora perda de tempo. Ele não sabia de mais nada, exceto que a dona da Corporação Corbett era uma tal sra. Everett Corbett, o que ele poderia ter sabido de outras fontes. Ainda queria saber o objetivo dela ao comprar uma mina que nada valia, e pretendia ir a San Francisco conhecê-la, mas no momento outras coisas o prendiam ali.

O que o pai dirigia com facilidade parecia tomar todo o tempo de Brian. Enfiado no escritório, ele acumulava horas, enquanto John o colocava em contato com cada aspecto da propriedade do pai. Durante meses trabalhou mais de 16 horas por dia sem intervalo, indo de cidade a cidade, encontrando membros da empresa, diretores e amigos políticos que o pai tinha, espalhados pelos EUA. Começou a achar que dormir era um luxo. Ter Outono no quarto ao lado não ajudava em nada. Às vezes ela tocava violão e cantava durante a noite. A voz dela era surpreendentemente boa, e vez por outra as canções ninavam-no até dormir. Outras vezes, ela escolhia músicas que o torturavam. Ele ficava deitado na cama sozinho, ouvindo a voz suave dela: “Quero fazer amor” ou “Você precisa de uma mulher esta noite”.

O canto começara lentamente. Durante semanas ele ouvira apenas o abrir de gavetas e os sons da água correndo nos aposentos. Percebera um sinal de vida quando ela soube que Artie voltaria a caminhar; no entanto, só quando trouxe Artie para casa foi que a velha Outono realmente começou a ressurgir. Até então Brian não se dera conta de quanto sentira falta de sua inteligência sarcástica e de seu sorriso imprevisível.

Brian parou o carro diante da casa e saiu da Ferrari com o novo motorista. Outono contratara-o porque se chamava James. Não importava se entendia ou não de carros. Ela soltara uma gargalhada e dissera que toda família elegante deveria ter um chofer chamado James. Brian tirou flocos de neve dos cabelos e entrou na casa, onde Jasper o esperava, usando um uniforme novo.

Jasper sorriu e pegou-lhe o casaco e a maleta.

— A srta. Outono está esperando o senhor na sala de jantar da família para comerem juntos.

Brian ergueu uma sobrancelha, surpreso. Outono acomodara Artie, junto com um enfermeiro, na ala oeste da casa. Comprara uma cadeira de rodas, uma bengala e contratara um fisioterapeuta que vinha todos os dias. Na semana em que Artie voltara para casa, Outono levava todas as refeições para o cunhado.

— Acho que não vou poder aceitar. Tenho muito trabalho para fazer esta noite. Jantarei no escritório.

— A srta. Outono disse que o senhor ia jantar com ela.

— Ah, ela disse, é?

— Isso mesmo. — Outono entrou no vestíbulo e foi em direção a Brian usando um longo vestido verde marcado na cintura. — Você tem jantado demais em sua escrivania, e tenho andado ocupada com Artie há muito tempo. Chegou a hora de dar uma parada, e está na hora de voltar à minha vida. — Deslizou o braço pelo dele e deu-lhe um cutucão. — Por aqui, sr. Osborne.

— Preciso me lavar.

— Por quê? Você e Lisa estavam fazendo bolos de lama de novo?

Ele soltou uma gargalhada, a primeira boa gargalhada em semanas.

— Bem-vinda à casa, sra. Osborne.

O jantar foi um festim com ganso assado e recheio de maçã e ameixas secas, aipo assado, batatas cozidas, abóbora cozida, pãezinhos quentes e manteiga, seguidos de pudim de ameixa com brandy. Agradavelmente sentado, ele recostou-se na cadeira com um drinque após o jantar.

— Não a ouvi comentar como Ella está indo no novo restaurante.

— Fantástico. O lugar lota toda noite. A cidade precisava de um bom restaurante classe média. Estamos pensando seriamente em um segundo lugar, mas isso só acontecerá daqui a um ano ou mais.

— Nós? — ecoou ele.

— Ah! Não lhe contei? Coloquei dinheiro.

— Não, você não falou que era benfeitora dela.

Ela deu de ombros.

— Eu tinha um milhão de dólares parados, então resolvi investir. Sou dona de metade do lugar.

— O que Ella colocou?

— Ela mesma.

— Não foi um pouco arriscado? Afinal de contas, você só conhece Ella há alguns meses.

— Ella é especial. Além do mais, gosto de ver garotas mal comportadas conseguirem vencer de vez em quando. Ela foi prostituta em uma de suas tabernas.

Brian tomou um gole do drinque e olhou-a atentamente.

— E se você perder todo o dinheiro? O que vai fazer?

Ela deu de ombros.

— Caso com outro ricaço.

Brian jogou o guardanapo em cima da mesa e sacudiu a cabeça, surpreso.

— Você nunca deixa de me surpreender, Outono. É uma bela e jovem mulher. Não quer amor, filhos?

— Já tive amor e não, não quero filhos. Odeio os gritos dos monstros. — Levantou-se abruptamente, deu a volta na mesa e puxou-o pelo braço. — Vamos nos agasalhar e brincar na neve.

— Neve? — repetiu ele, apático.

— É, aquela coisa branca e fofa. Quando você fez seu último boneco de neve?

Brian não conseguia lembrar, mas gostou da ideia. Levantou-se e seguiu-a.

— Jantar. Neve. Por que estou sempre cedendo para você?

— Porque é molenga e não sabe negar o pedido de uma mulher.

— Claro que sei. Peça para dirigir minha Ferrari nova.

— Tudo bem. Posso dirigir sua Ferrari nova?

— Claro que não. Já vi como você dirige... pé no chão e bunda no ar. — Saíram da sala de jantar e estavam se dirigindo para o vestíbulo quando ouviram vozes na ala oeste. Brian olhou-a inquisitivo. — Quem está com Artie?

— Só o enfermeiro. — Franziu o cenho e virou-se para o vestíbulo. — Artie não está suportando

bem a invalidez. Provavelmente está dando trabalho ao enfermeiro. Vou ver se consigo acalmá-lo. — Quando as vozes transformaram-se em um coro de gritos zangados, ela saiu correndo. Brian seguiu-a.

Ao entrarem no vestíbulo, Daisy veio em direção a eles, os olhos arregalados e surpresos. Brian pegou-a pelos ombros.

— Fique aqui e mantenha todos longe da ala oeste até que eu descubra o que está acontecendo. — Correu pelo corredor junto com Outono.

Quando se aproximaram dos aposentos de Artie, Brian sabia que devia haver alguém além do enfermeiro com Artie. Várias vozes gritavam palavrões, e ele ouviu o ruído de pés se arrastando. Outono estava na frente, e ele colocou-a de lado, entrando no quarto.

Artie estava meio fora da cadeira de rodas, com uma bandeja de comida jogada a seus pés. O enfermeiro, um homem corpulento e truncado, lutava com George, que sacudia uma arma e gritava:

— Artie matou Ginger.

O enfermeiro agarrou o braço de George e a arma disparou com um ruído estridente que irritou cada vértebra da coluna de Brian. A bala penetrou no teto, espalhando poeira e gesso.

— Merda! — Brian caiu em cima do tio. Mesmo com o enfermeiro musculoso e seus próprios oitenta quilos, foram precisos dois homens para derrubar George no chão. Colhidos em uma confusão de braços e pernas, os três homens fortes rolaram pelo chão como cães enraivecidos. O cheiro ácido de suor penetrou nas narinas de Brian e sentiu uma dor aguda na perna, onde um dos homens o chutara.

Brian jogou todo o peso sobre George, prendendo o tio ao chão. Agarrou-o pelo pulso e manteve-o preso contra uma parede vazia. Enquanto Brian segurava o braço do tio, o enfermeiro tirava a arma da mão dele. Enganchado sobre George, Brian gritou seu nome repetidamente e esbofeteou-o com a mão espalmada até que a consciência surgisse nos olhos do tio.

George olhava fixamente, como se despertando de um sono profundo. O corpo permaneceu imóvel e um gemido baixo e triste surgiu-lhe nos lábios.

— Ele matou Ginger.

Brian afastou-se de George, mas manteve uma mão firme sobre seu peito. O enfermeiro recolocou Artie na cadeira de rodas, e Outono estava estendendo um cobertor sobre as pernas dele. Artie perdera muito peso e seu corpo parecia frágil, mas os olhos faiscavam com ódio impotente, as veias do pescoço saltadas.

— Tirem esse doido desgraçado daqui — gritou ele.

Separar os dois homens pareceu o mais sensato a fazer, assim Brian se pôs de pé com uma mão no ombro do tio. George seguiu-o obediente, a cabeça baixa, os ombros curvos, os olhos baixos como se se sentisse envergonhado. Brian empurrou-o para fora do quarto e foi até o escritório. Fez um gesto para que George se sentasse em uma cadeira, ao bar e preparou dois drinques fortes.

Brian estendeu o copo ao tio, sentindo pena do homem, raiva e confusão. George pegou o copo, mas desviou o olhar rapidamente.

— Imagino o que está pensando.

— Um pouco. — Brian sentou-se diante dele e bebericou o drink em silêncio, deixando ao tio alguns minutos para relaxar. George ensinara-o a montar, a dirigir um carro, a ser criança em uma casa repleta de sobriedade. Agora Brian sentia-se o mais velho dos dois. — Quer me contar o que há?

George tomou um longo gole do uísque e assentiu. Quando começou a falar, as informações fluíram, as palavras atropeladas. Contou como conhecera Ginger, o dinheiro que lhe dera generosamente, como Douglas descobrira e o ameaçara, a briga entre os dois, o outro homem.

Pouco a pouco, Brian começava a compreender. Em sua opinião, o tio de bom coração jamais atirara antes, mas George ficara remoendo a morte de Ginger até ela se transformar em ódio cego e

monstruoso. Aí ele fora até Artie. Brian de repente debruçou-se para a frente.

— Você tem algo a ver com o acidente, tio George? Mexeu no carro?

— Não! — Arregalou os olhos. — Nunca teria feito algo para machucar Ginger. Eu a amava. Era tão linda... tão boa.

— Merda.

Brian virou-se enquanto Outono entrava na sala. Ela falara suavemente, mas ele conhecia a linguagem de seu corpo. Achava-se pronta para destruir George em sua fúria. Ele levantou-se e agarrou-a pelo braço, enquanto ela atravessava o escritório a passos largos.

— Agora não, Outono.

— Ele precisa saber de certas coisas.

— Mais tarde. — Virou-se com rapidez e levou-a para o vestíbulo. — O homem está perturbado, Outono. Agora não é hora.

— Quero falar com ele.

— Não. — Ele franziu o cenho, aborrecido. — Usar sua beleza para me levar a jantar e brincar na neve tudo bem, mas eu gostaria que deixasse as questões de família comigo. — Virou-a em direção à escada. — Espere-me em seu quarto. Falarei com você depois.

— Ótimo. Você cuida de sua família, e eu cuido da minha. Só espero que esse maldito idiota não se aproxime de Artie de novo. Da próxima vez, ele poderá estar sozinho. Aí, para onde irá seu tio precioso? Para a cadeia.

Brian voltou ao escritório, flexionando os músculos contraídos dos ombros e pescoço. George vinha do bar com outro drinque. Olhou para Brian e sacudiu a cabeça.

— Não mexi no carro. Nem sabia quem era o homem até depois do acidente. Eu não conseguia acreditar que havia outro homem. — Sentou-se de frente para Brian, ainda sacudindo a cabeça. — Douglas me contou que Ginger se encontrava com outro. Depois que ele morreu, voltei para Ginger. Ela me contou que Douglas mentira, e acreditei nela.

Brian ouviu o tio falar sobre Ginger sem parar durante uma hora. George relaxara mais, como se explodir tivesse aliviado a pressão. No entanto, Brian queria ter certeza.

— Tem outra arma em casa, tio George?

— Não. — Sorriu fracamente. — Não precisa se preocupar, Brian. Não tenho coragem para tentar de novo.

Brian assentiu:

— Por que não faz uma viagem com tia Harriet? Fique um mês... dois... três.

— É, talvez eu faça isso. Harriet está me perturbando para viajar no inverno.

— Ela sabe de Ginger?

Como se repentinamente fraco, George sacudiu a cabeça e levantou-se da cadeira.

— Harriet não pára de pensar em si mesma e onde vai comprar seu novo vestido para ver o que se passa à volta dela.

Brian percebeu a apatia na voz dele e sentiu compaixão. Caminhou com George até o vestíbulo, o braço sobre os ombros do tio.

— Então, vai viajar?

— Vou. Avise a Outono para não se preocupar. Vou viajar.

Brian despediu-se de George, em seguida virou-se para as escadas e foi ao quarto de Outono. Agora que a tempestade passara, achou estranho que a segurança dela estivesse preponderante em seu pensamento. Tendência instintiva do macho de proteger a fêmea, supôs. No entanto, Outono ficara calma, muito fria e controlada. Brian não. Quando a arma disparara, o medo correra por sua espinha. Ele já

participara de algumas brigas, mas jamais pretendia bancar o herói.

Bateu de leve à porta, e Outono mandou-o entrar. Havia duas cadeiras de frente para a lareira, mas Outono estava sentada no chão com o rosto sobre os joelhos. O quarto achava-se mergulhado em penumbra, exceto pela luz proporcionada pelas chamas. As sombras brincavam com seu rosto. A princípio seus olhos estavam frios, mas de repente ela sorriu. Tempestuosa, pensou Brian. Em um instante violenta, belamente calma no outro. Outono mudava seu temperamento com muita rapidez.

Encarou-o, os olhos refletindo a luz do fogo, e ele sentiu o coração bater mais forte. Deu um passo em direção a ela, querendo... O que queria é que ela não houvesse casado com o pai. Virou-se bruscamente e dirigiu-se para a porta a passos largos.

— Conversaremos amanhã. À luz do dia.

QUANDO O dia nasceu, Outono se fora. De acordo com James, ela acordara no meio da noite e pedira as chaves do Rolls-Royce. Após colocar Molly, Artie e o enfermeiro no carro, dirigira a comprida limusine através da neve, afastando-se da casa Osborne.

Durante a ausência de Outono, um silêncio profundo pareceu descer e tomar conta de toda a velha casa. E o céu, de um cinza arrependido, lançava camadas e mais camadas de neve debilitante. Sincelos de quase um metro cresciam e penduravam-se nos beirais como longas lanças ameaçadoras.

As estradas eram mantidas limpas por grupos de limpeza, e os aeroportos ainda estavam funcionando, mas a Carroça de Burro estava pousada. Preso na cidadezinha encapsulada, Brian voltou a sentir a sobriedade que percebia quando criança. A quietude da casa Osborne atingia-lhe os nervos, e ele se percebeu ficando mais tempo no escritório, ou às vezes telefonando para Lisa. Ela era uma pessoa fácil e agradável de se conviver, exceto por suas reservas quanto à permanência dele na casa. Lisa preocupava-se com os filhos e achava mais excitante sair da cidade e ir para um motel ou esgueirar-se escondida pelas escadas dos fundos para o quarto dele. Com frequência ela dizia brincando que isso a fazia lembrar do celeiro.

Em meados de dezembro, o cobertor branco de beleza tornara-se cansativo. Brian saíra cedo do escritório e fora para casa e estava entrando no carro quando Outono anunciou sua volta jogando uma bola de neve nas costas dele. A primeira reação foi de aborrecimento, mas em seguida ele a viu. Ela estava de pé na entrada da casa, de botas, luvas, chapéu de pele, envolta em um casaco de zibelina, o começo de um boneco de neve ao lado. Ele sentiu uma súbita vontade de soltar um gargalhada e largou a maleta, pegou um punhado de neve e jogou nela.

Depois de uma luta furiosa na neve, eles terminaram o boneco, ou boneca, de neve. Outono queria que fosse boneca, assim, o avental de cozinheira cobriu a barriga, um xale colorido tampou o busto largo, um pouco de feno nos cabelos e um lenço vermelho em volta da cabeça. Fizeram um rosto e em seguida recuaram para admirar o trabalho. Outono olhou do boneco de neve para Brian.

— Acho que acabamos de criar uma tia Jemima caipira.

Brian não estava olhando para tia Jemima, mas para Outono. Ela sentia tanto frio, que os dentes chocalhavam e os lábios estavam ficando roxos. Pegou-a pela mão, parou para apanhar a maleta e depois levou-a para casa, onde aqueceram-se com rum amanteigado e quente.

Ele ficou pensando se a volta de Outono com a família teria algo a ver com o fato de George e Harriet terem viajado para Palm Springs no dia anterior. Ela não deu qualquer explicação sobre o motivo da partida ou onde tinham estado, mas explicou sobre Ginger e como o acidente acontecera.

— Artie é um velhaco — disse ela. — E sabe disso. Geralmente ele pega as Ginger do mundo para que possa ir e vir sem magoar ninguém. Quando ficou entediado de Ginger, ela não queria deixá-lo. Houve uma briga e ela agarrou o volante. Na velocidade em que estavam, ele perdeu o controle e o carro caiu no aterro. — Outono pegou a caneca e colocou-a entre as mãos em concha, para aquecê-las. — Contaram-me que há prostitutas e prostitutas. Ginger era uma puta de verdade, com um coração de puta. Não ligava para ninguém... nem para Artie, nem para George.

— Como os dois se envolveram com a mesma mulher?

— Isso acontece. Por exemplo, você, Lisa e Bob. — Outono olhou para o quarto. — Por que não há decoração de Natal?

Brian sorriu com a mudança de assunto sutil.

— A casa pareceu ter parado depois que sua dona se foi.

Ela assentiu e baixou os olhos para a caneca.

— Essa foi uma época do ano ruim para mim. Quis me afastar durante algum tempo. Depois que coloquei Artie em um lugar onde não precisaria me preocupar com ele, fui para San Francisco. Mas agora estou de volta durante algum tempo. — Levantou-se com a caneca e fez um gesto para que ele a seguisse. — Desde o primeiro dia em que entrei nesse vestíbulo, pensei como seria divertido preparar esta casa enorme e velha para o Natal.

— Gosta daqui?

— Amo esse lugar — disse ela, com surpresa na voz. — Tem tanta história. — Apontou enquanto entravam no vestíbulo. — Poderíamos ter uma grande árvore para todo mundo, como uma espécie de boas-vindas, mas uma menor, mais pessoal, na sala de estar, para a família. Alguns azevinhos e fitas também tornarão as coisas mais animadas. Provavelmente Dale virá para casa. Prepararei um quarto para ele. — Fez uma pausa, como se reunindo suas ideias, e falou diretamente, em tom autoritário. — Acho que devíamos fazer uma pequena reunião na noite de Natal, depois você estará livre para passar o resto da noite onde quiser. Teremos um grande jantar para a família e amigos, é claro, e uma grande festa de Ano-Novo. Umas cem pessoas. Com a neve, alguns convidados de fora da cidade poderão querer pernoitar. Prepararei quartos e telefonarei para os fornecedores. Gostaria que as crianças do asilo viessem para as brincadeiras e presentes. O salão de bailes será o lugar mais seguro. Mandarei prepará-lo. — Fez-lhe um carinho no peito e nos ombros. — Você pode ser Papai Noel. Sem dúvida é grande o suficiente. Precisaremos apenas colocar a barba e a barriga. — Fez uma pausa. — Bem, o que acha?

— Acho que vou deixá-la dirigir minha próxima reunião da junta.

Outono por um instante pareceu perplexa, mas por fim deu um sorriso.

— Desculpe, mas não temos muito tempo antes do Natal. Quando estou com pressa, meu cérebro trabalha a mil por hora. Faça isso, faça aquilo. Veja isso. Termine aquilo. — Levantou a caneca e tomou um grande gole do rum quente. — O que gostaria de fazer no Natal?

Brian sorriu e mexeu nos cabelos molhados e desordenados de Outono. Realmente ela fizera a velha casa reviver.

— Você faz os planos. Diga-me apenas quando devo estar aqui.

— Como Papai Noel?

— Claro. Vou treinar minhas risadas.

A casa ficou agitada durante as duas semanas que se seguiram, em seguida mergulhou de novo em silêncio quando Outono, Molly e Artie desapareceram pela segunda vez. Outono veio para a festa das crianças, e mostrou-se alegre e animada. Mais tarde, Brian percebeu que ela ficara quieta e preocupada. Quando ele acordou na manhã de Natal, ela se fora, como se sua tarefa de dona da casa Osborne houvesse sido preenchida. Voltou para dirigir a festa de Ano-Novo, mas tornou a desaparecer uma semana depois. Dessa vez, só levou Molly.

Depois de um mês que se fora sem uma palavra, Brian ficou preocupado e procurou Artie. Quando Artie o dispensou com um menear de ombros, procurou Bob Proctor, que foi ainda mais evasivo. Resolveu procurar Ella, que se mostrou um pouco mais aberta. Colocou uma xícara de café diante dele e sentou-se à mesma mesa. — Eu não me preocuparia, sr. Osborne.

— Brian.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, Brian. Outono não é tola. Sabe cuidar de si.

— Sabe onde ela está?

— Sei. Somos sócias, portanto ela mantém contato comigo.

— Por que ela não pode telefonar para mim ou para alguém da casa Osborne?

— Outono é um espírito livre. Não dá satisfação a ninguém. Comigo são negócios.

Brian correu os olhos pelo salão cheio, ouvindo o tilintar de pratos, o ruído de vozes. O restaurante dispunha de trezentos lugares, e todos pareciam cheios. A sala era pouco iluminada, com tapetes e cadeiras bem estofadas. Um belo restaurante classe média, especializado em carnes. Diziam que a carne de carneiro dali era a melhor.

— Um excelente negócio, ao que parece.

Ella assentiu e tomou um gole de café.

— Temos tido lucro desde o princípio. Isso não é normal e é mais do que esperávamos. Se tudo der certo, planejamos abrir um segundo perto de Hopkinsville. Talvez um terceiro um pouco mais perto de Louisville.

Brian arqueou uma sobrancelha.

— Quantos estão planejando abrir?

— Outono não pensa em termos de um, ou mesmo dois, mas vários. Vou seguir a liderança dela, você não faria o mesmo?

— É, provavelmente eu faria. — Levantou-se da mesa com um sorriso provocante nos olhos. — Suponho que não queira me contar onde Outono está?

— Não posso, mas não se preocupe. Ela retornará quando estiver pronta.

Brian virou-se e saiu do restaurante, aceitando Outono como ela era. Dois dias depois, ela regressou mas não deu explicações, e Brian não fez perguntas.

Em fins de fevereiro, surgiu uma corrente quente e o princípio da primavera. Os sinelos começaram a cair, espatifando-se no chão. As estradas foram limpas. As coisas se ajeitaram no escritório, e Brian começava a sair das pilhas de papel. Agora que conseguia tomar decisões sem que o pai olhasse por cima de seu ombro, julgando-o, muito do ressentimento que sentia desapareceu. Ele admitia que havia uma certa excitação em lidar com milhões de dólares.

Caíra na rotina de café da manhã com Outono, escritório, jantar fora, ou com Outono. As noites fora, ou com Outono. Algumas noites ela se enroscava na cadeira e lia, enquanto ele trabalhava na escrivania. Os silêncios entre eles eram longos, mas confortáveis. Quando Brian precisava sair da cidade a negócios, com frequência ela acompanhava-o e fazia compras. Se precisavam passar a noite fora, jantavam juntos e depois iam para seus quartos.

Em certo sentido, Brian colocara Outono em uma caixa de veludo, dizendo a si mesmo para não pensar nela como mulher, mas como viúva do pai — as mãos longe — na maior parte do tempo. Ele só deslizara uma vez.

Mandaram selar dois cavalos e haviam cavalgado até o lago Clearview. Outono passara de Penny para um capão de quatro anos. Brian montava o cavalo do pai, Trovão. A neve derreteria, mas o lago ainda estava congelado. Gritinhos excitados dos garotos esquiando no gelo do outro lado do lago chegavam até eles, trazidos pelo vento frio.

Outono desceu da sela e jogou as rédeas sobre o lombo do animal, em seguida sentou-se com as costas apoiadas em um tronco.

— Douglas me trouxe aqui logo depois que nos casamos. Tinha um canto aconchegante que escolhi para tomar banho. — Olhou para Brian sentado a seu lado. — Ainda está pensando por que seu pai casou comigo, não?

— Não. É óbvio.

Ela franziu o cenho, pegou um galho e bateu nos dedos.

— Não foi só sexo. Douglas sentiu-se envelhecendo, e precisava de alguém. Você se fora, e seus negócios não eram mais um desafio. Surgi na vida dele em um momento vulnerável. — Fez uma pausa, como se pensando. — Quando casamos, ele preferia dormir sozinho. Depois quis que eu ficasse após fazermos sexo. Mais tarde, quis que eu ficasse a noite toda. Sentia-se sozinho.

Brian não queria ouvir falar no pai ou no que acontecera na cama. Sentia-se inquieto e se levantou.

— Vamos patinar.

— Mas e os patins?

— Vou lhe mostrar. — Levou-a até a beira do lago e colocou o corpo grande sobre o gelo.

Disparou, parou rapidamente com os pés bem plantados e o corpo saiu pela superfície congelada. Voltou-se para Outono com uma reverência graciosa. — Está vendo? Não precisamos de patins.

Outono seguiu-o e caminhou no gelo até se equilibrar. Olhou para Brian e imitou-o. Plantando os pés, saiu em direção a ele. Mas Brian percebeu que ela não ia conseguir parar e agarrou-a pelos braços. Com isso, perdeu o equilíbrio e caíram com estrondo, em um emaranhado de braços e pernas. Rindo, puxou-a para cima dele e a retirou do gelo.

Outono usava um boné de aparência infantil que estava caído para um lado. Brian pegou seu rosto com as mãos e puxou o gorro sobre suas orelhas. As bochechas estavam vermelhas de frio, os lábios entreabertos com as risadas. Por um instante ela não passava de uma mulher chamada Outono, e ele de um homem chamado Brian, um arqueólogo e doutor em egiptologia. Puxou-a para seus braços, as bocas próximas. Ela cheirava a ar puro e luz do sol e todas as coisas suaves transformadas em mulher. Brian afastou-se de leve, correu os lábios pela pele suave das bochechas, dos olhos e voltou para a boca. As mãos dele movimentaram-se lentamente pela cintura e pelas nádegas, em seguida subiram por sob o casaco pesado. Desejava-a, queria sentir o calor do corpo dela e em seu pensamento a cama surgiu, mas depois surgiu também o pai.

Brian afastou-a e soltou uma gargalhada.

— Sei que sou irresistível, Outono, mas você podia parar de se jogar sobre mim?

Ela empertigou-se, o cotovelo no joelho.

— Realmente acha que é o maior, não?

— Acho. Vamos para casa. Está frio.

Ele transformara o beijo em brincadeira, mas dali em diante manteve-a a distância.

Para Brian pareceu que abril e o aparecimento das tulipas eram algum tipo de sinal para Outono. Ela ordenou que abrissem as janelas, limpassem a casa do porão ao sótão, e enchessem a piscina. Em seguida, desapareceu durante uma semana.

Brian encontrava-se em seu quarto com Lisa na noite em que Outono voltou. Estava de robe ouvindo parte da conversa de Lisa na cama. Ele debruçou-se na janela e observou o corpo flexível de Outono, uma sombra indistinta à luz do luar que se movimentava pela água. Ela nadava, braçada após braçada, furiosamente, como se lutando contra a corrente forte. De um lado para o outro, até que as braçadas se tornaram lentas e elaboradas.

— Está me escutando? — perguntou Lisa.

— Não... estou... o que você disse? — Voltou-se e olhou para Lisa na cama, percebendo o quanto Outono estivera em seus pensamentos ultimamente.

— Perguntei para o que estava olhando tão fixamente.

— Para uma excelente nadadora.

Lisa saiu da cama, aos tropeções, e foi até a janela quando Outono saía da piscina e enrolava uma toalha em volta dos seios nus.

— Ah... Outono. Eu a invejo. Ela tem um belo corpo.

— Não há nada de errado com seu corpo, Lisa.

— Meus seios são grandes demais.

Brian franziu o cenho.

— Por que as mulheres estão sempre descontentes com seus corpos? Outono reclama que tem sete pequenas sardas no nariz.

— Sete? O que você fez Brian, contou as sardas?

Ele contara as sardas de Outono e sentiu-se idiota. Colocou o drinque que estivera bebendo na mão dela.

— Segure isso. Quero falar um instante com Outono. — Saiu do quarto e ficou ao pé da escada. Ela aproximou-se dele lentamente, a cabeça baixa enquanto subia as escadas. Esperou até ela chegar bem perto dele e perguntou: — Onde você estava?

Ela olhou-o por um instante, assustada.

— Nadando.

— Não seja irreverente, Outono. Onde esteve na semana passada?

— Por que esse interesse repentino, Brian? Você nunca perguntou antes.

— Estou perguntando agora.

Ela deu a volta, passou por ele, mas parou na porta.

— Fiz aniversário há alguns dias. Um amigo queria fazer algo de especial comigo. Mandou o avião e fui para San Francisco. Passei a semana no iate dele.

Brian pensara nos homens da vida dela, mas não pensara nela com um determinado homem. Não gostou da ideia. Ela era uma Osborne, a viúva do pai. Era sua responsabilidade cuidar dela.

— Quem é esse homem?

— Quem ele é não interessa. Seu pai está morto, Brian. Sou livre para encontrar quem eu quiser.

Ele não encontrou palavras para rebater e deixou-se ficar de pé, olhando. Os cabelos dela tinham crescido e caíam em volta do rosto e dos ombros em madeixas molhadas. A toalha deslizara, mal cobrindo os mamilos. Brian colocou um dedo entre os seios e puxou a toalha bruscamente até o queixo.

— Acho melhor tomar um banho quente ou vai pegar um resfriado.

— Resfriado? Está muito quente lá fora, Brian.

Varrido repentinamente pela frustração, ele disparou:

— Vá para a cama, Outono.

— Vá para o inferno, Brian. — Ela bateu com a porta, separando-os.

Brian ficou de pé por um momento, confuso. Não pretendia discutir com Outono, e não sabia que ela fizera anos. Outono descobrira o dia do aniversário dele e fizera uma festa.

Ele voltou para o quarto, pegou o copo na mesinha-de-cabeceira e tomou um longo gole. Lisa estava esticada na cama, os cabelos louros caídos sobre o travesseiro. Seios bastos nivelavam-se e espalhavam-se pelo peito dela. Pêlos pubianos louros brilhavam à luz branda. Ela fitou-o, os olhos semicerrados.

— Está dormindo com ela?

— Não.

— Quer?

Ele bateu com o copo na mesinha-de-cabeceira.

— Ela é viúva de meu pai.

— E daí?

— Daí cale a boca.

Lisa estendeu as longas pernas bem-feitas, esticou a mão e pegou-o sob o robe:

— Você está de pau duro!

Ele trincou os dentes e crispou os punhos, a voz baixa e rosnando:

— Melhor ainda para trepar com você, minha querida. — Tirou o robe e entrou entre as pernas dela sem preliminares.

Lisa soltou um grito sufocado quando ele ergueu-lhe os quadris e penetrou-a.

— Brian!

— Não estou aqui para ficar paparicando você, Lisa. Quero fazer assim, certo?

— Não, errado. Não somos crianças no celeiro e não sou alguma gueixa apaixonada que você pegou em Cingapura.

Brian suspirou e fez as preliminares, até ela ficar molhada e movimentando o corpo em resposta ao dele. Em seguida, possuiu-a com fria indiferença, caiu de costas e recordou. Os pais de Lisa e os seus haviam sido amigos desde antes do nascimento dos dois. Desde a idade em que Brian aprendeu a diferenciar um menino de uma menina, o pai planejara casamento para os dois. Quando tinha 13 anos, Brian decidiu que não ia casar com Lisa ou quem quer que fosse se não quisesse.

A vida com Lisa teria sido fácil. Era uma boa mãe, uma pessoa fácil de conviver, uma mulher sensual. Teria dado uma boa esposa. O único problema era que não a amava e jamais viria a amá-la. Puxou-a para seus ombros e aconchegou o rosto nos cabelos suaves de Lisa.

— Desculpe, gatinha.

Ela afastou-se e empertigou-se na cama.

— Adoro quando você é selvagem e passional, mas não gosto de trepar com você pensando em outra.

— De que está falando?

— Outono — gritou ela. — Quando me deixou, não estava com ereção, mas quando voltou estava de pau duro, após ter conversado com ela.

— Isso não tinha nada a ver com Outono.

— Tinha sim. Você passou anos tentando se encontrar e ainda não sabe porra nenhuma. Quer trepar com Outono e isso está consumindo e atormentando você e o transformando em um babaca. — Jogou as pernas sobre a beira da cama. — Não me telefone de novo, a não ser que seja eu mesma que você quer.

Um cardeal debruçava-se sobre o ramo de um carvalho e cantava alegremente para seu companheiro. Brian franziu o cenho para o pássaro barulhento, bocejou, e enfiou o garfo em uma omelete. Passara a noite tranquilizando Lisa. O ciúme transformara a mulher de fácil convivência em megera. Quando não estavam transando, ela vivia reclamando. Cada vez mais ela o fazia lembrar que lhe roubara sua virgindade no celeiro e fugira, deixando-a sozinha. E como esperara anos que ele voltasse. Esperara entre dois maridos, pensou Brian. Já eram quatro horas quando finalmente conseguiu levá-la para casa, e vestira-a literalmente, tirando-a da casa e colocando-a no carro.

Brian lançou um olhar para a tigela de creme de trigo sobre a mesa à sua frente. Outono colocara o café da manhã no terraço, mas não se achava ali. Uma pilha de relatórios financeiros também estava sobre a mesa. Tentara dar uma olhada, mas estava tudo calmo demais. Não conseguia se concentrar.

Deu uma garfada na omelete, percebendo em que pessoa de hábitos se transformara. A manhã não parecia a mesma sem Outono do outro lado da mesa conversando. Não, ela não conversava. Na verdade, ela possuía um jeito fascinante de dirigir a conversa para longe dela e fazê-lo falar todo o tempo. Se reunisse tudo que sabia dela, não teria praticamente nada.

Deixou o garfo cair no prato quando Daisy veio até a mesa. Ela fez um gesto em direção à omelete.

— Algo errado com o café da manhã?

— Nada.

— Então por que não está comendo?

— Não sinto fome. Onde está Outono?

— Correndo. Acho melhor não mexer com ela esta manhã. Está de mau humor.

— Não mexo com Outono.

— Mexe sim. Está sempre implicando com ela. — Daisy virou-se de costas para ele ao ver que Outono se aproximava, vindo do jardim de rosas. — Siga o meu conselho.

— Sim, senhora.

Outono deixou-se cair em uma cadeira em frente a ele, ainda ofegante. Os cabelos brilhavam dourados contra o sol da manhã. Gotas de suor formavam-se em seu lábio superior.

— Bom dia, Brian.

Observou-a colocar leite na tigela de cereal e em seguida mergulhar a colher na papa.

— Como consegue comer essa merda?

— Talvez porque fui criada com isso. Ao contrário de você, às vezes não tínhamos mais nada.

Brian não sabia por quê, mas ela o irritava. Estava usando short de corrida e camiseta de jérsei, os mamilos protuberantes contra o tecido fino.

— Você nunca usa roupa de baixo?

— O que há de errado com meu modo de vestir?

— Insuficiente.

— Esta cidade está influenciando você, Brian. Está se tornando tão bitolado quanto seu pai.

— Pode ser — disse ele, fazendo um gesto em direção aos seios dela.

— Mas as coisas que aceitam em San Francisco são criticadas em Edisonville.

— Nunca usei sutiã em toda minha vida, e não pretendo começar agora.

— Você é uma Osborne. Tudo que faz e veste é percebido. É muito ruim, mas é assim. Simplesmente deverá aprender a conviver com isso.

— E você? Também é um Osborne. Não somente se mete com toda mulher de Kentucky, mas as traz para casa. — Ela piscou os olhos, e a voz soou suave e ofegante: — Ohhhhh, Brian, Briannnnn. Ah, ah, ah, arquejando, arquejando e depois socorro, socorro, gritam as molas da cama.

— O que você estava fazendo, Outono, ouvindo pelo buraco da fechadura?

— Não preciso. A voz de Lisa é clara e alta.

Ele enfiou o garfo na omelete.

— O que faço é completamente diferente. Você devia saber disso.

— Por quê?

— Sou homem.

Outono empertigou-se na cadeira, e as bochechas ficaram de um rubro furioso.

— Não vou — disse ela. — Não vou, não vou. Merda, não vou. — Jogou a colher, pegou a tigela de creme de trigo e enfiou na cabeça dele.

— Babaca arrogante. — Saiu correndo.

Brian empertigou-se enquanto massas pegajosas de creme de trigo caíam em seu terno e filetes de leite escorriam-lhe pelo rosto. Baixou os olhos e tirou a massa da lapela, saltou da cadeira e disparou atrás dela. Quando entrou na casa, Daisy pegou-o pelo braço e esfregou-lhe os cabelos com uma toalha.

— Avisei a você para não mexer com ela hoje.

Ele praguejava furioso e afastou-se de Daisy, caminhando a passos largos pela casa, as pernas longas subindo as escadas de três em três degraus. Quando passou pela porta do quarto de Outono, deu uma olhada. Queria parar, agarrá-la pelo pescoço e sacudi-la com toda força, mas o colarinho estava grudando no pescoço e coçando horripelmente. Atravessou o corredor a passos largos, entrou em seus aposentos e foi até o banheiro. Em seguida, viu seu reflexo no espelho e caiu na gargalhada. Os cabelos louros estavam emplastrados contra a cabeça, os cílios cobertos de grãos de trigo. O resto do desjejum de Outono decorava o terno.

Pela segunda vez naquela manhã, ele tirou a roupa e entrou no chuveiro, onde passou vinte minutos tirando o trigo dos cabelos. Depois de se secar, vestiu outra roupa, jogou o paletó sobre os ombros e dirigiu-se para a porta.

A maleta ainda estava no terraço, assim ele desceu pelas escadas dos fundos, recolheu os relatórios e foi pelos fundos da casa até a garagem. Não esperara ver Outono, mas ela estava sentada no pára-lama de seu carro conversando com Artie. Estava com o cenho franzido e gesticulava:

— Vou preparar tudo de que preciso rapidamente.

Brian sentiu-se invadindo e tossiu para alertá-los.

Outono voltou-se rapidamente, olhou para Brian e depois para Artie com um sorriso estranho.

— Ainda preciso fazer uma coisinha. Posso fazer isso quando quiser.

Artie cumprimentou Brian com um movimento de cabeça, em seguida virou-se e entrou na garagem mancando levemente.

Outono olhou para os cabelos molhados de Brian e sorriu:

— Ouvi dizer que trigo é um excelente condicionador.

Ele atirou a maleta e o paletó pela janela aberta do carro, franzindo um pouco o cenho.

— Da próxima vez, você pode tentar. — Tirou-a do pára-lama pelas axilas e ergueu-a acima da cabeça. — Você está com uma sarda nova.

— Onde? — ela tocou o nariz.

Brian baixou-a para o chão, sacudindo a cabeça admirado diante da vaidade das mulheres. Esticou a mão para a maçaneta do carro, em seguida parou.

— Esqueci — Pegou-a pela mão e puxou-a para os fundos da casa. — Tenho uma surpresa para

você.

Ela olhou-o curiosa.

— Que surpresa?

— Você vai ver. — Abraçou-a pela cintura. — Vai adorar. — Levou-a pelo lado da casa, atravessou o jardim de rosas, fez a volta da fonte de mármore, passou pelo carvalho e chegou ao terraço.

Ela olhava-o confusa.

— Não vejo nada.

— Vai ver. — Debruçou-se, colocou-a nos braços e carregou-a para a piscina.

Outono olhou para a água e depois para Brian.

— Não. Você não seria capaz.

— Seria sim. — Foi até a piscina e empurrou-a. — Detesto creme de trigo.

— Ahhhhhhh, nãoooooo!

Brian esperou até ela surgir na superfície, espirrando água e olhando-o furiosa. Ele sorriu vitorioso.

— Até logo.

Antes de ir para o escritório, Brian estacionou o carro e desceu pela Main Street. Queria comprar um presente de aniversário para Outono, mas não sabia o quê. Diamantes? Não gostara da ideia. O pai inundara-a de pedras frias que ela raramente usava. Brian queria lhe dar algo diferente, algo que ela pudesse tocar e ter todos os dias, não joias frias e duras que precisavam ser trancadas em um cofre até querer usá-las. Infelizmente, comprar presentes para mulheres nunca fora seu forte.

Brian passou por uma loja de antiguidades e parou por um momento. Com certeza, entre todos os objetos de arte, ele poderia encontrar algo que combinasse com Outono. Já estava quase entrando na loja quando uma vitrine ao lado chamou-lhe a atenção e sorriu surpreso. O tamanho era bom, e a cor combinava perfeitamente com seus cabelos. Era Outono.

Mandou embrulhar e colocar fitas.

Levando o pacote, Brian subiu as escadas para o quarto de Outono. Depois da segunda batida, ela surgiu, o cenho franzido. Mudara de roupa, mas os cabelos molhados enrolavam-se em madeixas em torno de seu rosto. Brian sorriu.

— Tenho uma surpresa para você.

— Obrigada, mas já recebi uma de suas surpresas hoje de manhã.

— Não — disse ele, fazendo um gesto em direção à caixa. — Esta é uma surpresa de verdade.

Outono pareceu cética, mas deu um passo à frente e olhou para a caixa aberta. Seus olhos arregalaram-se quando um filhote de setter irlandês gorducho e felpudo bocejou preguiçoso e olhou-a.

— Ohhhh! — murmurou ela. — Um filhotinho. Sempre quis um cachorro. É macho ou fêmea?

— Fêmea.

Ela olhou para Brian, os olhos vivos de prazer e surpresa.

— Ótimo. Arranjaremos um macho, e ela poderá ter filhotes. — Quando Outono pegou o cãozinho, ele começou a guinchar excitado, agitando-se e lambendo-lhe o rosto com uma linguinha rosada. Mergulhou em seu pescoço, a cor tão semelhante à sua, que ficava difícil diferenciar o cachorro dos cabelos castanho-avermelhados dela. Outono sorriu para Brian.

— Já a amo.

— Feliz aniversário atrasado, Outono.

— É perfeita. — Em seguida ela saiu da caixa de veludo e subiu para os braços dele com facilidade, seus lábios suaves contra os dele. — Obrigada, Brian. Foi o presente mais bonito que alguém já me deu.

Quando Brian chegou ao escritório, George estava esperando por ele. O tio fora para Palm Springs

e voltara um homem inteiramente diferente. Brian sentiu a mudança em George, da qual gostou, uma força de vontade que o tio jamais tivera antes.

George estava sentado calmamente na cadeira diante da escrivaninha de Brian.

— Não é segredo — disse ele — que eu e Harriet não nos damos bem nos últimos anos. Se não fosse por Douglas e suas ameaças, eu não teria ficado tanto tempo com ela. Nunca houve um divórcio na família, mas as coisas não podem continuar desse jeito.

— Não compreendo — disse Brian. — Está aqui para me pedir permissão para se divorciar de Harriet?

— Não, estou além da permissão. Só queria avisá-lo do que estou pretendendo.

— Tia Harriet sabe?

George assentiu.

— Ela concordou, mas quer tudo. A casa e a mobília, as joias, as peles, o carro e o dinheiro. Muito dinheiro. Como não tinha o dinheiro que ela queria, vendi minhas ações da mina. Assinei os papéis hoje pela manhã.

Brian correu os dedos pelos cabelos, tufo de cabelos loiros caindo sobre a testa. Várias vezes ele tentara marcar uma entrevista com a sra. Corbett, mas ela estava sempre fora da cidade. Fora inclusive a San Francisco certa vez. Depois de ser jogado de um escritório para outro, falara com um encarregado, que nada sabia sobre a empresa comprar uma mina de carvão. O homem sorria e olhara para Brian como se ele fosse algum louco de rua. “Nosso interesse é comida, sr. Osborne, e não mineração de carvão.”

Brian debruçou-se sobre a mesa e contemplou o tio.

— Quando a oferta foi feita pela primeira vez?

— Meses atrás.

— Por que esperou até agora para vender?

George sorriu.

— A mina é como uma apólice de seguros. Eu sabia que se a vendesse, Harriet poderia acabar com o dinheiro. Se me divorciasse dela e depois vendesse a mina, teria o dinheiro para mim e Ginger. — Deu de ombros. — Não me importa mais. Só quero sair fora. Se o dinheiro da mina comprar minha liberdade daquela puta, valerá a pena.

— E Homer? — Indagou Brian. — Ele também vai vender?

— Homer? — repetiu George, dando um sorriso. — Homer não faria isso com medo que Douglas levantasse do túmulo e viesse atrás dele. Não, duvido que Homer venda. Sente-se feliz com as coisas do jeito que estão. Ele é um Osborne, prefeito de Edisonville, e acionista da maior mina do país. Não importa para ele que Black Jewel esteja fechada.

— O que vão fazer com metade da mina?

— Quem sabe? Quem se importa? — George levantou-se e contemplou o retrato de Douglas. — Ele errou em relação a mim. Se tivesse me dado uma oportunidade, eu poderia ter ido melhor na empresa. Acho que lhe deu uma sensação de poder ter-me como capacho. — Olhou para Brian. — Eu realmente gostaria de ter mais responsabilidade.

— Tudo bem. O que acha de dirigir a fábrica de roupas? Martin vai se aposentar daqui a dois meses. Por que não trabalha com ele até aprender o funcionamento das coisas?

— Não tem medo que eu acabe com ela?

— Não. Sempre posso despedir o senhor.

George sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Obrigado, garoto. Você tem bastante de Doug para ser um vencedor, mas não o suficiente para receber uma facada nas costas.

Brian recostou-se na cadeira enquanto George saía da sala, virou-se e olhou para o retrato do pai. Uma facada nas costas? As palavras do tio martelavam-lhe na cabeça. Crime em Edisonville parecia ridículo, mas depois de meses sentado na cadeira do pai, não lhe parecia tão absurdo agora. Brian aprendera que para construir seu império, Douglas Osborne criara alguns inimigos ferrenhos. Havia uma longa lista de homens que gostariam de vê-lo morto. Mês após mês Brian percebera isso. Quanto mais fundo investigava, mais sujeira descobria. Mas onde? Em sua própria piscina?

Fitou a gaveta da escrivaninha, abriu-a lentamente e tirou o relatório da autópsia. Os meses haviam ajudado, e agora conseguia lê-lo com mais objetividade. Dessa vez leu-o com calma, cuidadosamente. Após lutar com três páginas de jargão médico, seus olhos pousaram em duas palavras. Proteína de nozes. Brian releu o parágrafo uma segunda vez, depois uma terceira. Franziu o cenho, confuso, em seguida levantou-se e foi até a sala de Beth.

— Preciso providenciar algumas coisas. Tente conseguir uma entrevista com a sra. Corbett em San Francisco. Fique tentando até encontrá-la na cidade. E telefone para John Allison. Quero que ele descubra tudo que puder sobre a mulher.

— Sim, sr. Osborne.

Virou-se para a porta, dobrando o relatório e enfiando-o no bolso.

— Ficarei fora durante algum tempo. Preciso falar com o dr. Albright.

BRIAN seguiu com a Ferrari pelo caminho que levava à casa Osborne. Fazia dois dias que levava o laudo da autópsia ao dr. Albright, mas a conversa que haviam tido voltava-lhe constantemente ao pensamento. Choque anafilático, dissera o dr. Albright, resultando em estridor respiratório causado por reação alérgica. Agora ficava fácil para Brian entender como seu pai poderia ter entrado em pânico, como um homem forte e saudável poderia ter-se afogado em sua própria piscina. O pai poderia ter sentido a garganta apertar e tentado respirar. Apavorado, teria se debatido selvagememente, buscando ar, e a água teria entrado pelo nariz, boca e pulmões. A morte do pai fora uma perda, mas um acidente que Brian conseguia entender e aceitar. O pai comera nozes por acaso. Já lhe acontecera antes, assim ele aprendera a carregar sempre consigo as pílulas que o dr. Albright prescrevera; no entanto, não estaria com elas na piscina.

Brian entregou o carro a James e caminhou em direção à porta. Ao se aproximar, Jasper veio em sua direção com um filhotinho de cada lado. No dia seguinte ao que ele dera o cão a Outono, ela saíra e comprara um macho, chamando aos dois, então, Gerald e Grace. Jerry e Gracie como apelido. Em sua excitação ao ver Brian, os filhotes deixaram rastros molhados atrás. Soltando uma risadinha, ele se agachou e pegou as massas peludas no colo. Brian não sabia quem gostava mais dos filhotinhos, ele ou Outono.

Jasper franziu o cenho bondoso para os filhotinhos.

— Esses patifezinhos fizeram-me correr como uma galinha com a cabeça cortada. Quando não estão comendo, estão fazendo cocô, e quando não estão fazendo cocô, estão mastigando alguma coisa que não deviam.

Brian soltou os filhotinhos, em seguida voltou-se para a casa. Quando entrou no vestíbulo, Outono aproximou-se por trás. Contemplou-o com um longo olhar inquisitivo, quase analítico. Brian esperou pelo manifesto dela, mas ela se limitou a sorrir, em seguida subiu as escadas correndo.

Ficou olhando-a intrigado, em seguida deu de ombros e afastou o olhar de Outono. Foi para o escritório, jogou o paletó sobre a cadeira, enrolou as mangas da camisa e afrouxou o colarinho. Puxou uma pilha de relatórios da pasta e espalhou-os sobre a escrivaninha. Ficou trabalhando até a hora do jantar, em seguida pediu que trouxessem sua refeição ao escritório.

Depois de comer, recostou-se na cadeira e passou a hora seguinte pensando. Não queria apontar ninguém, mas estava curioso como o pai comera as nozes. O assassinato está fora de cogitação. Ninguém sabia da alergia, exceto a família e o dr. Albright. Para proteger seu orgulho exaustivo em sua força e virilidade, seu pai fingira detestar nozes ou qualquer coisa que as lembrasse em gosto, ameaçando os cozinheiros com a demissão se alguma vez usassem nozes na comida que lhe preparavam. Em geral os ataques vinham vinte minutos ou meia hora depois da exposição. Isso teria lhe dado tempo suficiente para mudar de roupa e ir nadar depois de comer. Com o dr. Albright fora da cidade e o delegado desconhecendo a alergia, seria fácil passar despercebido. Principalmente porque o corpo ficara na água quase nove horas.

Se os tios quisessem se livrar do irmão mais velho, essa teria sido uma maneira perfeita, só que não dispunham de imaginação para isso, mesmo se tivessem coragem. Seguindo um impulso, Brian chamou Daisy. Ela entrou na sala e olhou para a bandeja.

— Você não pode estar com fome ainda.

— Não, mas tenho uma pergunta. Lembra-se se alguém ajudou a cozinheira na hora da morte de meu pai? Havia convidados na casa, ou fornecedores?

— Não. Foi uma noite calma. Fui ao cinema, mas imagino que ele fez o mesmo de toda noite. Trabalhou aqui no escritório e depois beliscou qualquer coisa e foi nadar antes de deitar. Por quê?

— Simples curiosidade. Achei que talvez alguma pessoa estranha tenha ajudado a cozinheira, alguém que não conhecia os hábitos alimentares da família.

Daisy franziu o cenho pensativa.

— Agora que mencionou isso, parece que a cozinheira naquela época estava doente e pediu à irmã para cozinhar. Ela ficou aqui só um ou dois dias, por isso esqueci. Posso perguntar à cozinheira.

— Não, não é mais importante. — Agora Brian estava satisfeito sabendo que a mulher, sem ter conhecimento da alergia do pai, colocara nozes no prato.

Daisy olhou-o com uma carranca intrigada.

— O senhor e a srta. Outono brigaram de novo?

— Não. Por quê?

— Ela tem agido estranhamente nos últimos dias, e estava acabando com o quarto e destruindo as coisas hoje de manhã. Acho que ela vai dar suas coisas para a caridade de novo. Aposto que fará outra viagem de compras logo. — Daisy pegou a bandeja e virou-se para a porta.

Brian girou na cadeira e ia telefonar para John quando Outono entrou na sala, usando um vestido longo preto que pouco ocultava o corpo esbelto. A única coisa cobrindo-lhe os seios eram duas rosas de lantejoulas. Uma nesga de perna bem-feita e cia coxa aparecia na abertura lateral enquanto se aproximava dele. Brian soltou um suspiro profundo e deixou cair o fone no gancho.

— Droga! Onde arranjou esse vestido?

— Em San Francisco. — Sorriu e virou-se lentamente para ele, os braços esticados. O decote nas costas formava um V pronunciado. Os longos cabelos castanho-avermelhados caíam em ondas delicadas em volta dos ombros. A única joia que usava era um bracelete de diamantes e a aliança de ouro simples. — Gosta?

— Lindo — resmungou ele. Sentiu um calor no corpo que cada vez se tornava mais familiar, sempre que Outono estava por perto. Tentara recolocá-la na caixa de veludo, mas ela continuava saindo. Quando lembrava a si mesmo quem ela era, as palavras não penetravam em seu cérebro. Limpou a garganta. — Para quem e para que está vestida assim?

— Vou ao clube. — Pegou alguns papéis e atirou-os para o ar. — Por que não vem comigo? Vai lhe fazer bem sair um pouco de toda essa monotonia por uma noite.

Ele baixou os olhos para a escrivanha e sacudiu a cabeça.

— Não posso. Estou até os olhos de relatórios.

Outono sorriu e seus olhos se acenderam, provocantes.

— Tanto trabalho e nenhum divertimento vão transformá-lo em um garoto rico e chato.

Brian remexeu nos papéis, compreendendo em parte por que o pai jamais tivera tempo para ele. Nas duas últimas semanas, ele só passara seis dias na cidade. Era uma rotina tediosa, no entanto viciara-se a ela. Quanto mais fundo ia, mais fascinado ficava. Ficou sentado por um instante, olhando fixamente para os papéis, em seguida jogou alguns.

— Lembre-me de vez em quando de sair debaixo deles.

— Isso quer dizer que me acompanhará?

— Isso mesmo. Vai na frente. Estarei lá assim que tomar um banho e trocar a roupa. Vamos dançar.

— Você... dança?

— Não, mas se tocarem uma música lenta, posso andar com você pelo salão. — Esperou-a sair do

escritório, em seguida telefonou para John e explicou o que descobrira. John concordou que era uma desventura, mas um acidente, o qual deveria permanecer entre os três: ele mesmo, Brian e o dr. Albright. Não havia razão para desenterrar tudo aquilo de novo, deixando talvez alguma mulher sentir-se responsável pela vida de um homem. Brian expressou sua concordância integral e estava prestes a desligar quando John tocou no assunto da Corporação Corbett.

— Não consegui saber muito. Mas descobri algumas coisas. O nome da mulher é Sue Anne. Ela era Norton antes de casar com Everett Corbett. Ele morreu aproximadamente há um ano. Deixou-lhe um bar, mas ela vendeu-o em janeiro. — John fez uma pausa por um instante. — Ela tem relação com a Murphy's. Eles detêm 45% das ações dela.

— Murphy's? — indagou Brian. — A loja de departamentos Murphy's?

— Isso mesmo.

Brian assobiou.

— A mulher tem dinheiro atrás dela, dinheiro forte.

— Ouvi dizer também que é amante de Lloyd Murphy. Não confirmado, naturalmente.

— Por que ela ia se preocupar com essa cidade caipira? Qual o interesse dela?

— Estou trabalhando nisso. É difícil entrar em contato com ela. Está sempre entrando e saindo de San Francisco desde que o marido morreu.

— Pelo menos temos outro nome. Posso ir procurar Murphy.

— Se você não puder, eu irei.

— Pode deixar. Advogados são muito intimidantes.

— Quer mais informações sobre a sra. Corbett?

— Não. Não me importa com quem ela está trepando. Descubra apenas o que ela quer em Edisonville.

O CLUBE estava lotado. Casais enchiam a maior parte das mesas, enquanto outros circulavam de braços dados pela pista de dança. Os conjuntos atuais haviam melhorado sensivelmente, e a atmosfera mudara desde que Brian voltara para casa. O lugar estava mais relaxado, menos rígido e formal, e ele ficou pensando se as melhorias teriam sido trazidas por Outono. Ela estava em toda parte, na casa Osborne e na cidade. Onde quer que fosse, as mudanças logo começavam a ocorrer.

Brian circulou pelas mesas até onde ela encontrava-se sentada com Bob Proctor, surpreso com o desapontamento que sentiu. Brian gostava do homem; no entanto, não estava com estado de espírito para conversas sociais. Esperara ficar a sós com Outono, ou tão só quanto possível em um salão lotado. Fez sinal para o garçom, em seguida observou os dois conversarem jovialmente. Tinham uma afinidade rara entre advogado e cliente; mais pareciam velhos amigos de muitos anos.

Sentiu uma pontada de inveja, ou ressentimento, ou... ciúme? Era uma revelação surpreendente. Seus encontros com mulheres haviam sido em sua maioria passageiros: um novo país, um novo rosto. Não ficara com uma mulher tempo suficiente para criar laços emocionais fortes. Pela primeira vez na vida sentia ciúme possessivo, e não sabia ao certo como lidar com isso.

Quando os drinques chegaram, Brian estendeu a mão rapidamente para seu copo. Deu um gole, procurando conversar com Bob. Eles tinham apenas uma coisa em comum, assim tocou no assunto da corporação Corbett querer comprar a mina. Bob olhou o relógio com grande alarde, pensou Brian, em seguida desculpou-se rapidamente e saiu.

Conversar com Outono sempre fora fácil, mas de súbito Brian ficou tão consciente dela, que a conversa tornou-se difícil, provocando longos silêncios entre eles. Além do mais, as rosas de lantejoulas dificultavam muito sua concentração. Quase ficou contente quando ela se desculpou e saiu da mesa para passar pó no nariz. Seu copo estava vazio, assim ele pediu novos drinques, embora soubesse que ela se recusava terminantemente a tomar mais de dois. Brian ainda estava para vê-la levemente alta.

Ela estava voltando para a mesa quando um membro do conjunto se aproximou e pediu-lhe para cantar. Ela deu uma olhada para o palco e depois para Brian.

— Você se importa?

Outono parecia tão melancólica, que ele a incentivou a ir com um aceno de mão. Ela subiu no palco e falou com os componentes do conjunto por um instante, em seguida voltou-se para a platéia.

— Não lhes posso dar Anne Murray, mas sim uma de suas canções de sucesso. — Segurando o microfone, o corpo oscilando no ritmo da música, ela começou a cantar— Snowbirds.

Uma espécie de máscara pareceu cair enquanto ela cantava. O rosto tornou-se suave, brilhante, perdido nos sons à sua volta. Relaxada e animada, a voz de Outono refletia tudo o que ela era: mordaz, sarcástica, impetuosa e carinhosa — levando os ouvintes com ela. Seu vestido brilhava contra as luzes, captando tons coloridos, os cabelos uma névoa dourada acobreado.

Brian surpreendeu-se com seu profissionalismo. Depois da primeira música, pediram que continuasse. Ela sabia como cativar e manter a atenção da platéia, usando palavras e a linguagem do corpo para seduzir cada homem na sala, ou assim pareceu a Brian. Após cantar vários sucessos mais recentes de outros artistas, ela voltou para Anne Murray. Por fim virou-se e soltando uma meia gargalhada, olhou diretamente para Brian.

Ele sorriu e levantou o copo em direção a ela, admitindo por fim que Lisa estava certa. Queria

Outono mais do que jamais quisera outra mulher. Vivendo na mesma casa, os dois constantemente ficavam juntos. Pela lei das probabilidades, deveriam ter feito amor há meses. Se não fosse o pai e inúmeros desaparecimentos dela... O homem do iate veio-lhe à mente. Seu amante? O casamento seria provável? Brian não pensara uma vez sequer na casa Osborne sem Outono. Uma sensação estranha revolveu-lhe o estômago e olhou-a solenemente.

Outono terminou a canção com uma gostosa gargalhada.

— Ah, sim, adoro isso, caras, mas as luzes estão ficando cada vez mais quentes. — Devolveu o microfone e desceu do palco, dirigindo-se para onde Brian estava com os braços esticados. — Você prometeu andar comigo pelo salão de danças, ou prefere ficar sentado olhando como se nunca tivesse me visto antes?

— É o que eu estava fazendo?

— A noite inteira. Parece um pouco preocupado.

— Um pouco. — Levou-a para a pista de dança, deslizou o braço em torno da cintura e entrou suavemente no ritmo da música, os sentidos despertos pelo calor e pela sensação dela em seus braços. Cantarolando, ela parecia inconsciente do efeito que provocava nele. Se pudesse fazer o que queria, se ela fosse outra pessoa, iria tomá-la nos braços e correria para casa e para a cama com ela.

Ela se afastou ligeiramente.

— Mentiroso. Você dança bem.

Brian fez um gesto em direção ao palco.

— Você também faz aquilo bem.

— Já cantei em um bar. Eu era jovem e ansiosa para progredir. O único dinheiro que conseguia fazer era o que tirava dos homens, provocando-os. Então aprendi a provocar.

— Com habilidade — resmungou ele.

— O quê?

Brian sorriu.

— Está ficando tarde. Acho que posso chamar esta de uma grande noite.

— Qual o problema, Brian? Está com medo de se transformar em abóbora se ficar até depois da meia-noite?

— Pode ser. Vem comigo?

Ela assentiu, e Brian levou-a para fora do clube. Quando se aproximavam de seus carros, Outono parou.

— Quer apostar corrida?

— Eu contra você? Um Jaguar contra um Ferrari? Você não tem chance.

— Não? Experimente.

Fazia anos que Brian correria pela Main Street. Ele gostou da ideia.

— Claro. Vou até lhe dar três quarteirões.

Brian conhecia todos os atalhos, portanto chegou em casa antes de Outono. Ele estava começando a se preocupar quando por fim os faróis do Jaguar brilharam no caminho. Depois de uma parada rápida, ela saiu do carro e bateu a porta com toda a força. Resmungando ofegante, passou por ele, entrou na casa e subiu as escadas correndo.

— Perdedora!

Outono virou-se e vociferou:

— Fui detida pelos tiras.

— Foi multada?

— Não, apenas repreendida por estar dirigindo em alta velocidade. Não estava com minha carteira

de motorista, então precisei resolver isso também.

— Se não foi multada, por que está irritada?

— Por que foi estupidez minha fazer isso. — Ela bateu com a porta de seu quarto.

Intrigado por um instante com o fato de Outono irritar-se tanto com uma coisa tão banal, Brian subiu as escadas para seus aposentos e foi para a cama, mas não conseguia dormir. Rolava na cama e se mexia pensando em Outono. A viúva do pai, ficava lembrando a si mesmo. Jogando o lençol para o lado, praguejou e pulou da cama. Agarrou o robe e estava se virando para sair do quarto em direção ao escritório para trabalhar quando entreviu pela janela uma sombra oculta na escuridão.

Brian pensou no pai rapidamente antes de atingir as escadas dos fundos. Outono estava enrolada em uma toalha pesada na grama. Os cabelos molhados enrolavam-se nas costas dela. Estava sentada de pernas dobradas, o queixo sobre o joelho, olhando pensativa para a noite.

— Por que está tão pensativa?

— Apenas pensando.

— Em quê?

— Na vida. No passado, no presente e no futuro. Você se venderia, Brian?

— Que pergunta esquisita.

Outono levantou-se e ficou de pé de frente para ele.

— Você se venderia?

— Não.

— Ahhhhh, tão elevado e poderoso. — Um sorriso lento e estranho surgiu em seus olhos. Os lábios entreabriram-se ligeiramente, uma língua rosa surgiu e percorreu-lhe a boca. Ela deixou a toalha cair e ficou nua na frente dele. Correu os dedos pela borda da lapela e soltou o robe dos ombros dele. A luz da lua refletiu-se sobre seu peito, lançou pequenos raios dourados que faiscaram na noite. Ela correu as mãos pelos ombros largos e pelos braços dele. — Venha nadar comigo, Brian.

O coração dele começou a bater mais forte, latejando nas têmporas como tambores na selva. Ele soltou um suspiro rápido e entrecortado. Já a vira nua antes, mas nunca tão próxima. A pele dela capturava a luz do luar e parecia faiscar, os pêlos pubianos flamejantes. Observou seu busto elevando e baixando, as sombras delicadas que captavam a luz contra a barriga. Com um toque delicado, correu a mão pelos ombros dela, acariciou um mamilo rosado e passou os dedos trêmulos pela sua barriga e pela elevação suave dos quadris, a voz áspera de desejo.

— Outono, você está me deixando louco.

— Eu sei. — Ela riu e provocou-o.

Brian pensou rapidamente na cama, mas ela estava demasiado longe. Pegou-a nos braços e foi até o carvalho onde havia os ramos baixos e a grama fofa e aveludada. Uma brisa leve passava pelas árvores e folhas, sussurrando e provocando pequenos ruídos suspirantes. Deitou-a na grama, tocou-lhe os lábios com o dedo, traçou sombras bruxuleantes em sua pele nua. Outono estendeu os braços para ele, o rosto voltado para o alto. Seus lábios estavam úmidos e frios, a princípio hesitantes, em seguida quentes e receptivos aos dele.

Queria dar prazer a Outono, mas sentia alguma coisa implacável, como se ela estivesse deliberadamente escondendo alguma parte de si mesma para ele. Acariciou-a pacientemente. As mãos fortes e seguras, acariciou as concavidades e elevações de seus seios. Sentiu o gosto do corpo dela com os lábios, corpo de cetim delicado, suave. Outono sentiu-se desfalecer nos braços dele, mas seu toque não era leve ou tímido. Acariciava seu pênis ereto, e fazia-o tremer com as pontas dos dedos. Ela brincava com o corpo dele, tocando-o com lábios quentes como fogo, recuando como se fosse sair, rindo em silêncio e voltando a estender os braços para ele. Repetiu o jogo excitante até ele se sentir prestes a

explodir.

Incapaz de esperar mais, Brian levantou-se e mergulhou na quentura dela, penetrando-a profundamente. Tinha em seus braços o que desejara há meses e recusara-se a aceitar mesmo no recôndito de sua cama. Agora tocava-a com nova consciência, novo carinho, beijando-a como se fosse a primeira vez, sentindo as batidas rápidas do coração dela contra o seu.

Outono começou a respirar apressada contra seu rosto, e quando Brian se mexeu, ela movimentou o corpo em suave cadência com o dele, seus lábios e dedos atormentando-o até ele sentir dor. Ele percebia a sensação crescendo, pronto para explodir quando ela começou a gemer docemente, olhando-o surpresa.

— Filho da puta — sussurrou ela. — Desgraçado. — Mas as palavras eram suaves, como palavras de amor, e puxou o rosto dele contra o seu com voracidade.

Brian queria rir, gritar, pular pelos altos prédios com um simples salto. A noite, Outono, o êxtase — era selvagem e maravilhoso. Foguetes na lua, estrelas cadentes, até mesmo os malditos sinos estavam tocando.

O SOL entrava pela janela, arrastando-se em direção à cama quando Brian acordou. Recordando, estendeu o braço em busca de Outono. Os cabelos dela eram uma massa desordenada de cachos castanho-avermelhados, mas nunca parecera mais bela para ele. As bochechas dela estavam vermelhas e um mamilo rosado olhava-o furtivamente da beira do lençol. Estava apoiada em um cotovelo, observando-o com expressão tranquila.

— O que está fazendo? — indagou ele.

— Olhando para você.

Ele sorriu e desmanchou seus cabelos desordenados.

— Seus cabelos estão emaranhados, mulher. Vá pentear os cabelos e ficar bonita para mim.

— Não perturbe, Brian. — Ela soltou uma gargalhada alegre e atacou-o. Envoltos nos lençóis, os dois rolaram na cama. Ela o mordeu no pescoço e ombros até ele gritar e passar uma perna em torno dela. — Não é justo, não é justo — gritou ela. Mordiscou-lhe a orelha, a boca, em seguida enterrou o rosto nos pêlos louros do peito de Brian.

Ele manteve a cabeça de Outono junto à dele por um instante, em seguida ergueu-lhe o rosto até ela olhá-lo.

— Na noite passada. Você foi tudo que uma mulher deve ser.

Outono fez biquinho e beijou-o no nariz.

— A noite passada foi dura para você, não foi?

— Dura, como?

— Seu pai. O quarto dele. A cama dele.

— A noite passada foi a noite passada. Hoje é hoje. — Ficou por cima dela, passou os lábios pelos seios e pela barriga em direção ao monte de pêlos castanho-avermelhados. — Adoro sua gatinha vermelha. É como um vulcão em erupção. Um montinho que cospe fogo.

Em resposta, o estômago de Outono roncou em um tal gemido de fome, que ele saltou, assustado.

— Meu Deus, acho que ele acabou de entrar em erupção.

O corpo dela se sacudiu com gargalhadas.

— Não como desde ontem no almoço.

— Acho melhor alimentá-la antes que desapareça. Por que não chama a cozinha e manda trazerem o desjejum?

— Está maluco? Isso aqui não é hotel, é a casa dos Osborne. Não posso ser encontrada com você aqui. — Sentou-se na cama, jogou as pernas sobre a beira e gemeu. — O que preciso é de uma banheira quente, não de comida. — Lançou um olhar para ele e tirou uma mecha de cabelos louros da testa de Brian. — Faz tempo que não fazia amor com um homem tão jovem. Eu tinha esquecido que eles conseguem trepar a noite inteira. O seu pau é grande demais e você é muito indisciplinado. Estou com alguns machucados, principalmente na minha gatinha. — Saiu da cama e caminhou com passo falsamente comportado.

Fingida, pensou ele. Observou suas nádegas nuas desaparecerem pela porta entre os quartos dos dois. Indiferente ao que dissera, Outono fora contida pelo decoro. Assim como seu vocabulário obscuro, a tentativa de ser descarada e audaciosa era uma farsa.

Brian saiu da cama, entrou no banheiro e ouviu o ruído da água, as portas abrindo e fechando no aposento vizinho ao seu. Entrou no chuveiro e sorriu Seu pau não era maior do que o de outro homem.

Outono não tinha andado por muitas camas, senão não estaria machucada.

Ele planejara voar para Chicago e ali permanecer dois dias, mas se se levantasse direto da cama, pareceria estar considerando a noite com Outono igual a outra qualquer. E a noite significara muito mais. Terminou de tomar banho e se barbeou tão rapidamente que cortou o queixo. Enxugando restos de espuma, abriu a porta do quarto dela. Outono estava de pé ao lado da penteadeira, colocando uma calcinha rendada. Os cabelos estavam presos, mas tufo soltos caíam pelo rosto e pescoço. Ele passou a toalha pela cintura dela e puxou-a contra ele.

— Vou para Chicago e gostaria que fosse comigo.

— Não posso.

— Por quê?

Ela saiu de baixo da toalha e afastou-se dele.

— Não é hora, Brian. Molly poderia entrar e nos pegar. Estou quase nua e você está meio duro. — Correu os olhos para o pênis, em seguida apontou-o e soltou uma gargalhada. — Meu Deus! A maldita coisa está torta.

Brian seguiu o olhar para seu pênis em ereção. Estava ligeiramente voltado para a esquerda.

— E daí? Ele funciona. — Estendeu os braços de novo para ela, em seguida parou e olhou para o quarto ao lado. Em cima da cama estavam valises abertas com roupas espalhadas em volta. — Onde está indo agora?

— Estou me mudando.

— Mudando? Por quê?

Outono saiu do banheiro, foi até a cama e pegou uma blusa, olhando-o segui-la.

— Não posso ficar aqui depois da última noite, Brian. Você deveria saber disso.

Ele arrancou a blusa da mão dela e atirou-a na cama.

— Não sei não.

— Tudo bem. Explicarei a você. — Olhou-o séria, as mãos nos quadris. — Nós dois sabemos que não podemos viver na mesma casa sem que a noite passada volte a se repetir. Não tenho intenção de me tornar um objeto para você. Não passo a noite com qualquer um, Brian.

— É isso que acha que eu quero, um objeto?

Ela assentiu e pegou a blusa de novo.

— A sua presença aqui só prova minha teoria. Ontem você não teria entrado em meu quarto sem bater, mas hoje sou sua mulher, sua posse. Deixarei a cidade para sempre daqui a algumas semanas. Enquanto isso, ficarei no Holiday Inn até completar tudo que tenho a fazer aqui.

A casa Osborne sem Outono? Edisonville sem ela? Estava tudo acontecendo tão rápido que ele sentiu um momento de pânico desarrazoado. Voltou a tirar a blusa da mão dela, como se isso a mantivesse ali.

— O que quer de mim, Outono? Casamento? É isso que quer?

Ela soltou uma gargalhada silenciosa, pegou as calças, dobrou-as e colocou-as na mala.

— Claro, Brian. Farei com você o mesmo acordo que fiz com seu pai.

As palavras dela pareceram ecoar nas paredes e esbofeteá-lo. Ele embolou a blusa e jogou-a aos pés dela.

— Procure em outro lugar pelo próximo marido rico. Não estou comprando.

Ela sorriu.

— Se o preço é tão alto, eu poderia pensar em um desconto.

— Vá para o inferno, Outono. — Ele voltou para seu quarto, enfiou as pernas em um short com brutalidade, os braços na camiseta, suando enquanto colocava as calças. Não conseguia fazer o laço da

gravata, e só percebeu depois que as meias eram diferentes, azul e preta.

Arrancou a gravata do pescoço, agarrou um paletó e foi para o carro. James estacionara a Ferrari em frente à casa, e forçando uma calma que não estava sentindo, Brian ligou o motor e afastou-se lentamente, acelerando assim que entrou em Oakwood Drive.

E se ela deixasse a cidade? Outono nada significava para ele. Haviam passado uma grande noite, mas ele já tivera outras grandes noites. Outono não era diferente das demais mulheres. A noite não fora diferente. O mundo estava repleto de mulheres belas, mulheres com temperamentos bem melhores. Sarcástica, imprevisível. O que queria com uma mulher como ela? Iria deixá-lo louco após algum tempo. Jamais conseguiriam ficar juntos mais de alguns dias sem encontrar algo para discordar. Não é diferente, disse a si mesmo. Ela não é diferente do resto.

Brian estava a meio caminho da cidade quando pisou no freio tão bruscamente que a traseira da Ferrari rabeou de um lado a outro. Ficou sentado por um instante ouvindo seus próprios pensamentos e indagando a quem estava tentando enganar. Não deixaria Outono ir embora.

A noite fora diferente. Outono era diferente. Precisava dela. Mais ainda, amava Outono. Queria acordar todas as manhãs e encontrá-la com os cabelos amarranhados no travesseiro ao lado dele, sentar em frente a ela e observá-la comer o creme de trigo pegajoso, discutir com ela por causa de diferenças tolas do dia-a-dia. Amor, carinho, necessidade haviam tornado a noite diferente das outras. Demorara 33 anos para encontrar Outono. Se a deixasse ir agora, passaria o resto da vida procurando-a em toda mulher que conhecesse.

Virou o volante bruscamente e dirigiu o carro de volta à casa Osborne. Sabia que temia Outono e sua falta de controle sobre ela. Um pedaço de papel não a seguraria, mas ele sabia o que a prenderia. Não acreditava que algum homem conseguisse aprender todos os segredos ocultos atrás daqueles olhos castanhos, mas descobrira o calcanhar-de-aquiles dela. Observara-a com as crianças do asilo. Ela gostava especialmente de uma garotinha chamada Betsy. Várias vezes Outono trouxera Betsy para a casa, para brincar na piscina. Quando a mãe da garotinha fora procurá-la, Outono chorara durante dias.

Parou o carro em frente à casa e desceu. Um ano. Se conseguisse tê-la como esposa durante um ano, prenderia seu rabo na casa Osborne com tanta força que ela jamais iria embora. Atravessou o vestibulo e subiu as escadas para o quarto dela, entrando sem bater. Agora ela encontrava-se vestida com um conjunto.

Outono estava curvada fechando os trincos da mala.

— Esqueceu alguma coisa, Brian?

— Esqueci. Você quer se casar, eu lhe darei casamento. Quais eram os termos do acordo com meu pai?

— Cem mil dólares após o casamento, outros cem mil se ele morresse. O milhão foi ideia dele.

— Parece-me bom.

Outono virou-se tão bruscamente da cama que deixou a mala cair no chão.

— Está falando sério?

— Estou.

— Por quê? — indagou da, analisando-o. — Não importa. Acho que sei. Jovem ou velho, homens ricos compram o que querem, não é? — Virou-se de costas para ele, mas não antes dele ver sombras de dor e raiva no rosto dela. — Perfeito — sussurrou. — O final perfeito de uma história muito imperfeita. — Encarou-o e sorriu. — Claro, Brian. Casarei com você.

— Há algumas coisas que também quero que constem no acordo.

— Tipo o quê?

— Um filho. Tem que concordar em me dar um filho dentro de um ano. Se quiser o divórcio sem

motivo, o filho permanecerá comigo. Se eu quiser o divórcio também sem razão, a criança ficará com você. Outros detalhes referentes à pensão dele serão resolvidos depois.

— Um filho? — disse ela, como se quisesse escapar da palavra.

— É. Eles molham as fraldas e choram muito.

— Não. — Sentou-se na cama, sacudindo a cabeça e lançando cachos castanho-avermelhados contra o rosto. — Não posso concordar com um filho, Brian. Não conseguiria fazer isso... — Hesitou e em seguida sorriu repentinamente. — Claro, Brian. Eu lhe darei um filho.

Ele também sorriu. Quando procurava a pasta de dentes no quarto dela certa manhã, vira as pílulas anticoncepcionais e conheceu seus pensamentos.

— Então o acordo está feito?

— Isso mesmo. Quando será o grande evento?

— Assim que John preparar os papéis. — Puxou-a para seus braços.

— Acho que geralmente estas coisas são brindadas com um longo beijo.

— Ela sentiu-se quente e suave nos braços dele, cheirando a flores de verão. Puxou-a para mais perto e enterrou o rosto nos cabelos dela. — Agora que está tudo arranjado, por que não voltamos para a cama e fazemos um bebê?

— Não!

— Duro. — Deixou-a e voltou para seu quarto, recordando a noite. Ela fora ao escritório dele usando um vestido para seduzi-lo, em seguida incitara-o a ir ao clube. E depois. Ela estivera no lugar certo na hora certa. Outono seduzira-o muito bem. Não fora ele que a seduzira. Brian sorriu levemente e admitiu que fora apanhado. Tranquila e docemente, mas fora apanhado.

Mudou as meias, ajeitou a camisa e caminhava até o espelho na tentativa de arrumar a gravata quando percebeu um envelope com seu nome escrito a mão. Esperava encontrar um bilhete, mas ao contrário, puxou duas notas de cem dólares. Confuso, foi ao encontro de Outono com o dinheiro.

— Para que isso?

— A noite passada. — Piscou sugestiva. — Foi o máximo!

Brian olhou para o dinheiro e sorriu.

— Esse é seu jeito de dizer que fui comprado?

— Todo mundo está à venda em algum ponto da vida. Tudo que precisa fazer é oferecer o preço certo. Se quiserem muito o que você tem, venderão.

— Se acha que vendi minha integridade porque fiz amor com a viúva de meu pai, está errada. Desejei-a desde o dia em que a vi pela primeira vez, mas não queria pisar nos calos de um homem morto.

— Fez uma pausa e sorriu. — Diabos, papai teria me dado um chute na bunda por deixá-la dormir no quarto ao lado do meu sem tentar uma aproximação. O único pecado que cometi foi não ter feito há meses.

Outono aproximou-se e envolveu-lhe o pescoço com os braços.

— Devia ter sido mais de duzentos dólares, Brian. Você é o máximo embaixo de um carvalho. — Correu os lábios pelo queixo dele, passando a língua nos lábios de Brian. — Eu não ia querer fazer um filho sem casamento, mas podíamos praticar... a não ser que tenha mesmo que ir para Chicago?

Brian não hesitou. Deslizou os braços para a cintura dela e virou-se para a porta. Quando se aproximaram da cama, ele parou e olhou-a estranhamente.

— Por que me sinto como uma mulherzinha sendo levada por seu macho?

Os olhos dela eram provocantes.

— Não sei, Brian. Por quê?

Tomou-a nos braços e lançou-a no meio da cama.

— Você está na frente da corrida agora, mas vou vencer.

Ela mexeu-se entre os lençóis amarfanhados.

— Vencer o quê?

— Você tem seus segredos, e eu os meus. Agora vou para o escritório e depois para Chicago. Se quiser me acompanhar, vou adorar. Caso contrário, pode ficar aí e fazer seja lá o que as mulheres fazem quando estão para se casar.

OS DOIS casaram no jardim de rosas com a presença de amigos e da família. Toda Edisonville compareceu, sorrindo, bebericando champanhe e sussurrando pelas costas. “Imagine, casar com a viúva do pai. Que vergonha, que vergonha. Inferno e danação.”

Outono parecia pronta para saltar a cerca e fugir enquanto Brian deslizava a aliança da mãe em seu dedo, junto com a aliança de ouro simples. O anel, todo de diamantes, era herança de família e significava permanência. Outono podia não pretender ficar para a corrida toda, mas Brian tinha outros planos.

No dia seguinte foram para Nova York e foram a uma infinidade de festas. Durante o dia caminhavam pelas ruas como turistas. Durante a noite, eram jantares e teatros, boates com amigos, da faculdade ou da fundação arqueológica com a qual Brian tinha relação, conhecidos de negócios ou velhos amigos da família. Alguns tinham um estilo de vida livre, outros eram tacanhos e críticos. Ele ficara pensando divertido se Outono ia se comportar, mas tanto na Quinta Avenida quanto em Greenwich Village, bebericando sherry ou em uma taverna, ela possuía a capacidade rara de mudar e se adaptar.

Após duas semanas arrasadoras, Brian levou Outono para as Bahamas a fim de tê-la só para ele. Fizeram a excursão das ilhas de jipe, velejaram, nadaram nas águas cristalinas e brincaram nas areias brancas até a pele ficar bronzeada, e Outono ganhou mais três sardas.

Brian planejava ficar fora apenas um mês, mas uma semana ociosa estendeu-se em várias outras. E a cada semana ele ficava mais apaixonado pela esposa, mais do que achara possível amar alguém. Até Outono, ele não percebera como estivera só. Ela preencheria sua vida e o fizera sentir-se pleno. Outono comportava-se de modo diferente longe da casa Osborne, mais alegre, mais livre, rindo das menores coisas. Nas semanas de viagem, não houvera um dia ruim. Nem uma vez sequer a frieza atingira-lhe o olhar.

Várias vezes se apanhava olhando-a, esperando algum sinal de que estava derrubando as barreiras. Outono correspondia quando faziam amor, e sussurrava palavras carinhosas, mas as palavras certas, o que ele queria ouvir, simplesmente não eram ditas. Assim, resolveu ser paciente, devia dar tempo ao tempo, e a ela também. Certa vez, ela esteve muito próxima.

No dia seguinte à partida das ilhas, estavam deitados na praia, depois de nadar. Outono apoiada nos cotovelos, passava a mão na areia e desenhava um coração com as iniciais de ambos. Brian acrescentou uma flecha.

— Quando chegarmos em casa vou riscar esse coração no carvalho — disse ele. — Vou até acrescentar a data em que O.O. seduziu B.O. naquele mesmo local.

— Não seduzi você. Pedi apenas para nadar comigo.

— É, e depois ficou de pé com seus lindos seios olhando para mim na luz da lua e seus pêlos faiscando como fogo, espicaçando-me, deixando-me louco, cego de paixão.

— Eu falei nadar. Não posso fazer nada se você nasceu com uma coisa grande que aumenta cada vez que entra em contato com uma pele nua. — Ficou de costas e sorriu para ele. — Não quero ir para casa.

— Nem eu, querida.

— Precisamos ir para casa?

— Precisamos ir para casa — ecoou ele.

Outono correu um dedo pela mandíbula de Brian, carinhosamente, por seus lábios.

— Essas semanas foram como um conto de fadas. Era uma vez uma princesa chamada Outono e um príncipe chamado Brian. Eles fizeram amor debaixo de um carvalho e aí se casaram e viveram felizes para sempre. — Fitou-o com um olhar prolongado, tomando-lhe o rosto entre as mãos e puxando-o, tocando a minúscula cicatriz curva no canto da boca com os lábios. Foi um momento de ternura, e ele esperou pelas palavras. Mas Outono afastou-se abruptamente e correu para a água, gritando: — O último a chegar é mulher do padre.

Brian levantou-se da cadeira e estendeu a mão em saudação a John Allison, que se aproximava. John sorriu e sacudiu a mão vigorosamente.

— Você está ótimo, Brian. Pelo visto as Bahamas ou o casamento lhe fizeram bem. Faz quanto tempo?

— Dois meses e dois dias. Se quiser esperar um minuto, contarei as horas.

John colocou a maleta sobre a escrivaninha de Brian e acomodou-se em uma cadeira.

— Como vai Outono?

— Ótima. — Brian pensou em Outono, sorriu e sentou-se atrás da escrivaninha. — Vamos ao trabalho. — Tentou se concentrar, mas a tarde passava lentamente e seus pensamentos continuavam vagueando. — Sinto muito, John. O que foi isso de novo?

— Aquela coisa com a mulher Corbett.

Brian, por um instante, olhou-o inexpressivo.

— Ah, sim. O quê?

— Não consigo encontrar nenhum laço entre ela e a cidade. Ela começou sua empresa com o apoio de Lloyd Murphy. No início foram quatro barracas. O negócio cresceu e difundiu-se rapidamente. Ela sempre levou uma vida simples. Nada extravagante. Investiu tudo nos negócios. Três meses atrás expandiram-se para a costa leste.

— Esse Murphy não a colocou no estilo?

John sacudiu a cabeça.

— Ela vivia atrás do bar de que era dona até ele ser vendido. Depois mudou-se para um apartamento bonito mas despretensioso, em uma parte boa mas não muito grande da cidade. Até um ano atrás dedicava-se totalmente ao trabalho. Não sei o que aconteceu então, mas depois que o marido morreu, ela entregou os negócios aos diretores. Agora raramente está na cidade. Aparece por alguns dias e volta a desaparecer. Não descobri para onde vai. Se quiser mais, terei que ir além.

A mina e a mulher Corbett pareciam a anos de distância, agora desimportantes, e Brian esticou-se na cadeira, bocejando.

— Não sei se vale a pena se preocupar com isso. Parece uma mulher lutando contra o tédio. Seu negócio está indo bem, e está procurando novos mundos para conquistar. — Sorriu. — Talvez ela tenha tomado a decisão de se tornar alguma baronesa do carvão. Não me importo com a mina. Estava curioso principalmente com quem era minha sócia nos negócios e por que compraria uma mina sem valor.

John sorriu, um tanto provocador.

— Enquanto esteve fora, a dona entediada comprou as ações do Times de Edisonville.

Brian saltou para a frente na cadeira.

— Ela o quê?

— Comprou as ações majoritárias do jornal daqui.

Brian tocou o interfone.

— Beth, arranje-me um encontro com Lloyd Murphy em San Francisco. Quero vê-lo logo que possível.

— Sim, sr. Osborne.

Agora atento, Brian ouviu John explicar a venda, o anúncio no jornal e o que ele sabia. Por algum motivo, a mulher conseguira juntar forças com o inimigo eterno da família, Fritz Jergenson. Brian estendeu de novo a mão para o interfone.

— Conseguiu o encontro, Beth?

— Sim, sr. Osborne, mas o melhor que consegui foi para daqui a duas semanas.

— Duas semanas? Quem ele pensa que é, a porra do presidente? — Brian ouviu-a conter um gritinho, podia ver-lhe o rosto afetado franzir-se desaprovadamente e sorriu. — Está bem, Beth. — Voltou-se para John. — Quando tudo isso aconteceu?

— A venda aconteceu há algumas semanas, mas só fizeram a participação recentemente.

— Como foi resolvido?

— Com os advogados dela de San Francisco e Bob Proctor.

— Em outras palavras — disse Brian —, a dama misteriosa está procedendo do mesmo jeito que com as minas. Apenas um nome.

John assentiu, levantou-se e fechou a maleta com um movimento brusco.

— Pelo que pude entender, o velho Fritz continuará com o jornal, mas terá um novo editor. Ela está trazendo gente de San Francisco para ficar no lugar.

Brian levantou-se da cadeira e caminhou com John até a porta.

— Obviamente a dama está mais do que entediada. Vive atrás de alguma coisa. Quero que mergulhe mais fundo. Descubra quem ela é e de onde veio. Enquanto isso, descobrirei o que puder de Murphy.

Ao entrarem na sala de espera, Beth ergueu os olhos e sorriu animada.

— Não compreendo, mas a secretária do sr. Murphy acabou de telefonar. O sr. Murphy ficará contente em vê-lo a qualquer hora de sua conveniência.

— Vejamos o quanto ele gostará de me ver amanhã de manhã. Marque o encontro e entre em contato com meu piloto. Diga-lhe para preparar o Lear. E faça reserva no hotel de San Francisco para mim.

— Gostaria que eu o acompanhasse? — indagou John.

— Não. Advogados têm uma maneira que deixa as pessoas retraídas. Gostaria que essa fosse uma conversa leve e informal. — Enquanto falava com John, Beth marcou o encontro para as nove horas com Lloyd Murphy. Saindo do prédio, Brian caminhou com John até o estacionamento. Falaram rapidamente, em seguida Brian foi para a casa Osborne arrumar as malas. Subindo as escadas correndo, quase esbarrou em Daisy. — Vou viajar daqui a uma hora. Faça uma mala para mim, e... — Fez uma pausa e olhou em volta. — Onde está Outono?

Daisy olhou em direção ao quarto de Outono e franziu o cenho.

— Está descansando. A sra. Outono não está se sentindo bem hoje.

— Não está se sentindo bem como?

Daisy deu de ombros.

— Não sei. Estava aí há uma hora. Então Molly disse que ela fora se deitar porque não estava se sentindo bem. Provavelmente pegou alguma coisa nas ilhas onde vocês ficaram.

Outono nunca se deitara durante o dia, nem mesmo para tirar uma soneca, e Brian foi vê-la, preocupado. O quarto estava mergulhado em penumbra, as cortinas fechadas, e Outono enterrada nos cobertores. Ele foi até a cama, afastou a beira do lençol, esperando que ela estivesse dormindo. Quando Outono ergueu os olhos e gemeu, ele sorriu e sentou-se ao lado dela.

— O que há de errado, querida?

Ela sentou-se na cama, nua, e afastou os cabelos úmidos do rosto.

— Não sei. Tomei um banho, pensando que ajudaria, mas não adiantou. Estou me sentindo engraçada. Um pouco enjoada. Meio mal-humorada.

Ele a olhou atentamente.

— Há quanto tempo você foi ao médico?

— Há uns seis meses. Quando tive meu último resfriado.

— Está sentindo alguma dor?

— Não.

— Está com dor no estômago?

— Não.

Ele sorriu.

— Então está o quê?

— Mal-humorada.

Brian olhou-a incerto. Se ela estivesse doente, não queria deixá-la — tornando-se como o pai: os negócios à frente de tudo. Onde estava a linha divisória? Ele também queria ir ao encontro marcado com Murphy.

— Preciso tomar o avião esta noite. Estarei de volta amanhã à tarde. Você ficará bem?

— Só estou um pouco cansada, Brian. Vá... faça suas coisas. Estarei bem.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele hesitou.

— Por que não chama o dr. Albright para que a consulte?

Outono sorriu e lançou-se nos braços dele, brincando até ele se sentir tolo. Sorrindo de si mesmo, deixou Outono e pegou a mala. De passagem, tirou uma rosa do vaso no corredor e voltou ao quarto dela.

— Uma rosa para minha bela esposa.

Outono sentou-se na cama. Segurou a rosa pela haste curta e contemplou-o com um sorriso tranquilo.

— É linda. Adoro seus gestos inesperados. — Baixou os olhos e fitou a rosa. — Não importa o que possa acontecer, não se esqueça das ilhas. Lembre-se, a princesa não queria voltar para casa. — Virou-se de costas para ele e enterrou a cabeça sob o cobertor.

Brian acomodou-se no assento acolchoado da Carroça de Burro, a extravagância luxuosa do pai. Sentiu os motores gemerem enquanto o avião taxiava na pista, uma onda crescente de poder e em seguida o jato decolou. Ele soltou o cinto de segurança, os pensamentos na tarde com John. O velho Fritz era inofensivo na maior parte das vezes, mas só porque nunca fora capaz de conseguir algo contra a família que pudesse publicar. Não havia algo de que Fritz mais gostaria do que denegrir a família Osborne. Com certeza tentara com todas as forças ao longo dos anos. O menor incidente, e ele usava seu jornal para apunhalar Douglas ou Homer, alfinetando e escrevendo editoriais sobre o monarca que usava seu dinheiro e poder para mandar na cidade e em sua gente. A um passo da ditadura, ele gritara inúmeras vezes. A morte de Douglas não mudara a mente de Fritz. Ele ainda via a cidade controlada por um homem, Brian.

Douglas tentara retirar o jornal dele, mas o velho Fritz conseguira manter todas as brechas fechadas. Por que o vendera agora, Brian não conseguia imaginar. Ouvira boatos que o coração do velho Fritz não era mais tão bom quanto antes. Possivelmente ele saltara sobre a oportunidade de vender a uma fonte de fora da cidade, mas apenas se soubesse que a fonte se opunha aos Osborne. Havia algo fermentando na cidade, Brian sabia disso. Podia sentir. Corbett e o velho Fritz estavam tramando alguma coisa.

Brian terminou o drinque, em seguida voltou os pensamentos para algo suave e complacente, não frio e opressivo. A pele refrescante de Outono depois do banho, e recendia a bolhas e sabões e colônias... a tudo que era maravilhoso. Essa seria a primeira vez que ia dormir sem Outono enroscada a

seu lado em muitas semanas, e se sentiu estranho.

Enquanto o avião avançava, levando-o cada vez mais perto de San Francisco, ele teve a sensação desconfortável de que esquecera algo, ou deixara parte de si para trás, entre os lençóis de cetim.

LLOYD Murphy estava no começo dos cinquenta, os cabelos ruivos tornando-se grisalhos nas têmporas e olhos verdes penetrantes. Era mais gordo do que Brian, e um pouco mais baixo. Carregava o corpo grande com confiança relaxada. Os anos dirigindo e comandando haviam-no transformado em um homem de negócios habilidoso que se lembrava de sorrir no momento certo, verificando discretamente se a gravata estava na posição correta e estendendo-se graciosamente em pequenas cortesias. Encantador, mas Brian não deixou-se enganar. Lloyd Murphy parecia o fiel escudeiro, mas era o tipo de homem que poderia ser baixo e sujo.

Rugas rodeavam-lhe os olhos quando sorriu e estendeu uma bebida a Brian.

— Você faz um bom bourbon, sr. Osborne.

— Obrigado. Tentamos o melhor.

Ainda sorrindo, Lloyd sentou-se em uma cadeira diante de Brian.

— Devo admitir que estava curioso a seu respeito. É bem mais jovem do que esperava.

Brian ouvira a mesma observação tantas vezes que aprendera a descartá-la com um menear de ombros.

— Não acredito que papai tivesse planejado morrer e me deixar o negócio enquanto eu ainda usava calças curtas. Infelizmente, ele não pôde esperar.

— É — disse Lloyd em voz consoladora. — Uma tragédia.

Brian arqueou uma sombrancelha surpresa.

— Conhecia meu pai?

— Não pessoalmente, mas seu nome era bem conhecido no mundo dos negócios. — Lloyd voltou a sorrir. — Pelo que tenho ouvido, você também está fazendo um bom nome. O que me leva a perguntar por que está aqui.

— Black Jewel — disse Brian bruscamente. E por que a sra. Corbett está comprando, ou tentando comprar. Como não consegui entrar em contato com ela, vim até você. Sei que é dono de metade da empresa dela. Consequentemente, isso torna-o dono de metade de nossa mina de carvão. Espero poder elucidar algumas questões.

— Certamente.

Nos 15 minutos seguintes Brian ouviu Lloyd levá-lo em uma conversa desconexa. Lloyd Murphy era não apenas um negociante e mandante, mas era também cheio de porcaria até os olhos verdes. Brian sorriu consigo mesmo diante da inocência do homem. Era um vigarista da cidade tentando vender moda. Nada sabia sobre as duras realidades da mineração de carvão.

— Sou completamente a favor do progresso — disse Brian. — Mas só se for no interesse da cidade. De alguma maneira, fico pensando se este é o caso da sra. Corbett. Não confio nas pessoas, homem ou mulher, que se escondem atrás de advogados.

— A sra. Corbett tem sua própria maneira de fazer as coisas.

— Ela cometeu muitos erros estúpidos.

— Como?

— Para começar, comprou as ações sem pedir um relatório geológico. Em vez de esperar até poder comprar as ações como um pacote, ela vem colhendo ações separadamente. O senhor e ela são donos de metade, mas eu e meu tio temos a outra metade e não pretendemos jogar dinheiro em um buraco vazio,

nem planejamos vender. O que nos leva a um impasse.

— Acredito que a sra. Corbett sabe que a mina foi fechada prematuramente. Pelo que ela me disse, ainda há dois anos de trabalho em Black Jewel.

— Sim. Talvez três, se se trabalhasse com pequenos grupos de homens. No entanto, o custo para a mineração do carvão ultrapassa qualquer lucro que poderia ser obtido. Se a sra. Corbett se desse ao trabalho de olhar algum relatório geológico, saberia disso. Mas ela despejou cem mil dólares em uma mina sem valor. Custaria milhões só para substituir o equipamento necessário, se a mina fosse reaberta. O veio estreitou-se ao longo dos anos, e seria preciso um extensivo suporte para sustentar o teto de maneira segura. Acredite-me, sr. Murphy, se houvesse dinheiro a ser ganho em Black Jewel, papai jamais teria fechado a mina.

Lloyd bebericou o drinque, rodando o gelo.

— Acho que devemos elucidar um ponto. Sou dono de 45% da Corporação Corbett, mas não sou dono de qualquer parte da mina. A sra. Corbett comprou a mina através da corporação, mas usou dinheiro próprio. — Agitou a mão em um gesto leve. — Se eu quisesse entrar na justiça, o que não vou fazer, poderia talvez forçá-la a dividir as ações em meu benefício. Honestamente, o dinheiro era dela, e o risco é dela. Não tenho interesse em sua mina ou em sua cidade.

— E o Times de Edisonville que ela comprou recentemente? Também foi comprado com o dinheiro dela?

Os olhos de Murphy arregalaram-se em surpresa indiscutível.

— Sinto muito, mas me pegou de surpresa, sr. Osborne. Nada sei sobre isso. — Fez uma pausa e bebeu outro gole da bebida. — A sra. Corbett é uma mulher muito independente e determinada. Não pede minha permissão para comprar ou vender. Ela esteve fora do país nos últimos dois meses em férias muito necessárias. Falamos rapidamente pelo telefone. Não me falou sobre o jornal ou sobre o que tem em mente.

Brian sorriu consigo mesmo. O homem não parecia exercer muito controle sobre a mulher. Sentiu que conseguira tudo que podia de Murphy e começou a tornar a conversa amena, levando-a a um fim, um bate-papo de cortesia sobre a cidade e suas famosas pontes e portos.

Lloyd pareceu gostar da mudança de assunto e ofereceu-lhe outro drinque, o qual Brian recusou. Acomodando-se em sua cadeira, Lloyd sorriu.

— Passou muito tempo em San Francisco?

— Não, mas minha esposa, Outono, já viveu aqui. Ela volta com frequência para fazer compras e visitar os amigos.

Lloyd saltou para a frente, olhando para Brian como se ele tivesse cometido alguma gafe.

— Sua o quê?

— Minha esposa, Outono. Ela já morou aqui.

Lentamente, Lloyd recostou-se na cadeira.

— Eu não sabia que você era casado. Quando foi o casamento?

— Dois meses atrás. Acabamos de voltar das Bahamas.

Lloyd assentiu e olhou para Brian com um sorriso rígido.

— Espero que me desculpe, sr. Osborne, mas acabei de me lembrar que tenho um importante telefonema a dar. — Levantou-se e estendeu a mão para Brian. — Na melhor das hipóteses o casamento pode ser uma coisa tediosa. Você entrou em uma aventura arriscada. Espero que tenha mais sorte do que muitos que conheço. — Sorriu levemente. — Dê lembranças a sua esposa.

Acomodando-se na cadeira, Brian assentiu para o homem que chamara à casa Osborne. Recordando a conversa com Murphy, ele percebeu que o fim fora estranho. O rosto do homem de fato empalidecera

quando ele falara em casamento, e as observações de despedida haviam sido envoltas em sarcasmo, o sorriso, um esgar amargo. A viagem fora uma perda de tempo. A única coisa que soubera do homem era que achava o casamento desagradável. Enquanto que Brian era fortemente favorável ao casamento, mas apenas com uma ruiva chamada Outono.

Ela ainda não se recuperara, o que preocupou Brian. Estava quieta, cansada, sonolenta, o rosto abatido, os olhos embotados e evasivos. Ele insistira em que consultasse o dr. Albright, mas ela alegara estar bem. Quando a viu no desjejum, decidiu que a obrigaria a consultar o médico. Caso contrário, traria o médico até ela.

Brian virou-se na cadeira e olhou para os três homens que chamara ao escritório, Homer, John e o chefe de polícia Hadley.

— Acho que todos vocês sabem que Fritz vendeu as ações majoritárias do jornal para uma mulher de San Francisco. Não sabemos nada a respeito dela, mas tenho a impressão de que está atrás de alguma coisa. Acho que o velho Fritz virá atrás de nós e não pretendo ser apanhado de calças arriadas. Como o nosso único ponto fraco são as tavernas, vou ordenar seu fechamento. Esta semana.

Hadley, um homem magro com sobrancelhas espessas, sacudiu a cabeça e franziu o cenho.

— Não vejo por que chegar a tais extremos.

Brian sorriu.

— Os 20% que lhe damos não têm nada a ver com sua decisão, certo?

Hadley arqueou as sobrancelhas hirsutas e remexeu-se na cadeira.

— Isso é desnecessário, Brian.

— Concordo com meu sobrinho — disse Homer. — Fritz há anos sabe que estamos envolvidos com... como devo dizer, o lado mais escuso da cidade. Felizmente nunca conseguiu provar nada. Acho que devemos fechar antes que saibamos mais sobre essa mulher e por que está se movimentando na cidade. Quando as coisas acalmarem, poderemos reabrir.

— Não — disse Brian vigorosamente. — Não tenho intenção de reabri-las. Sempre achei que papai era idiota por mantê-las. Às vezes acho que ele fazia isso para tentar o destino ou provocar o velho Fritz. Eu planejava fechar mais cedo ou mais tarde, mas não até as próximas eleições. Do jeito que as coisas estão, não acho que devamos esperar. — Fez uma pausa e encarou-os. — Quando chegar a hora, quero vocês por trás de mim e levando as pessoas a conseguirem bebida no município.

Homer sacudiu a cabeça junto com Hadley:

— As pessoas jamais concordarão. Elas querem a cidade sem bebida.

Brian olhou para os dois homens zombeteiro.

— Elas votarão do jeito que quisermos se vocês não ficarem no palanque enchendo-as de merda, tio Homer. — Empertigou-se pomposamente, imitando Homer. — QUEREM SUAS GAROTAS INOCENTES IMPORTUNADAS POR BÊBADOS CAMBALEANDO DAS TAVERNAS QUANDO AS PEQUENAS QUERIDAS SAEM DA SEGURANÇA DOS CINEMAS? — Brian sorriu. — O que as pessoas não sabem é que suas filhas inocentes não estão nos cinemas, mas nas tavernas colocando moedas nas máquinas caça-níqueis e os filhos estão gastando as mesadas em algum quarto de fundos com alguma puta. — Brian lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sincera. — Não tente me enganar, tio Homer. Eu cresci aqui, lembre-se. O senhor não quer as tavernas porque não vai receber os 20% delas.

Homer irritou-se um pouco e passou um dedo pelo bigode torcido. Hadley ainda não estava convencido.

— Acho que está se precipitando, Brian. Não sabemos se essa mulher tem tudo. Se você fechar, os lugares voltarão a abrir, e sem nós para mantermos as coisas em ordem.

— Sei disso, estou me precipitando. E não sabemos se a sra. Corbett sabe de algo, mas preciso me perguntar por que ela viria para a cidade e compraria uma mina que nada vale de um Osborne. Por que contratar meu lio e mandá-lo para Seattle? Por que comprar um jornal que não vai lhe dar muito lucro? E de um homem que é conhecido por odiar os Osborne.

Um homem que deseja apenas ver o nome dos Osborne manchado no jornal. E quanto às tavernas serem abertas por outras pessoas, ótimo, deixe Fritz perseguir essas pessoas. Minha bunda estará limpa e a de vocês também.

John permanecera sentado em silêncio. Agora começou a falar, dirigindo as palavras para Homer e Hadley.

— Brian está certo. Se Fritz e essa mulher aparecerem com alguma coisa no jornal, poderia acabar em uma investigação mais completa. Vocês teriam agentes federais e estaduais na cidade voejando como abelhas atrás de mel. Avisei Douglas para sair anos atrás, mas se recusou. Não queria mudar nada. Brian está tentando fazer o que deveria ter sido feito há anos.

— Sei disso — disse Homer. — Tenho que concordar, até um ponto. Douglas recusava-se a deixar a cidade mudar. Vários homens já se aproximaram de mim com novos negócios. Um deles queria abrir uma espécie de galeria com pizzas, marionetes e video-games. Parecia bastante inocente e tentei fazer passar a ideia, mas Douglas descobriu. Ficou furioso comigo. Disse que não ia me apoiar nas próximas eleições. Estava procurando alguém para ser candidato da oposição. — Homer fez uma pausa e olhou para Brian. — E aí, Brian? Vai me apoiar?

— Só se o senhor me apoiar agora. Essa é uma boa cidade e quero vê-la crescer, não estagnar. Não podemos querer que as pessoas venham aqui se elas têm que fazer parte do clube de campo, do Elks ou precisarem ir a um bar clandestino sujo toda vez que sentirem vontade de tomar um drinque socialmente. Quero que surjam novos negócios, novas indústrias. Gostaria de ver uma faculdade aqui, mesmo que fosse uma comunitária, e um centro de jovens para os garotos, meus garotos. Meu Deus, nos anos em que estive fora, a cidade simplesmente hibernou, a porta trancada como uma verruga na bunda de uma puta. A única coisa nova nessa cidade é o Holiday Inn e o novo restaurante de Outono e Ella, que está indo muito bem.

Todos permaneciam atentos.

Brian olhou para Homer e Hadley.

— Quando uma cidade cresce, os salários dos funcionários também aumentam. Os dois são bons homens, e as pessoas gostam de vocês. Se quiserem continuar comigo, eu os apoiarei. Caso contrário, procurarei outros homens para preencher seus lugares. Posso fazer isso também. Sou Brian Osborne, filho de Douglas, garoto de cabelos louros. Sou a gracinha da mamãe e vou usar isso. — Afastou-se da escrivaninha e levantou-se, os olhos implorando que Homer concordasse. Brian fora rígido com o tio, mais do que jamais fora com Dale ou George. Não sabia por que, mas jamais se aproximara de Homer. Havia o sangue entre eles, mas Homer era reservado e afastava-se das pessoas. Lutara durante anos para ser como o irmão mais velho, para subir como Douglas, mas lhe faltava aquela coisa especial que fazia brilhar. — E então, tio? O que decide?

Homer assentiu e olhou para Hadley.

— Você ia acreditar que esse é meu sobrinho falador que costumava comer biscoitos da tia Bea? Agora ele não pede, manda. — Homer levantou-se. — Acho que vou ficar, já que não tenho outro lugar para ir. Fiz alguns maus investimentos e perderei os 20%, mas ainda estou melhor do que se Douglas estivesse atrás dessa cadeira.

Hadley levantou-se com Homer, as sobrancelhas espessas arqueadas ao olhar para Brian.

— Recordo de algumas coisas também. Lembro de virar as costas quando você saía correndo com

seu maldito carro esporte pela Main Street; de levá-lo para casa quando você devia ter sido preso por estar bêbado ou fazendo desordens; de entrar e terminar uma briga quando você estava apanhando de uns pára-quedistas de Fort Campbell. E muita coisa mais. — Virou-se e saiu da sala a passos largos, seguido por Homer.

Brian observou-os sair e franziu o cenho, confuso.

— Por que os malditos idiotas não percebem que estou cuidando tanto deles quanto de mim?

— Eles entenderão — disse John. — No momento só estão pensando nos 20%.

— É, 20% que nada valerão se Fritz e a sra. Corbett conseguirem o que desejam. Não quero precisar entrar de sola com Amos Patterson. Fale com ele e explique o que está acontecendo. Diga-lhe para fechar. Não quero uma máquina caça-níqueis, mesa de jogo ou prostituta na cidade que possam ter relação comigo, ou com tio Homer e Hadley. — Os olhos dele estreitaram-se e olhou para John atentamente. — Há alguma coisa que eu deva, alguma coisa dos negócios passados do papai que Fritz poderia usar contra mim?

— Não, nada. Douglas era um lutador sujo e por vezes imoral, mas tinha o bom senso de obedecer à lei quando os negócios eram outros.

— E a mulher? Soube mais alguma coisa sobre ela?

John sorriu levemente e sacudiu a cabeça.

— Minha fonte em San Francisco falou com alguém que se lembrava dela da época em que cantava no bar. Ele não conseguia lembrar de muita coisa, só que era uma ruiva linda com sotaque do sul.

Instantaneamente Brian pensou em Outono.

— Maldição, esqueci. Tem uma ruiva maravilhosa me esperando para o desjejum no terraço, mas ela não tem sotaque.

John sorriu e caminhou em direção à porta.

— Saio sozinho. — Parou e olhou para Brian. — Gracinha da mamãe?

Brian riu e deu de ombros.

— Uma coisinha que peguei de minha mulher. Achei que ia dar um toque interessante.

John despediu-se e retirou-se.

Brian foi até as portas duplas que levavam ao terraço. Outono estava na mesa com o café entre as mãos em concha. Ele debruçou-se e roçou os lábios no rosto dela.

— Desculpe, atrasei-me. — Quando Outono murmurou distraída, ele levantou o rosto dela e olhou-a intensamente. Ela tentara, mas a maquiagem não conseguira esconder a palidez de sua pele. Outono estava doente, lutando contra isso, mas doente. Tomou-a pela mão e deslizou para uma cadeira em frente a ela. — Quero que vá ao dr. Albright. Hoje sem desculpas.

— Estou bem, Brian. Não é nada de grave. Estarei boa em poucos dias.

— Foi o que disse há uma semana. — O café da manhã estava sob uma bandeja de aquecimento. Outono mordiscara um pedaço de torrada. — Não está com fome?

— Não. Sinto o estômago enjoado.

Brian olhou para a torrada e em seguida para Outono.

— Talvez esteja grávida.

— Não — disse ela, e sacudiu a cabeça. — Não posso estar.

— Como pode ter certeza? Estamos casados há mais de dois meses, e até agora você não menstruou?

Ela deu de ombros.

— Meu corpo está só um pouco... fora de forma. Acredite, não estou grávida.

— Acho que devia procurar o dr. Albright para ter certeza.

Ela franziu o cenho, a voz mais alta e brusca.

— Não estou grávida, Brian. Por favor, deixe isso para lá.

— Não posso. Há uma boa possibilidade de estar grávida. As pílulas que está tomando são de açúcar. Eu troquei-as.

Outono olhou-o confusa, como se tentando compreender o que ele dissera.

— Você o quê?

— Eu troquei-as. Sabia que você estava tomando pílulas escondido, então encontrei-as e troquei por pílulas de açúcar que mandei fazer. Tínhamos um acordo, Outono. Você estava trapaceando. Um bebê em um ano, lembra?

O corpo dela afundou na cadeira, a voz um gemido baixo.

— Meu Deus. Seu estúpido. Não sabe o que fez. — Afastou-se dele e correu para casa. Brian seguiu-a, chamando-a enquanto corria. Esperara que Outono ficasse com raiva, talvez um acesso de raiva, mas a voz dela era estranhamente calma e atormentada. Molly encontrava-se nas escadas e olhou-o inquisitiva, mas ele passou por ela sem falar.

Quando entrou no quarto, Outono estava de pé na escrivaninha com o calendário.

— Desgraçado — gritou, e atirou o calendário em Brian. — Vou fazer aborto. Não vou ter esse filho. Não posso. Não vou trazer uma criança inocente a essa confusão. Não vou.

— Que confusão? — indagou ele com o cenho franzido de perplexidade. — De que está falando?

Ela sacudiu as mãos freneticamente e a voz aumentou, histérica.

— Você não compreende. Não posso ter esse filho. Não vou. — Afastou os cabelos do rosto, enroscando as mãos e andando. — Não posso, Brian. Não posso mais. Sinto-me empurrada em todas as direções, dividida. — Olhou-o e seus olhos imploravam compreensão. — Não podemos ter esse filho. Um bebê precisa de amor. Dois pais. Não podemos dar isso a ele.

Brian deu um passo em direção a ela, as mãos esticadas.

— Está me confundindo, querida. Nosso filho vai ter amor, todo o amor do mundo. E dois pais. Brian e Outono.

— Não! — Afastou-se dele, a voz vacilante de emoção. — Uma criança precisa ser cercada de amor. Dois pais que se amam. Você não me ama, Brian. Só casou comigo porque eu pertencia a seu pai e você queria o que era dele. Tenho observado você. Ah, como tenho observado você, Brian. Tem lutado desde que voltou para casa a fim de ser melhor do que seu pai em tudo. Casar com Outono. Engravidá-la. Ser melhor do que o grande homem.

Confuso e zangado, ele gritou com ela.

— Amar você? Maldição, mulher, você é cega? Tenho corroído esperando algum sinal de que liga para mim 10% do que ligo para você. — Pegou-a pelo pulso e trouxe-a para seus braços bruscamente, mas sentiu a raiva desaparecer. Falou calmamente: — Casei com você por um motivo, e só um motivo. Amo você, Outono. Cada dia mais, se isso é possível. Se a perdesse, perderia a única coisa com que realmente me importaria, talvez esteja errado, mas as pílulas eram para mantê-la comigo.

— Meu Deus! Você não devia me amar. — Afastou-se, e Brian observou-a desmoronar. Não era o tipo de histeria que presenciara quando Artie sofrera o acidente, mas uma espécie de desintegração que lhe cortava o coração. Outono foi para a cama e enroscou-se em posição fetal, as mãos entrelaçadas com toda força contra o estômago. — Apanhado no meio... — ela sussurrou. — Pobre bebê... Apanhado no meio. — Repetia as mesmas palavras sem parar.

Brian puxou-a para seus braços, desejando ajudá-la, atormentado porque não conseguia. Ela estava em algum inferno particular, gemendo palavras agora incoerentes. Assustado, chamou Molly, em seguida o dr. Albright. Juntamente com Molly, permaneceu com Outono, segurando-a, embalando-a e sussurrando

até o dr. Albright ser levado ao quarto por Daisy.

O dr. Albright deu uma olhada em Outono e em seguida ordenou que todos saíssem do quarto. Levado para o corredor, Brian sentou-se no canapé de veludo ao lado de Molly, esperando.

— Sabe se isso já aconteceu antes com Outono?

— Não sei se posso dizer.

— Não pode ou não aconteceu?

Molly estendeu a mão e deu-lhe um tapinha.

— Outono sente as coisas mais profundamente do que a maioria. Ela ama e odeia com a mesma intensidade. Acho que esse tipo de gente precisa explodir um pouco de vez em quando, senão tem um colapso tão forte que não consegue voltar. — Apertou as mãos e olhou-o de maneira tranquilizadora. — Acho que agora a guerra dentro de Outono acabou. Seja paciente. Ela vai precisar de você mais do que nunca.

Daisy, os braços cruzados sobre os seios, olhava-os.

— O que aconteceu com a srta. Outono afinal de contas? Nunca a vi assim antes.

Brian não respondeu. Levantou-se e andou de um lado para o outro na frente da porta, cheio de recriminações. Outono sempre parecera tão forte, como um carvalho bem plantado. Dobrava-se um pouco quando o vento era forte, mas nunca quebrava. Ele não teria acreditado que ela pudesse cair com tanta facilidade. Seria facilmente? Ainda havia muitas coisas que não sabia sobre a mulher.

O dr. Albright ficou com Outono por mais de uma hora. Quando saiu do quarto, Brian saltou em sua direção.

— O que aconteceu? O que há de errado com ela?

Virando-se para Molly, o dr. Albright falou:

— Ela vai querer dormir. Por que você e Daisy não a ajudam a despir-se e a colocam na cama? — Voltou-se então para Brian. — Vai ficar boa. Dei-lhe um sedativo e conversamos. Contou-me da criança que perdeu quando tinha 18 anos. Saber que está grávida tão de repente foi um choque para ela. Acho que está confundindo os dois bebês na cabeça. Também suspeito que outras coisas a estão preocupando. Sugiro que tenha uma longa conversa com sua esposa e acerte tudo. Agora ela está bem, mas vou querer vê-la em meu consultório logo pela manhã.

Brian assentiu.

— Posso vê-la agora?

— Pode, mas não a excite. Quero que ela fique em repouso completo nos próximos dias. E nada de sexo agora. Ela abortou uma vez. Não quero que isso torne a acontecer.

Brian assentiu e afastou-se do dr. Albright. Ficou atrás da porta até Daisy e Molly terminarem de colocá-la na cama. Então fez um gesto para que saíssem, atravessou o quarto e sentou-se ao lado dela na cama. Estava bela e pálida, usando uma camisola cor de damasco. Outono correu os olhos para a barriga e as lágrimas começaram a cair dos olhos, deslizando pelo rosto.

— Eu não ia abortar o bebê, Brian. Não conseguiria.

— Eu sei. — Estendeu a mão e enxugou-lhe as lágrimas. — Não chore. Vai dar tudo certo. Vamos dar certo.

— Não estou chorando. Nunca choro. Não consigo chorar.

Brian sorriu levemente e correu um dedo pelo rosto dela.

— O que é isso, não são lágrimas?

Outono olhou para a umidade nos dedos dele, esfregou a bochecha e contemplou a própria mão. Chorando como uma criança, ela lançou-se nos braços dele. O corpo tremia, sacudido pelos soluços — soluços que curavam.

— Abrace-me — murmurava ela. — Abrace-me. Diga-me de novo que tudo vai dar certo.

E Brian abraçou-a e embalou-a como uma criança. E sussurrou até ela acalmar, adormecida em seus braços. E continuou a abraçá-la.

• V Outono

○ 44

OUTONO encontrava-se deitada no terraço, aquecendo-se ao sol e observando fascinada uma minúscula aranha negra fazer uma teia entre as duas pernas de uma cadeira de ferro fundido. Detestava o pequeno animal repulsivo, mas tinha que admirar sua tenacidade. Colocada em um mundo tão maior do que ela, a aranha cuidadosa e um tanto arrogantemente planejava e depois realizava a tarefa tediosa de construir seu novo lar: um delicado intrincado de padrões ao mesmo tempo simples e complexos.

Outono decidiu que a aranha tinha que ser fêmea para desejar tanto um lar. Ela corria em suas muitas patas longas e esguias, para a frente e para trás, entre o centro da teia e as regiões externas, traçando uma forte rede de fios prateados. Uma vez construído o arcabouço, a aranha fez a volta na teia, deixando uma linha de seda que fazia a conexão para construir quadrados que pareciam ter um milímetro de lado. Outono pensou que a aranha terminara quando abriu caminho até o centro, mas a casa ainda não estava suficientemente segura, assim ela recomeçou, fazendo a volta na teia e reforçando os fios entre os quadrados. Uma vez atingida a borda externa, a aranha foi até o centro e sentou-se como se exausta ou aguardando matreira alguma mosca distraída ficar aprisionada em sua teia. Parecia convencida, até Gracie vir ao terraço e derrubar a teia com um movimento de seu rabo oscilante.

Outono ficou surpresa com a pena que sentiu da pequena aranha feiosa, que ousara construir sua casa no meio de um terraço movimentado. Recostou-se na cadeira e observou a aranha, colhida em sua própria teia, lutar para libertar-se e depois sair desesperada através das pedras em direção à segurança de um tufo grosso de petúnias.

— Aranha tola. Aposto que vai fazer seus planos com mais cuidado da próxima vez.

Outono puxou Gracie para a espreguiçadeira junto com ela e acariciou o filhote adorável nos braços. Se pudesse ter outra chance, o que não podia, teria traçado seus planos com mais cuidado também. As mulheres raramente engravidavam na primeira vez em que faziam amor, e era difícil engravidarem logo depois de tomar pílula durante anos, ou assim ela lera. Isso não funcionara para Outono. Se fosse um coelho, teria morrido.

Estendida ao sol, sorriu com ironia. Gostava de um homem que lutava pelo que queria, e admirava a ingenuidade de Brian. Não havia saída, nenhum canto para onde pudesse ir, nenhuma mudança rápida de planos, nenhuma estrada alternativa. Divertido, mas triste. O bebê em seu ventre crescia a cada dia e em sete meses colocaria sua cabecinha no mundo, assustado com o que estivesse acontecendo, tentando entender como seu padrasto era também seu avô — um homem que matara o primeiro marido da mãe. E sim, “matara” era a palavra correta. Precisara tomar muitos caminhos alternativos, mas possuía todas as evidências de que precisava. Mas poderia usá-las agora? Não estaria indo contra a segurança de seu próprio filho? Assim como a aranha, Outono fora pega em sua própria teia.

O calor do sol de julho queimava sua pele nua, e tirou Gracie do colo.

— Vá encontrar seu companheiro e brincar. — Deu um pequeno empurrão em Gracie na direção da casa e levantou, colocando a espreguiçadeira na sombra do carvalho.

Fiel à sua palavra, Brian gravara as iniciais deles no tronco, junto com a data. Audaz e ousado para seus descendentes lerem. A brincadeira da família. “Tínhamos esta ancestral Outono. Mas o nome dela não era realmente Outono, era Sue Anne. Casou com o velho Doug, que matou seu primeiro marido.

Depois que Doug se afogou na piscina, ela casou com o filho dele, Brian. Eles tiveram um filho e...” O que aconteceria a seguir?

Outono enxugou o suor da testa e entre os seios, esticou o fundo do biquíni, em seguida deu outro empurrão na espreguiçadeira. Pensara estar sozinha, mas a voz de Brian gritou das portas do terraço:

— Há homens para fazerem isso para você. Não pode bancar a durona nos próximos meses, ou já esqueceu?

— Não esqueci, e esta é uma velha história de esposas velhas. O dr. Albright disse que estou saudável como uma égua com um corpo pronto para ter cria. Algo a ver com os quadris, acho.

— Concordo. Você tem excelentes quadris. — Brian levou a espreguiçadeira para a sombra, agarrou Outono e caiu na cadeira com ela nos braços. Ela descansou os seios nas costelas dele, abriu a camisa de Brian e correu a mão pelo peito, brincando preguiçosamente com a moeda. O casaco dele estava desabotoado e manchado de tinta, a gravata torta, o lenço enfiado no bolso do peito. Cabelos queimados de sol caíam sobre a testa. Comparado a Lloyd, parecia um garoto sujo, mas completa e confortavelmente masculino.

O marido tinha muita habilidade sob um carvalho, mas era um garoto no amor. Isso emanava dele, em seu sorriso, seus olhos, no modo de tocá-la, gritando o que ela se recusava a ver, não quisera. Ou quisera? Recordando, Outono ficou pensando se inconscientemente fizera uma trama para que Brian se apaixonasse por ela, para que então pudesse agarrar-se a isso no fim. Outono sempre pensara no amor como um sentimento precioso, algo a ser cultivado e protegido, não usado. Ao contrário de Lloyd, Brian era carinhoso. Poderia ela lançar seus planos malvados contra ele, bem como contra seu filho? Tantas perguntas, e tantas decisões a tomar. Independentemente da sua decisão, Brian sairia ferido no final.

Apertou os braços em torno da cintura dele, protetora.

— O que está fazendo em casa no meio da tarde?

— Vim ver você. O dr Albright disse para ter repouso e tranquilidade. Não acredito que você siga as ordens dele como deve.

— Estou tão descansada que me sinto exausta. Fui vê-lo novamente hoje de manhã. Ele me tirou da lista negra. — Apertou-o nos braços até ele estar olhando para ela. — Preciso ir a San Francisco. Tenho que ver algumas pessoas lá e tenho coisas a fazer. Falei com o dr. Albright e ele disse que não tinha problema.

— Parece ótimo. Você conheceu todos os meus amigos. Acho que está na hora de conhecer os seus. As coisas estão bem tranquilas no escritório. Acho que posso escapar por alguns dias.

— Não — disse ela calmamente. — Esta não é uma viagem social. Você pode conhecer meus amigos em alguma outra ocasião. Estarei muito ocupada com outras coisas.

— Que outras coisas?

Ela deu de ombros.

— Tenho alguns negócios que quero resolver, e pretendo comprar roupas novas. Precisarei de alguns vestidos de grávida, lembre-se.

Ele soltou uma risadinha e correu a mão pela barriga protuberante.

— É, está ficando bem gorducha. — Acariciou-lhe a barriga. — Qual vai ser o nome dele?

— Ele? Pode ser uma menina, Brian.

— Não, vai ser menino.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Garotos dominam em nossa família.

— E daí? Garotas dominam na minha família.

Brian baixou os olhos para ela e sorriu.

— Uma garota não conta, Outono.

Ela também sorriu.

— Se for menino, vamos chamá-lo Brian. Se for menina, vamos chamá-la Brianna.

— Nada disso. Quero que meu filho tenha seu próprio nome. — Afastou-se levemente, colocou a mão dentro do bolso e retirou um papel do bolso do peito. — Não direi que sinto muito pelas pílulas. Se dissesse, seria como dizer sinto muito pelo bebê, e não sinto. — Fez um gesto em direção ao papel. — Esta é minha cópia do acordo de casamento. Nenhuma mulher deve ter isso pendurado sobre sua cabeça. Se um dia achar que precisa ir embora, resolveremos o que for melhor para a criança. — Rasgou o papel ao meio e enfiou-o na frente do biquíni dela. — Vá e compre suas roupas de grávida, mas se não estiver de volta em uma semana, irei trazê-la para casa arrastada. Esse lugar é muito solitário sem você. — Seus olhos, tão límpidos e azuis, olharam os dela e ele correu ao longo do biquíni. — O que mais o médico disse... sobre outras coisas?

— Disse que eu podia fazer tudo normalmente, como antes de engravidar.

— Tudo?

— Tudo.

— Ótimo. — sorriu ele. — Que tal um encontro íntimo dos melhores?

— Na sua cama ou na minha?

Ele olhou para as escadas dos fundos.

— Na sua cama. É mais perto.

Outono deteve-se ao lado da mesa e pegou a caixinha de música que Brian lhe dera de presente de Natal. Mármore com folhas de jade formavam uma flor na tampa de ouro, e quando ela levantou a tampa, uma música suave encheu o quarto. Cuidadosamente, ela pegou duas rosas com os caules curtos e colocou-as na caixa. Desde Lonnie, ninguém mais lhe dera flores — apenas joias, peles, carros e dinheiro. Ela tentara jogar as rosas fora, mas cada uma lhe fora dada em um momento em que precisara de um gesto pessoal. Depois do acidente de Artie, quando ficara tão apavorada. De novo, depois na volta das Bahamas, quando ela precisara enfrentar a dura realidade do que fizera casando-se com Brian — o que ainda deveria fazer.

Recolocou as rosas na caixa, puxou o acordo rasgado do bolso do robe e colocou-o junto com as flores. Não estava preocupada com o acordo: a criança unia-a mais ainda aos Osborne do que qualquer pedaço de papel. Levantou-se abruptamente, atravessou o quarto e abriu a gaveta da mesa. Ao retirar a pilha de papéis, suas mãos começaram a tremer, e gotas de suor formaram-se em seu lábio superior.

O tremor começara depois do acidente de Artie e aumentara ao longo dos meses. Começava no estômago e estendia-se para todo o corpo, em uma sensação de formigamento, como agulhas, começando nas costas e difundindo-se através dos ombros e pelos braços, tão agudo, que ela precisava sentar e forçar-se a respirar fundo até o tremor passar. Até então, conseguira esconder isso de todos, exceto de Molly. Agora estava sentada, esperando, respirando fundo.

Quando o terremoto do interior de seu corpo passou, Outono abriu o envelope e puxou uma pilha de papéis que poderiam manchar o nome Osborne tão horrivelmente, a ponto de demorar gerações para retirar a mácula. Pelo que ela soubera, o incêndio na mina fora um acidente e não uma maneira de encobrir. Depois que Brian contou-lhe do incêndio, ela desistira dos arquivos no porão, mas sentindo-se atraída, voltara ali várias vezes, mexendo distraída na pilha. O fogo destruíra todos os registros dos últimos cinco anos de operação da mina, exceto os arquivos que Bob encontrara enquanto arrumava os armários do escritório de John. Seguindo ordens, entregara-os a Douglas, que os colocara junto com os demais. Por sua vez, Outono descobrira-os enquanto mexia ao acaso nos registros cobertos de teias de aranha. Era um relatório, ou avaliação da mina, explicando por que Douglas se recusara a fechá-la

naquela noite. Ele quisera pegar cada centavo que pudera de uma mina morta.

Junto com o estreitamento do veio, o carvão transformara-se de betuminoso em sub-betuminoso, um minério de menor qualidade. Dada a idade das máquinas e os gastos para substituí-las, Douglas fora aconselhado a contratar grande número de funcionários e aproveitar a mina antes que o equipamento falho o forçasse a fechar. A mina precisaria ser fechada, mas a explosão fizera com que o fechamento acontecesse mais cedo do que o esperado. Possivelmente Douglas acreditara que a mina estaria em segurança com o sistema de ventilação; no entanto, isso não o isentava da irresponsabilidade ou trazia de volta os 14 homens que haviam morrido por causa de sua decisão insensata.

O papel que encontrara explicava por que a mina fora mantida aberta, e por que, depois da explosão, Douglas a fechara permanentemente. O arquivo na verdade nada provava a ninguém, exceto Outono, mas daria excelentes matérias para o Times de Edisonville.

Colocou de lado o relatório geológico e pegou as cópias que mandara fazer do segundo grupo de livros. Douglas mantivera-os bem trancados no cofre, mas Brian deixara-os sobre a mesa. Estava tudo ali. Uísque contrabandeado, jogo, prostituição, suborno, e pagamentos escusos. O nome de cada homem envolvido achava-se listado, junto com datas e quantias pagas. O aspecto mais fascinante era como Douglas conseguira incorporar a destilaria em suas operações ilegais.

Anos antes, ele comprara o controle da empresa de distribuição de Illinois. A bebida era vendida legalmente e levada para fora do Estado, em seguida voltava em caminhões de grãos e era estocada no porão da casa de comida até ser necessário. Ele vendia para si mesmo, voltava a comprar a bebida ao custo do distribuidor, o que lhe permitia vender a mesma bebida duas vezes, isenta de taxas. Se todo o resto falhasse junto com a mina, a destilaria proporcionaria uma maneira alternativa para arruinar o nome Osborne. Mas podia arruinar Brian ao mesmo tempo. Ouvira o suficiente para saber que Brian estava abandonando aquilo, mas se comprometera levando os negócios ilegais do pai durante quase um ano. Também ouvira o suficiente para saber que faltavam poucos dias para Brian saber que ela era Sue Anne Corbett.

Sorriu ao pensar em Fritz Jergenson e o quanto ele adoraria colocar as mãos no material espalhado sobre a mesa. Não pensara muito no jornal de Fritz até o acidente de Artie. Procurando novos caminhos, pedira a Bob para se aproximar de Fritz e incutir novas ideias na cabeça dele sobre uma mulher em San Francisco que queria pegar os Osborne. O jornal parecera a maneira perfeita de começar, e aos poucos Bob convencera Fritz a vender as ações majoritárias. Ele hesitara durante meses, até o médico aconselhá-lo a ir com mais calma ou o coração falharia. Fritz queria ter certeza de que as pessoas que assumiriam o jornal não estavam do lado dos Osborne, portanto procurara Bob. Agora o jornal era dela, e poderia publicar o que quisesse.

Reuniu os arquivos dos Osborne e arrumou tudo em uma pilha organizada. Pegou um gravador e correu os dedos pela superfície lisa. Boatos, inadmissíveis no tribunal, não se pode condenar um homem morto, mas de novo daria uma leitura interessante no Times de Edisonville. Se não conseguia pegá-los no tribunal, poderia atacá-los no jornal.

Retirou o gravador da gaveta da mesa, colocou a fita e sentiu o tremor recomeçar no estômago. Contratara um detetive particular e mandara-o a Edisonville com instruções para descobrir os nomes do pessoal da manutenção que trabalhara na mina, um dos quais deveria ter recebido um telefonema de Douglas na noite da explosão. O detetive voltou com três nomes. Três homens haviam sido deslocados para outros Estados, mas um deles abrira uma próspera loja de consertos de máquinas em Edisonville exatamente um mês depois da explosão. Era óbvio para Outono que o homem fora subornado, mas se não tivesse bastante dinheiro, sabia que não adiantaria se aproximar dele, portanto esperara, talvez demais. O homem morrera há alguns anos e ela quase o esquecera. A loja ficara para o irmão, Chester, e novamente

ela mandara Bob interrogá-lo, na expectativa de que o irmão houvesse lhe contado algo antes de morrer.

Debruçou-se para a frente e apertou o botão do gravador, que começou a rodar, trazendo a voz de Bob e Chester. A princípio Chester fora evasivo, mas quando Bob insinuara que poderia valer dinheiro, o interesse do homem aumentou.

— Só posso lhe dizer, cara, o que meu irmão me contou. Pode usar isso como bem entender.

— Está bem. Basta me dizer o que sabe.

— Quanto? — indagou Chester.

— Acho que posso lhe dar cinco mil.

— Está bem. — Houve uma longa hesitação, como se Chester estivesse organizando as ideias. — Bem. De acordo com meu irmão Paul, este Lonnie Norton estava fazendo muitas perguntas e cutucando o touro com vara curta. Ele estava declarando que Osborne provocara a explosão e estava ameaçando ir às autoridades. Meu irmão foi até Osborne e contou-lhe o que Norton estava fazendo. Osborne disse a meu irmão para levar Norton à loja de máquinas na mina. Ele queria falar com Norton.

— Seu irmão levou Norton e Osborne? — indagou Bob.

— Isso mesmo, e Osborne tentou fechar a boca dele com dinheiro. Mas Norton disselhe para enfiar o dinheiro no rabo. Osborne ficou tão furioso que quase bateu nele. Louco, disse meu irmão. De acordo com Paul, ele foi até Norton, implorando. Esse Norton deu um passo para o lado e acertou-lhe um murro bem dado no queixo. Deu um chute no traseiro de Osborne, em seguida virou-se para a porta e saiu. Osborne ficou ainda mais louco. Pegou um pedaço de ferro no chão e foi atrás de Norton. O cara era alto, e o ferro atingiu-o no ombro e no pescoço. Acho que Paul ficou apavorado quando o homem caiu no chão. Ele e Osborne tentaram reanimar Norton, mas ele estava morto. Quebrara o pescoço.

— O que fizeram com o corpo? — indagou Bob.

— Foi quando Osborne ofereceu dinheiro a Paul. Pagou a meu irmão para se livrar de Norton e ficar de boca fechada. Pediu para que ele fizesse parecer um acidente. O homem estava morto, então Paul não achou que pudesse fazer alguma coisa. Colocou o corpo de Norton no próprio carro e dirigiu para os diques. Depois de empurrar o carro para a beira, voltou para casa.

— Ele não teve medo de ser visto? — perguntou Bob.

Uma risadinha.

— Meu irmão nunca foi muito esperto. — Uma pausa curta. — Quando vou receber o dinheiro?

— Assim que assinar esse papel deixando meu cliente livre para usar o que você acabou de contar da maneira que achar melhor

— Claro, eu assino essa droga. Isso não vai poder mais atingir meu irmão.

Quando a fita terminou, Outono estava chorando. O formigamento voltara e ela esfregou os braços furiosamente — parecia que micróbios estavam rastejando sobre sua pele. Ficou olhando o gravador enquanto lágrimas silenciosas deslizavam por seu rosto, abraçada a si mesma e esperando o tremor passar. Lentamente, conforme recuperava o controle, recolocou os arquivos e o gravador na gaveta da mesa e trancou-a. Enxugou as lágrimas e estava se levantando da cadeira quando Molly entrou na sala, olhando-a criticamente.

— Que história é essa de você viajar amanhã de manhã?

Outono assentiu.

— Provavelmente estarei de volta em uma semana.

Molly franziu o cenho.

— Isso é loucura. Não deve viajar agora. Está cansada e doente. Nada é tão importante que não possa esperar um pouco.

— Não tenho outra escolha, tia Molly. Há um homem muito zangado esperando por mim em San

Francisco. Se eu não for, ele pode vir aqui. Não quero isso. Não agora.

OUTONO observou Lloyd andar pelo escritório, as veias do pescoço alteradas de ódio. Estranho, sempre o achara mais alto. Estava impecavelmente vestido com um terno verde-claro que combinava com seus olhos.

Ela estava usando um conjunto de linho branco bordado e um chapéu de feltro branco. Retirou o chapéu e colocou-o no sofá a seu lado.

— Fico contente dos chapéus terem voltado. Sempre me senti melhor usando um. Quando criança, eu tinha um boné branco com flores azuis. Achava-me linda com aquele chapéu e meus sapatos de couro.

Lloyd parou na frente dela, o rosto vermelho de frustração.

— Não ouviu uma palavra do que eu disse, não é?

— Cada palavra. Você vai arruinar Brian. Vai enterrá-lo. E prenderá o pau dele na parede. Quando destruí-lo, ele não terá dois níqueis.

— Posso fazer isso, Outono.

— Sim, sei disso, mas quando for contra Brian, estará indo contra mim também. Você não ia querer fazer isso, Lloyd. Quando uma mulher está lutando pelo bem de seu filho, ela pode ser muito má.

Lloyd recuou e fitou-a com um cenho franzido e incrédulo.

— Você está...

— Exatamente. Grávida.

— Como deixou isso acontecer?

Tocada pelo humor de toda a situação, ela explodiu em gargalhadas.

— O demônio maldito roubou minhas pílulas.

Lloyd não achou graça e olhou-a friamente.

— Você pode fazer aborto.

O rosto dela tornou-se sério e então ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Quero essa criança, Lloyd. Ela está há um minuto em minha barriga, mas já a amo.

Ele olhou-a longa e duramente, analisando-a. Quando falou, a voz estava baixa e cáustica.

— Você é uma manipuladora. Usou todos nós. Everett. Eu. Douglas e esse jovem idiota do Brian.

Outono pôs-se de pé e encarou-o.

— Será? Acho que devíamos voltar nos anos. Quem chamou quem ao escritório e ofereceu-lhe a lua? Você tirou uma garota de Turtle Ridge e ofereceu tudo que ela poderia desejar, mas com um preço. Sacudiu sua riqueza diante da boca faminta da garota. O único problema era que a pobre garotinha já vendera seu corpo e não gostara muito da sensação. Você tentou a inocência dela, Lloyd, mas a vida já lhe levava muito. Ela não quis participar do seu jogo.

— E o resto? Fiz de você o que é hoje. Sem a minha ajuda, você nada seria.

— Sim, você investiu em meu negócio. Vai concordar que seus investimentos mais que triplicaram. Sexo? Não acho que possa reclamar. Recebeu tanto quanto deu. — Atravessou a sala e olhou pela janela para as pessoas apressadas na rua. — Talvez eu tenha usado Everett, mas se o fiz, isso permitiu que ele tenha feito as coisas que queria antes e não conseguira realizar. Não passava de um derrotado quando casei com ele. Trabalhei em dois empregos para reerguer o bar, às vezes 18 horas por dia, enquanto ele ficava sentado lá em cima com seus escritos. Morreu rico e feliz. Douglas? Sim, usamos um ao outro. Brian? — Virou-se e olhou para Lloyd, que se aproximava. — Usei Brian, friamente. De todos vocês, ele

é o único que menos mereceu isso. Deu tudo, e eu nada dei.

Lloyd fitou-a com olhos inquisitivos.

— Está apaixonada por ele, não está?

— Infelizmente. Amo vocês dois.

— Mas escolheu-o?

— É o pai de meu filho, e é carinhoso.

— Foi o que você disse de Everett.

— Everett era carinhoso, e fraco. Brian não é fraco, mas é carinhoso. Ele nunca se apaixonou antes.

Isso o torna vulnerável.

— E eu? Em todos esses anos, não acha que eu também poderia ter um ponto fraco? Que eu também poderia amar você?

Outono virou-se para ele e assentiu.

— Sim, como o criador ama sua criação. Você preparou-me, vestiu-me e depois me apontou com orgulho. Olhe o que fiz. Peguei essa gracinha de Turtle Ridge e transformei-a no que é hoje. Sou uma posse, sua protegida mais bem-sucedida. — Fez uma pausa e olhou para ele. — Pode negar isso? — Como ele permanecia em silêncio, Outono foi até o sofá, pegou o chapéu e colocou-o sobre a massa de cabelos castanho-avermelhados. Sorrindo para ele, voltou-se para a porta. — Como vai sua última protegida, Lloyd? Qual é o maior talento dela, negócios... ou trepada?

Lloyd sorriu, um sorriso lento que se transformou em gargalhada silenciosa.

— Nunca houve uma como você, Outono. É a melhor, e vou tê-la de volta.

— Pode ser. Depois que a verdade surgir, Brian pode muito bem expulsar-me da cidade.

Ainda sorrindo, Lloyd cruzou os braços sobre o peito com auto-satisfação.

— Estarei esperando por você.

Outono sorriu para Ed, em seguida correu o olhar para a janela e fitou a fileira de árvores que se alinhavam diante do escritório. Cheias de folhas, oscilavam levemente sob a brisa que era tão característica da costa. As árvores haviam crescido surpreendentemente nos anos desde que se mudara para aquele prédio, assim como a empresa. Ela virou-se e apoiou-se na beira da janela, olhando através de Ed.

— Queira ou não, deverei dar um tempo para ser mulher. Vou precisar de mais um ano longe do escritório, Ed.

Ele retirou os óculos de aro de ouro e limpou-os com um lenço.

— Ajudaria se eu soubesse mais, Sue Anne. Às vezes eu precisava entrar em contato com você e não conseguia.

Ela hesitou por um instante e voltou a olhar para as árvores.

— Não vou entendí-lo com uma série de detalhes, mas posso prometer que dessa vez as coisas serão diferentes. Saberá onde estou o tempo todo, e lhe darei plenos poderes para agir em minha ausência. — Voltou-se e encarou-o, mas continuou apoiada na beira da janela. — Agora estou casada. Meu nome é Osborne, e vou ter um filho. — Sorriu quando os olhos dele se arregalaram, surpresos. — Sei que muitas mulheres continuam durante a gravidez como eram antes, mas já perdi um filho e não vou me arriscar a perder este também. Quero ter alguns meses de calma sem qualquer tensão. Embora ame muito este negócio, amo mais ainda meu filho, e o trabalho às vezes me enche. Talvez porque eu o ame.

Os olhos dele estavam cheios de perguntas.

— Pretende voltar depois que o bebê nascer?

Outono deu de ombros.

— Poderei lhe responder daqui a algumas semanas. — Saiu da janela e deslizou para a beira da

mesa. — O que acharia de mudar para Richmond, Virgínia?

Ele deu um sorriso de satisfação.

— Adoro o seu jeito sutil de dar ordens, Sue Anne. Você virá com uma infinidade de ordens diretas e depois vai sorrir e dizer: o que você acha? Como se tivéssemos escolha. Se me quiser em Richmond, eu irei para Richmond.

— Ótimo. Eu me sentiria melhor se você estivesse encarregado dos escritórios da costa leste, pelo menos durante os próximos meses. Deixarei à sua escolha o seu substituto e ainda terá plenos poderes. Todos farão relatórios para você antes de qualquer grande decisão. Convocarei uma reunião do grupo pela manhã e farei as comunicações.

— E Murphy? Ele vai continuar?

— Ele não tem outra escolha. Ainda possuo o controle majoritário nessa empresa. Sou mais próxima do pessoal do que Lloyd, e ele sabe disso. Sendo fundamentalmente um homem de negócios, não fará nada para colocar em risco a empresa, ou no que ele acredita será esta empresa um dia.

— Quando quer que eu vá para Richmond?

— Quando achar melhor. Quero-o trabalhando com seu substituto até se sentir seguro o suficiente para ir embora. — Fez uma pausa e iniciou um sorriso. — Aliás, como vai Dale Osborne em Seattle?

— Bem. Nunca será o melhor, mas vai muito bem.

— Como se sentiria transferindo-o para Richmond? No momento não há muito a fazer em Seattle, e não há muita chance de subir. Richmond está fervilhando. Gostaria de vê-lo progredindo.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça admirado.

— Estou começando a achar que essa empresa é um refúgio para velhos administradores e prostitutas.

— Eu trouxe-lhe algum incompetente?

— Não, Wally está dirigindo sua unidade tão bem quanto qualquer outro administrador. Como vai sua aventura com Ella?

— Está indo bem. — Saiu da janela e pegou a maleta. — Não estou pedindo para você carregar Dale, mas gostaria que o encaixasse em uma boa colocação. O resto é com ele. — Virou-se e caminhou em direção à porta. — Acho que Dale vai surpreender todo mundo, principalmente meu marido. Dale é tio dele... agora meu tio. — Sorriu para Ed e saiu.

Os dias que se seguiram passaram rapidamente. Outono conciliou as compras às reuniões do pessoal, disse as coisas certas, mas Brian e Edisonville estavam sempre em seu pensamento. Quando ela e Lloyd voltaram a se encontrar, evitaram mencionar Brian ou o bebê, fingindo que não existiam. Um de seus encontros foi no iate, mas ela evitou qualquer contato pessoal. Ao menos poderia dizer a si mesma que fora fiel a Brian.

Como Brian telefonava-lhe todo dia, ela ficou no Hotel Fairmont, em vez de permanecer em seu apartamento. Como fora combinado anteriormente, ele mandou o avião exatamente uma semana depois do dia em que ela viajara. O voo para casa foi bom, o céu, sem nuvens. Ficou olhando pela janela, sonhadora, para o horizonte azul até que a mesmice e o ruído constante dos motores levaram-na ao sono.

O avião aproximava-se da pista de pouso particular quando a voz do piloto a despertou. Ela acordou e apertou o cinto de segurança, seguindo as instruções de pouso. Descansando a cabeça nas costas do assento, observou os campos familiares deslizarem, enquanto o Lear tocava o chão suavemente. Soltou o cinto de segurança, mas aguardou no assento enquanto o avião taxiava lentamente para onde a limusine esperava.

Não esperara que Brian fosse encontrá-la, mas ele aguardava-a ao lado do carro. Quando desceu do avião ela caminhou em sua direção a passos largos, sorrindo subitamente e levantando-a no ar. O riso

fácil era algo que Outono não tinha nos últimos tempos, mas quando baixou o olhar para ele, o riso brotou em uma onda de risadinhas tolas.

Antes que pudesse respirar, Brian chamou James, que recolheu a bagagem, enquanto os dois iam para o carro. Abraçou-a com força, enterrando o rosto em seu pescoço.

— Maldição, senti saudades. A cama ficou vazia demais.

— Ahhh. A sua coisa torta ficou grande?

— Como se tivesse sido esfregada em veneno.

Outono voltou a rir e apertou-o contra seu corpo. Recordou o encontro mais cedo, com Lloyd. Os dois eram fortes, poderosos e teimosos. Se Lloyd decidisse ser vingativo, poderia haver uma briga violenta. Não uma briga antiga, a socos, mas o melhor de um embate poderoso.

Brian afastou-se e olhou-a intrigado.

— Está tremendo.

Outono baixou o olhar para as mãos, os dedos longos e elegantes tremendo. O tremor tornara-se de tal forma parte dela que mal se dava conta.

— É muito bom estar em casa.

Só quando o carro entrou no caminho que levava à casa Osborne, e a velha mansão surgiu entre os carvalhos em toda sua grandiosidade, ela percebeu com certa surpresa como era bom estar de volta. Referia-se à casa Osborne como um lar, porque em certo momento ela tornara-se um lar. Ao longo dos meses, criara raízes que haviam se aprofundado.

Esperou com Brian enquanto James levava as malas e pacotes para casa. Depois que o motorista fez várias viagens, Brian olhou-a com um sorriso provocativo.

— Você vai ser a grávida mais bem vestida da cidade.

— Você acreditaria que a maioria dos pacotes são roupas para o bebê? — Virou-se no assento e olhou-o surpresa. — É difícil acreditar que criaturinhas possam precisar de tanta coisa. Claro, comprei algumas coisas simplesmente porque não consegui resistir.

— Claro. — A voz dele emanava orgulho e diversão provocativa. Tirou-a do carro como se a gravidez de súbito a tivesse transformado em uma louça delicada.

— Tenho uma reunião daqui a 15 minutos, mas podemos nos encontrar no jantar. — Voltou para o carro, em seguida contemplou-a sério. — Tive alguns maus momentos enquanto estive fora. Não sei por quê, mas fiquei lembrando do homem do iate. Você o viu?

— Vi. E conversei com ele. Só isso.

— Qual o nome dele?

— Mais tarde lhe direi. — Virou-se e entrou na casa antes que ele pudesse fazer mais perguntas, subiu as escadas e foi para o quarto. Hesitou à entrada da porta, os olhos voltados para a porta vizinha. O quarto era limpo periodicamente, mas ela só entrara ali uma vez. Sentiu um impulso estranho, virou-se e caminhou lentamente em direção ao quarto azul e branco onde Brian e tantos outros bebês Osborne haviam dormido.

O quarto era arejado e alegre. Junto à janela havia um berço antigo de bronze com cortinas azuis e brancas. Pegou um travesseiro e apertou-o contra o seio, embalando o berço para a frente e para trás. O quarto parecia pronto e esperando com uma manjedoura para depois que o bebê crescesse, um armário com gavetas, uma mesa e uma cadeira de balanço com almofadas e espaldar alto. Brinquedos e bichinhos de pelúcia estavam alinhados em um sofá forrado de chintz azul. Um cavalo de balanço sorria para ela a um canto. A cabeceira do berço estava áspera, como se Brian tivesse ficado de pé sobre suas perninhas gorduchas mastigando as bordas. Por um instante conseguiu vê-lo. Ele teria sido gorducho, sem dúvida, com uma massa de cabelos louros e olhos azuis que desarmavam a governanta com suas cores mutáveis.

Será que o filho teria os belos olhos azuis do pai?

O quarto, a visão de Brian, foi tudo tão bom e puro, que se sentiu negra por dentro, dura e feia. Sentiu o coração batendo rápido, jogou o travesseiro no chão e saiu correndo do quarto azul e branco e de toda a inocência e pureza que a envolvia.

Entrou em seu quarto ofegante, foi até a escrivaninha e abriu a gaveta. Retirou o envelope que continha dez anos de planejamento e luta, ódio e desespero, e soube que aquilo tudo não servira para nada. Não podia usar aquilo, não contra seu próprio filho.

Caminhou sem hesitar até a lareira e jogou o envelope na grade. Pegando um fósforo sobre o consolo, acendeu-o, em seguida jogou a chama contra um canto do envelope. Sentou-se na cadeira e ficou observando-o se transformar lentamente em cinzas, a fita virou uma bola de plástico derretido.

O SOL da tarde lançava sombras bruxuleantes nas paredes do jardim de inverno. Na janela aberta, Outono estava sentada ouvindo os ruídos da casa Osborne, o ruído fraco do aparador de grama, os pássaros fazendo seus ninhos no carvalho, o relincho suave de um dos cavalos, a voz ocasional de um criado. Esperava por Artie e pensava o que ia dizer-lhe. Lonnie fora seu irmão gêmeo, e ele tinha direito à vingança, mas ela destruíra todas as chances.

Outono observara o envelope transformar-se em nada além de cinzas negras. Quando a última chama se extinguiu, ela soubera que finalmente Lonnie descansava. Sempre estaria com ela, uma bela lembrança a ser acalentada, mas as sombras escuras se haviam ido. Sentiu uma sensação avassaladora de bem-estar, como se de certa forma Lonnie tivesse saído de onde descansava e a tivesse libertado de uma promessa que fizera há tantos anos. “Te amo, doçura. Agora saia daí e continue sua vida.” Atravessando o quarto, ela pegara a caixa de música, retirara a aliança de ouro comum do dedo e recolocara-a entre as rosas na caixa.

Outono ergueu o olhar quando Artie entrou no jardim de inverno. Que homem lindo. Os anos nada haviam tirado dele. Os poucos cabelos grisalhos só lhe acrescentavam charme. As cicatrizes e o fato dele mancar proporcionavam mística. Sempre seria um maroto, um amante de mulheres e diversão. Sentia um amor especial por Artie, mas amara todos os homens em sua vida. Certas vezes até tivera um momento de afeição por Douglas.

Fazendo um gesto para que ele se sentasse, Outono contemplou-o pensativa. Onde começar? Um relincho de um dos cavalos chamou-lhe a atenção, e Outono voltou-se para a janela, permanecendo sentada durante um longo instante antes de falar.

— Preciso parar. Tenho que acabar com essa horrível necessidade de vingança que cresce dentro de mim como um monstro.

Artie não pareceu surpreso.

— Eu esperava por isso quando você começou. Nós os teríamos apanhado há meses se você não quisesse pegar Brian.

Ela assentiu:

— Deixei as coisas se descontrolarem. Eu deveria ter parado quando Douglas morreu, mas por causa de uma mágoa de quando éramos garotos, fui em cima de Brian também. Não é culpa dele se Douglas era um desgraçado. A ironia é que Lonnie nos amava. Era cheio de amor. Lonnie não era um homem vingativo. Não ia querer isso para mim, nem para você. — Afundou na cadeira e olhou intensamente para Artie. — O que fiz, fiz por mim. O que você fez, foi em parte por Lonnie e também pela excitação da coisa em si.

— Nossos motivos agora não são importantes. Acontece que gastamos muito tempo e dinheiro para pararmos.

— Sei disso, mas agora não somos mais apenas eu e você. Devo pensar no bebê. Não posso trazer uma criança para uma família manchada pelo escândalo. Quero ter todas as coisas que o nome Osborne pode proporcionar... não a riqueza. O nome Osborne é conhecido e respeitado em todo o Estado. Não posso destruir esse direito de nascimento.

Artie puxou um maço de Pall Mall do bolso da camisa e acendeu um cigarro com um isqueiro de ouro. Recolocou o maço no bolso, mas ficou brincando com o isqueiro.

— É o bebê ou Brian?

— Os dois. Desejo para meu filho o que não tive, um pai e uma mãe. Quero que ele durma no berço lá em cima, morda o berço no mesmo lugar que o pai, cresça nesta casa com raízes tão firmes quanto os carvalhos lá fora. Desejo para ele todas as coisas boas, Artie. Isso é tão errado? — Como ele permaneceu em silêncio, Outono debruçou-se, prendendo-lhe os olhos nos seus. — Você gosta de Brian. Sabe que gosta. Realmente ia querer vê-lo diante de toda a confusão que o pai fez?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não estava pensando nisso, Outono. Estava pensando no homem, Chester, e no que ele contou a Bob. Você pode parar, mas ele está lá e poderá voltar a falar. E se ele decidir tentar conseguir mais algum dinheiro ou abrir a boca na cidade?

— Pensei nisso. Sem o meu apoio, as pessoas se limitariam a rir dele. Ele não sabe da minha existência. Conversou apenas com Bob. Acho que estamos relativamente seguros.

— E as provas?

— Queimei tudo. — Ela sorriu tristemente. — Está zangado comigo?

Ele também sorriu, inclinando-se para a frente e apagando o cigarro no cinzeiro.

— Diabos, estou cansado dessa cidade de merda.

Outono levantou-se com ele e foi para seus braços.

— Eu amo você — disse simplesmente.

Artie apertou-a, acariciando-lhe os cabelos e as costas.

— É, irmãzinha, também amo você. Acho que foi a única mulher que já amei. Se não fosse Lonnie, poderíamos ter-nos divertido muito juntos. Aposto que teria sido ótimo.

Ela sorriu e afastou-se.

— Quer ir para Richmond? As garotas são ótimas lá, e as coisas estão fervendo.

— Não. Acho que vou para a Austrália.

— Austrália? O que vai fazer lá?

— Tregar com as australianas.

Outono soltou uma gargalhada silenciosa e passou o braço pela cintura dele enquanto caminhavam para a porta.

— Precisa de dinheiro?

— Não, tenho o bastante. Além do mais, vou trabalhar lá. O dinheiro torna as coisas fáceis demais. Costumo ficar com preguiça e cair na rotina. — Parou na porta e baixou os olhos para ela. — O que vai fazer em relação a Brian?

— A questão é, o que Brian vai fazer quando descobrir que sua esposa é Sue Anne Corbett?

— Vai contar a ele?

— Tudo. Acho que seria melhor se você já tivesse ido embora. Não sei qual será a reação dele. Poderia ir atrás de você assim que soubesse que também fazia parte da trama. Fez um carinho no peito, cintura e ombros dele. — Você é bom, mas ele também é. Poderia bater muito em você. Ainda bem que saiu do acidente sem amassar seu rostinho lindo. Acho que não devia se arriscar. E também será mais fácil para mim.

— Posso arrumar as malas e sair daqui a uma hora.

Ela assentiu, mas os braços apertaram-lhe mais a cintura, os olhos cheios de lágrimas.

— Vou sentir sua falta.

— Eu também.

— Vai manter contato comigo?

— Sempre. — Ele abaixou-se para beijá-la na boca. — Mantenha seu queixinho lindo bem alto,

irmãzinha. — Virou-se, baixou os olhos de novo e se foi.

Outono beliscou a comida durante o jantar e conversou distraída. Depois do jantar tomou alguns drinques no terraço com Brian e conversaram. Jogaram bilhar na sala de jogos e continuaram conversando. Pegou Brian olhando-a com diversão curiosa, mas não conseguia parar com a conversa nervosa. Quando Outono perdeu uma jogada porque estava falando rápido, Brian soltou uma gargalhada e pegou o taco.

— O que a está preocupando, Outono?

— O que a faz pensar que alguma coisa está me preocupando?

— Porque a conheço.

— Não. Você não me conhece realmente. Pensa que me conhece.

— Conheço todas as coisas importantes. Sei que você não é de conversar, e que só tira os sapatos quando está nervosa. — Ele sorriu e guardou os tacos. — Você adora crianças, banhos de espuma, livros, música, creme de trigo, e os cachorros-quentes engraçados que Molly faz para você.

Detesta desperdício, preguiça, injustiça contra os pequenos e vermes nas latas de lixo. É quente, amorosa e sensual. Gosta que eu fique em cima, e gosta de ser beijada quando está gozando. O que mais?

— Parece que você descobriu tudo.

— Nem tanto. Ainda não sei o nome do homem do iate.

Brian abriu a porta, mas ela não conseguia forçar-se a entrar, ainda não.

— Por que não vamos dar uma volta no jardim? Conversaremos íá.

— Saíram da casa e caminharam em silêncio, passando pelos carvalhos e pelo caminho de pedra em direção à fonte. O sol estava baixo, o entardecer se aproximava, o ar noturno cheio do aroma de flores. Brian sentou-se no banco, mas Outono ficou de pé olhando para o lago de lírios. Suas reservas internas a estavam enfraquecendo, mas ela se agarrou ao que restava e baixou os olhos para ele. — O nome do homem é Lloyd Murphy.

— A boca ficou seca e ele umedeceu os lábios com a língua. — Outono é um apelido que Molly me deu quando e' era pequena. Meu verdadeiro nome é Sue Anne McAvan Norton Corbett Osborne... e Osborne. Molly é minha tia.

Brian ficou olhando para ela, os olhos refletindo confusão enquanto assimilava a lista de nomes, em seguida estupefação e descrença por um instante, por fim aceitação, quando sua mente articulou o que ela dissera.

— Você é...

— Por favor — interpôs Outono. — Deixe-me contar à minha maneira. Depois pode perguntar o que quiser... fazer o que quiser. Nunca mais mentirei para você. — Não conseguia encará-lo, observar os olhos dele, cheios de dor e desilusão, e desviou o olhar. Ajoelhou-se ao lado da piscina e mergulhou os dedos na água fria. — Nasci em Turtle Ridge, uma cidadezinha nas montanhas a uns 140 quilômetros daqui. Molly me criou.

Brian ouvia atento.

Calmamente e sem encará-lo, Outono voltou a traçar sua vida. Contou-lhe de Lonnie, como ele morrera, a perda do filho, e o que sabia sobre Douglas. As palavras foram rápidas quando contou a respeito da noite no Rex's, quando transara com ele por três mil dólares. Depois: San Francisco, Everett, o bar, Lloyd Murphy, a Corporação Corbett, a morte de Everett, a sua volta a Edisonville, e por que retornara.

Fez uma pausa, buscando as palavras, e em seguida recomeçou. Várias vezes ouviu-o mexer-se ao seu lado, uma respiração mais brusca quando o nome de Lloyd foi citado. Mas continuou em silêncio. Contando-lhe sobre Dale e como provocara a luta entre ele e Douglas foi o pior momento. Depois:

Ginger e o arranjo para George conhecê-la, e a briga entre George e Douglas quando caso se tornou conhecido. Homer, e o jogador que ela contratara para instigá-lo a jogar. E a compra do Times de Edisonville.

O sol caíra por trás das árvores e as sombras baixavam quando Outono voltou a encará-lo, agradecida por seu rosto estar parcialmente coberto pela noite. Contara-lhe tudo, quase tudo. Prometera que não haveria mais mentiras, mas havia uma verdade que só poderia trazer mais mágoa. Assim, disse:

— Agora sei que Douglas era inocente na morte de Lonnie, ao menos. Lonnie morreu em um acidente de carro, nada mais. Seu pai foi descuidado quando manteve a mina aberta, mas não matou Lonnie.

Em meio às sombras os olhos dele brilharam como aço, como os do pai, a boca em uma linha rígida. Quando falou, a voz estava cheia de desprezo.

— Você era amante dele. Enquanto eu estava sentado em seu escritório orgulhosamente contando sobre você, o filho da puta de olhos verdes estava rindo porque estava trepando com minha mulher.

— Não — disse ela, pondo-se de pé e indo até ele. — Nunca fui amante dele no verdadeiro sentido da palavra. Nunca vivi com ele. Não dependia de Lloyd. Apenas me dava presentes, mas sempre paguei à minha maneira. E não me tocou desde que me tornei sua esposa.

Brian levantou-se, dominando-a com sua altura.

— Por que casou comigo, Outono?

— Você chamou-me de putinha barata naquela noite no Rex's. Eu queria feri-lo como fora ferida. Era uma maneira de fazê-lo engolir suas palavras. Achei que seria muito divertido observar seu rosto quando soubesse que a putinha barata era sua esposa.

— Bem, você conseguiu. Dê uma boa olhada, querida. — Os músculos da mandíbula estavam contraídos enquanto ele a olhava fixamente. — Eu adorei você, mulher. E o que mais adorava em você era sua honestidade. — Virou-se, caminhando em direção à casa a passos largos. — Tanto pela honestidade.

Outono saiu correnao atrás dele e agarrou-o pelo braço.

— Não vá, Brian. Precisamos conversar. Não pode ir embora assim.

— Posso fazer o que quiser.

A mão de Outono caiu do braço dele e ela se afastou.

— O que quer que eu faça? Quer que eu arrume as malas e vá embora, ou espere?

— Não sei. Só sei nesse momento que preciso sair. Tenho que pensar.

Ela assentiu.

— Enquanto está pensando, tente lembrar que Lonnie era meu marido.

— E eu sou o quê?

— Meu marido. — Estendeu a mão para que Brian visse que ela tirara a aliança. — Sempre amarei Lonnie, mas isso não significa que não posso amar você também. Não posso amá-lo da mesma maneira que uma garota de 18 anos amou Lonnie, mas essa mulher de 29 acha você o maior. Algo de bom resultou disso tudo, Brian. Você, eu e o bebê. Enquanto estiver longe, tente pensar nessas coisas, e não no que aconteceu no passado. Não preciso de seu dinheiro, portanto pergunte a si mesmo por que quero ficar. — A luz do luar iluminava-lhe o rosto, dando-lhe uma aparência fantasmagórica. Tocou os lábios dele com as pontas dos dedos. — Esperarei. Quando estiver pronto a falar, estarei aqui.

OUTONO esperou, enquanto uma semana se transformava em duas. Brian não telefonou, e ela não procurou saber se ele se mantivera em contato com o escritório. Tentou afastar todos os pensamentos de Brian de sua mente e pensar apenas na única coisa certa de sua vida: seu filho.

Decidiu passar o máximo de tempo possível longe da casa Osborne. Turtle Ridge e sua vida ali eram distantes de Brian, Lloyd, então escondeu-se no chalé de Molly. Para passar o tempo enquanto esperava, trabalhava no jardim.

Molly sempre mantivera um jardim para alimentá-las quando Outono estava crescendo. Para escapar das tensões da casa Osborne nos últimos meses, ela seguira o impulso de cuidar do jardim e plantar em um trecho de terreno atrás das fileiras onduladas e fluorescentes, delimitadas por flores que cresciam em uma variedade de cores por entre os vegetais. Ela rira com Molly que esta era a arte criada na terra e não na tela.

Quando não estava trabalhando no jardim, nadando no rio ou caminhando no bosque com Jerry e Gracie, dirigia até a cidade, estacionava o carro e ia de loja em loja conversando com gente simples e relaxada que ajudara a formar sua vida. Sentava-se em um barril pequeno na loja de ferragens e falava com Jeb, piscava maliciosa quando passava pela famosa sra. Baker, da lata de lixo, e tinha longas conversas com o reverendo Anderson.

Ele fizera uma observação que ficara em sua cabeça muito tempo depois de voltar para Edisonville. “Todos somos pecadores, Sue Anne. Temos, ou deveríamos, ficar de joelhos de tempos em tempos, mas demasiado ressentimento contra nós mesmos e arrependimento são malévolos para a alma. Também devemos aprender a ficar de pé, amar e acalentar essa pessoa fraca que Deus permitiu passar um tempo na terra.”

Ela sentiu que as palavras dele garantiam sua absolvição. Percebeu, surpresa, que o tremor que assaltara seu corpo durante meses desaparecera. Não apenas perdoara Douglas, mas também a si mesma. Agora acordava toda manhã com uma sensação de bem-estar. No entanto, ao fim de duas semanas, os dias começaram a arrastar-se.

Passava mais tempo do que o normal com as crianças no asilo e com Ella, e com frequência almoçava com Bob. Ele melhorara muito, mas ainda continuava muito dependente dela. Estavam almoçando no clube quando ela tocou no assunto de San Francisco.

— Ainda preciso de você aqui, mas não sei onde estarei daqui a um ano. Se quiser ir embora providenciarei para colocá-lo em contato com algumas pessoas que conheço em San Francisco.

— Não sei. Acho que ia me sentir engolido em um lugar desses.

— No princípio vai se sentir. Depois construirá seu próprio lugar. Eu tive o melhor dos dois mundos: a paz de Turtle Ridge e a excitação de San Francisco. Teria sentido falta da cidade se não fosse com Brian quando ele ia à cidade a negócios. Geralmente conseguimos ir a um show, mesmo que ele esteja ocupado.

Bob olhou para o sanduíche pela metade.

— Você ouviu falar de Brian, Outono?

— Não — replicou ela, olhando-o do outro lado da mesa. Os olhos dele foram evasivos, e ela estendeu a mão para ele. — O que foi? Algo que eu precise saber?

Bob ficou em silêncio por um longo instante, parecendo inseguro.

— Não sei, Outono. — Jogou as mãos para o alto. — Que diabos. Provavelmente sou um babaca por lhe contar isso, mas Brian está com Lisa.

— Lisa? — ecoou ela calmamente. — Tem certeza?

Ele assentiu.

— Brian veio aqui semana passada e passou umas duas horas no escritório. Quando saiu no Lear, Lisa estava com ele.

Nada acontecia em Edisonville sem que as pessoas soubessem, e Brian sabia disso. Era sua forma de dizer a ela que tomara sua decisão. Estava acabado. Outono pegou a bolsa e afastou-se da mesa.

— Preciso ir, Bob.

Ele agarrou-a pela mão.

— Enlouqueça, Outono. Grite e dê chutes e xingue o Brian. Não seja tão dócil. Lute.

— Não — murmurou ela. — Estou cansada demais para continuar a lutar. Não quero gritar, dar chutes nem xingá-lo. Quero apenas me esconder. Vou para casa arrumar minhas coisas. Estarei em Turtle Ridge se você precisar falar comigo.

Sua casa? Outono caminhou pelos muitos quartos da casa Osborne e percebeu que nada lhe pertencia, exceto as roupas e algumas joias. Encontrou Molly na cozinha e levou-a para cima.

— Comece a arrumar as coisas, e peça a uma das mulheres para arrumar as minhas. Só vou levar duas malas por enquanto, e os cachorrinhos. Mandarei buscar o resto depois.

Molly pareceu desnorreada.

— Não vai esperar por Brian?

— Não, não vou esperar por Brian. Não há motivo para eu ficar mais tempo. Não há mais nada que Brian possa dizer. Ele já disse tudo.

Molly sacudiu a cabeça e olhou para Outono desaprovadamente.

— Não faça isso, garota. Espere mais um pouco. Agora deve pensar em seu filho.

— Posso cuidar de meu filho, e Bob pode cuidar do que for preciso dizer a Brian. — Virou-se para o telefone. — Enquanto arruma suas malas, acho que vou dar uma última cavalgada até o lago.

O rosto de Molly torceu-se de preocupação.

— Acha que deve montar estando grávida? Não é tão habilidosa quanto o sr. Brian.

— Vou montar Penny. Ela é segura. — Voltou-se, chamou alguém do estábulo e mandou selar Penny, em seguida vestiu a Levi's, botas e o velho chapéu caído.

A subida até o lago era íngreme, e Penny estava espumando quando chegaram à margem do lago. Da elevação, Outono podia ver toda Edisonville, com suas chaminés, a grande destilaria espalhada, a torre da igreja, até mesmo a rua dos Mineiros, onde tudo começara.

Deu um tapinha leve em Penny e virou as rédeas em torno da beira do lago em direção ao canto escondido onde costumava despir-se. Depois de passar com Penny pela vegetação rasteira, desceu da sela, afrouxou a cilha e amarrou Penny para que pudesse pastar no capim alto.

Penny relinchou baixo e olhou para Outono com os olhos castanhos carinhosos. Outono acariciou a crina castanha e enterrou o rosto no pêlo espesso da égua.

— Oh, Penny — sussurrou ela. — Estou tão magoada. Nunca me divorciei antes, e meu bebezinho terá que se contentar só com a mãe. — Bateu no pescoço de Penny. — Seu dono é um desgraçado. — Virou-se de costas para a égua e caminhou em direção ao lago. A superfície estava clara e calma, refletindo o azul do céu. Sentou-se na margem, retirou as botas e as meias e mergulhou os pés na água fria.

Os pensamentos iam e vinham de Brian para Lloyd.

— Vai morrer de tédio — dissera Lloyd. Telefonara para ela insistentemente, e cada vez se tornava

mais persuasivo. Everett e Douglas nunca haviam sido uma ameaça para Lloyd, mas Brian e o bebê eram, assim ele telefonava repetidamente para lembrá-la de sua vida em San Francisco, mostrando o que para Lloyd Murphy era a boa vida. — Essa cidade vai sufocá-la, Outono.

— Não — dissera ela, forçando-se a rir. — Não com toda Edisonville para rearrumar.

— E sua empresa? Vai simplesmente desaparecer e deixá-la com os administradores?

— Não. Posso dirigir minha empresa daqui. Tenho a Carroça para viajar, e posso construir os escritórios. Douglas dirigia um império daqui e raramente saía da cidade. Tinha seus capachos. Eu terei os meus.

— E Brian? Ele concorda?

— Brian não está aqui. Está fora tentando coordenar as ideias.

— Você contou a ele?

— Conteí.

— Qual foi a reação dele?

— Muito zangado, muito magoado. Realmente fiz algumas com ele. Estou tentando ajeitar as coisas, se ele me quiser.

— Há quanto tempo ele se foi?

— Uma semana e alguns dias.

— Teve alguma notícia dele?

— Não, Lloyd. Não soube nada até agora.

— Isso não lhe diz nada?

Ela suspirou fatigada.

— O que isso deve me dizer, Lloyd?

— Que ele não quer mais você, ou a criança.

Outono franziu o cenho, e a voz tornou-se dura de preocupação.

— Por que está fazendo isso, Lloyd? O que quer de mim? Agora você tem e sempre teve excelentes amantes em algum apartamento escondido. Por que não se liberta?

— Somos uma dupla. Se as mulheres a incomodam, posso me livrar delas.

— Merda. Você não seria honesto com a própria Virgem Maria. Sempre haverá uma loura ou uma ruiva promissora.

— Não sou monge. Se você estivesse aqui, não haveria outras mulheres. Arrume as malas e venha, Outono. Cuidarei de você e do bebê.

— Não preciso de ninguém para cuidar de mim ou do bebê, mas preciso de uma coisa de você. Nesse momento não sei o que vai acontecer, mas se eu e Brian ficarmos juntos, precisarei saber que eu e você poderemos trabalhar juntos apenas como sócios. Caso contrário, vendo tudo. E quero que prometa que não vai fazer nada para atingir Brian financeiramente. Nada de guerras, nada de lutas pelo poder.

Lloyd caiu na gargalhada.

— Não sei por que estamos tendo esta conversa ridícula. Conheço você, Outono. Um ano nessa cidade com uma criança chorando e você volta para mim.

— Você não prometeu.

— Tudo bem, tudo bem. Nada farei para atingir seu garoto louro. E negócio é negócio. Trabalharemos juntos como sempre.

— Promete?

— Prometo. Avise-me o que ficar decidido.

Ela voltou a suspirar.

— Está bem, Lloyd. Será o primeiro a saber.

Outono estendeu-se na grama com os pés no lago, as lágrimas escorrendo pelo rosto, chutando a água furiosa. Parecia-lhe que em todos esses dias só fizera chorar. A gravidez, ela pensou. De acordo com o livro, mulheres grávidas desatam a chorar com a menor provocação.

Enxugou o rosto, olhou para o céu sem nuvens e tentou canalizar os pensamentos em uma linha direta. Estava tudo acabado com Brian, portanto, precisaria planejar uma vida sozinha. Primeiro o Reno, depois Turtle Ridge, até o bebê nascer, e depois voltar a San Francisco e Lloyd.

Abriu os braços e fechou os olhos, sentindo o sol quente no rosto, ouvindo o ruído de Penny movimentando-se — relinchando. Um relincho mais alto e repentino fez Outono empertigar-se surpresa. Penny estava com o pescoço arqueado, as narinas dilatadas, as orelhas lançadas para a frente, como se ouvindo os sons que apenas ela conseguia escutar.

Penny voltou a relinchar e empinou, olhando para a parede de vegetação rasteira. As folhas farfalhavam e os galhos sacudiram-se quando Trovão surgiu na clareira com Brian no lombo.

Brian desmontou e ficou de pé ao lado do cavalo, olhando-a sério.

— Olá, Outono.

Ela o olhou, meneando a cabeça em um cumprimento formal.

— Olá, Brian. Já se decidiu?

— Já.

— E então?

— Que qualquer homem que ficar trepando com minha mulher terá que se cuidar. — Sorriu de leve. — Você fez algo que meu pai nunca conseguiu fazer. Deu um chute no rabo de meus tios e fez com que assumissem o controle das vidas deles.

Outono mordiscou o lábio por um instante.

— Seu pai, e por que casei com ele. Você também aceitou isso?

Ele assentiu.

— Sabia que papai era alérgico a nozes?

— Não. Sabia que ele detestava nozes, mas não que era alérgico.

— Ele reagia severamente a nozes. De acordo com a autópsia, ele comera nozes na noite em que se afogou. Se eu achasse que alguém colocara as nozes na comida de propósito, também teria feito tudo que você fez para saber a verdade, até mais.

— Como ele poderia comer nozes sem saber? Elas são ruidosas.

— Segundo a autópsia, ele também comera maçãs. As nozes provavelmente eram grelhadas ou picadinhas. Misturadas com maçãs e especiarias, elas não foram percebidas.

Outono assentiu. Ela tivera medo de que Artie estivesse envolvido com a morte de Douglas, portanto também pedira para ver o relatório da autópsia. Não sabia sobre a alergia, conseqüentemente não desconfiara de nada. Para ela, o relatório só provara que Artie era inocente quanto à morte de Douglas.

Ela sentou de pernas cruzadas, as mãos descansando no colo. A voz de Brian fora branda e neutra. Olhou-o por um momento, tentando ler seu rosto.

— Lloyd — disse calmamente. — Como se sente em relação a ele agora?

— Você é minha esposa. O bebê que está carregando é meu. Não vou dar você para aquele desgraçado de olhos verdes de San Francisco.

— Esse é seu jeito de me dizer que quer continuar casado?

— É o que estou dizendo.

Ele estava de pé ao lado do cavalo, a mão descansando na sela, usando calça Levi's, botas e uma camisa azul que estava apertada nos ombros largos. As mangas achavam-se enroladas, e o colarinho

aberto, a moeda brilhando à luz do sol da tarde. Os cabelos louros estavam desalinhados pelo vento, a pele parecia ainda mais bronzeada; um deus dourado que parecia contente e bem saciado depois de sua semana com Lisa.

A ideia de Lisa e Brian juntos revolveu-lhe o estômago em um nó de ciúme.

— Seu babaca! Depois de duas semanas, você monta seu corcel leal e espera que eu caia em seus braços porque decidiu me perdoar. O que o faz pensar que quero continuar casada com você? — Outono se pôs de pé de um salto, agarrou uma pedra e apontou para a cabeça dele. — Você é tão ruim quanto Lloyd Murphy. Uma mulher nunca é suficiente. — Pegou outra pedra.

Brian olhou-a assombrado e deu um passo para o lado.

— Jogue essa pedra no chão, Outono.

— Com os diabos. — Pegou outra pedra, outra e mais outra. Brian escondeu-se atrás de uma árvore para escapar do bombardeio das pedras voadoras. Ela olhou em volta, agarrou um galho quebrado e lançou-o com toda força. — Seu desgraçado barato e nojento.

O galho ricocheteou na árvore e caiu aos pés dele. Antes que Outono pudesse agarrar outro, Brian saltou, segurou-a pela cintura e os dois caíram no chão. Ela afastou o punho e acertou-o na mandíbula, mordendo-o no ombro. Brian praguejou e agarrou-lhe o pulso, os cabelos e imobilizou-a contra o chão.

— Sua puta ruiva. O que você tem agora?

Imobilizada, Outono ergueu os olhos e tentou cuspir.

— Quando decidiu continuar casado, Brian, antes ou depois de trepar com Lisa?

Ele pareceu perplexo.

— Eu não estava com Lisa.

— Com os diabos se não estava. Você saiu com ela uma semana atrás no Lear.

Ele assentiu.

— Lisa estava indo para Chicago fazer compras e visitar amigos. Deixei-a lá e depois fui para Seattle ver tio Dale.

Outono pareceu insegura e a voz tremeu.

— Verdade?

— Verdade. acredite-me Outono, a última coisa que eu queria depois que deixei você era uma mulher, qualquer mulher

— E agora?

— Quero minha esposa.

— Mesmo com todos os pecados dela?

— Mesmo com todos os pecados dela, e apesar da sua decisão, ao arrumar as malas, para voltar para San Francisco... e Lloyd Murphy... depois de me dizer que ia esperar.

— Ainda está preocupado com Lloyd?

— Não. Se você quisesse ficar com ele, estaria em San Francisco em vez de aqui comigo. — Sorriu e virou para o lado. — Esqueci. — Colocou a mão no bolso da camisa e puxou uma rosa amassada com um caule curto. — Agora está com a aparência meio ruim.

Outono apanhou a rosa amassada e suja pelo caule curto. Depois explodiu em lágrimas.

— Ah, merda — gemeu. — Eu não queria chorar de novo. Normalmente não sou assim, Brian. Sou uma mulher de negócios de cabeça fria.

— Posso ver isso. — Ele deu um sorriso e enxugou-lhe as bochechas.

Ela também sorriu.

— Vamos passar a vida brigando. Sabe disso, não?

— Eu não ia querer de outro jeito.

Outono olhou para a rosa e depois para ele.

— Meu Deus, eu te amo.

— Eu também.

Ela colocou a rosa na base da árvore cuidadosamente para juntá-las às outras depois, em seguida estendeu as mãos para os botões da blusa.

— Vamos ser depravados e nadar nus. Preciso de tempo para lavar as lágrimas.

Brian assentiu, mas agarrou-a pela mão. — Tenho mais uma pergunta que me deixou louco nessas duas semanas. Na noite no Rex's, quando você trepou comigo por três mil dólares. Eu estava bêbado demais para ficar de pau duro pela ruiva bonita?

Ela sorriu.

— Nunca direi.

— Outono! — Brian investiu contra ela.

Ela soltou uma gargalhada, agarrou-o pelas orelhas e beijou-o na boca.

— Vai ficar contente em saber que sua coisinha se comportou admiravelmente bem.

O rosto dele abriu em uma risada.

— Ótimo. Detestaria ter perdido uma trepada tão cara. — Estendeu os pés com as botas para ela. — Tire, mulher.

Outono ajudou Brian a tirar as botas, em seguida tirou suas roupas e correu para a beira do lago e mergulhou. Ela surgiu na superfície, olhou para Brian e ficou pensando se ele sabia que o único prato com maçã que Douglas comia era a torta de maçã Betty de Bea.

Observou Brian mergulhar e nadar em direção a ela. As lágrimas agora haviam secado, e uma gargalhada secreta surgia em sua garganta. A querida e distraída Bea acidentalmente colocara nozes em sua torta de maçã Betty, a qual Douglas não resistia... ou será que fora acidente? Bea odiava Douglas e amava Homer. E Homer estava sendo ameaçado. Mas Bea? Não, não a gentil e carinhosa Bea. Ela não poderia ter feito... ou poderia?

Outono mergulhou e deu braçadas em busca de seu deus dourado. Considerando-se tudo, ela pouco se importava.

*

FIM